

Eu Sei Tudo



★ 21° ANNO - N° 6 ★
NOVEMBRO - 1937

"MEU HALITO É PURO" . . .



"TAMBÉM SEI QUE COLGATE LIMPA E DEIXA A BOCCA COM UM AGRADÁVEL PERFUME"



CONSERVE SEU HALITO AGRADÁVEL . . .

QUANDO a senhora fala, notam-lhe o halito . . . e, se fôr desagradável, que má impressão causa!

Faça isto:

Pela manhã e à noite, usando Colgate, escove os dentes superiores da gengiva para baixo, e os inferiores da gengiva para cima. Enxague a boca.

Depois, ponha na língua um centímetro de Creme Dental Colgate e dissolva-o com um sôro de água. Bocheche com este líquido, fazendo-o passar entre os dentes. Torne a enxaguar a boca.

Colgate não só conserva o halito puro, como também limpa e embelleza os dentes, dando-lhes um brilho maravilhoso.

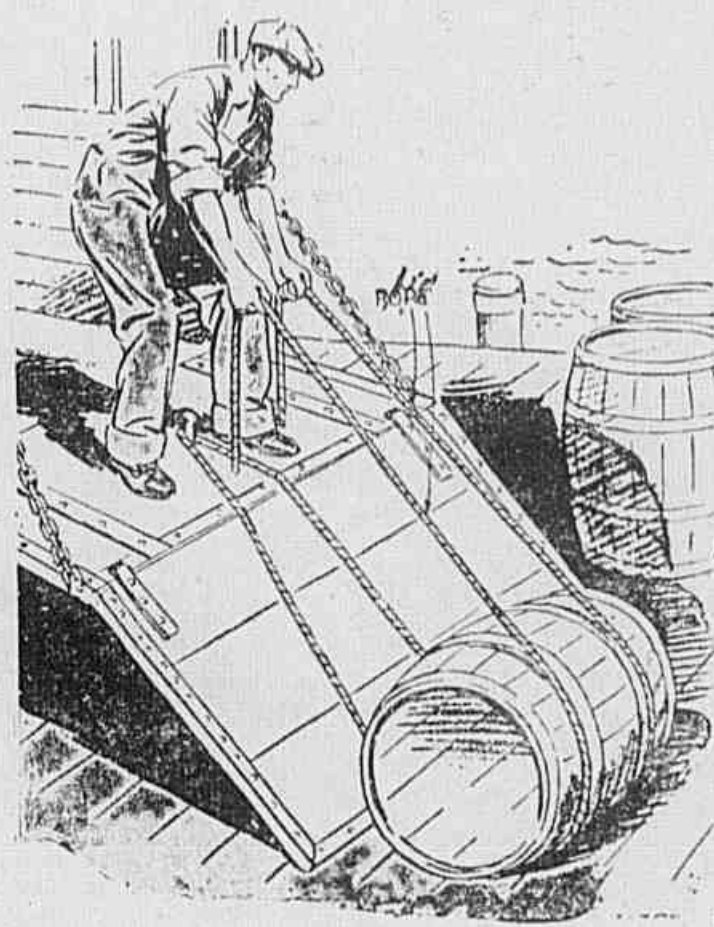
Fortalece as gengivas e deixa na boca uma deliciosa sensação de frescura.



COLGATE
CREME DENTAL EM FITA

AGORA
2\$800
PELO TUBO MAIOR

338PH



Para os que vivem no campo — Processo prático e fácil para collocar uma barrica em um wagon ou camirhão.

A situação da mulher em França

Ha muitos annos, desde que se inventou o passaporte, as autoridades francezas recusavam fornecel-os ás mulheres casadas sem consentimento dos respectivos maridos.

Agora, a esposa de um alto funcionario do Ministerio das Finanças, destacado em Londres como tecnico de uma commissão economica, requereu um passaporte para ir a Inglaterra e para justificar essa viagem apresentou um telegramma do marido, que, tendo adoecido gravemente, reclamava sua presença.

Foi-lhe recusado por falta de autorização marital.

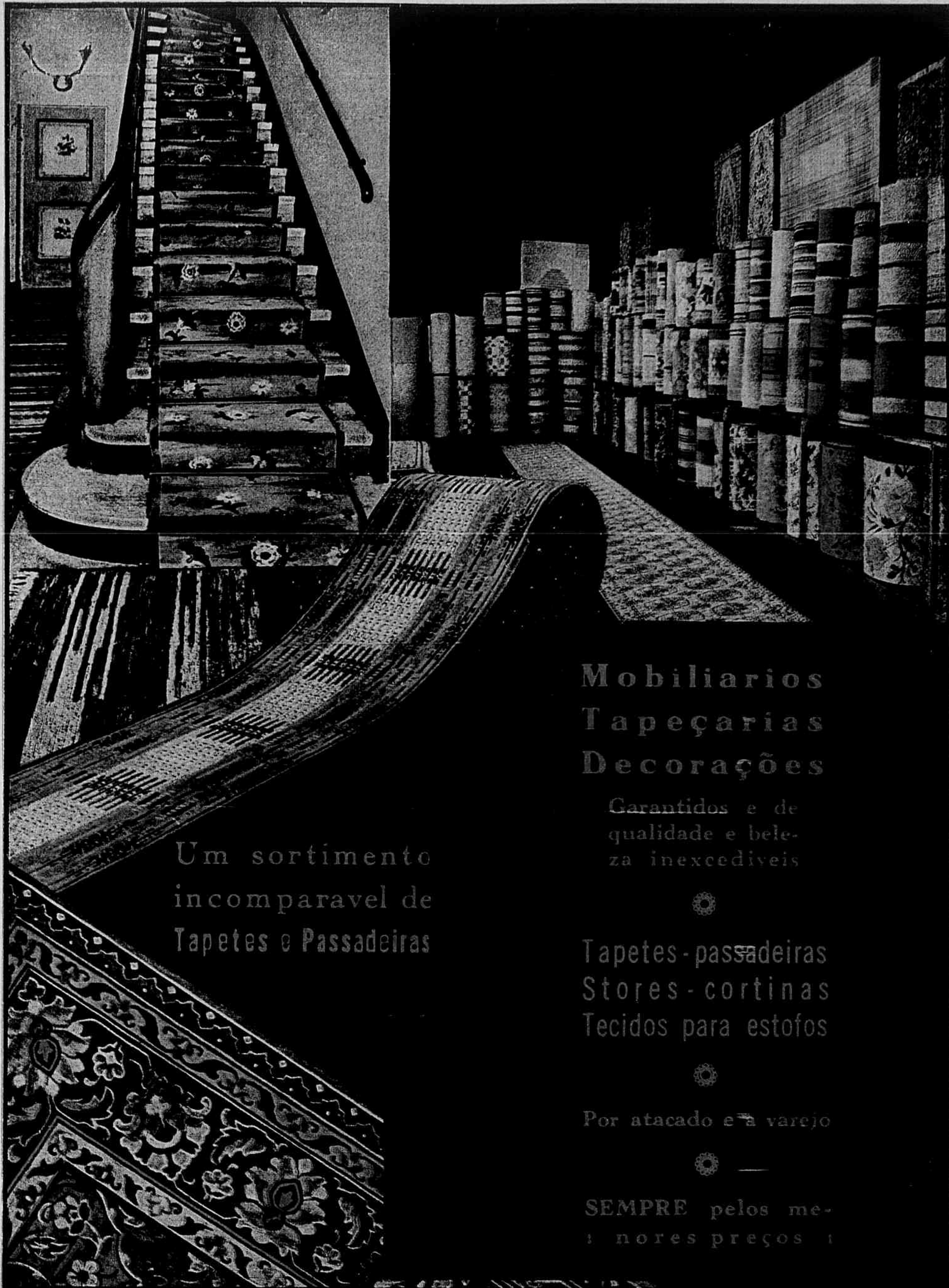
— Mas meu marido está ausente, enfermo . . . Por isso mesmo é que eu preciso de ir a Londres — protestou a infeliz.

— Impossivel. Sem sua autorização a senhora não pode deixar o territorio da França.

Mas a mulhersinha é energica. Gritou, foi aos jornaes e, afinal, verificou-se o seguinte. Nenhuma lei existe fazendo depender de qualquer autorização a expedição de passaporte para uma mulher casada. Era praxe, apenas, abusiva mas velha praxe.



Para os que vivem no campo — Como se pode tornar facil o esgottamento de um balde em um recipiente de bocca estreita.



Um sortimento
incomparavel de
Tapetes e Passadeiras

Mobiliarios Tapeçarias Decorações

Garantidos e de
qualidade e bele-
za inexcediveis



Tapetes - passadeiras
Stores - cortinas
Tecidos para estofos



Por atacado e a varejo



SEMPRE pelos me-
nores preços

ASA
MARCA

UNIES
REGISTRADA

65, Rua da Carioca, 67 - RIO



CIGARROS

Continental

LISOS OU
PONTA DE
CORTIÇA

CIA
SOUZA
CRUZ



1000
reis



COLLECCÃO "PARA TODOS"



Nesta collecção se encontram os melhores livros de ficção publicados em lingua portugueza e apresentados ao publico em elegantes brochuras com capas em "offset"

- 15 *Hans Dominick*: GENGIS-KHAN - Traducção de Manuel Bandeira.
16 *H. J. Magog*: TRES SOMBRAS SOBRE PARIS - Traducção de Moacyr Deabreu.

Raphael Sabatini:
SCARAMOUCHE
O GRANDE AMOR DE ANTHONY WILDING
AMOR EM ARMAS

Anthony Hope:
O PRISIONEIRO DE ZENDA

Erle Cox:
A ESFERA DE OURO

Henry Holt:
O TREM DA MEIA-NOITE

Elinor Glyn:
MACHO & FEMEA

H. G. Wells:
O HOMEM INVISIVEL
A ILHA DAS ALMAS SELVAGENS

Edgar Wallace:
O HOMEM DE-MARROCOS

Marten Cumberland:
A ESCOLA DO CRIME

Jack London:
O LOBO DO MAR.
A FILHA DA NEVE

NOVA PHASE

- 1 *Jack London*: O GRITO DA SELVA - Traducção de Monteiro Lobato.
- 2 *Frank L. Packard*: O HOMEM MIRACULOSO - Traducção de Luiz Vianna.
- 3 *Percival C. Wren*: BEAU GESTE - Traducção revista por Monteiro Lobato.
- 4 *Herman Melville*: MOBY DICK - "A Féra do Mar" - Traducção de Monteiro Lobato e Alberto Recheiteiver.
- 5 *J. Oliver Curwood*: NOMADES DO NORTE - Traducção de Manuel Bandeira.
- 6 *C. Barrington*: CLEOPATRA - Traducção de Monteiro Lobato.
- 7 *Claude Farrère*: A BATALHA - Traducção de Gustavo Barroso.
- 8 *Baroneza de Orczy*: O PIMPINELLA ESCARLATE - Traducção de Godofredo Rangel.
- 9 *Edgar Wallace*: BOSAMBO - Traducção de Basilio de Magalhães.
- 10 *Raphael Sabatini*: CAÇADOR DE HEREGES - Traducção de Godofredo Rangel.
- 11 *E. M. Hull*: O SHEIK - Traducção revista por Godofredo P. Rangel.
- 12 *Claude Farrère*: OS HOMENS NOVOS - Traducção de Gustavo Barroso.
- 13 *Baroneza de Orczy*: O THESOURO ESCONDIDO - Traducção de Azevedo Amaral.
- 14 *Hans Dominick*: O INCENDIO DA PYRAMIDE - Traducção de Matheus de Lima.

PROXIMAS PUBLICAÇÕES:
Claude Farrère: CIVILIZADOS.
Denis Wheatley: EUNUCHO DE STAMBOUL.
P. C. Wren: AREIAS ARDENTES.



PEÇAM NOSSO CATALOGO ILLUSTRADO DE LITERATURA — DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

BROCHURA

5\$

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES Nº 118 - SÃO PAULO - RIO de JANEIRO - RECIFE

ENCADER

8\$

IDEAL
PARA DEPOIS
DO
BANHO
DO
BÊBÊ



TALCO Malva

**FINISSIMO
E
PERFUMADO**

O Talco Malva constitui justo motivo de vaidade para a industria mineira, não só pelo seu aprimorado fabrico e elegante embalagem como pela garantia therapeutica que offerece, sendo como é formulado pelo insigne dermatologista o Sr. professor Antonio Aleixo.

WASHINGTON F. PIRES

PERFUMARIA MARÇOLLA

BELLO
HORIZONTE





N. 246 — 6.º DO ANNO XXI

NOVEMBRO — 1937

Avulso (Capital)..... 2\$000
Estados..... 2\$200
Numero atrasado..... 3\$000

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Escritorio: — RUA MARANGUAPE, 15 — Rio de Janeiro

Endereço telegraphico: "REVISTA". Telephone: 22-2550

Correspondencia dirigida a *Gratuliano Brito*.

Director responsavel.

ASSIGNATURA ANNUAL

REGISTRADA

12 numeros..... 30\$000
Para o estrangeiro..... 36\$000

MAGAZINE SCIENTIFICO, ARTISTICO E LITTERARIO

JAMES KERNER, da firma Blake & Kerner, abriu a porta de seu apartamento de Jernyn Street, entrou no salão e pousou a cartola; juntamente com as luvas pretas, em cima da mesa. Depois, accendeu um cigarro e immobilisou-se, fumando com regularidade machinal; olhando para o ar, como um homem absorto por um problema transcendente.

Acabava de assistir ás exequias de seu socio, George Blake. Durante toda a cerimonia, mantivera uma attitude de emoção tocante; agora, terminada essa penosa provação, respirava com allivio.

Já sete dias tinham passado, depois que elle assassinára Blake... A scena se reproduzia nitidamente em sua memoria.



— Então a firma Barrett & Comp. é sua?

Kerner fez com a cabeça um signal de affirmativa e recostou-se na cadeira, muito á vontade. Um sorriso ironico mas um pouco contrafeito se desenhou em seus labios.

— Atreve-se a confessar? — perguntou Blake, contrahindo as mãos com furor — Miseravel! Trahidor! Kerner desatou a rir.

— Não se altere. Isso pode lhe fazer mal á saude

— disse elle, em tom chocarreiro.

O outro fez um esforço para se dominar.

— Você é um canalha. Utilisou-se das informações confidenciaes colhidas neste escritorio para montar um escritorio de sua propriedade, sob outra firma...

— Em negocios, cada um por si — disse Kerner cada vez mais calmo — A victoria cabe ao mais intelligente. Você tem processos antiquados, rançosos...

— Honestos! — bradou Blake.

— E' uma maneira de dizer. O que você chama honesto eu chamo estúpido. E o caso é que, em seis mezes, sózinho, ganhei, mais do que com você, em dous annos.

— Roubando informações, que não tinha o direito de utilizar.

— Você tem ideias do seculo passado. Eu teria sido um bobo, se não aproveitasse a occasião, que me appareceu. Só neste ultimo mez ganhei uma fortuna.

— Com os Cortons?

Kerner estremeceu, surprehendido.

— Como o sabe?

— Agora sei tudo — disse Blake, friamente.

— Sob o nome de Barrett

& Comp., você comprou recentemente todas as acções disponiveis da Companhia Cortons... Começou essa manobra, ha sete semanas, depois de ter lido uma carta pessoal, particular, que o velho Cortons me escrevera.

— Mas como demonio poudes saber?...

A colera de Blake parecia ter se dissipado mas seu



O AGIOTA — QUADRO DE JOHN LOMAX

rosto tomára uma expressão de dureza, que denunciava intenções inflexivelmente firmadas.

— Desde esse dia, eu sei que a firma Barrett era sua — disse elle, bruscamente.

Kerner ergueu-se, attonito. Blake continuou:

— Você pensa que é muito esperto e que me enganou. Não. Desde que eu descobri que informações confidenciaes de nosso escriptorio appareciam lá fóra, comprehendi, que era você quem as levava...

— E nada me disse? — exclamou Kerner, estupefacto — Mas então... se sabia... por que não me impediu de fazer o negocio das Cortons?

— Por que não quiz... por que preferi dar-lhe a lição, que merecia. Sim... sim. Deixei-o comprar á vontade. O que eu desejei, desde então, foi isso mesmo, que você empregasse até seu ultimo nickel na compra das Cortons!

A expressão do rosto de Kerner se transformára, pouco a pouco e, agora, ella revelava susto, terror. O outro proseguiu, inflexivel:

— A carta confidencial de lord Cortons fóra forjada por mim. Era uma armadilha para apanhar-o em flagrante.

Kerner estava pallido como um morto.

— Que? Que? — gaguejou elle.

— Tive apenas o trabalho de roubar do escriptorio de lord Cortons uma folha de papel e um envelope com seu carimbo; e mandei escrever a carta por meu creado.

Você não conhece a lettra do velho e cahiu como um patinho.

Houve um silencio. Kerner estava demasiadamente abatido para poder dizer uma palavra; e Blake calava-se tambem, gozando seu triumpho. Por fim, concluiu:

— E como aquellas informações eram falsas, você perdeu seu tempo e seu dinheiro. As Cortons não subirão; ao contrario; vão baixar mais ainda... A empresa vai ser obrigada a uma liquidação desastrosa para os accionistas.

— Mas então... Eu estou arruinado!

— Completamente, irremediavelmente arruinado. Eu sou um estúpido, um antiquado... Meus processos são do seculo passado. Mas com elles eu o reduzi a miseria... a ter que ir procurar um emprego, onde quizer ou puder; por que não admitto mais sua presença, aqui.

Kerner curvou a cabeça, como um homem acabrunhado e dirigiu-se ao cabide, como se fosse apanhar o chapéu para se retirar; mas, de subito, com impeto furioso, saltou sobre Blake segurou-o pelo pescoço por traz...

— Cão!... Vais me pagar. Tambem eu conheço um golpe secreto. Este... Foi-me ensinado por um Japonez...

E antes de morrer, Blake deve ter sentido uma pressão estranha sobre a garganta.



Tendo apanhado o chapéu, para fingir que ia sair, Kerner atacou-o, subitamente, á traição.

da policia, um imbecil, provavelmente, affirmára que Blake era um cardiaco e morreria de uma syncope.

Kerner respirou com força. Como era refractario a qualquer remorso, considerava excellente sua situação. A morte do socio deixara-lhe a propriedade unica do escriptorio... portanto não lhe faltariam meios para compensar o prejuizo soffrido com as Cortons.

Entrou no quarto para mudar de roupa e, tendo tirado o collarinho, diante do espelho, ficou immovel, pensando no golpe japonez. Parecia fascinado por essa recordação e tocou de leve o proprio pescoço no lugar do nervo fatal. Que cousa fantastica! Apertar um pouco alli e era a morte... morte immediata; sem deixar vestigios.

Uma angustia immensa o invadiu. Sarato hesitára muito antes de lhe ensinar *aquillo* e depois dissera-lhe que o conhecimento d'aquelle segredo podia ser perigoso. Havia pessoas que não podiam esquecer a arma terrivel de que dispunham, viviam absorvidos pela ideia d'aquelle meio tão simples para eliminar seus semelhantes; e isso acabava por lhes perturbar o cerebro.

Kerner tocou de novo o pescoço, calçou um pouco e teve em todo o corpo uma sensação extranha, como se um relampago gelado o percorresse, da cabeça aos pés.

Afastou-se, deu de hombros mas acabou de se vestir, evitando encontrar-se diante do espelho.

Sahiu, foi ao escriptorio, installou-se na mesa de Blake e começou a despachar o expediente diario. A steno-dactylographa entrou para fazer a correspondencia, sentou-se e esperou. O novo chefe parecia mergulhado em profunda reflexão; mas passados alguns instantes a fixidez de seu olhar enervou-a e ella passou uma das mãos sobre o collar barato, de contas multicores, perguntando.

— Que é Sr. Kerner?
— Que?
— Não sei... Mas pensei que tinha alguma cousa aqui. O senhor está olhando tanto para meu collar...

Kerner levantou-se, como se tivesse recebido uma descarga electrica.

— Desculpe, miss Burns... — murmurou elle — Não estou me sentindo bem. As emoções d'esta manhã... — Juntou com gestos perturbados as cartas collocadas diante d'elle, para responder e accrescentou... — Peça ao guarda livros, que lhe dicte as respostas...

A secretaria sahiu e elle começou a passear pelo escriptorio.

Céus. O Japonez não mentira. Mais um minuto e elle não resistiria a tentação de segurar miss Burns pelo pescoço. Um suor frio borbulhou em sua fronte. Um terror atroz fel-o tremer todo.

— E' preciso que eu não me deixe dominar... E' preciso...



Andou o dia inteiro pela cidade, ao accaso. A' noite passou por casa rapidamente e foi jantar na residencia de sua noiva.

Não havia visitas e apoz a refeição, ficaram os dous a sós no jardim de inverno.

— Que é o que você tem? — perguntou Jane, apoz um longo silencio — Parece distraído, preocupado. Teve algum aborrecimento serio hoje? Oh!...

Recuára num movimento de susto irreprimivel, não tanto pelo gesto de Blake como pela expressão allucinada de seu olhar. Mas a reflexão se operou rapida em seu cerebro e ella recuou mais.

Seu noivo, estendera as mãos, como se fosse segurar-a pelo pescoço... Já, durante o jantar, ella notára que elle parecia perturbado, dominado por uma ideia fixa; e seu olhar observava attentamente a garganta de seu pai... a sua.

Kerner teve um sorriso cruel, recordando esse ultimo momento. O golpe terrivel, que Sarato, o creado japonez, lhe ensinára... Conhecera Sarato em casa de Jane Cunningham, sua noiva. Tendo exhibido diante d'elle os conhecimentos de *jiu-jitsu* de que tanto se orgulhava, o Japonez lhe observára, com a placidez peculiar á sua raça, que tudo aquillo era elementar, pueril. Havia outros golpes mais serios... mortaes! E cedendo á insistencia de Jane, revelára-lhe a existencia de certo nervo do pescoço no qual uma pressão forte era bastante para causar morte instantanea. Mostrára o lugar, explicára como devia ser feita a pressão, segurando o adversario pelas costas. Mas Kerner nunca imaginára que a morte, sob aquelle golpe, fosse tão rapida.

Depois tudo se passára admiravelmente. O medico

Kerner erguera-se da cadeira de palha e fôra para o extremo da varanda, occultando o rosto entre as mãos... Apoz uma breve hesitação, ella seguiu-o.

— Que é o que você tem — repetiu, não mais com expressão de terror e sim com doçura, como se falla a uma creança ou a um doente.

Elle desatou em soluços e disse-lhe tudo. O que fizera, como matára seu socio e a obsessão, que o torturava agora; a tentação incessante de repetir o gesto assassino...

Exaltava-se, pouco a pouco, á proporção em que fallava e, diante de suas mãos, que se extendiam freneticas, Jane recuou de novo, apavorada; refugiou-se no salão e fechou a porta, com força.

Kerner correu para o jardim, passou o portão e seguiu pela rua, cambaleante, sem chapéu.

Quando pouderecuperar a voz e a presença de espirito, Jane correu para junto de seus pais e contou-lhes tudo, arquejante, como em delirio.

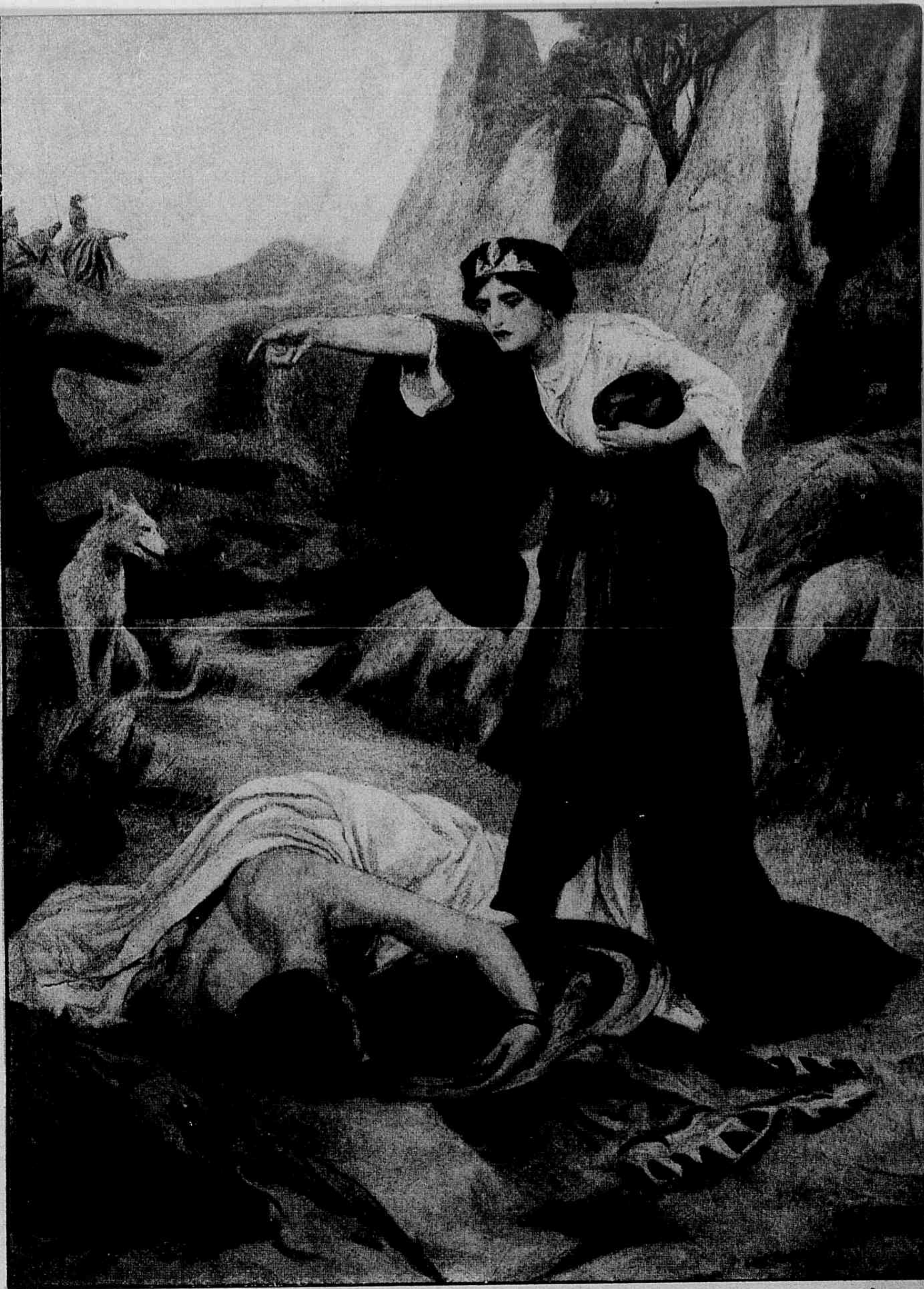
Chamaram o copeiro. Inteirado do que havia, Sarato ficou muito pallido mas affirmou:

— Não ha segredo, não ha golpe japonéz... não ha ahi nervo nenhum que permitta matar. Eu inventei aquillo para... brincar com o Sr. Kerner que fallava tanto em *ju-jitsu*... Não é possivel matar ninguém assim.

Quando chegaram á casa de Kerner encontraram-o sem collarinho, morto, cahido diante do espelho. O medico da policia confirmou as palavras de Sarato. Não era absolutamente possivel matar um homem com aquelle supposto golpe. Blake morrera de uma syncope cardiaca.

— E Kerner?

— Suggestão. Estava fôra de si, convencido de que morreria se tocasse o pescoço de certo modo. Tocou-o e morreu. O caso não é sem precedentes...



Antigona, a heroína do amor familiar — É uma figura mythologica, grega, que apparece com esplendido relevo na tragedia de Sophocles — "*Oedipo em Colona*". Significa a dedicação filial e o espirito de sacrificio pelos seus.

Tendo seu pai, Oedipo, arrancado os proprios olhos para castigo voluntario dos crimes que praticára inconscientemente, Antigona, tudo abandonou para lhe servir de guia, em sua desolada marcha, desde Thebas até Colona, onde elle morreu. Regressou, então, a sua cidade natal, em companhia de sua irmã Ismenia e teve o desgosto de assistir á luta travada por seus irmãos Eteocles e Polynicio. Ambos cahiram mortos nesse embate e como Polynicio se batera contra Thebas, o tyrano da cidade, Creon, prohibiu, sob pena de morte, que lhe fosse dada sepultura. Mas Antigona não poudesupportar a ideia de que o corpo de seu irmão ia ser abandonado aos lobos e aos corvos. Affrontando as ameaças do tyrano, embalsamou e sepultou Polynicio. Foi por isso sepultada viva no Pantheon de sua familia.

UMA GALLINHA CAMPEÃ DO MUNDO — Officialmente, isso é, com seu *record* observado e "homologado" por uma comissão da Universidade de Saskatchewan, no Canadá, essa heroína dos gallinheiros é uma *Barred Plymouth Rock*, que, rigorosamente fiscalisada, entre 85.000 animaes, conseguiu pôr, em um anno, de 1.º de Agosto de 1936 a igual data em 1937, 358 ovos.

Em 365 dias, a formidavel gallinha só descansou sete.



AS ULTIMAS TENDENCIAS DA MODA — Vestido para meia estação.

O canal de Kiel que liga o mar do Norte ao Baltico, tem cem kilometros de comprimento e foi aberto pela Alemanha para fins estrategicos. Começa no porto de Kiel no Baltico e termina na embocadura do rio Elba.

◊ ◊ ◊

UM PESCADOR HEROICO — Chama-se Gilbert Easton, reside em Boston e estava passando as ferias em Miami.

Proprietario de um bole-automovel, foi pescar ao largo e voltou trazendo pendente da proa um peixe-espada, com peso de 275 kilos, capturado nas seguintes condições:

Tinha lançado a linha havia já uns cinco minutos quando sentiu nella um puxão. Presentiu uma presa volumosa

mas não tão perigosa. Durante quasi uma hora travou luta paciente com o peixe ainda invisivel. Em certo momento, esse peixe deu um salto tão energico que o Sr. Easton foi forçado a soltar um pouco a linha e esta se enrolou em torno de um de seus dedos. Com um reflexo irreprimivel, o Sr. Easton ergueu a mão. Isso provocou outro salto do peixe, com tal força que a linha lhe cortou o dedo com a presteza e segurança de uma faca.

Pois bem, mesmo tendo visto seu dedo desaparecer nas cordas, o Sr. Easton não largou o canhão. Conteve a hemorragia com um lenço e continuou a lutar com o enorme peixe espada até trazelo para fóra d'agua.

◊ ◊

O famoso maestro-regente allemão Fortwenghs esteve, ultimamente, em Paris, apresentando uma serie de concertos do Philharmonica de Berlim.

Apoz cada um d'esses concertos, o Sr. Fortwenghs fazia um passeio a pé, caminhando desde os Campos Elyseus até o Bosque de Boulogne. A distancia é consideravel mas o maestro explicou:

—Durante os concertos eu faço muito esforço com os braços. Preciso de fazel-o tambem com as pernas para... equilibrar.

◊ ◊ ◊

CASA BRANCA — O edificio assim chamado é a residencia official do presidente dos Estados Unidos, em Washington.

Sua construcção começou em 1792. Incendiada pelos Ingleses em 1792 foi reconstruida em 1894. O presidente John Adams foi o primeiro que nella se installou, em 1800.



ARTE CLASSICA — Judith, quadro de André Mantegna.

SEGUNDO a ultima estatistica organizada pelo serviço do imposto sobre a renda, ha, actualmente, na Inglaterra, 824 millionarios — em libras sterlinas! — creaturas que possuem mais de oitenta mil contos.

O mais famoso entre esses ricos é lord Nirfield, o constructor de automoveis, que começou a vida de industrial com 17 annos e um capital de 5 libras, concertando bicyclettes. Hoje, embora tendo já doado 7.250.000 a varias instituições beneficentes, tem uma fortuna calculada em vinte milhões de libras.

(1 milhão e seiscientos mil contos!).

Sir Henry Deterling, que tambem possui vinte milhões de libras e é chamado o Rei do Petroleo, na Inglaterra, começou a vida como empregado modesto em uma fabrica de gaz.

◊ ◊

Foi descoberta e presa no Japão, uma quadrilha de salteadores, que operava por um processo absolutamente novo.

Com o suave nome de Hakuha-kyo (Felicidade Di-

vina) um grupo de malfeteiros organisára uma especie de seita. Vestidos como penitentes, andavam pelo interior, pregando a salvação eterna pela renuncia a bens terrenos. Nelles o que mais inspirava reverencia e confiança era o apparente desinteresse. Nada pediam. Aconselhavam aos crentes que se desfizessem de todos seus bens e doassem o resultado da venda a instituições patrioticas ou de beneficencia ás quaes eram totalmente alheios. Mas como confessou um delles eram os primeiros informados e, quando esses ingenuos recebiam o dinheiro do que tinham vendido, elles os roubavam, ainda que para isso fosse necessario assassinal-os.



OS APPARATOSOS RITOS NAZISTAS — A extrepitosa fanfarra, em uma parada de creanças em homenagem ao Fuereer.

Ainda uma vez, o mundo arabe, tão sensível, tão impressionável, vibra e se agita. Do Taurus ao golfo Persico, do littoral mediterraneo até os desertos do Egypto, sob a tenda do Beduino nomade como nos palacios do Emir; nos *suks* como nos arredores das mesquitas, realizam-se longos e apaixonados conciliabulos; sob as arcadas e abobodas de Al Kzar, no Cairo, os estudantes originarios da Syria, da Palestina, da Transjordania, do Irak, do Yemen e do Nedj desdenham o estudo do Coram para discutir politica.

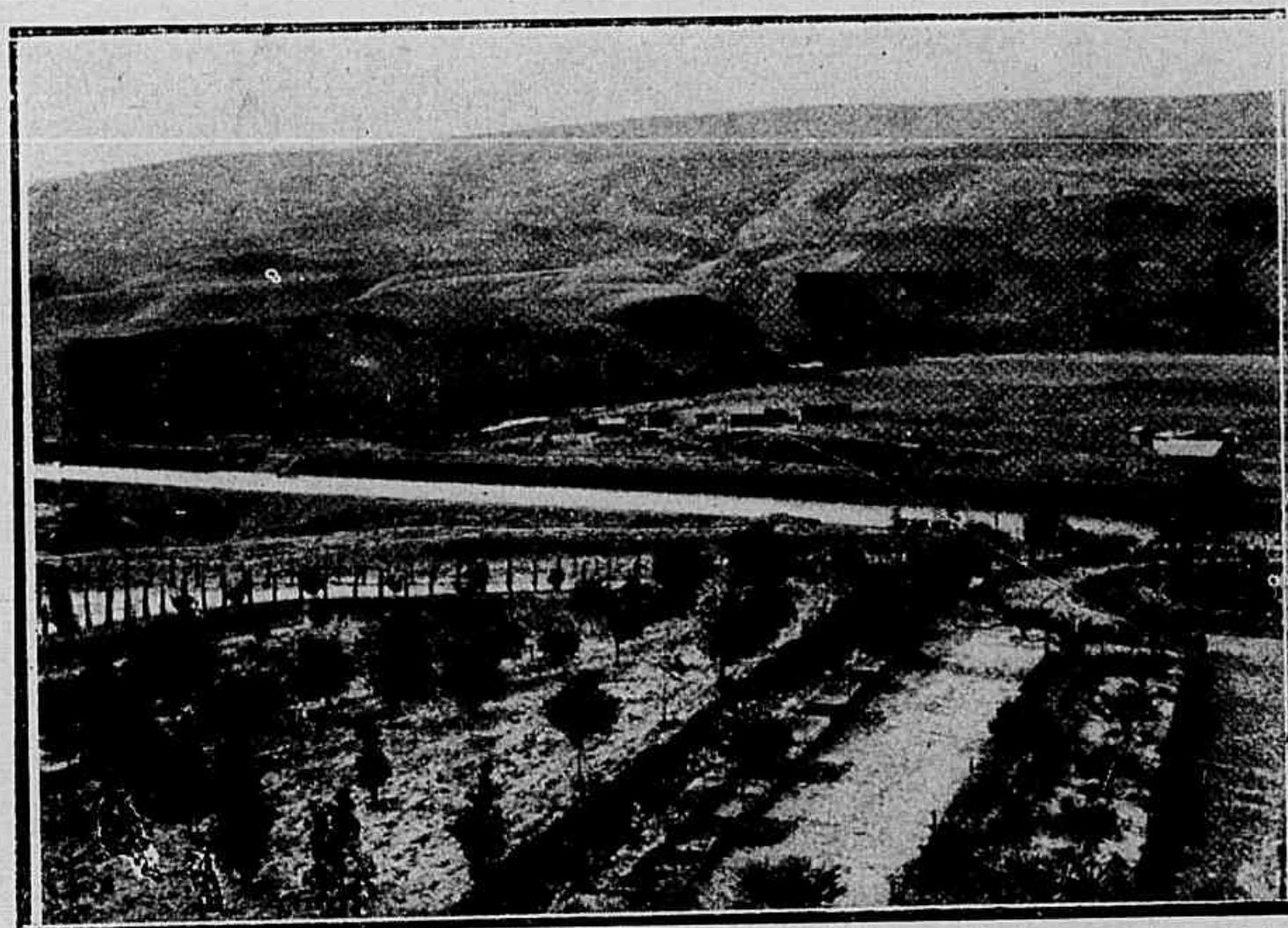
Por que? Porque a Inglaterra mandou, no anno passado, á Palestina, uma commissão real de inquerito, presidida por lord Robert Peel e que, depois de longas pesquisas, publicou um relatorio de quatrocentas paginas cujas conclusões, approvadas agora pelo governo de Londres, preconizam a partilha da Palestina para a crea-

A resurreição de Israel

A criação de um Estado Judeu na Palestina. — O problema sionista e a crise arabe. — O maior problema que a Inglaterra enfrenta, na actualidade.



Vista geral da cidade de Nazareth, onde Jesus passou sua infancia. Reservada pela Inglaterra para um dos territorios sob seu mandato.

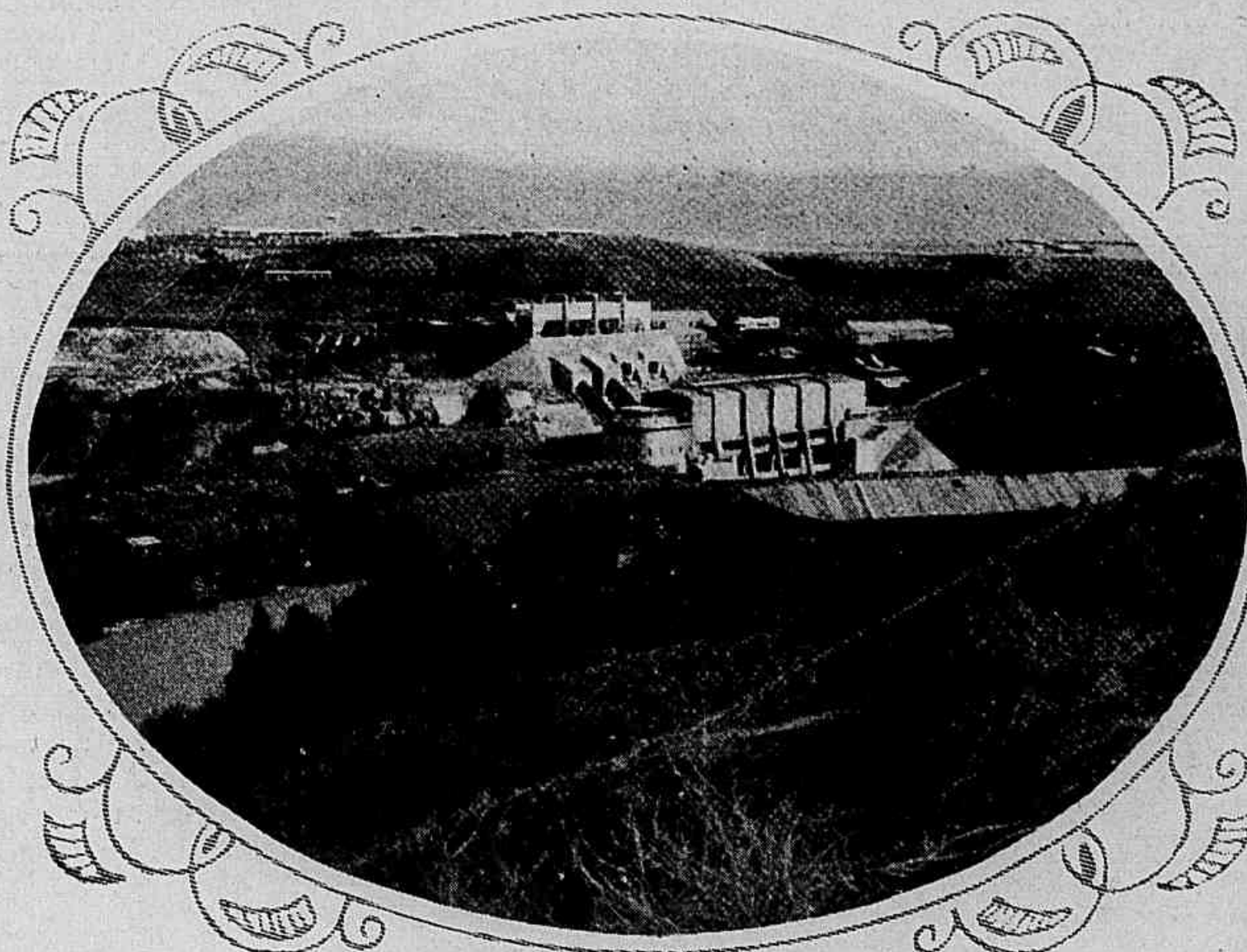


O canal, que conduz as aguas do Jordão do reservatorio de Yarmuk ao da estação geradora de electricidade de Jerusalem.

ção de um Estado Israelita, independente, autonomo, com todas as prerogativas dos paizes admittidos na Sociedade das Nações. Isso seria a consagração das promessas feitas pela Inglaterra em 1918 e o reconhecimento, *de jure* e *de facto*, do estabelecimento do povo de Israel ou, pelo menos, dos elementos d'esse povo, que partiram da Europa Central e Oriental (Alemanha, Polonia, Rumania e Hungria) para buscar refugio no solo de seus antepassados e, alli, á custa de um esforço magnifico, quasi sobre-humano e uma abnegação, que assombram o mundo inteiro, transformaram o deserto, os pantanos e os areas em florestas, campos de cereaes, jardins encantados e até em cidades, como Tel Aviv, que conta hoje 150



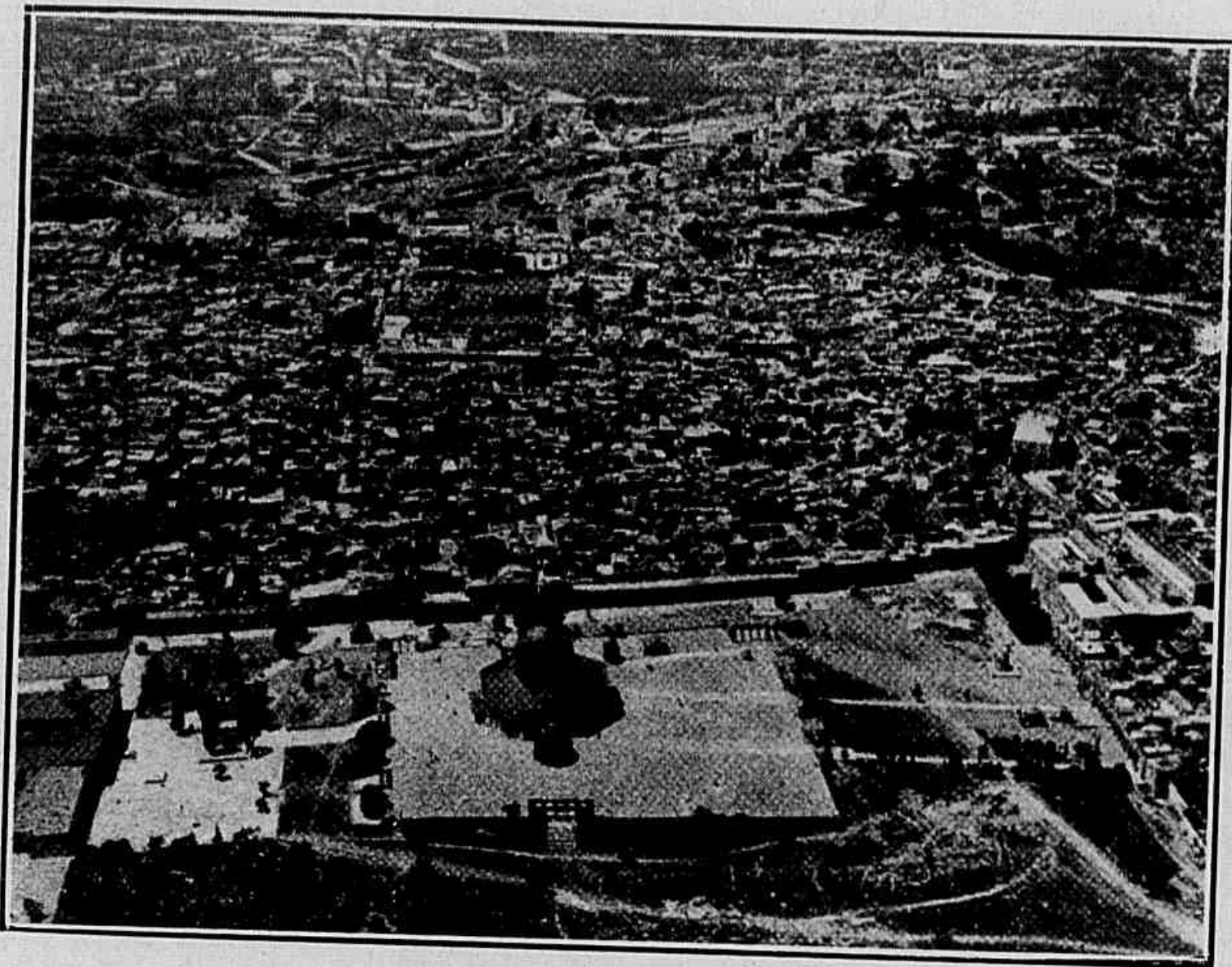
O trabalho dos Israelitas de nosso tempo, na Palestina. Laranjeiras envoltas em pannos impermeaveis, afim de receber fumigações, que as livrarão de insectos damnhinhos.



A estação geradora de electricidade do Jordão.

mil habitantes. Mas os Arabes nunca consentiram em reconhecer esse estabelecimento como legitimo, consideram-o uma criação artificial, realizada á custa de milhões de libras fornecidas, sob os auspicios da Inglaterra, pelos Judeus ricos da Europa e da America. E, embora as terras hoje occupadas pelos esforçados pioneiros de Israel tivessem sido generosamente pagas a seus antigos proprietarios mussulmanos, estes se declaram espoliados.

Infelizmente não se limitam a essas declarações; mostram-se dispostos a



Aspecto actual de Jerusalem. No primeiro plano a area do Templo de Salomão.

Jerusalem — o berço e o tumulo de Jesus. O terceiro, partindo da fronteira do Libano, incluirá Saled e terá como portos Acre, Haifa e Tell Aviv. O resto da Palestina ficará com os Arabes. (Nossô mappa esclarece melhor essas disposições).

Mas os Judeus tambem não estão satisfeitos e seus chefes se reuniram em animado congresso em Zurich para formular suas reclamações. O Sr. Marcel Mirtel, advogado parisiense e presidente do Keren Kayemeth Leisrael, assim estabeleceu as queixas de seus irmãos de crença:

1.º — Não é possível aos Israelitas aceitar um Estado minuscuro, que não pode abrigar nem mesmo as populações miseraveis, que vivem maltratadas na Europa Central.

2.º — O corredor reservado pela Inglaterra para o acesso a Jerusalem torna inutilisavel, por falta de um porto, o territorio situado ao sul d'esse enclave.

3.º — Jerusalem, o ideal mystico da raça dispersada, antes de se tornar seu ideal politico, deve ser isralieta.

O congresso ora reunido em Zurich pretende levar suas reclamações ao Parlamento Britânico, á Sociedade das Nações e á Comissão dos Mandatos, protestando contra a mutilação de seu ideal.

E accrescentam:

Logo nos primeiros annos do apcz guerra, a Inglaterra começara a faltar á palavra empenhada em 1918, transformando a Transjordania em reino independente e separando-a da Palestina; depois, outras secessões foram feitas, sob varios pretextos e, afinal, apoz vinte annos de espera, de esforços immensos e despesas colossaes, o Estado Judeu apparece, reduzido ás proporções de um principado de Monaco.

Tal é, objectivamente exposto, o estado do problema.

Não precisamos de prolongadas reflexões para reconhecer que sua solução não será facil.

Sejam porem quaes forem as difficuldades, a Inglaterra se considera na obrigação de enfrental-as e resolvel-as. Para isso, está compromettida não só pelo programma annuciado do mundo sionista pelo 1.º ministro Balfour, como pela ainda mais grave e formal proclamação, feita em Jerusalem mesmo, pelo general Allemby, no dia magnifico em que, ao terminar a Grande Guerra, as tropas inglezas entraram em Jerusalem, graças, em grande parte, á collaboração dedicada e valente de milhares de Judeus, residentes na Palestina ou vindos de todos os paizes do mundo.

Mas desde esse momento, começou a



Os Judeus já estabelecidos na Palestina organizaram o trabalho por processos intelligentes e modernos, attendendo ao mesmo tempo as necessidades da educação physica e profissional, assim como a da hygieie. Vemos acima trez moças trabalhando num campo da Escola de Agricultura, de Esdnaelon, nos arredores de Nazareth, sob a direcção de uma instructora.

Ao lado — A cidade de Bethlehem, berço de Jesus, photographada de um avião.



questão a se ericar de embaraços, porque também as populações arabes da Asia Menor tinham concorrido, brilhantemente, com seu esforço e seu sangue, para a derrota do sultão da Turquia e seus aliados, os soberanos de Berlim e Vienna. Estes não ouviram, sem protesto, as promessas inglezas, annunciando a reconstituição do Estado Israelita, no territorio onde reinaram David, Salomão e Herodes. Inimigos do califa de Stambul, por espirito de independencia e rivalidades dynasticas, os Arabes ainda mais o são dos Israelitas, por preconceito religioso e de raça.

Durante vinte annos, o gabinete de Londres adiou ou prolongou o debate para, com mais prudencia, pesar as



Aspecto geral do balneario para crianças fracas, em Tel-Aviv.



O trabalho judeu na Palestina — Uma colonia infantil, no balneario de Tel-Aviv.

vantagens e desvantagens de sua solução. Os Arabes, ou melhor, os mossulmanos, que actualmente vêem nos Arabes seus chefes naturaes ou, pelo menos, seus aliados incondiccionaes, vivem aos r.ilhões, na India, no Egypto, em quasi toda a Africa, constituindo a melhor parte da população, em grandes regiões do imperio britannico; mas os Judeus dominam as finanças inglezas e podem influir poderosamente nas questões economicas de outros paizes, dos quaes as finanças inglezas dependem.

As ultimas noticias, que os telegrammas nos têm transmitido, assegurando resolvida a questão, com a fundação do Es-

tado Judeu, tal como o descrevemos neste artigo, parecem de-



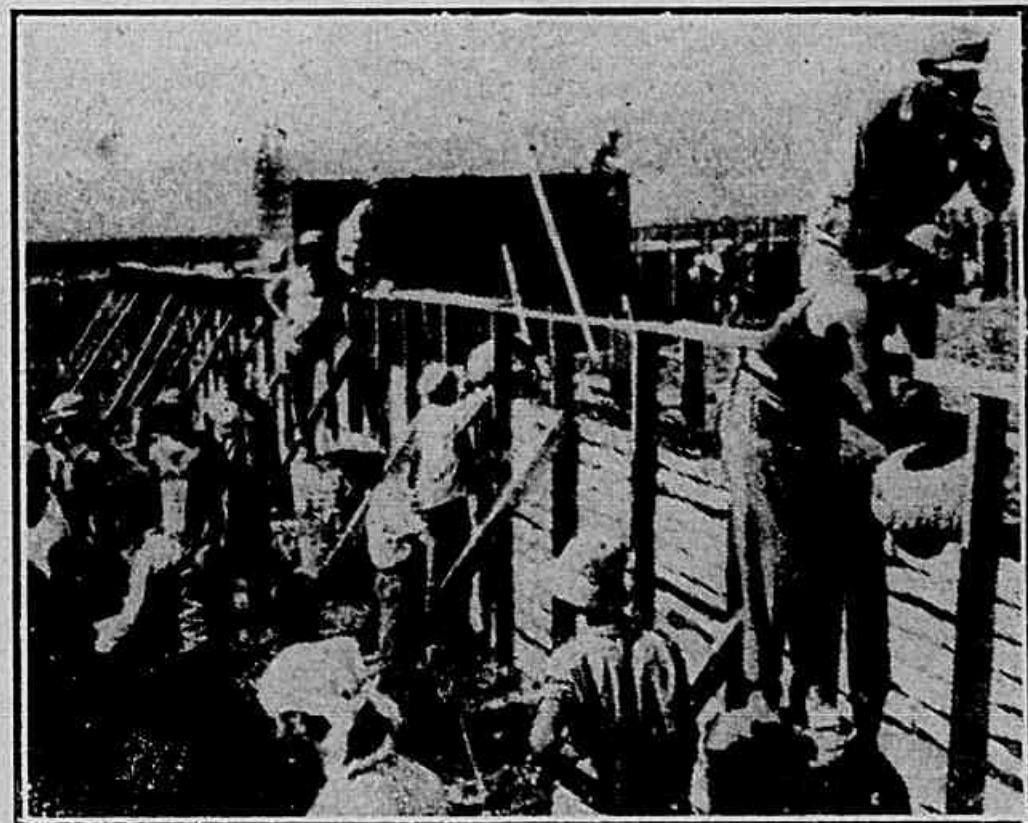
A milicia rural, organizada pelos Judeus em suas colonias agricolas, tem caracter nitidamente militar.

A famosa estrada de Jaffa a Jerusalem, na qual não é possivel viajar senão com escolta armada, por causa dos constantes ataques feitos por bandidos arabes.



monstrar que a segunda corrente — a dos argumentos financeiros — venceu afinal.

Resta sa-



Para resistir aos constantes ataques dos Arabes, os Judeus cercam suas habitações com muros á prova de bala, feitos com cercas duplas, entre as quaes despejam uma mistura de cimento e cascalho.

ber com que meios conta a Velha Albion para conter a irritação dos Arabes e Beduinos, que, sempre turbulentos e indomaveis, ainda se tornam mais bravos e aggressivos, quando excitados pelo odio religioso e o interesse lesado. Sem contar que os Israelitas também não ficaram satisfeitos com o traçado do mappa inglez da Palestina; reivindicam Jerusalem, que é para elles Sion, a Santa; reivindi-

cam a Transjordania, o Hebron, todos os logares cujos nomes se encontram aureolados de gloria ou santidade no Velho Testamento.

E ainda que acceitem agora os limites traçados pelo Sr. Eden, não tardarão a suscitar incidentes para obter, por bem ou por mal, o que desejam.

○ ○

Uma revista inglesa, procurando ridicularisar as fantazias dos legisladores estadoues norte-americanos, cita os seguintes exemplos.

No Estado de Alabama, o senador J. Bonner Miller apresentou um projecto, mandando processar como estelionatarios todos os deputados e senadores, que, uma vez eleitos, não cumprirem as promessas, que fizeram como candidatos. No Estado de New-York, um deputado mandou collocar um cinzeiro em todos os taxis; o mesmo legislador queria que todos os omnibus de collegios fossem pintados com as cores nacionaes. A Camara do Oregon votou uma lei considerando as rãs "animas que podem ser caçados durante todo o anno". Finalmente, no Estado da Pennsylvania, foi longamente discutido um projecto

mandando filmar todos os incendios, para o ensino dos bombeiros.

Imagem se essa revista soubesse que, no Brazil, a propria Camara Federal vota, dez ou doze vezes por anno, manifestações de alegria pelo anniversario de jornaes e cousas semelhantes.

○ ○ ○

A bibliotheca de Mr. Hoover

A vida privada para Mr. Hoover, predecessor do Sr. Roosevelt na suprema magistratura da nação norte-americana, é das mais activas.

O antigo presidente da Republica dos Estados Unidos passa boa parte de seus momentos de folga, colleccionando tudo quanto tem sido escripto — romances, ensaios, memorias, documentos — sobre a Grande Guerra, de 1914-18.

Nessas pesquisas, pacientes e methodicas, conseguiu reunir mais de 400.000 obras sobre esse sempre lembrado assumpto. Para que esse conjunto unico não se disperse, elle o doou á Universidade Leland Stanford, que, d'essa forma, poderá vir a ser um centro de estudos da guerra mundial.

○ ○ ○

Guerreiros e empreendedores

Ao mesmo tempo que promovem, sustentam ou enfrentam complicações de todo o genero, na China, na Mandchuria e no Jehol, os Japonezes aproveitam a indepen-

dencia das Philippinas, para realizar alli uma obra gigantesca. Foi bastante os Norte-Americanos sahirem por um lado e elles entraram pelo outro.

Em 1934, a importação de productos japonezes, pelo porto de Davao, elevou-se a 279 mil dollars, ao passo que a de productos norte-americanos era de 11.900 dollars apenas. Entraram no porto 4 navios norte-americanos contra 98 japonezes. De então para cá empresas sustentadas por capitães japonezes introduziram nas Philippinas dezenas de plantas uteis, até então alli inexistentes. Trouxeram algodão e café do Brazil, palmeiras de Singapura, tek de Jolo, todas as variedades de feijão do Japão, os enormes ananazes de Hawai, laranjas da ilha de Mayorca, sical da Africa...

Alem d'isso, estão organizando a pesca por processos modernos.

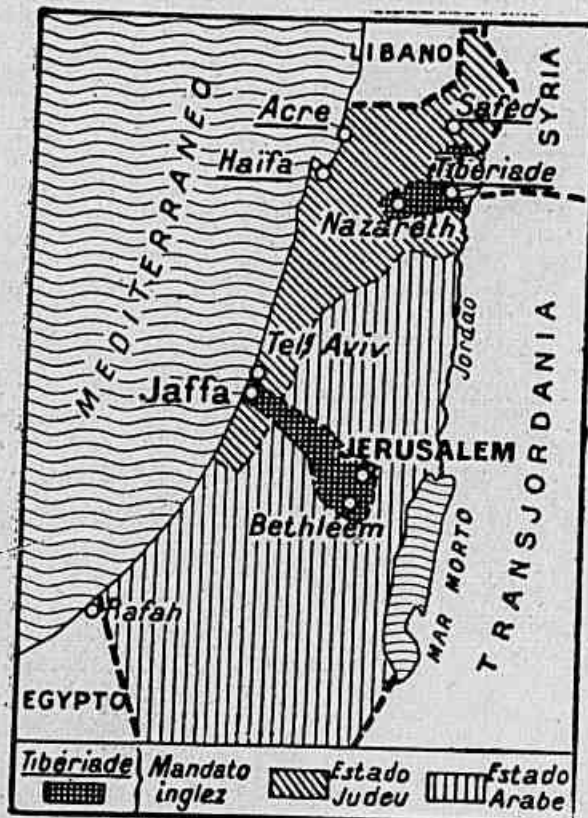
Ao que parece, pretendem se instalar alli por muito tempo e crear uma colonia grandiosa.



Os primores da arte chinesa — Figura de mulher, em lacca, do seculo X. Admiravel de naturalidade na attitude e elegancia nos detalhes.



Tel-Aviv, a cidade creada pelos Israelitas, no littoral da Palestina, em vinte e cinco annos. Tem actualmente 150.000 habitantes.



Mappa da Palestina, com o novo Estado de Israel, tal como foi traçado pela Inglaterra.



Paizagem inglesa — Um trecho do Tamisa, entre Windsor e Monkey Island.

NÃO é indiscreção dizer que a situação financeira do governo francez não é das mais brilhantes. Isso o obrigou a augmentar todos os impostos e taxas, inclusive a dos telephones, que lá é privilegio do Estado. As communicações pelos telephones pu-

blicos foram elevadas de meio franco para 75 cents. Mais ou menos 400 reis, ao cambio actual. Mas surgiu uma difficuldade: não ha moeda com esse valor. Que fazer? Collocar no aparelho quinze moedas de cinco centimos? Seria difficil encontrar-as porque lá, como aqui, as pequenas moedas desaparecem rapidamente. Fazer contadores capazes de reconhecer moedas de 50, 20, 10 e 5 centimos? Isso custaria uma fortuna!

O governo francez resolveu o problema. do melhor modo... para elle. Mandou fazer placas especiaes de 75 centimos, que poz á disposição do publico, nas agencias de correio e telegrapho.

E' preciso porem trocar o dinheiro pelas placas e as agencias de correio são, em Paris, poucas e muito distantes umas das outras... Será necessario procural-as, a cada vez em que se precise do telephone, em qualquer logar?

— Não — responde o governo, com o melhor de seus sorrisos. — O contador funciona com as placas regulamentares e com moedas de 1 franco. Quem estiver com pressa pagará mais 25 centimos.



As ultimas tendencias da moda

Vestido ornado nas costas com pospontos, formando desenhos e palas bordadas em relevo.



O mais impressionador dos monumentos funerarios — E' romano e figura no museu do Vaticano. Representa a seriedade da morte, no meio das horas, que passam, com suas alegrias ou angustias, convicções ou incertezas.



Parece um mappa da Edade Media. E' o valle do Huang-Ho, na região de Lanchow, com seus campos de cultura de fructas e hortaliças.



Parece um jogo de puzzle... é uma vista dos arrozaes de Chengtu, na provincia de Szechuan.

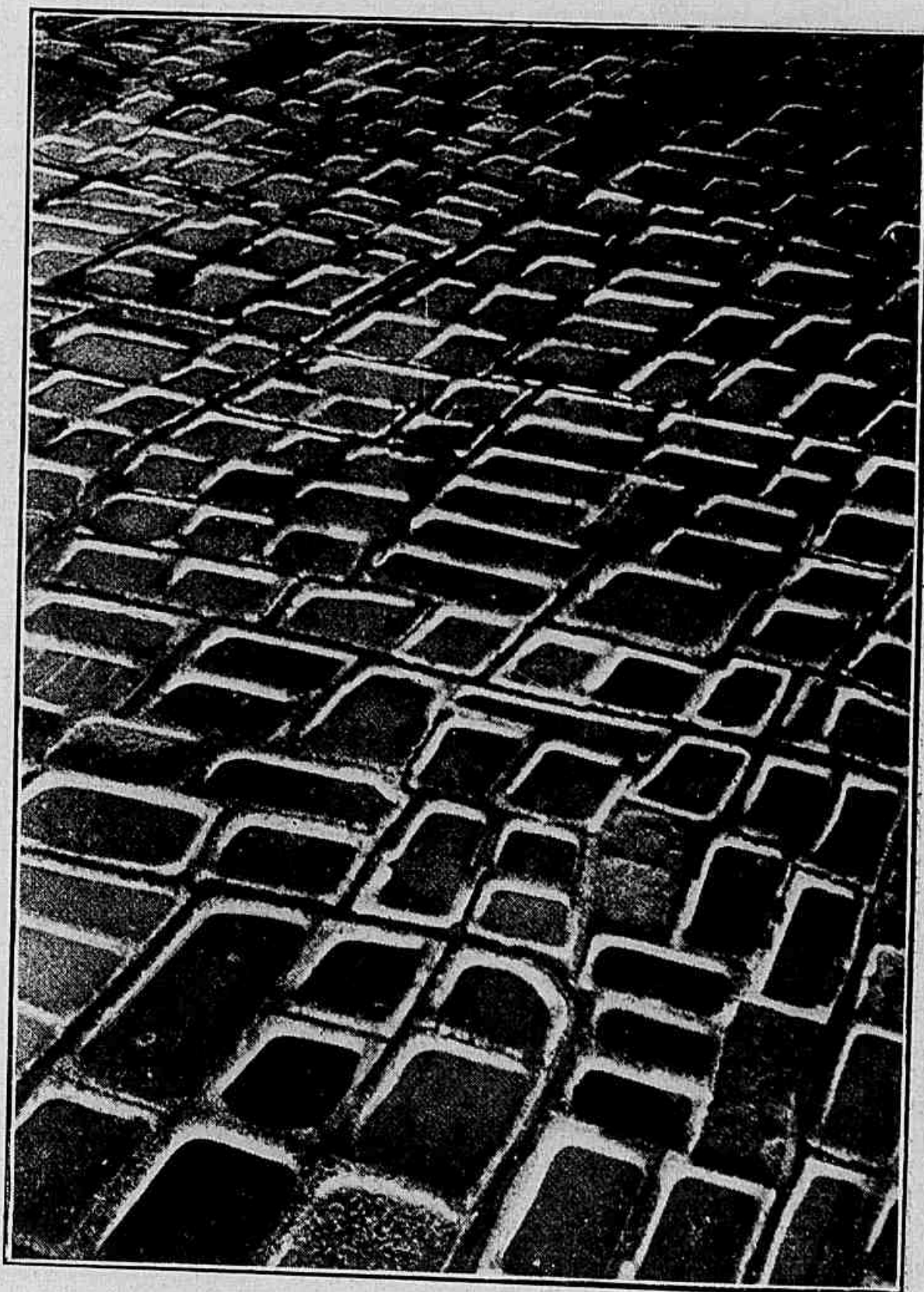
16

AGENTE DE CASAMENTOS — Na China, como na Turquia, essa profissão é, desde muitos seculos, exercida por mulheres; mas, ao

Terra trabalhada, torturada... A China e seus inegualaveis aspectos

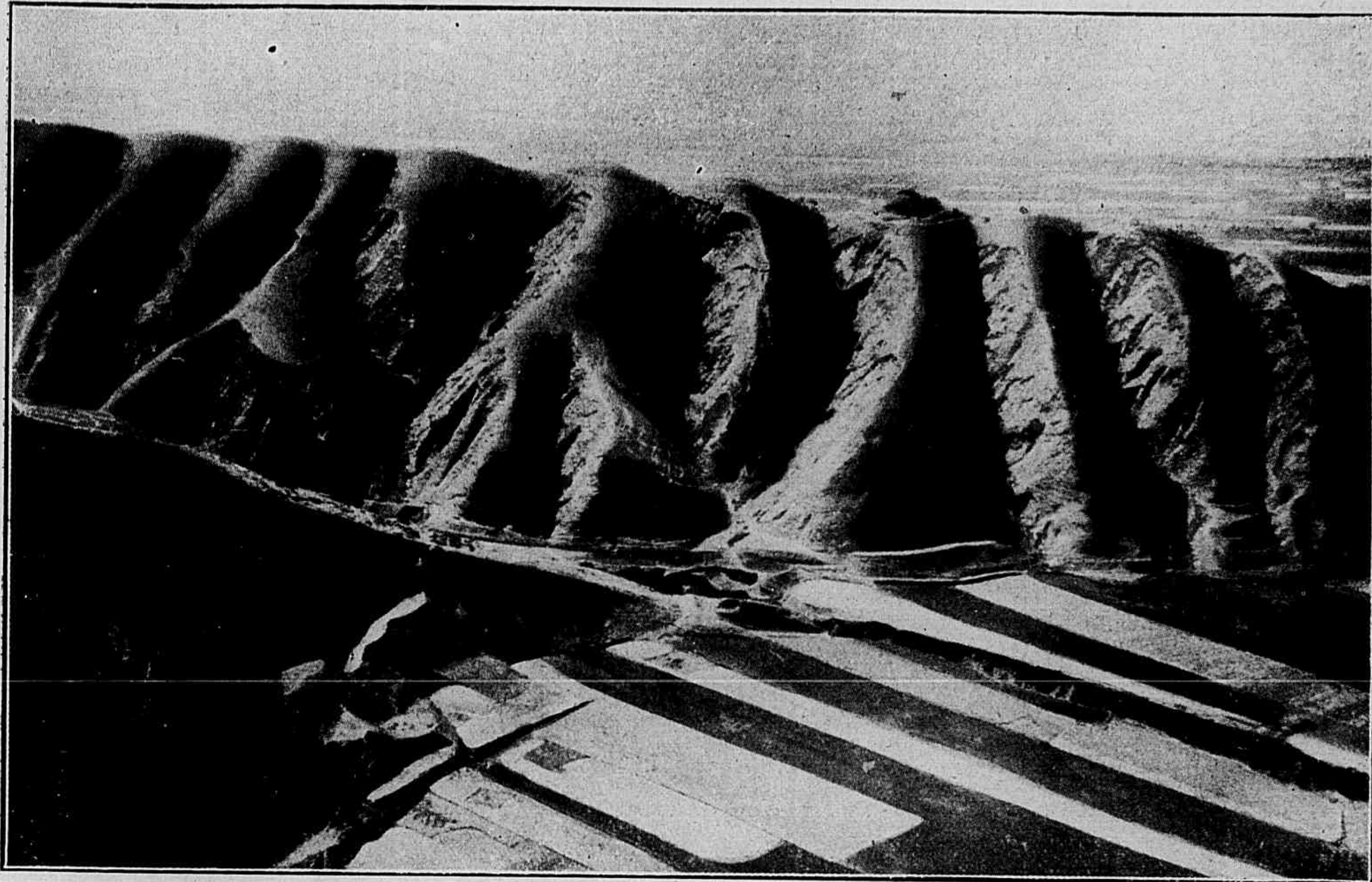


Aspecto aereo de varias collinas, cortadas em terraços, para o total aproveitamento do solo em culturas.



Taboleiro de xadrez? Não. Tanque para a criação de peixes, nos arredores de Sachou.

contrario do que muita gente acredita, não são esses apenas os paizes onde ha quem viva de propor, offerecer, negociar e levar a bom termo casamentos. Muitos, entre os velhos povos da Europa, principalmente no valle do Danubio, conservam e prestigiam essa profissão, que é, em geral,

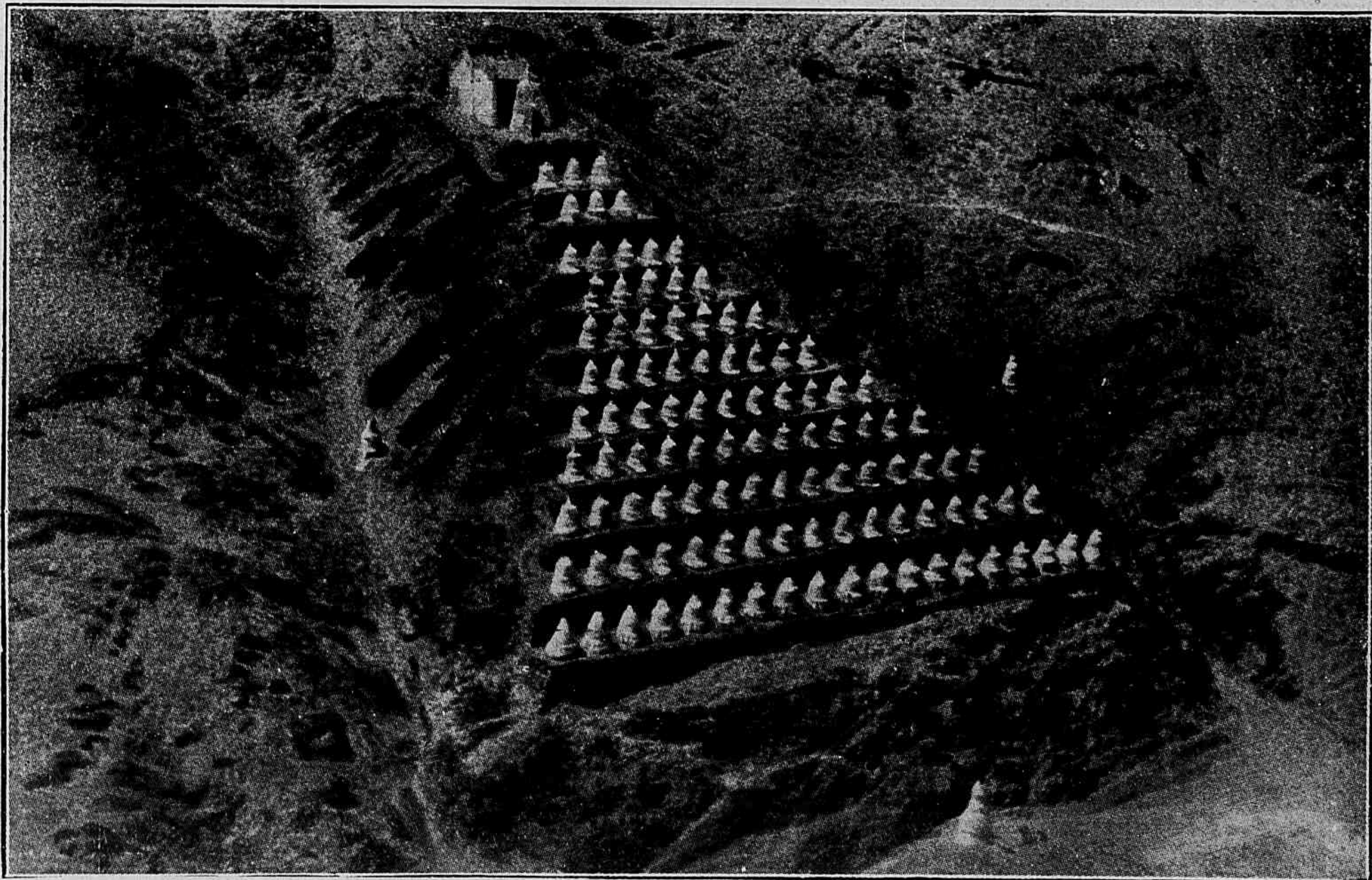


Parece um monstro ante-diluviano, imerso, com vertebrae bem salientes. É uma montanha calcarea, trabalhada pelas chuvas, na região de Lanhou.

exercida por homens. Em Setembro ultimo, falleceu, em Praga, Petrus Crosba, que era o mais antigo e famoso agente de casamentos de toda a Tcheco-Slovaquia. Tinha oitenta e quatro annos e orgulhava-se de haver promovido, durante sua brilhante carreira, mais de cinco mil casamentos. E tinha a fama de ter sorte ou, como se cos-

tuma dizer, "a mão feliz", porque, entre esses milhares de matrimonios, apenas dezeseite fracassaram e se dissolveram em divorcios. Dos outros, que resistiram ao tempo, nasceram 17.522 creanças — o que prova que a Tcheco-Slovaquia está mais proxima do nosso Ceará do que da França, em questões de natalidade.

17



Um cemiterio buddhista em Lanhou, com os mausoleus, todos do mesmo feitio, dispostos em degraus, formando um triangulo, aos pés] de uma capella votiva.



O homem, que bateu o record do Barba Azul — O Sr. Sylvestre Plumbee, de Omy (E. Unidos). Tem 64 annos e foi photographado ao lado de sua decima primeira esposa. Casou-se pela primeira vez aos 22 annos; foi duas vezes viuvo e oito divorciado.

Phrases de grandes homens

Henri George Wells, o genial autor da *Machina de explorar o tempo* e da *Chamma Immortal*, tem a seguinte divisa: — “Aprender desde o berço até o tumulto”. Fiel a ella, tendo que encher, recentemente, uma papeleta de identidade, inscreveu ao lado de seu nome, na linha reservada a profissão, o seguinte: “*Estudante*”.

E explicou a um jornalista que o observava.

— Estudar é o que eu mais faço, em minha vida.

Por sua vez Gabriel d'Annunzio, recebeu, em seu castello nas margens do lago de Gada, um jornalista que foi interrogal-o sobre o boato de que elle annunciára para breve a propria morte. E explicou:

— O que eu disse não foi bem isso. Sendo já muito edoso, não precisaria de ser propheta para saber que minha

vida não pode durar muito. O que declarei foi que sei como será minha morte. Mas também não ha propheta nessa declaração. Ha a manifestação de um direito. Eu entendo que no inevitavel duello com a morte, deve me caber a escolha das armas.

○ ○ ○

Ha no Japão trez religiões officialmente admittidas — shintoismo, buddhismo e christianismo. Ultimamente, porem, começaram a surgir seitas novas do shintoismo, intitulando-se religiões, embora variem apenas nos ritos e nas promessas de recompensas no outro mundo.

Essa especie de epidemia tomou taes proporções que ultimamente, attendendo a

ordenar á policia que prohiba seu exercicio.

○ ○ ○

DURA LEX...

Miss Hilda Maddocks, uma jovem millionaria residente em Liverpool, accionou o Dr. John Wilson, accusando-o de a ter submettido a uma operação sem seu consentimento.

O medico confirmou o facto mas defendeu-se dizendo que miss Maddocks fôra victima de um accidente e levada a um hospital em estado tão grave que só uma operação immediata permittiria salvar a vida. Por isso não hesitára.

O tribunal também não hesitou. A lei ingleza é clara e expressa. Nenhum cirurgião pode operar, sem permissão do paciente ou de pessoa por elle responsavel.

E o medico foi condemnado a pesada multa. Mas vingou-se accionando miss Maddocks para lhe cobrar o dobro pela operação.

○ ○ ○

O TEMPO — Pensamos muito no futuro mas não vivemos nelle; e ainda menos no presente. Nunca a alma humana foi capaz de se conter no presente; tende sempre para o futuro, cujo mysterio exerce sobre ella irresistivel fascinação, mixto de terror e esperança, de medo e de curiosidade ansiosa.

Mas é o passado o que nos accorrenta e domina, mais do que tudo.

E é principalmente quando já nada espera que o homem mais pensa no passado, chora o passado, revivendo-o com intensidade allucinante e recomendo a cada instante o sonho de viver-o de novo.

A proporção que a vida passa, nossa alma se vai transformando em um conjunto de lamentações. Nada nos consola dos dias de perdemos, que não soubemos

aproveitar. Na primeira parte de nossa existencia, é o futuro que nos impede de viver o presente; na segunda é a saudade ou o rancor do passado o que nos perturba a vida quotidiana. Vivemos olhando para traz, chorando o que foi ou estendendo mãos tremulas para o que poderia ter sido, pensando em cousas extinctas, sem comprehender a inutilidade d'essa tortura. — A. LE BRETLN.

○ ○ ○

O famoso compositor vienense Franz Lehar, visitando recentemente Londres, foi a um restaurant. O gerente, reconhecendo-o, mandou a orchestra tocar trechos da *Viuva Alegre*.

— Muito obrigado — disse Lehar. — E' justo que eu jante ouvindo essa musica por que é ella que me permite ter o que comer.



Desacordo no aspecto, accordo no coração — A rainha Helena e o rei Vittorio Emanuele, da Italia. Ella muito alta; elle muito baixo. Casaram-se em 1896 e constituem até hoje modelo de casal feliz.

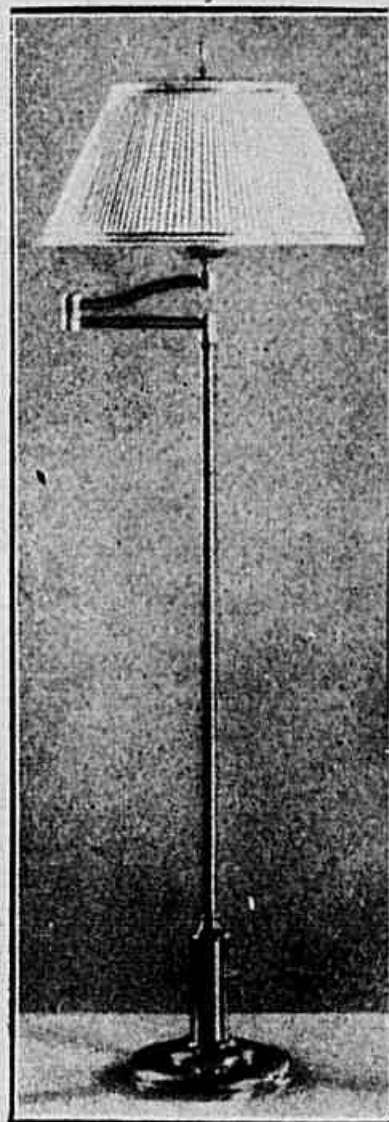


A inspiradora de um grande amor — Mrs. Jana Debtj, viuva com 36 annos, por quem o principe Nicolau da Rumania renunciou a todos seus direitos dynasticos e politicos.

que já se tinham organizado no paiz oitocentas “religiões” os ministros do Interior e da Educação, entraram em accordo para



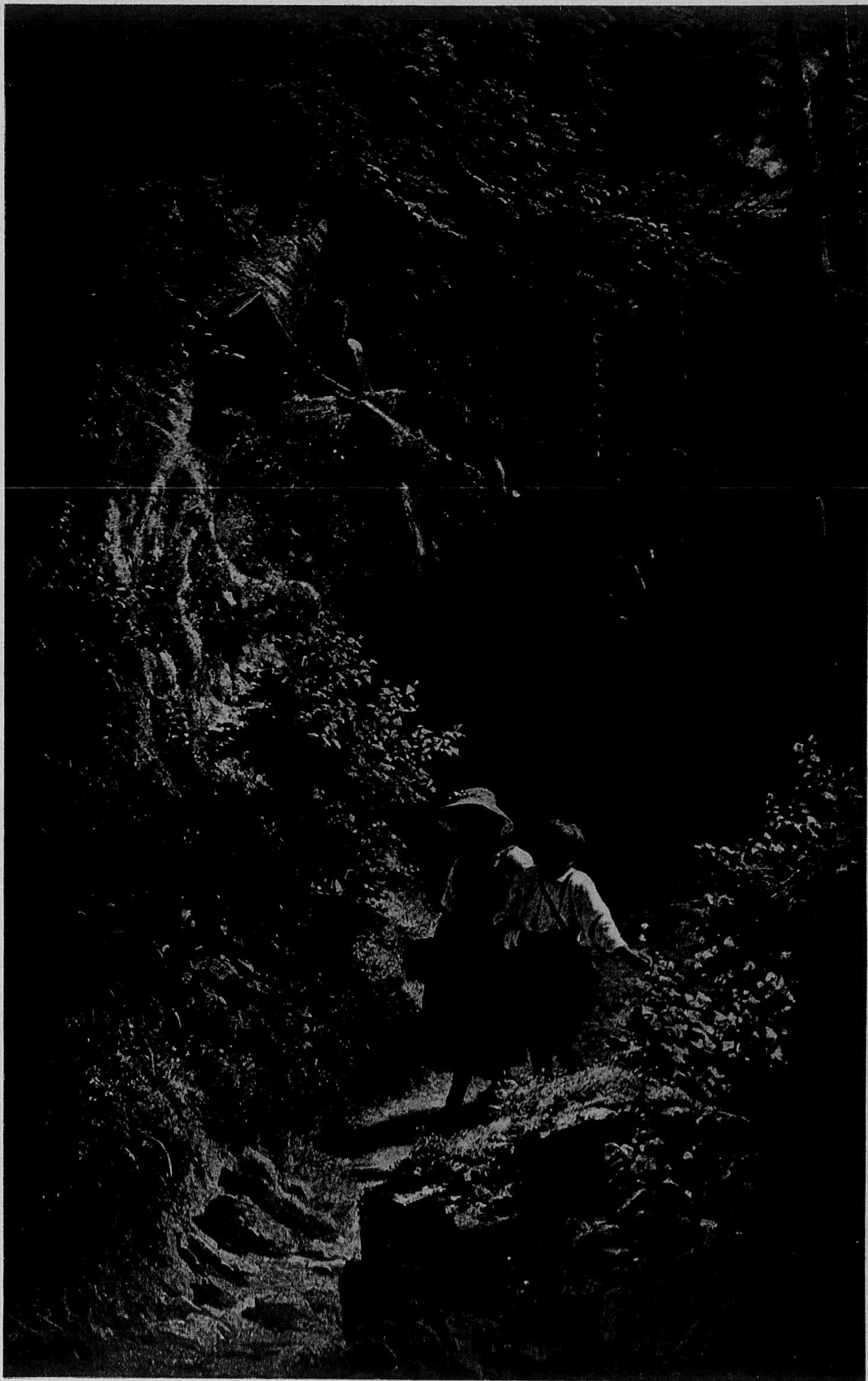
Sol e sombra — Pose de Jeanne Stuart, actriz ingleza.



Nosso lar — Lâmpada com braço distensivel para ler em uma poltrona.



Curiosa expressão do muito sorridente e careteiro presidente Roosevelt.



Caminho na floresta — Quadro de *Carl Spikweg*.



Repouso e refeição durante uma caçada — Quadro de Van Loo — século XVIII.

DURANTE MUITOS SECULOS, NO LONGO E SOMBRIO PERIODO EM QUE O MANEJO DAS ARMAS ERA A UNICA "ARTE" CONSIDERADA DIGNA DE UM FIDALGO, A CAÇADA, SPORT VIRIL, COM RISCOS E FADIGAS SIMILHANTES AOS DA GUERRA, ERA NATURALMENTE O PREFERIDO PELOS NOBRES. OS ANIMAE CAÇADOS ERAM ENTÃO TEMIVEIS, COMO O URSO, O JAVALI, O LOBO, OU TERRIVELMENTE RAPIDOS COMO OS VEADOS, RAPOSAS, FORÇANDO O CAÇADOR A GALGAR RIOS, VALLAS OU

ELEGANCIAS :: CARAS ::



O sumptuoso apparato dos
reis de França como
caçadores

ROCHEDOS. DEPOIS, COM O CORRER DOS SECULOS, OS COSTUMES SUAVISARAM-SE UM POUCO E AS CAÇADAS PASSARAM A SER MANIFESTAÇÕES DE LUXO E ELEGANCIA EM QUE A É AS DAMAS FORAM ADMITIDAS PARA EXIBIÇÕES DE CAVALLO DE RAÇA, CARRUAGENS DE LUXO, JAEZES E TOILETTES BRILHANTES. E' NESSAS CAÇADAS CARACTERISTICAMENTE EUROPEAS JAMAIS CONHECIDAS PELO NOVO MUNDO

QUE VAMOS FALLAR AQUI

A necessidade de actividade physica, o impeto de bravura natural, a tentação do perigo encontraram sempre o melhor dos empregos nas caçadas.

A principio, ignorando ainda a possibilidade de fazer criação e cultivar methodicamente a terra para obter com regularidade vegetaes uteis, era sómente pela caça que o homem primitivo podia assegurar a alimentação para si mesmo e para sua tribu. Nemrod foi, com certeza, um dos primeiros chefes de horda humana



As honras do pé — Quadro de Clément Galland. No século XVIII, foi instituido o seguinte costume: Finda a caçada reunia-se o luzido grupo de caçadores e o que fôra mais feliz no dia offerecia a uma das damas presentes, em signal de submissão e respeito, o pé direito do animal abatido. Eis o que se chamava "as honras do pé."

per que era o mais habil e bravo na perseguição aos animaes. E foi isso também o que, por muito tempo, obrigou o homem a ser nomade. Habitando-se a temel-o, os animaes fugiam a sua aproximação e elle era forçado a caminhar constantemente, para perseguil-os.

Depois, veio a civilização incipiente; antes da agricultura, que já é uma sciencia, os homens inventaram a criação. Foi o periodo das tribus pastoras de que os Beduinos ainda conservam o typo. Ainda nomades, por



Perseguição de um veado — Quadro de Tavervier.

habito, por tradição, as tribus conduziam diante de si seus rebanhos. Foi o periodo dos reis-pastores. E, embora se houvesse tornado inutil, conservaram, com o nomadismo, o gosto pelas caçadas.

Esse gosto persistiu mesmo depois que a agricultura fixou as tribus nas regiões propicias e sobreveiu o commercio, que creou os mercados e acabou por transformal-os em cidades.

Estavam já bem longe e esquecidos os tempos de incerteza e pavor em que a alimentação dependia do encontro de uma preza e da habilidade, força e engenho para abatel-a. Dias seguidos de marcha penosa e inutil, sem que surgisse um animal para matar e devorar e a tribu conhecia as torturas da fome... Os homens já não conheciam esses transes mas continuavam a ter instinctos combativos, guerreiros e, quando não lutavam uns com os outros, buscavam satisfação para esses impetos na perseguição e massacre dos animaes não domesticaveis.

Na Edade Media, a caçada passou a ser um apanagio da nobreza, como o uso do cavallo e da espada; e os habitos de



Procurando a pista — Quadro de Penne.



utilisar armas de jacto, como arcos e javelinas; tinha que matar a presa a faca. Essa regra — observada ainda pelos caçadores de onça brasileira, em Goyaz — multiplicava as dificuldades. Os cavallos tinham que ser resistentes e velozes; os cães eram cuidadosamente selleccionados para diversos misteres.

Tudo isso creou uma axioma, que Napoleão desmentiu. Dizia-se antes d'elle — *O mau caçador é sempre capitão mediocre*. O grande Corso, o maior capitão de todos os tempos, foi sempre inhabil em caçadas. Ao contrario, Carlos X o mais pacifico dos reis de França, era caçador perito.

Estabelecemos o contraste com dous soberanos francezes porque a França foi por mais tempo o paiz de grandes caça-

O rei Carlos X chegando a um rendez-vous de caça — Quadro de Clermont-Gallerand.



Caçada do leão, na Syria na seculo XVII — Quadro de J. F. de Troy.

das e sempre o que praticou esse *sport* com mais requintada preocupação de fausto e elegancia. Desde o seculo XIII, os pequenos Estados em que a França então se dividia rivalizaram em tornar esse sport cortez, refinado e cavalheiresco. Desde então, foi estabelecida a regra essencial—Nunca dous animaes ao mesmo tempo. Só isso exigia um preparo admiravel dos cães, para que soubessem distinguir o rastro de uma preza,



Caçada do touro selvagem na Suissa no seculo XVII — Quadro de Perrocl.

entre os de varias outras da mesma especie. Mas a significação da exigencia era nobre, fazia d'esse sport uma arte. O que interessava não era a preza, era a habilidade no caçar.

Todos os reis de França foram apaixonadamente caçadores. Até Luiz IX, o piedoso o santo, o justo, prisioneiro em Damietta, durante a 7.ª Cruzada, teve a preocupação de adquirir alli, para levar á França uma



Uma caçada em Mendon, em 1818 — Quadro de Carlos Vernet.

matilha da cães da Syria, esses cães cinzentos, cuja raça foi, até a Revolução de 1789 o orgulho dos canis dos reis francezes.

Philippe, o Bello, morreu em um accidente de caça.

Carlos VI caçava até dormindo. Uma noite sonhou que um cervo alado o levava pelos ares para perseguir um falcão e, desde então, timbrou suas armas com esses animaes. Luiz XI, cuja sovínice era universalmente conhecida só para suas equipagens de caça era prodigo e magnifico. Mandou vir uma renna da Dinamarca e um elan da Suecia, gastando nessa importação 9.000 florins—quantia enorme, na epocha.

Francisco I, o mais galanteador dos reis levou ao apogeu o luxo e elegancia das suas caçadas e foi o primeiro a admittir nellas mulheres.

Rabelais e Brantome ironisam um pouco esses habitos novos mas reconhecem que as damas rivalisam não só em fausto como em bravura com os homens.

Catharina de Medicis, Maria de Bourbon, Diana de França e Maria Stuart, a esposa de Francisco II, foram intrepidas caçadoras.

24 Para poder tomar parte activa nessas proezas Catharinas de Medicis inventou a sella moderna para senhoras — com uma especie de granchio, onde a amazona passa a curva do joelho direito, podendo assim ficar de frente para a cabeça da montaria. Até então, as mulheres só andavam a cavallo com as sellas chamadas de almofada, nas quaes se sentavam de lado.

As equipagens de caça de Francisco I custavam-lhe 100.000 escudos por anno. Seu filho Henrique II, o marido de Catharina de Medicis, despendeu ainda mais. Francisco II, tuberculoso, apressou seu fim prematuro pelo abuso das forças em caçadas; seu irmão Carlos IX, o homem da matança de S. Bartholomeu, expoz cem vezes a vida em caçadas, escreveu um tratado sobre essa "nobre arte" e, para matal-o, seus inimigos puzeram um veneno subtil entre as paginas de um livro sobre esse assumpto, por que outro não o interessaria.

Henri IV, mais guerreiro do que caçador, utilisou sua matilha para surprehender as emboscadas do inimigo e isso lhe valeu a victoria, no assedio de Laon. Seu filho, Luiz XIII, caçava com mais medo do que fulger mas com esse gosto pelo conforto creou uma cidade esplendida. De facto, foi a construcção de um pavilhão para seu repouso durante suas caçadas que surgiu o soberbo palacio de Versailles e a cidade, que hoje o circunda.

Mas foi com o sumptuoso Luiz XVI que a caçada se tornou, em França, uma instituição. Eximio atirador, elle preferia a caçada a tiro de mosquete; mas respeitava a tradição e caçou até a extrema velhice. Realizou sua ulti-



Reunindo os cães, apoz a caçada — Quadro de Casanova. (Seculo XVIII).

encontraram-se notas sobre caçadas e seu resultado. Na pagina correspondente a 14 de Julho de 1789 escreveu: "Nada a assignalar". 14 de Julho de 1789, a tomada das Bastilha, a queda da realeza, o inicio da maior revolução em França. Nada a assignalar!

Como já dissemos, Napoleão I desdenhava essas diversões. Napoleão III, seu sobrinho, resuscitou as caçadas apparatusas mas apenas para manter a tradição. Sem entusiasmo nem mesmo gosto, por esse exercicio.

Em nosso tempo, já não ha fortunas, que permittam semelhante luxo. Alguns fidalgos inglezes mantêm as caçadas de rapoza, que são principalmente corridas de cavallo; em França as caçadas á moda antiga desapareceram com a velha duqueza de Uzès, que mantinha a ultima matilha para caçadas comparavel, em ponto pequeno, muito pequeno, ás do seculo XVIII.

Em nossa epocha, utilitaria, tumultuosa e apressada não ha mais tempo nem lugar, nem dinheiro para essas cousas.

○ ○ ○

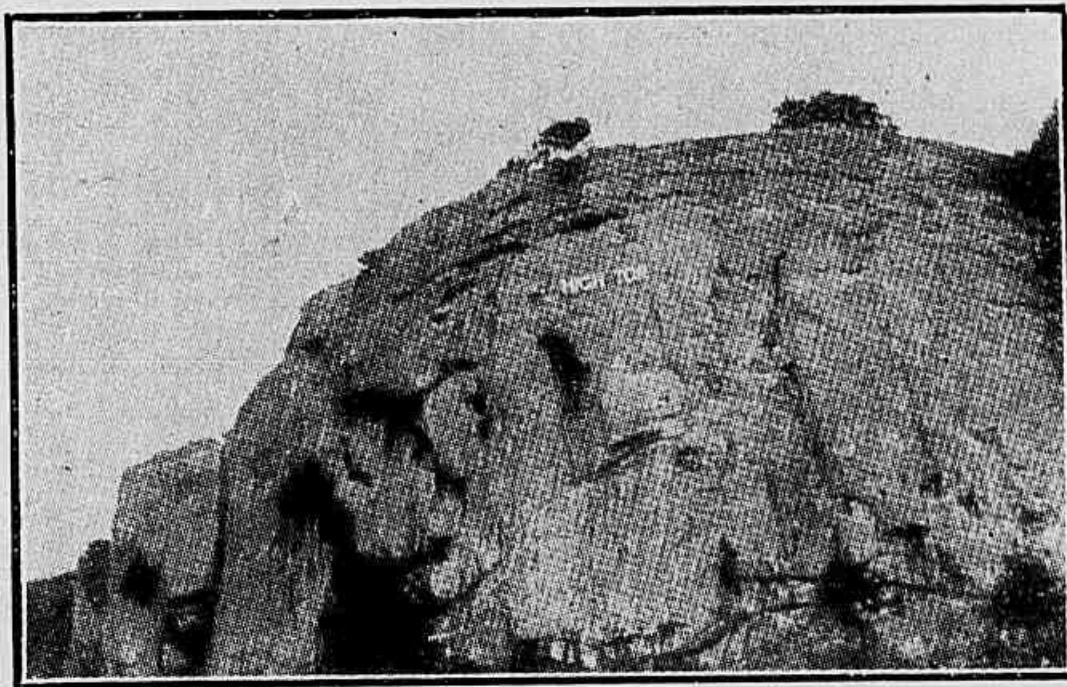
Oh, a infancia! — Infancia! Infancia! Todos suspiram... e com razão porque, quando passa, não volta mais!

A esse proposito vamos citar uma phrase encantadora e profunda de George Bernard Shaw, o enfant terrible da Europa.

Uma senhora exclamou, diante d'elle:

— Quão bella e maravilhosa é a infancia, meu caro mestre! O humorista incorrigivel respondeu, muito serio:

— E' verdade! E' a mais bella das cousas. Chega a ser um crime dal-a ás creanças, que não sabem apreciar-a.

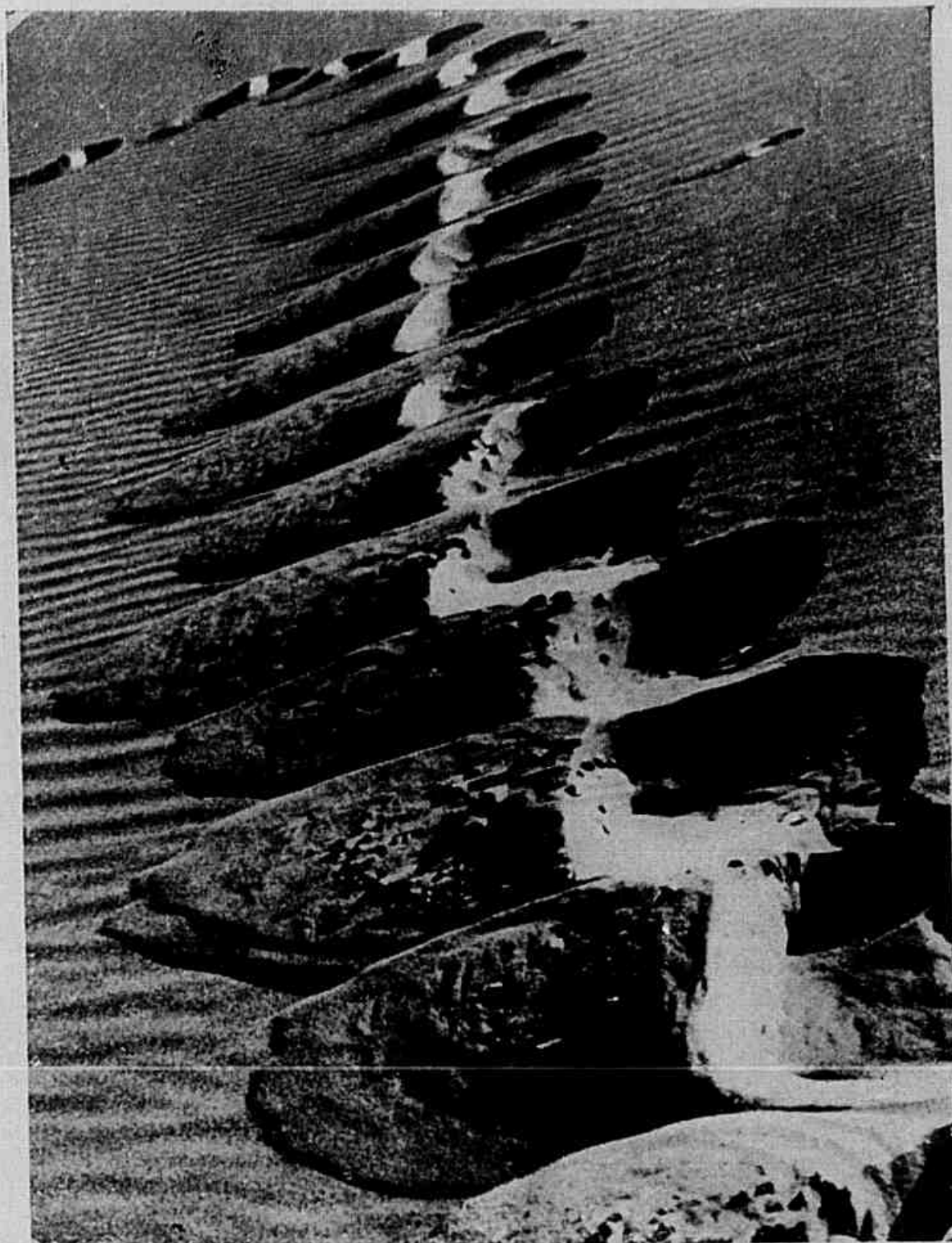
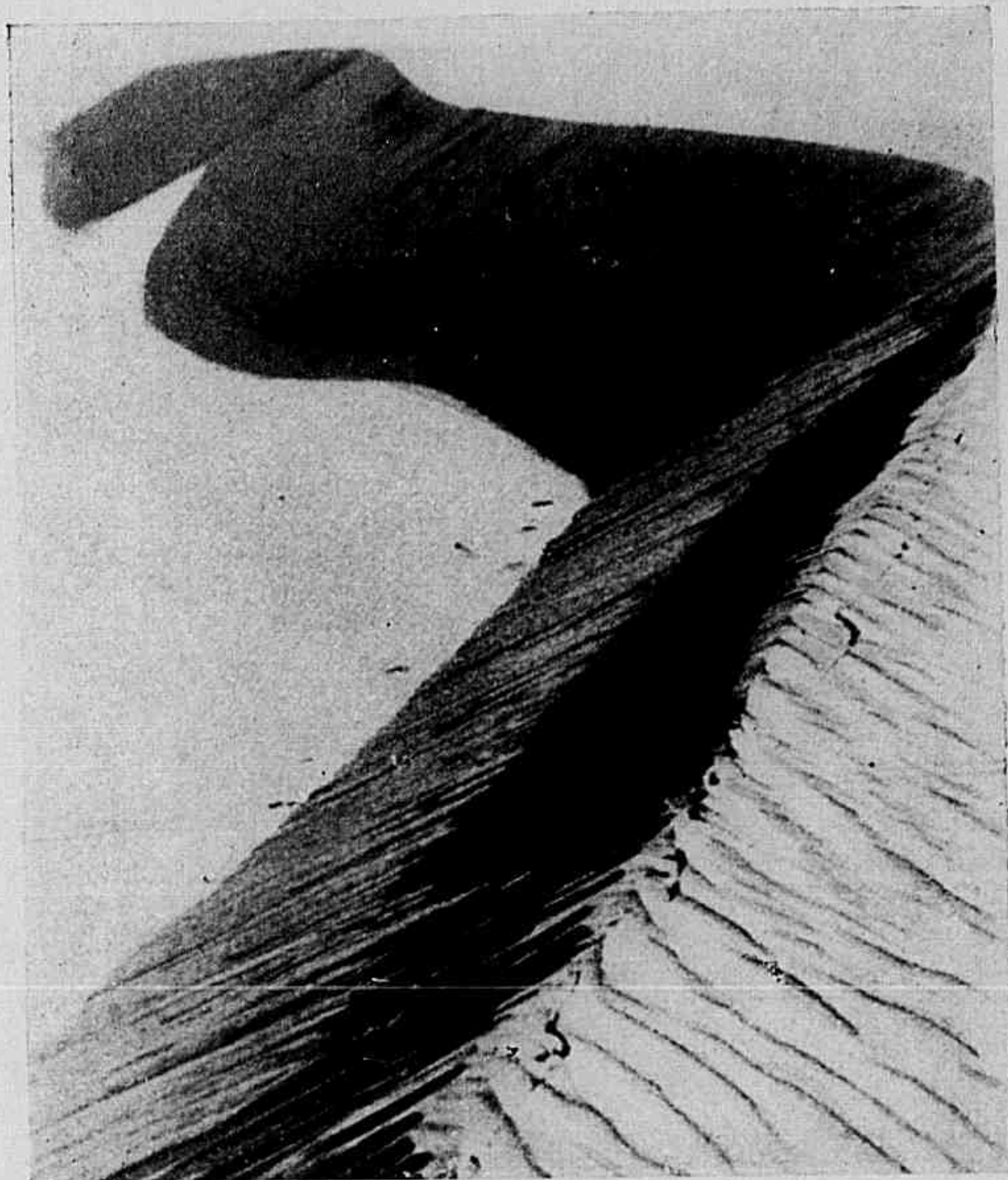


Provocou enorme indignação em todo o paiz... — Assim começa uma nota publicada pelo Sphere, de Londres, sob a photographia, que aqui reproduzimos. Comtudo será preciso que o leitor tenha muito boa vista para distinguir, a meia altura, nessa montanha, duas palavras em letras de metal, High Tor. E' o nome da montanha situada nos arredores de Matloch, no Derbyshire. Letras relativamente minuscules, mandadas por alli pela municipalidade de Matloch para identificar o logar aos olhos do turista. Pois bem, como diz o Sphere, isso suscitou grande indignação por que, na Inglaterra, considera-se um crime perturbar a harmonia natural de qualquer paisagem.

Aqui, cobrem-se morros inteiros com cartazes. E a cidade continua a se julgar maravilhosa.

FANTAZIAS DA NATUREZA

Formas fantásticas creadas pelo vento, na areia



Em todos os lugares onde ha grandes extensões de areia, no Sahara, nos desertos do Egypto, da Arabia, da Syria, do Gobi e do Arizona, como nas dunas da Inglaterra, o vento traça arabescos ou sulcos, que dão a impressão de ondas, rendilhados ou mosaicos; mas em nenhum outro ponto do mundo esse phenomeno attinge proporções comparaveis ao do que se observa nas dunas de Kuriche Nerung, na borda do mar Balltico, na Prussia Oriental. Ahi, os grãos de areia têm volume e peso tão variado que o vento produz nelles formas prodigiosas.

O que vemos acima é uma duna de Kuriche, que tem o aspecto da espinha dorsal de um monstro ante-diluviano.

Aqui vemos uma encosta de areia de onde se separaram, arrastadas pelo peso, varias porções, com tal regularidade que deixaram falhas semelhantes a pegadas de um gigante.



Nesta encosta mais ampla, os sulcos abertos pelo vento desenharam na areia immensos crocodilos.

do rei George VI. Muitas já tem sido consignadas pelos jornaes mas ha ainda uma não divulgada.

A estrada de ferro Londres-Glasgow commemorou o acontecimento inaugurando um novo trem azul com o nome de *Coronation Scot* (Escossez da Coroação) Com esse trem, cujos wagons são pintados de anil e prata, foi inaugurada tambem uma locomotiva, que desenvolveu velocidade horaria de 182 kilometros — isso é, mais 1 kilometro e 800 metros do que o ultimo record britânico, estabelecido ha dous annos, por outro trem comemorativo da mesma linha — o *Silver Jubilee* (Jubileu



Uma ostra titanica? Não. Marcas deixadas em uma duna pelo aprofundamento de grãos de areia mais pesados.

O já conhecido lealismo inglez encontrou mil formas para se manifestar, durante as festas da coroação

de Prata) e apenas 8 kilometros menos do que o record mundial, estabelecido, ha poucos mezes, pela Allemanha.

◉ ◉ ◉ ◉

Mais uma prova de que nada ha novo neste mundo.

Muita gente acredita que a moda de pintar as unhas de varias cores é uma invenção de nosso fantazista e desordenado tempo. Engano. Todos os archeologos, egyptologos e orientalistas sabem que, no Egypto dos Ptolomeus e na China dos Mings, essa faceirice já existia e, mais proximo de nós, na Europa da Edade Media, esse uso trazido do Oriente pelos Cruzados foi adoptado por todas as fidalgas e só desappareceu, com o puritanismo da Reforma.

Ainda assim, a abstenção não foi geral. Na aristocracia ingleza o uso persistiu até 1840 e só desappareceu, em consequencia da franca e absoluta aversão da rainha Victoria.

O mar contra a hydrophobia

Data apenas de trez quartos de seculo o costume de tomar banhos de mar, sem ordem medica. Antes d'isso, o banho de mar era considerado util apenas aos doentes do figado e aos atacados por hydrophobia.

Serve de comprovante para o que dizemos uma carta de Mme. de Sevigné, que escrevia, em 1671:

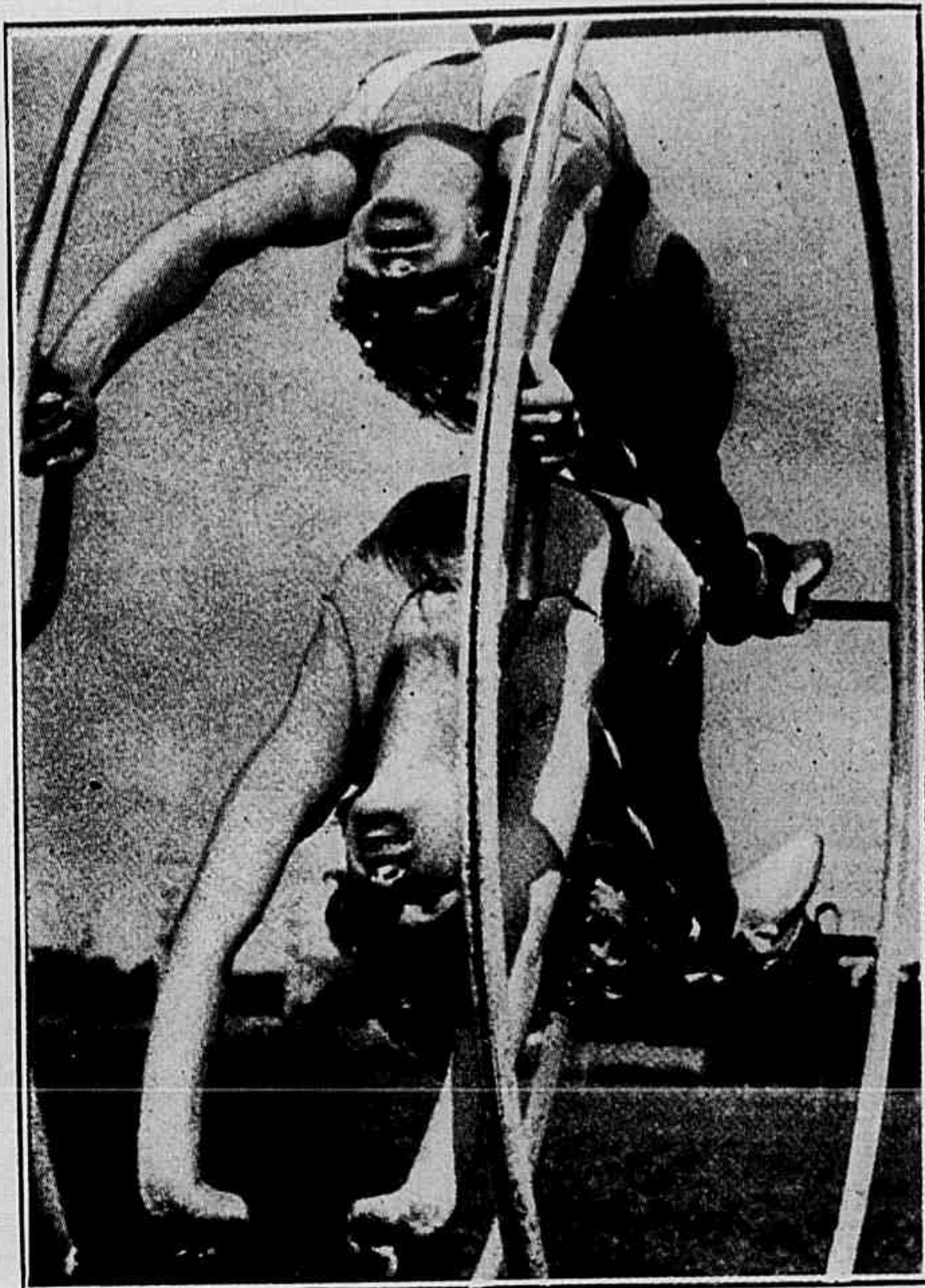
"Ha oito ou dez dias, Mmes. de Ludre e de Coetlogen foram mordidas por uma cadelinha hydrophoba; sómente hoje, porem, puderam partir, afim de se lançarem trez vezes no mar."

Sobre esse assumpto, um medico da mesma epocha dizia: "A unica cousa a tentar é levar a pessoa mordida até o mar, erguendo-a, alternativamente, para que não se asphixie, mas forçando-a a beber agua, mesmo contra vontade.

Tambem a loucura era tratada com banhos de mar, especialmente em Dieppe.



Aspectos dos campos de cultura physica feminina em Berlim.



26

Demonstração

Quem poderia suspeitar de que existe uma estreita relação de causa e efeito entre o consumo do sabão e a mortalidade de um paiz? Um jornalista hollandez affirma, entretanto, com o apoio seguro de estatisticas, que essa é a inteira verdade.

Assim é que, em 1907, a população da Inglaterra consumia 36.000 toneladas de sabão e a mortalidade se elevava de 14 por mil, ao passo que, em 1936, tendo o consumo se elevado a 50.000 toneladas, a mortalidad

desceu para 12 por mil.

Outros exemplos. No ultimo anno, o numero de grammas de sabão de toilette, utilizado por habitante foi, na Dinamarca, de 682; na Allemanha, de 640; na Inglaterra, de 549; na Italia, de 458; e na França, de 368.

Ora, a mortalidade por mil foi, na Dinamarca, de 10,8; na Allemanha, de 11,1; na Inglaterra, de 12; na Italia, de 14; e na França, de 15,6.

Ahi está a demonstração — de resto desnecessaria — de que os cuidados hygienicos figuram em bom logar entre as condições indispensaveis á longevidade.



Alegria de estudantes — Alumnos de uma escola ingleza, partindo para as ferias. O unico que não parece satisfeito é o cavallo, obrigado a transportar tanta mala, tanta gente e tanta gritaria.

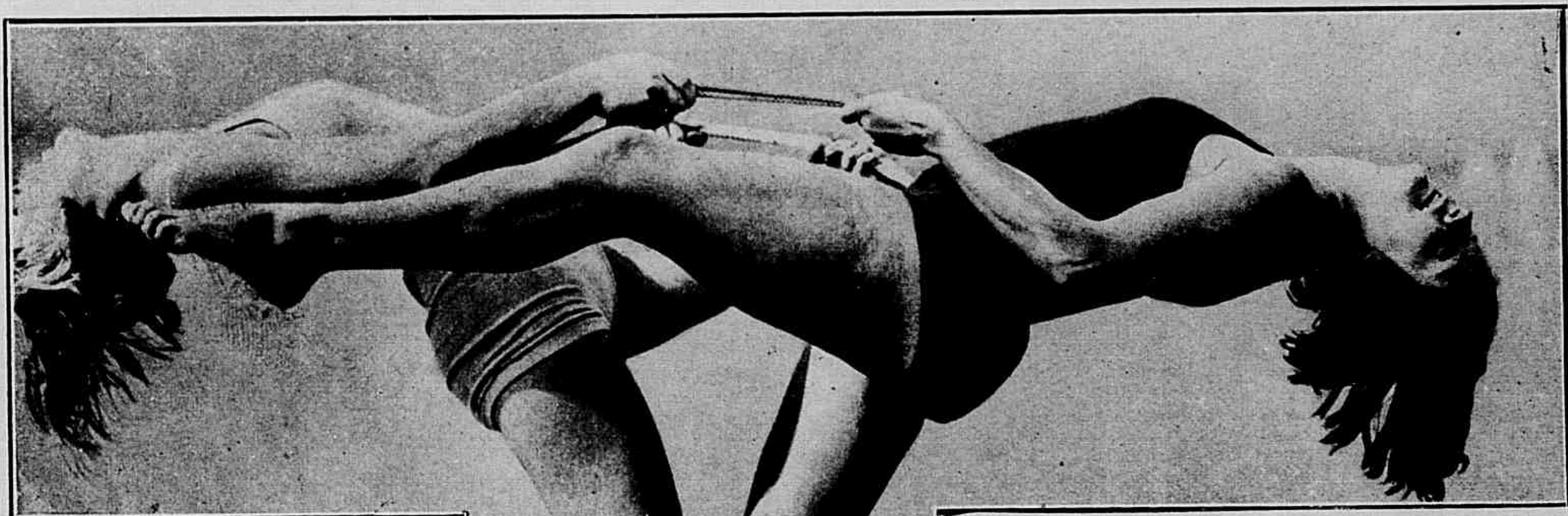
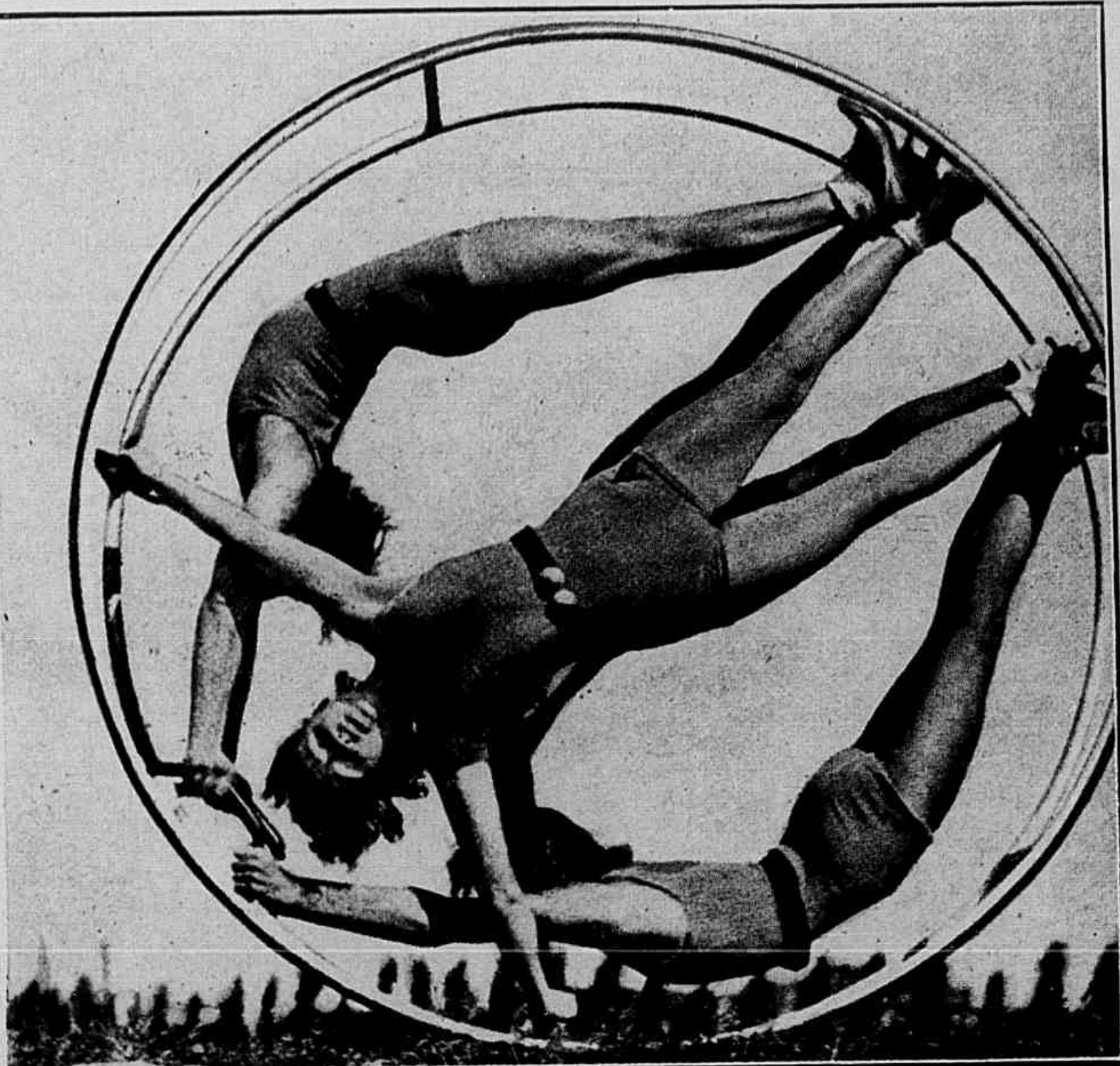


AS CASAS ANTIGAS — O antigo e sombrio castello de Holyrood, onde os soberanos inglezes passaram alguns dias, durante sua ultima viagem á Escossia, foi outrora, a um só tempo, uma abbadia e um palacio. A abbadia, de que só resta uma capella em ruinas, era muito mais antiga.

Conta uma lenda que, em 1128, o rei David I caçava na immensa floresta, que então cercava Edimburg e, tendo cahido de seu cavallo, que se encabritára, foi atacado por um veado.

E teria morrido se uma mão mysteriosa não tivesse apparecido e delido o animal, apresentando-lhe

A cultura olympica em nosso tempo



uma cruz de fogo. Em signal de gratidão, o rei mandou erigir, naquelle logar, uma abbadia, a que deu o nome de Holyrood (Santa Cruz).

Essa abbadia foi varias vezes incendiada pelos Inglezes e a comunidade se dispersou na epocha da Reforma.

O palacio, construido em 1501, foi, durante muito tempo, residencia dos reis da Escossia.

Tambem incendiado pelos Inglezes, foi reconstruido e nunca deixou de estar intimamente ligado á historia da Escossia.

◊ ◊ ◊ ◊

OBRAS DE STA. ENGRACIA — A maneira de dizer vem de longe e recorda a demora, que teve a construcção de certa egreja.

De resto, é sabido que construcção de egreja é sempre muito demorada. Mas, no genero, o record cabe, sem duvida, á egreja de S. Nicoláu de Chardonnet, que só agora foi inaugurada em Paris.

Sua construcção começou em 1656, ha trez seculos! Bem se diz que uma das virtudes cardeaes da Egreja é a

paciencia. Edificada, a principio, no meio de casas particulares, a egreja só pouco a pouco se foi libertando, comprando o terreno circundante e, durante esses trez seculos, prosseguiu nessa tarefa... que só agora terminou.

◊ ◊ ◊

BELLEZAS DA FRENTE POPULAR EM FRANÇA — Em consequencia dos serviços da Exposição Universal... e tambem das desordens sociaes, a França foi obrigada, agora, a augmentar consideravelmente o effectivo da Policia de Paris. Aconteceu então o seguinte. Foram vistos, em varios logares, policiaes fazendo o serviço, armados com casse-têles e sabres mas a paizana.

Por que? Por falta de fardamento e as officinas fornecedoras justificaram essa falla com as seguintes regras:

1.ª — greve dos fabricantes de botões; 2.ª — greve dos fabricantes de tecidos; 3.ª — Reducção das horas de trabalho; 4.ª — Alteração na organização do trabalho, que passou a ser pago por hora e não por peça.

Só essa alteração fez a producção baixar 40 %.

◊ ◊ ◊

O ideal para uma vida feliz seria ganhar sabedoria sem perder as illusões. — JOUBERT.

DESDE Orpheu até o mais modernos regentes de *jazz-bands*, o ideal de todos os musicos foi sempre crear sons novos, harmonias desconhecidas. Mas os recursos humanos não tardaram a se mostrar limitados e os homens tiveram que se contentar com a combinação de sons já conhecidos, variando-os com mais ou menos fantasia.

O ideal que os musicos não attingiram foi subitamente alcançado pelos physicos, homens habitua-

dos ao silencio dos gabinetes e laboratorios. Trata-se do seguinte: — As artes visuaes — especialmente a pintura — se prestam ás mais engenhosa combinações de linhas e cores; mas a musica era inacessivel aos recursos humanos. Misturar o som de harpas ao de violinos, pianos, orgão... ou mesmo *cuicas*, era tudo quanto se podia fazer em musica. Por isso, a palheta sonora das tonalidades e do timbre era muito menos malleavel do que a dos pintores. Isso se tornou evidente, sobretudo quando os inventores se empenharam em copiar a voz humana. Não houve mecanismo por mais complexo, que conseguisse dar ao menos uma ideia do som procurado.

MARAVILHAS DE NOSSO TEMPO A CREAÇÃO DE SONS

EM VEZ DE GARGANTA E CORDAS VOCAES
PINCEL E TINTAS — UM ORGÃO, QUE, EM
VEZ DE TUBOS, TEM CELLULAS PHOTO-
ELECTRICAS — MUSICA VISIVEL.

permite a um ouvinte distinguir se determinado som foi produzido em um pequeno gabinete ou no enorme recinto de uma cathedral.

photo-electrica, desenhos quaesquer, fantazias voluntariamente variadas deviam produzir sons novos.

Alem d'isso, um ponto especial attrahira a atenção dos sonorizadores profissionaes de films — o phenomeno da *reverberação*. A reverberação é uma cousa analoga ao echo, que permite a um ouvinte distinguir se determinado som foi produzido em um pequeno gabinete ou no enorme recinto de uma cathedral. Do ponto de vista da physica, é um echo multiplo e tão subito que o ouvido humano não o pode separar do som principal. Praticamente é uma côr sonora do local. Isso impedia de realizar scenas ao livre com scenario, no pequeno recanto do studio. Pela reverberação do som, o publico sentia que estava sendo illudido.

Foi preciso inventar aparelhos de reverberação artificial para cada ambiente. Até no radio esse recurso foi utilizado. Na *Casa do Radio*, em Londres, ha trinta e duas salas de studios com reverberações diferentes.

Aproveitando os dous inventos, um norte americano e um allemão construíram pequenos orgãos que graças a camaras de reverberação do som dão a im-



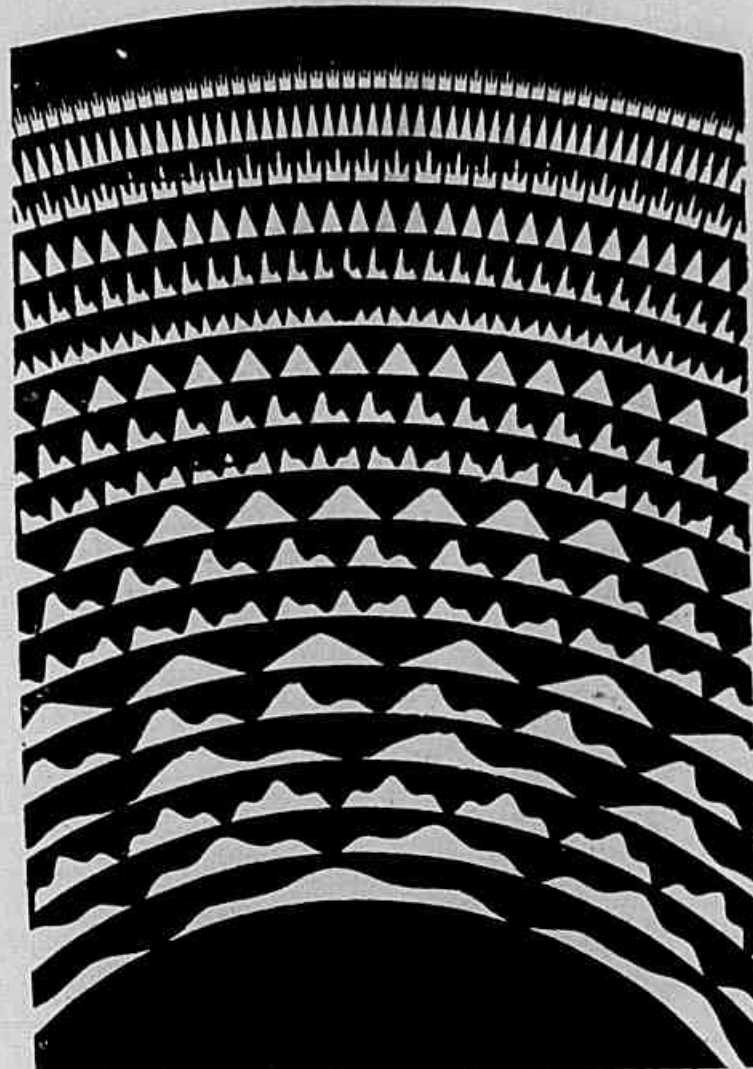
O "orgão de luz" funciona sem tubos, por meio de "olhos electricos" que lêem as pistas sonoras rotativas.

pela combinação dos films comuns com discos também comuns. Mas a synchronisação era difficil, falhava por, vezes, nos melhores momentos. Então, aproveitando a ultima criação da physica — a cellula photo-electrica, que produz sons, segundo os aspectos, que lhe são apresentados, os studios passaram a registrar os sons em uma orla do proprio film, preparada para agir como a massa com que se fazem os discos. Mas o film é transparente e, por isso permittiu *vêr*, que os sons são registrados mediante linhas de forma, espessura e intensidade diversa.

Conquistado esse conhecimentos os studios começaram a dispensar o som para ruídos, que são sempre os mesmos, como latidos de um cão, ventania, tiros, queda de um corpo, soccos, ondas, chuva. Quando precisavam d'este ultimo ruido não esperavam que chovesse; copiavam na orla do film os desenhos registrados anteriormente, durante uma chuva de verdade.

Mas os physicos, vendo assim aproveitada a cellula photo-electrica, utilisaram, por sua vez, a ideia dos cinematographistas para uma nova e mais audaciosa criação.

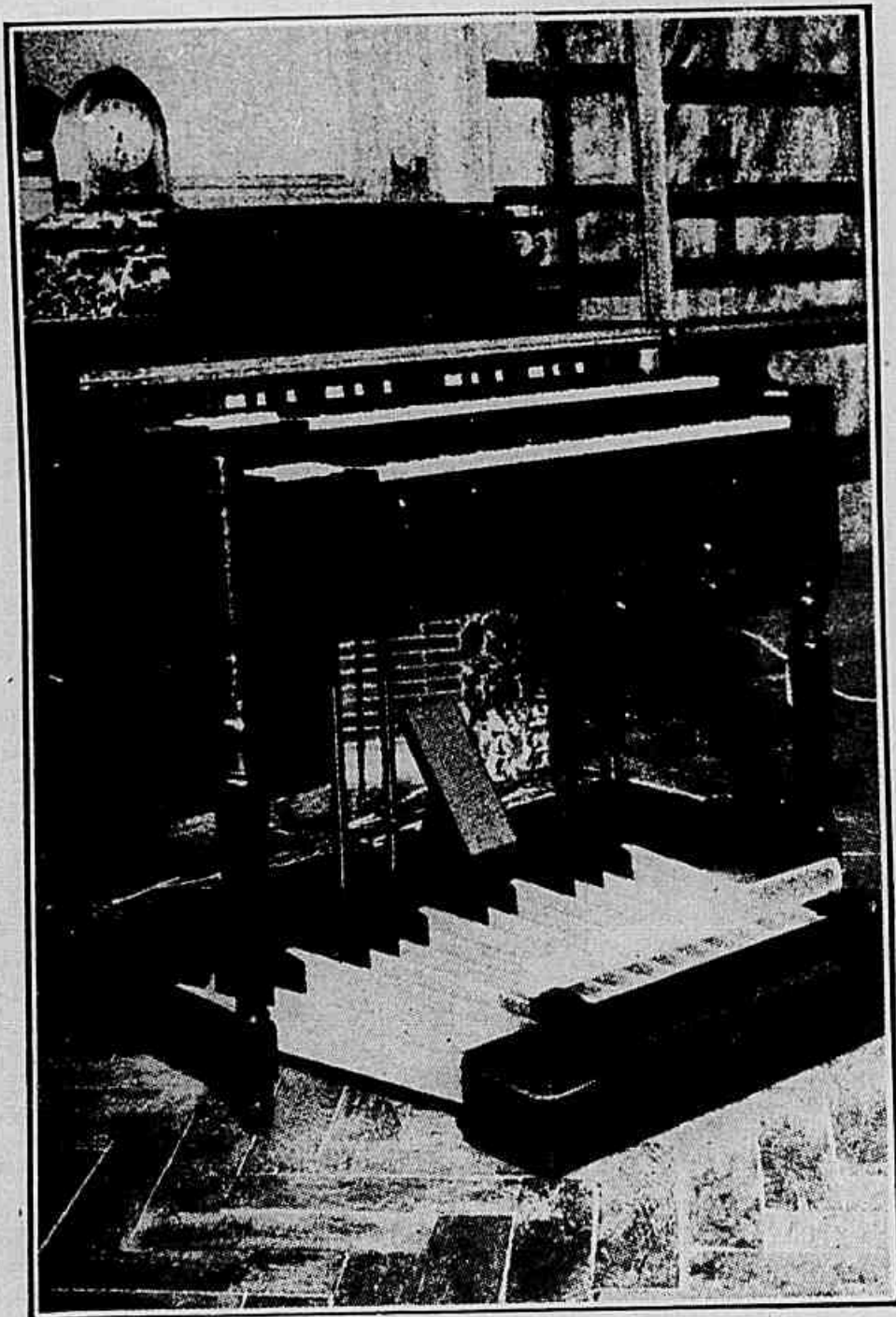
Posto que os sons conhecidos se gravavam em films mediante desenhos variados e se reproduziam fielmente desde que esses film eram expostos a uma cellula



Auroras boreas? Protuberancias sonoras? Não. Um fragmento das pistas sonoras rotativas.

pressão de sons tão amplos como os de um grande orgão em um grande recinto e graças a desenhos originaes e cellulas photo-electricas, produzem harmonias absolutamente novas, *inauditas*, em toda a expressão do termo.

O norte americano, do Sr. Hammond, utiliza pequenas rodas dentadas com 2, 4, 8 e até 192 dentes magneticos, que, expostos a uma corrente electrica, produzem sons incomparaveis. O allemão, do Sr. Vette, emprega a cellula photo-electrica, vibrando ao aspecto de tiras ou discos, com desenhos como os que mostramos em uma de nossas gravuras.



Este pequeno orgão, com rodas dentadas electricas, em vez de tubos, reproduz em qualquer salão minúsculo de apartamento os registros magestosos dos grandes orgãos.

E phonographo? E o cinema fallado? perguntarão os leitores. Esses não poduzem, reproduzem os sons, que conservaram. E' uma maravilha, um milagre muito apreciavel, mas não é criação de som.

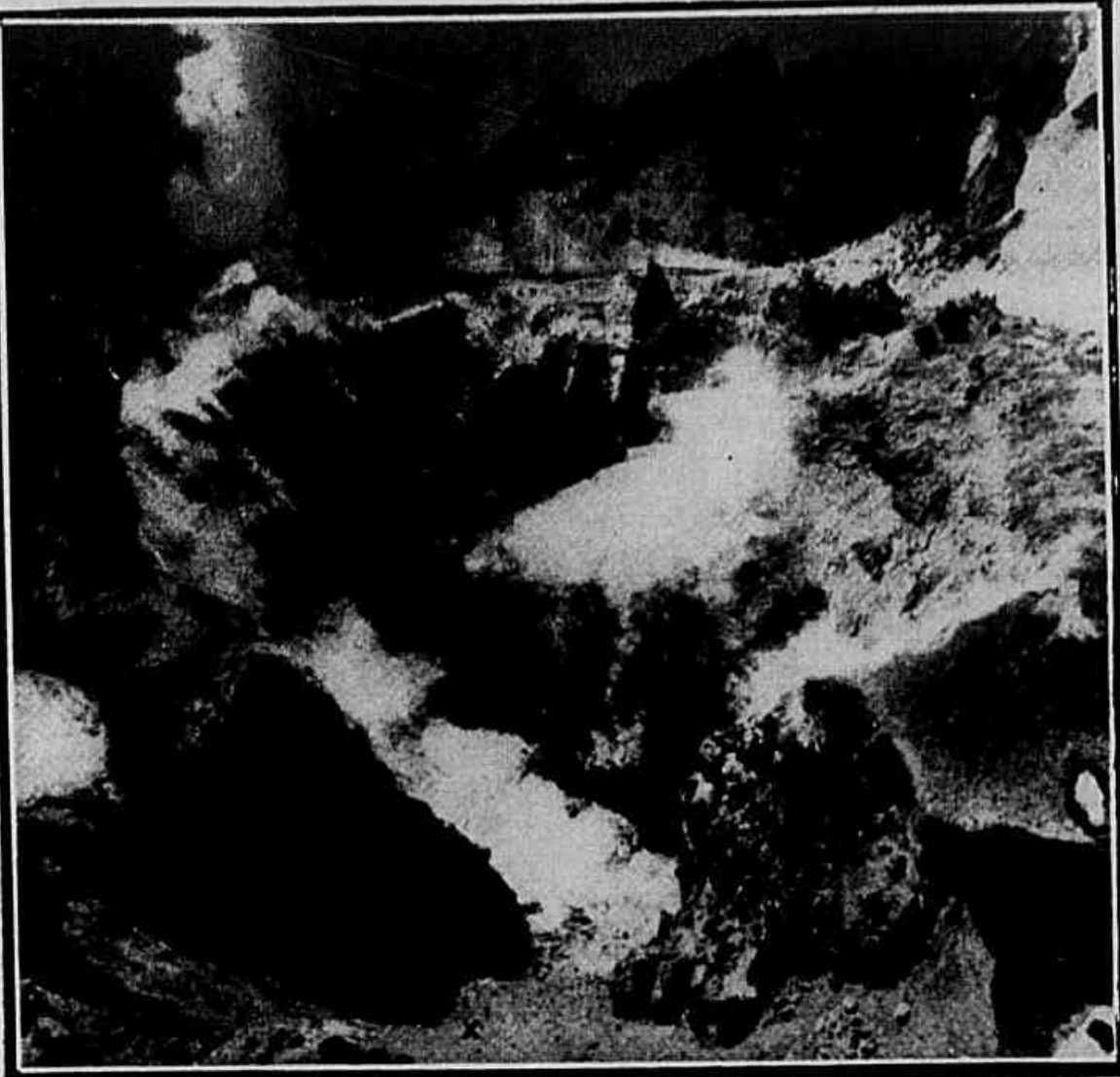
Comtudo foi o cinema fallado quem trouxe inesperadamente a solução.

Os primeiros films fallados foram feitos

A MAIS OUSA- DA DAS EXPE- DIÇÕES

Quatro sabios des-
cem sessenta me-
tros na cratera de
um vulcão em acti-
vidade

Foi em Setem-
bro ultimo, no Me-
xico. Uma com-
missão de sabios
da Legion Alpina,
do Mexico desceu
pela cratera do
Popocatepetl, que
fumega e ribomba
sem cessar, até
uma especie de
plataforma situa-
da sessenta metros
abaixo da bocca
do vulcão.



O aspecto do interior do vulcão, photographado pelos sabios, do
ponto, que attingiram descendo por sua cratera.

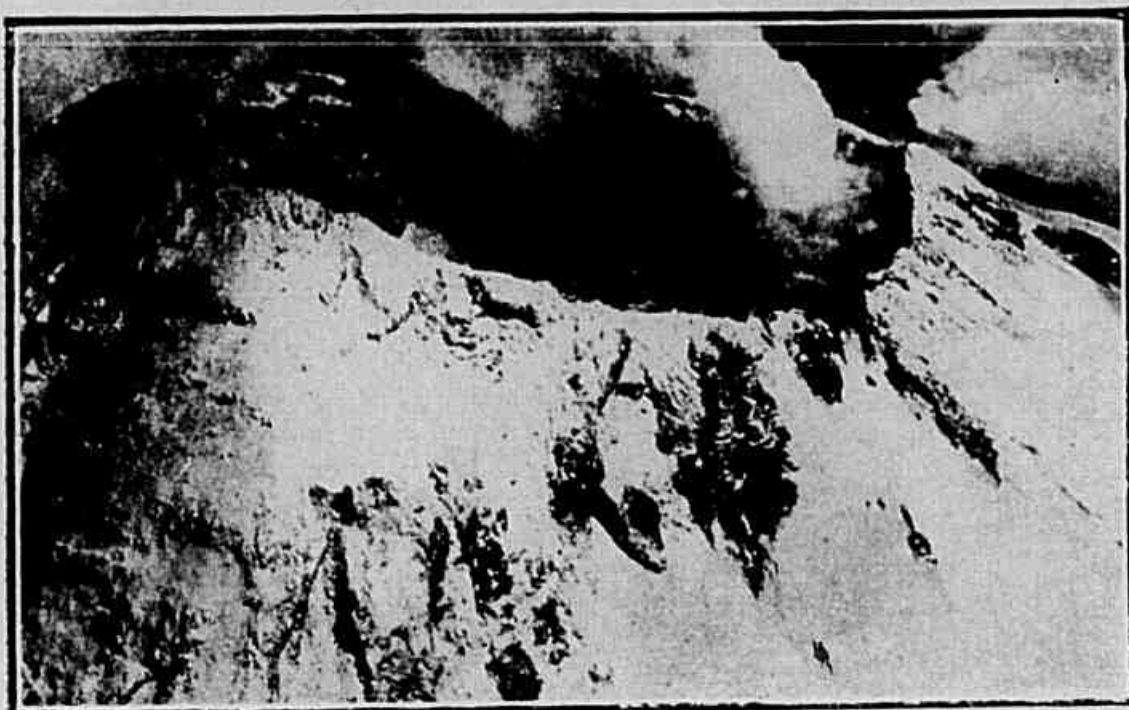
mente, todos os re-
cords.

No stadio de Co-
lombes, em França,
cobriu 100 metros
em 10"-1/5.

Qual poderia ser
a velocidade horaria
de Ben Johnson, se
pudesse conservar
essa velocidade ini-
cial?

Percorreu 9 me-
tros e 80 centímetros por segundo; portanto, atingiria uma
velocidade horaria de 35 km. 280 metros. Para uma "ma-
china humana" é prodigioso; é a media permittida a um
automovel na zona urbana.

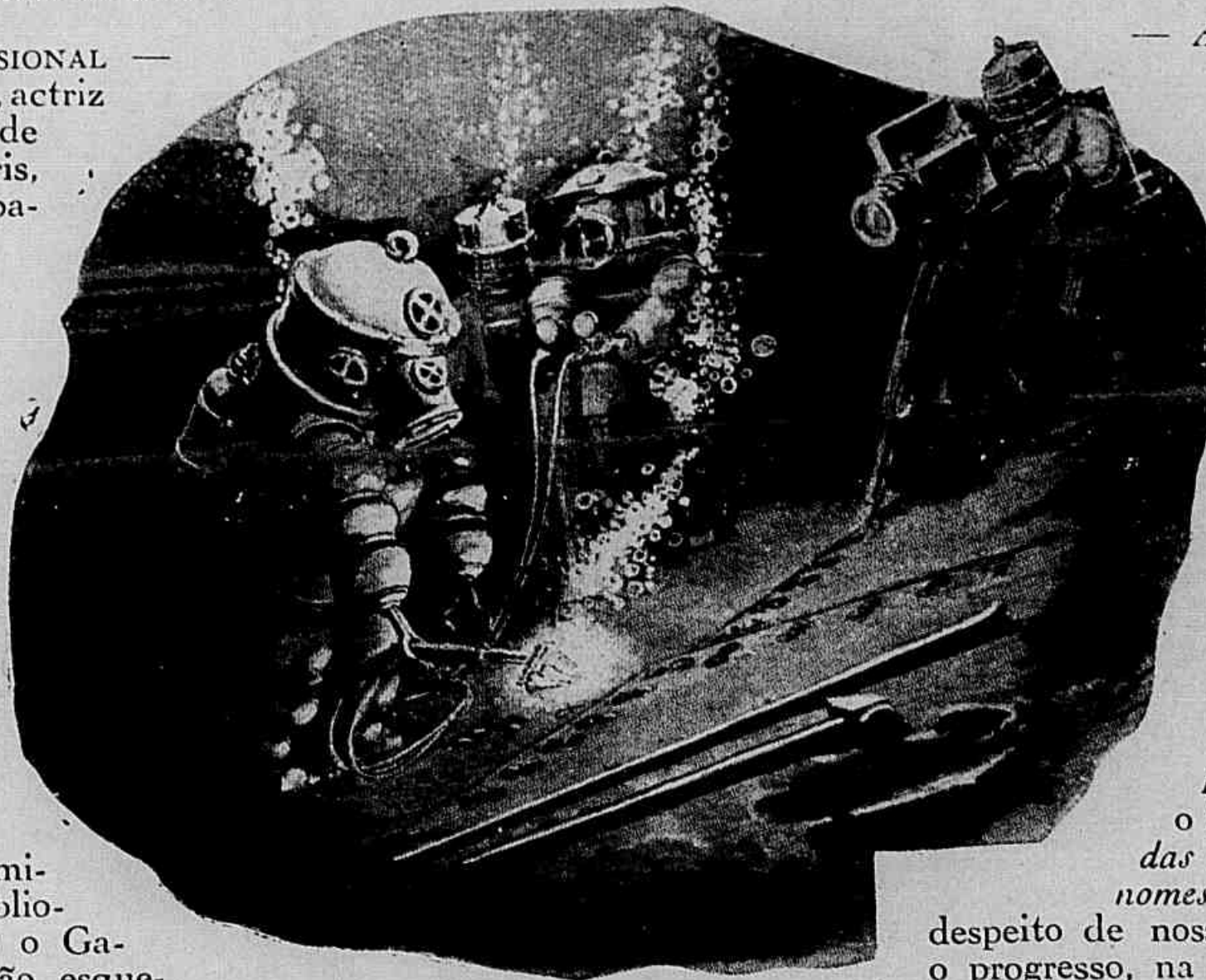
A escada de correntes e barras de metal utili-
sada para a descida á cratera.



Aspecto exterior da cratera.

CONSCIENCIA PROFISSIONAL —
Mlle. Fanny Helly, actriz
franceza, que acaba de
crear, na Opera de Paris,
com brilho invulgar, o pa-
pel do duque de Reichs-
tadt (filho de Napo-
leão I), na peça *L'Ai-
glon*, fez questão de
absoluta verdade histo-
rica em seu vestuario.

O uniforme, que cin-
giu seu corpo escul-
ptural era rigorosa-
mente exacto! Para
isso, a encantadora-
estrella appellou para
os esclarecimentos do
Sr. Pasquier, o al-
faiate parisiense que
executa os uniformes
do corpo diplomatico.
Com esse especialista emi-
nente, a diva foi á Biblio-
theca Nacional, visitou o Ga-
binete de Estampas, não esque-
ceu o museu Rueil-Malmaison e
só accitou o uniforme depois de
ouvir de technicos autorisados, a
affirmação de que "tudo estava
conforme"!



Um "cameraman", que, como se costu-
ma dizer, não nega fogo nem debaixo
d'agua — Trabalha para um radio-jornal de
Londres e, com um aparelho especial e um
scaphandro possante, desceu a 90 metros de
profundidade para cinematographar o traba-
lho do escaphandistas profissionaes no salva-
mento de um casco de navio naufragado na
quella profundidade.

— As mulheres resistem mui-
to mais ás dores do que
os homens. Posso affir-
mar-o pela longa expe-
riencia que tenho.

— O senhor é me-
dico.

— Não, senhor. Sou
sapateiro.

COUSAS DE PARIS —
A proposito da Ex-
posição Universal,
que alli se realiza, a im-
prensa de Paris tem fei-
to varias reclamações
sobre as dificuldades,
que os *touristes* encon-
tram na Cidade Luz.

Agora reclamam contra
o facto de não haver em to-
das as esquinas placas com os
nomes das ruas. Por que lá, a
despeito de nossas velhas crenças sobre
o progresso, na Europa, lá não ha umas
tantas cousas, que são já antigas aqui,
para commodidade do publico.

"Em compensação — acrescenta um
topico do jornal *Excelsior*, uma das me-
nores vias publicas de Paris, a rua Pa-
latina, sem importancia, correndo de um
lado da igreja de S. Sulpicio, com cem
metros, apenas, de comprimento, tem nas
paredes nada menos de oito placas; quatro na
parede do templo e mais quatro nos trez predios, que
formam o outro lado da rua.

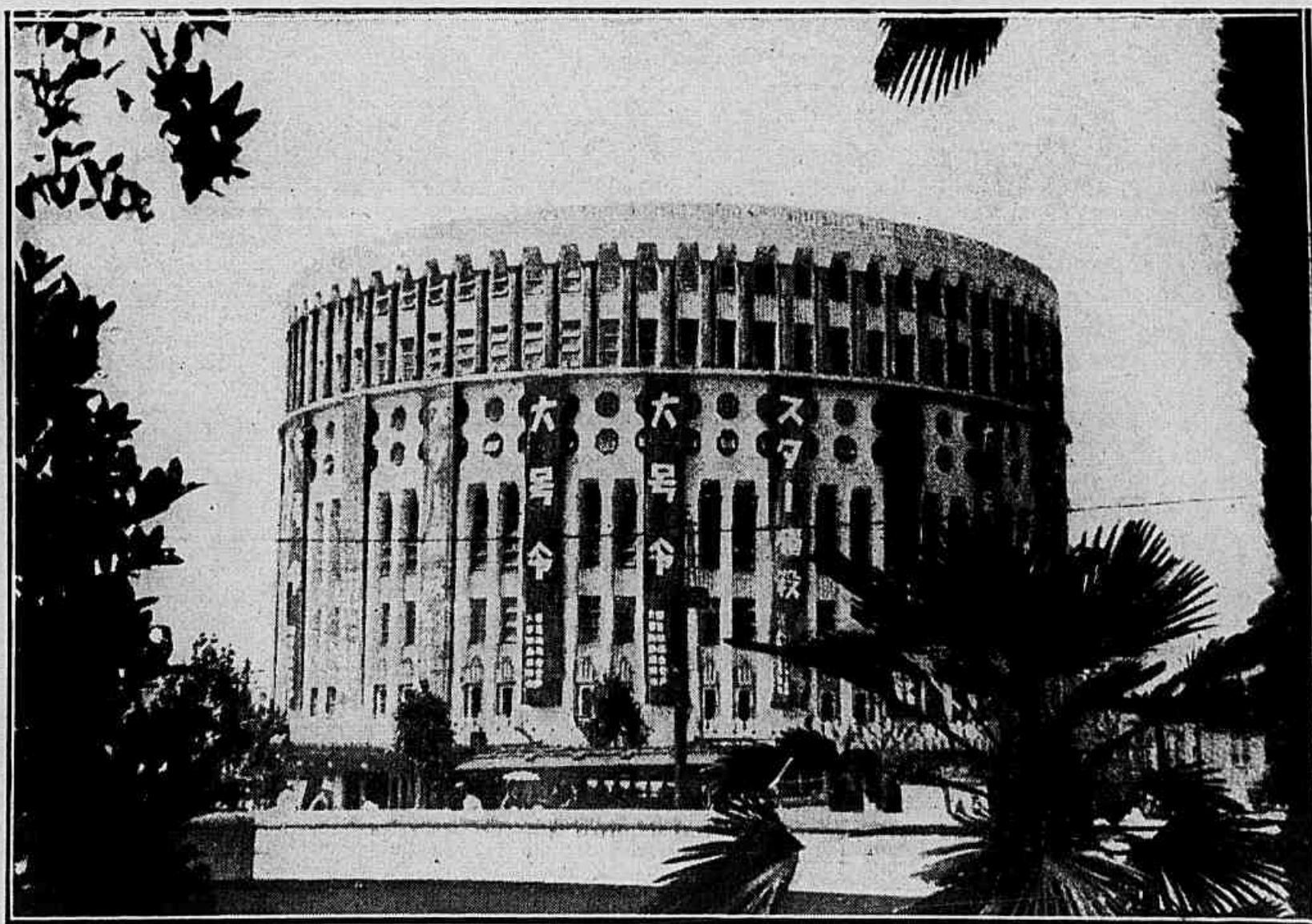
VELOCIDADE HUMANA — O ce-
lebre athleta negro Ben Johnson, de
nacionalidade norte-americana, aproveitou sua ra-
pida passagem por Paris, para derrubar, espectacular-



Família notável — É a do Sr. Onnesime Mane, residente em Huron Country, Canadá. Teve e conseguiu criar nada menos de 10 filhos e 11 filhas.



Sports excentricos — Patinação a vela. Muito apreciado pelos Suecos, que o praticam nas grandes extensões geladas de seus golfos, isoladamente ou a dous, chegando a alcançar velocidade de 60 kilometros por hora.



Architectura moderna no Japão. — O novo Theatro Munnicipal de Tokio.

COMMUNICADOS SOCIAES
— Os jornaes de Paris publicaram, em Setembro ultimo, um "communicado social", cujos termos nos fizeram pensar nos Estados Unidos, que detêm, segundo se affirma, todos os records, em materia de casamento e... divorcio!

A noticia é, realmente, saborosa e apenas pedimos desculpa a nossos leitores, por dar sómente as iniciaes dos protagonistas. Eis o texto:

—Mme. M. L-V., esposa divorciada de Mr. M. P. J—, medico e o Dr. P. J., esposo divorciado de Mme. M. L. V. têm o prazer de communicarseucasamento.

○ ○

POBRES CÃES DA ALLEMANHA!
— O general Goering acaba de elaborar um "plano de quatro annos", para perfazer a autarchia do III Reich.

Como organisador perito, nada deixou esquecido. Nem os homens... nem as cousas... nem os cães!

Exactamente!... Nem os cães! O "braço direito do Fuhrer" — conforme é conhecido o general, considera os cães... indesejaveis porque sua alimentação exige consideravel despeza.

Alguns estatisticos, reunidos com esse proposito, calcularam que, o dinheiro dispendido, annualmente, com a alimentação dos cães, na Allemanha, daria para a compra de um cruzador ligeiro.

E' terrivel o nazismo. Com elle até os cães vão ter uma vida de cachorro.

○ ○

Quai o tempo de duração de um natural "piscar de olho"!

O cinema permittiu medir a duração desse movimento rapidissimo, quasi instantaneo, das palpebras. Ellas não gastam mais de 75 a 91 millesimos de segundo no fechar, permanecessem ligadas 16 centesimos de segundo e voltam a se abrir em 15 centesimos de segundo.

A duração total de um "piscar de olho" é, pois, no maximo, de 40 centesimos de segundo!

○ ○

O SARCASMO é uma corrupção do bom humor. E' como o leite que azedou.

EDIFÍCIOS QUE SÃO COMPÊNDIOS DE HISTÓRIA

A CATHEDRAL DE CANTERBURY

ANTES da invasão da Grã-Bretanha pelos Romanos, havia, no lugar onde hoje se ergue a cidade de Canterbury, uma pequena povoação bretã, que tinha o nome de *Durwhern*.

Os Saxões, expulsando d'alli a população primitiva, passou a chamal-a *Kentwarabyrig* (cidade dos homens do Kent) e estabeleceram alli a capital dos reis anglo-saxões do Kent.

No seculo VI, a rainha Bertha ahi fundou uma pequena igreja christã, sob a invocação de S. Martinho. Pouco depois, no anno 597, chegou alli, vindo de Roma, Sto. Agostinho, com a missão de converter a Inglaterra e foi cordialmente recebido pelo rei Ethelberto, que se fez christão, com dez mil de seus subditos.

Canterbury teve assim o 1.º bispado da Inglaterra. Por isso, em 692, sob o pontificado de S. Theodoro, foi reconhecida a primaz do reino. Essa regalia lhe foi solennemente confirmada em 1170, quando, apoz o assassinato do bispo Thomaz Becket, se converteu em centro da vida religiosa da Inglaterra.

Simples diacono, Thomaz Becket fôra escolhido por Henrique II, o Plantagenet para chancellor do reino e durante oito annos serviu-o zelosamente, mantendo, a despeito de sua situação ecclesiastica, vida faustosa, tal como agradava a seu soberano. Mas em 1162, tendo sido nomeado pelo papa bispo de Canterbury, demittiu-se das funcções de chancellor, allegando que não podia servir dous senho-

res ao mesmo tempo. E passou a ser um defensor energico e resolutos dos direitos da Igreja mesmo contra as prerogativas reaes.

Quando, em 1164, Henrique II, o rei mais autoritario, que a Inglaterra já teve, decretou a Constituição de Clavardon, limitando a jurisdicção ecclesiastica e o direito de excommunhão, Becket protestou e foi por isso declarado felão e obrigado a fugir, refugiando-se na França, onde durante seis annos se dedicou a penitencias, macerações e febris estudos theologicos. Em 1170, tendo o rei Henrique associado á coroa o herdeiro presuntivo, o bispo excommungou todos os prelados, que assistiram a essa cerimonia. Então, a pretexto de entrar em accordo com elle, o rei mandou chamal-o e como Thomaz recusasse levantar a excommunhão, quatro fidalgos invadiram a abbadia e o bispo foi assassinado, diante do altar.

Data d'essa epocha o caracter de logar santo dado á cathedral de Canterbury.

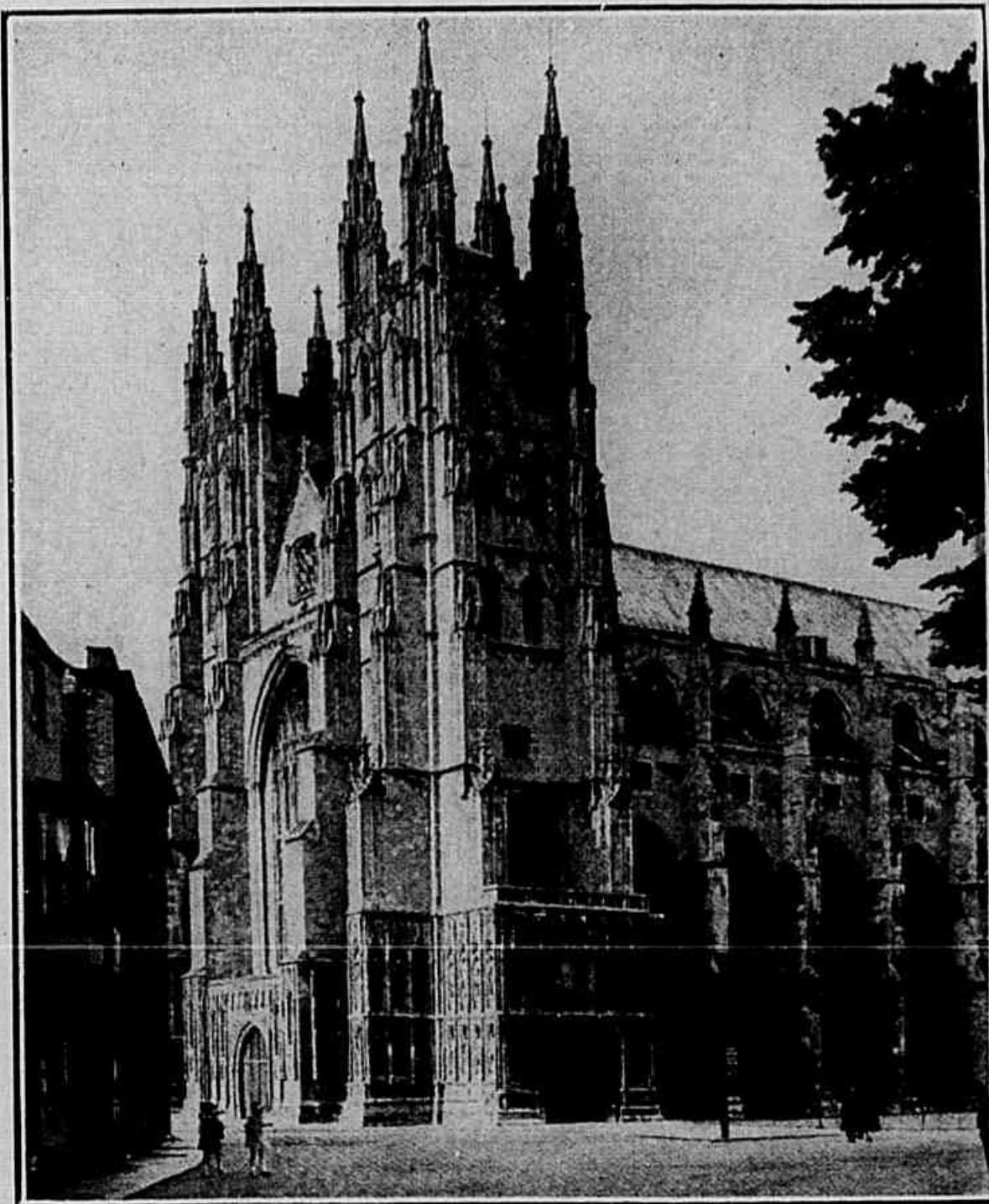
O modesto templo da rainha Bertha é actualmente uma das mais imponentes egrejas da Inglaterra.

Traçada em forma de dupla cruz archi-episcopal tem 159 metros de comprimento sobre 48 de largura nos cruzeiros e 40 nas partes mais estreitas. A parte mais antiga da crypta data de 1170.

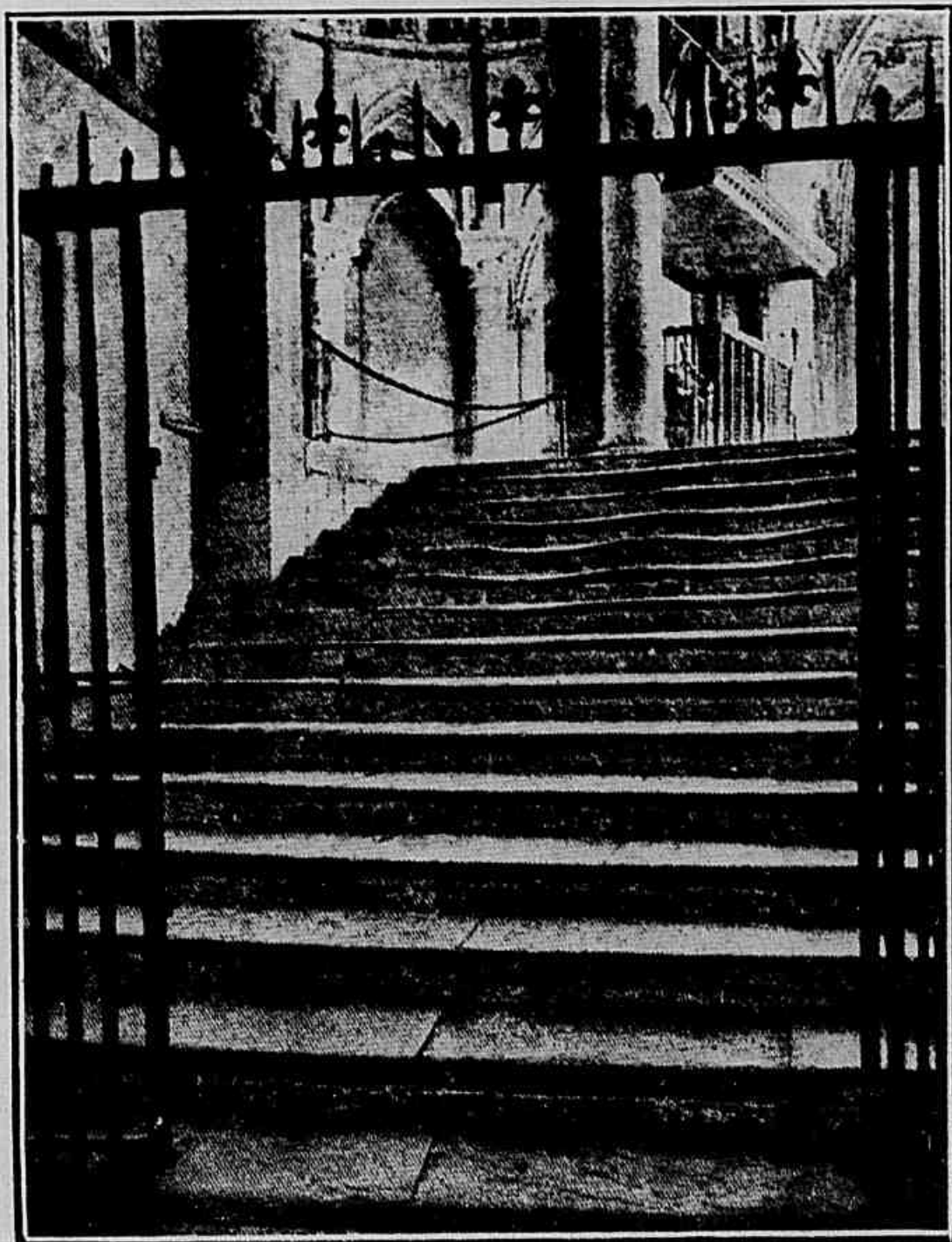
Em 1174, soffreu grandes estragos na nave, que foi reparada em 1184. A nave maior e o cruzeiro foram construidos em 1420 e a torre central, com 71 metros de altura, em 1517.

Ha em seu interior preciosos vitraes e varios monumentos. A despeito de suas vastas proporções, a nave dá a impressão de admiravel esbelteza. O côro, um dos maiores da Inglaterra, eleva-se pouco acima da nave e forma com ella grande contraste por causa de seus arcos normandos. A mais notavel de suas capellas é a chamada da Corôa, onde se encontra a cathedra de Sto. Agostinho, na qual são enthronizados os arcebispos de Canterbury.

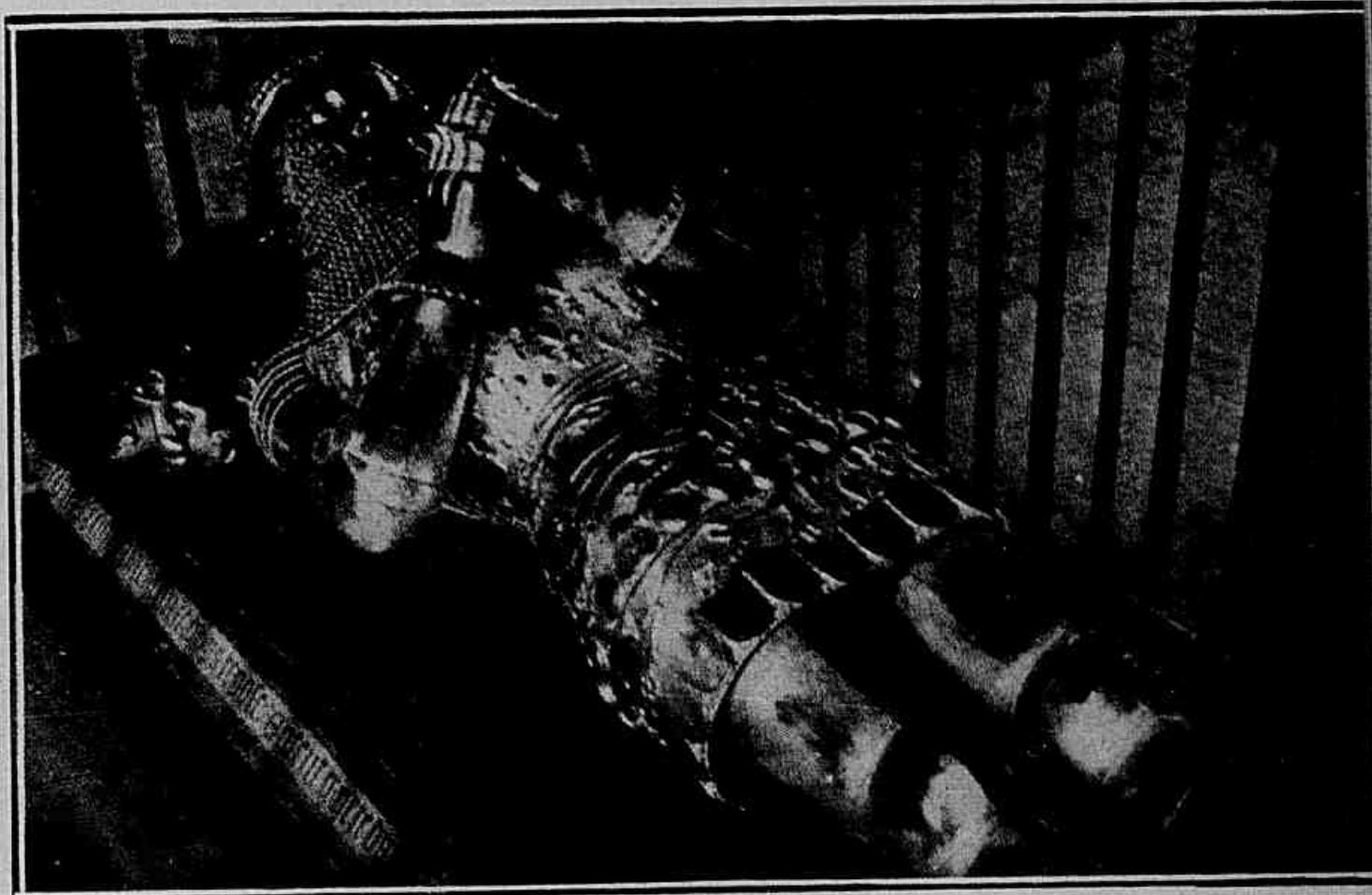
Realizaram-se em Canterbury, no correr dos seculos, varios concilios notaveis.



A cathedral de Canterbury, primaz da Inglaterra. Durante toda a Edade Media, nos tempos de fé ingenua e robusta, foi objecto de constantes peregrinações. A fé desappareceu mas Canterbury é ainda muito visitada por sua belleza architectonica e as recordações historicas, que contem. A cada anno, trinta a quarenta mil touristes, vindos dos quatro cantos do mundo, vão admirar-a.



A escada chamada dos peregrinos, que conduz ao monumento de S. Thomaz Becket.

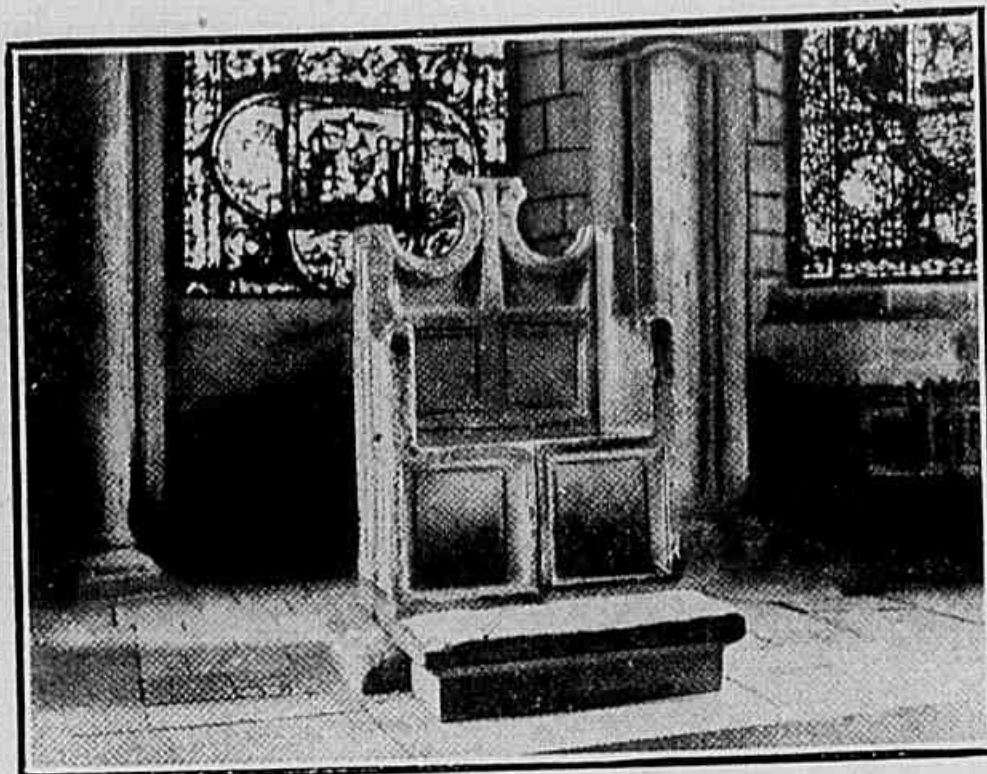


Um dos tumulos mais visitados pelos touristes na cathedral de Canterbury; o do principe Eduardo (filho do rei Eduardo III) appellidado o *Principe Negro*, pelo côr de sua armadura; vencedor dos Francezes nas batalhas de Crecy e Poitiers.

O primeiro foi convocado pelo bispo Bertualdo no anno 692; o segundo reuniu-se em 1236 por convocação de St.º Edmund; o terceiro, em 1341, foi presidido pelo arcebispo Joan Strafford e um de seus canones; o 5.º, fulminou com excomunhão os calumniadores dos clérigos. O 6.º, em 1381, convocado por Guilherme de Cuntervay, condemnou a heresia de Wicliff; o 7.º e ultimo teve lugar em 1530 e dictou castigos severos para os propagadores de livros hereticos.

○ ○ ○

Perde-ganha—Os Norte-Americanos já não sabem onde descobrir originalidade. Agora, realizaram em Sta. Monica um concurso de sardentos. O premio



A cadeira patriarchal do arcebisado de Canterbury—Nella são enthronizados todos os arcebispos de Canterbury, com os titulos de Primaz da Inglaterra e Patriarcha Metropolitano da Igreja Inglesa. E' de marmore e foi feito para o famoso bispo Estevam Langton, que desafiou com igual coragem as usurpações do papado sobre os direitos do clero inglez e a tyrania dos soberanos, exigindo do rei João Sem Terra a assignatura da Magna Carta, na qual ficaram definidos os direitos do Clero, Nobreza e Povo, assim como as limitações do poder real.

rimentou a remolissima navalha e conseguiu barbear-se com facilidade, rapidez e segurança.

○ ○ ○

A França celebrou ha pouco o centenario do Guimet, conhecido por causa do Museu Guimet, a colleção de figuras de cêra, que todos os touristes visitam. Porem elle não limitou toda sua actividade nesse mundo a crear esse museu; foi inventor do azul ultramar. Até então os Allemães tinham o segredo e... portanto o privilegio da fabricação da tinta azul chamada da Prussia e indispensavel aos pintores. Impunham por isso preço bastante elevado. Guimet descobrindo um novo processo de fabricação fez baixar esses preços.

○ ○ ○

Guerreiros de quatro patas—Os quartéis de toda a Europa estão transformados em garagem e os do Novo Mundo porfiam em imital-os. A moda é motorisação, tudo motorizado. Os cavallos de carne e osso são, em toda a parte, substituidos por cavallos-vapor.

Mas... os lendarios batalhões de caçadores alpinos da França, aquartelados nas encostas dos Alpes, conservam até multiplicam os auxiliares de quatro patas—burrinhos para carregar metralhadoras, munições, e cães, que servem como guias e elementos de ligação, para o transporte de ordens de commando.

○ ○ ○

Os sellos mais raros e, portanto, mais caros, na actualidade são: 1.º—o famoso cent carmin da



A cathedral de Canterbury orgulha-se de ter sido, desde o seculo X, objecto de constantes peregrinações e conserva em seus imensos corredores ingenuas pinturas da Edade Media, representando alguns de seus piedosos visitantes, no passado. Damos aqui, alguns d'esses paineis. O que vemos acima representa o illustre poeta Chaucer, que chieio uma peregrinação em 1388. Seguem-se um morge-pedinte, um physico (como chamavam nesse tempo um medico).

caberia ao rapaz ou moça, que apresentasse no rosto maior numero de sardas.

O 1.º lugar foi conquistado por um menino de onze annos, em cujo rosto foram contadas, por um jury attento, 1895 sardas.

O 2.º lugar coube a uma menina de doze annos, á qual a natureza ingrata só concedeu 1.805 ephelides, como se diz em linguagem scientifica.

A coitadinha chorou de desespero.

Que isso console as moças faceiras, que perdem varias horas por dia gastando loções, crêmes e aguas medicinaes para tirar da face quatro ou cinco pequeninas manchas côr de ouro.

○ ○ ○

Habituaos á commodidade das gilettes e sabendo que a industria do aço é cousa relativamente moderna, temos alguma difficuldade em imaginar como podiam os antigos, do tempo de Alexandre e Sesosiris, andar tão bem barbeados como apparecem em seus bustos.

Esse mysterio está explicado. Uma commissão

de archeologos inglezes encontrou em ruinas de uma cidade ainda não identificada da Mesopotamia uma lamina de pedra, com um orificio para nelle se collocar um dedo e um dos lados habilmente afiado. Segurando-a, o sabio, que a encontrou, começou por verificar que sua forma tornava-a admiravelmente apropriada para o fim a que era destinada.

E foi mais alem. Passou um pouco de sabão no rosto e expe-



Os horrores da architectura moderna—Entrada do palacio da optica, na exposição de Paris.



... um cavalleiro e um monge-musico.

Guayana ingleza, emittido em 1856 e avaliado, no mercado de Paris, em 750.000 francos; 2.º—Post Office da ilha Mauricio, cotado em 500.000 francos. 3—Os trez primeiros valores de Hawai, cotados em 350.000 francos.

○ ○ ○ ○

O governador da provincia chinesa de Kaun-Tung creou um imposto novo e original. Os camponezes, que criam gallinhas, têm que entregar um ovo por semana; os que não criam recebem um pinto e são forçados a alimental-o até que se torne adulto, para ser vendido em beneficio do fisco.

○ ○ ○ ○

Em politica como em medicina os bons remedios são numerosos. A arte está em saber dosal-os e administral-os, no momento opportuno. — GUICCIARDINE.

Um grupo de sêres humanos, dedicados a essa profissão, que muita gente considera a mais escandalosa do mundo mas que até os governos chamam "o 4.º Poder", estava reunido em torno de uma mesa do *bar Mickey*, discutindo casos famosos de reportagem.

Quem estava com a palavra era Johnny Meade, um dos astros do *Morning Inquirer*.

— Foi o *furo* mais sensacional de toda minha carreira... Mas custou-me o emprego.

— Como? Você deu o "furo" e foi demittido?!

— Vai ver como. Um dia, espalhou-se pela cidade que uma moça da alta sociedade desaparecera de sua residencia, em Boston. Como se tratava de uma moça rica, começaram por pensar em *gangsters*... Mas passaram os dias e não appareceu pedido de resgate. Então, a reportagem começou a procurar outra pista e acabou por descobrir o seguinte. A moça era rica, orphã e vivia sob a guarda de um tio e uma tia, que, mercê de um testamento fantazista, tinham a incumbencia de gerir sua fortuna, enquanto ella se mantivesse solteira. Então, que fazia esse casal de velhotes cordidos? Impedia seu casamento. A moça já era maior; não poderiam prohibir-a de contrahir matrimonio mas lançavam mão de outros recursos... infames mas efficientes: — intrigas, cartas anonymas, escandalo... quer contra ella, quer contra o noivo em perspectiva, principalmente contra este, que acabava por "dar o fóra", horrorizado.

"Apurou-se mais que, um anno antes, conversando com uma vizinha, num dos raros momentos em que seus tios a deixavam a sós, essa infeliz moça disséra:

— Eu agora já sei. Fico muito calada e, quando elles souberem, já estou casada.

"Isso lançou a propria policia em outros rumos mas tambem sem resultado. Reporters e detectives indagaram e investigaram em vão. Apenas uma criada informou que miss Beatriz tinha um namorado mas recusou dizer se era baixo ou alto, gordo ou magro. Limitou-se a dizer: — "E' um moço".

"Até ahí, nenhuma novidade. Não era provavel que uma creatura, com vinte e trez annos, bonita, sadia, se tivesse apaixonado por um ancião.

"Mas o namoro fóra tão discreto que nem as vizinhas mais bisbilhoteiras tinham jamais notado qualquer cousa.

"Só restava procurar a desaparecida mas essa tarefa não era facil. Vivendo sempre muito recolhida, totalmente privada de vida social, Beatriz só tinha retratos feitos em grupos, instantaneos, *flous*, vagos. Em todo o caso, essas photographias foram reproduzidas, publicadas

e espalhadas por todos os Estados da União, com promessas de recompensa a quem desse informações sobre seu paradeiro.

"E mais uma semana passou, sem noticias da desaparecida. Verdade seja que, alem das photographias detestaveis, só havia os habituaes e muito vagos "signaes physiomicos", como se diz nos gabinetes de identificação. "Olhos castanhos, tez clara, cabellos louro-cinza. Um metro e 60, mãos pequenas e bem tratadas etc. Caracteristica pessoal, uma só — "Gosta muito de gatos".

"O secretario da redacção, o velho Arthur... vocês o conhecem... estava como uma fera. Depois de ter mettido toda a redacção em brios, de ter promettido gratificações mirificas e ameaçado com represalias ferozes todos

os reporters, acabára por encarregar especialmente Pete de descobrir a mysteriosa Beatriz. O pobre Pete começou a passar uma vida bem apertada... Se apparecia, o velho Arthur crivava-o de perguntas e mandava-o de novo para a rua. "Aqui, olhando para mim, você não descobre cousa nenhuma. Vá agir, homem, mexa-se..." Se elle não apparecia, reclamava por elle, em altos brados.

"Um dia, afinal, Pete surgiu na redacção, alvoroçado e foi directamente á mesa do velho Arthur. Descobrira em Brooklyn uma moça, casada de pouco...

O secretario ouvia-o, com scepticismo.

— Muito bem. Uma moça... Casada de pouco... Ha milhares de moças em Brooklyn e realizam-se alli dezenas de casamentos por mez.

— Porem ha mais — disse Pete, nervoso — Eu tenho um filho pequeno; vou todos os dias a uma leiteria da vizinhança, comprar leite para meu garoto... Pois bem; tenho encontrado alli uma moça, que se parece com os retratos...

— Ora! — exclamou o secretario, furioso — Com retratos d'aquelles não ha moça que não se pareça.

— Mas espere... Ha um gato na leiteria. A tal moça vem comprar pequenas cousas... manteiga, creme, fructas... E enquanto o empregado da leiteria faz os embulhos, ella esquece tudo, acariciando o gato.

— Ah!

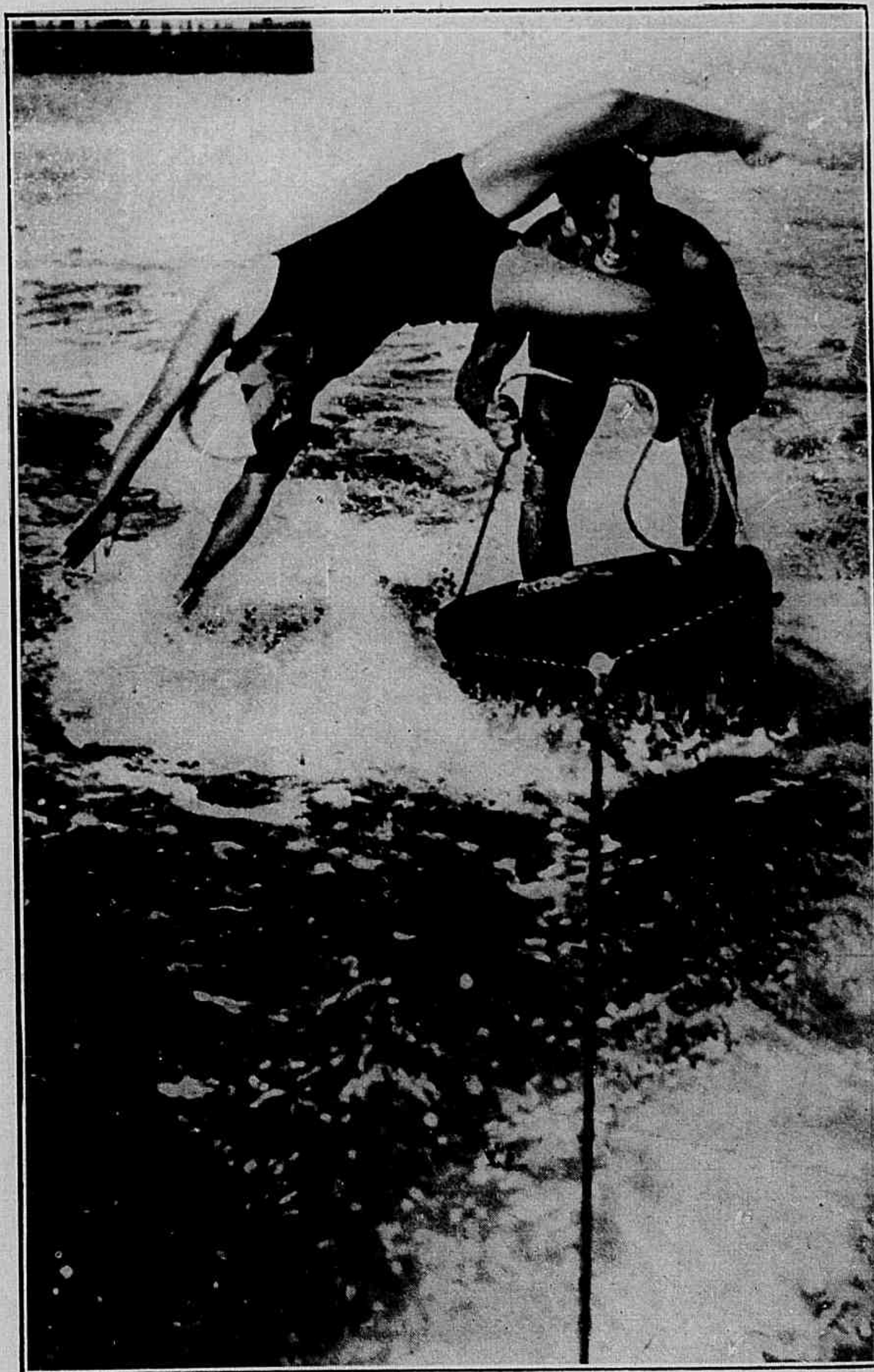
O velho Arthur ergueu-se radiante, exaltado. Pete deteve-o.

— Ha ainda outra coincidencia. Disse-me o leiteiro que ella mora num apartamento, alli perto. Chegou com o marido, recém-casada, ha justamente cinco semanas.

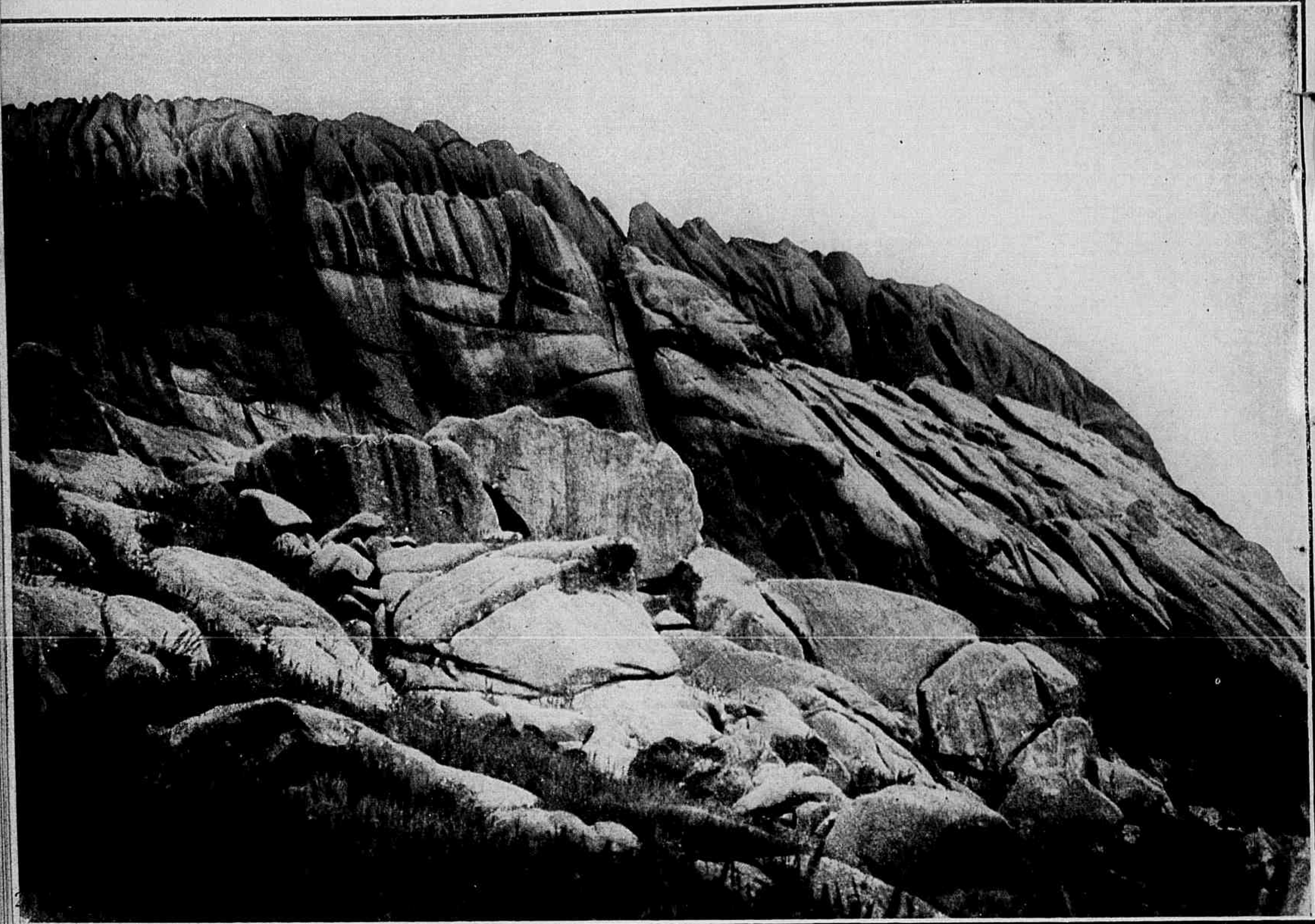
— Céus! Justamente o tempo durante o qual temos andado a sua procura. Então, não ha duvida... E' ella! — exclamou o secretario da redacção.

A DESAPARECIDA

CONTO DE ERIC DEVINE

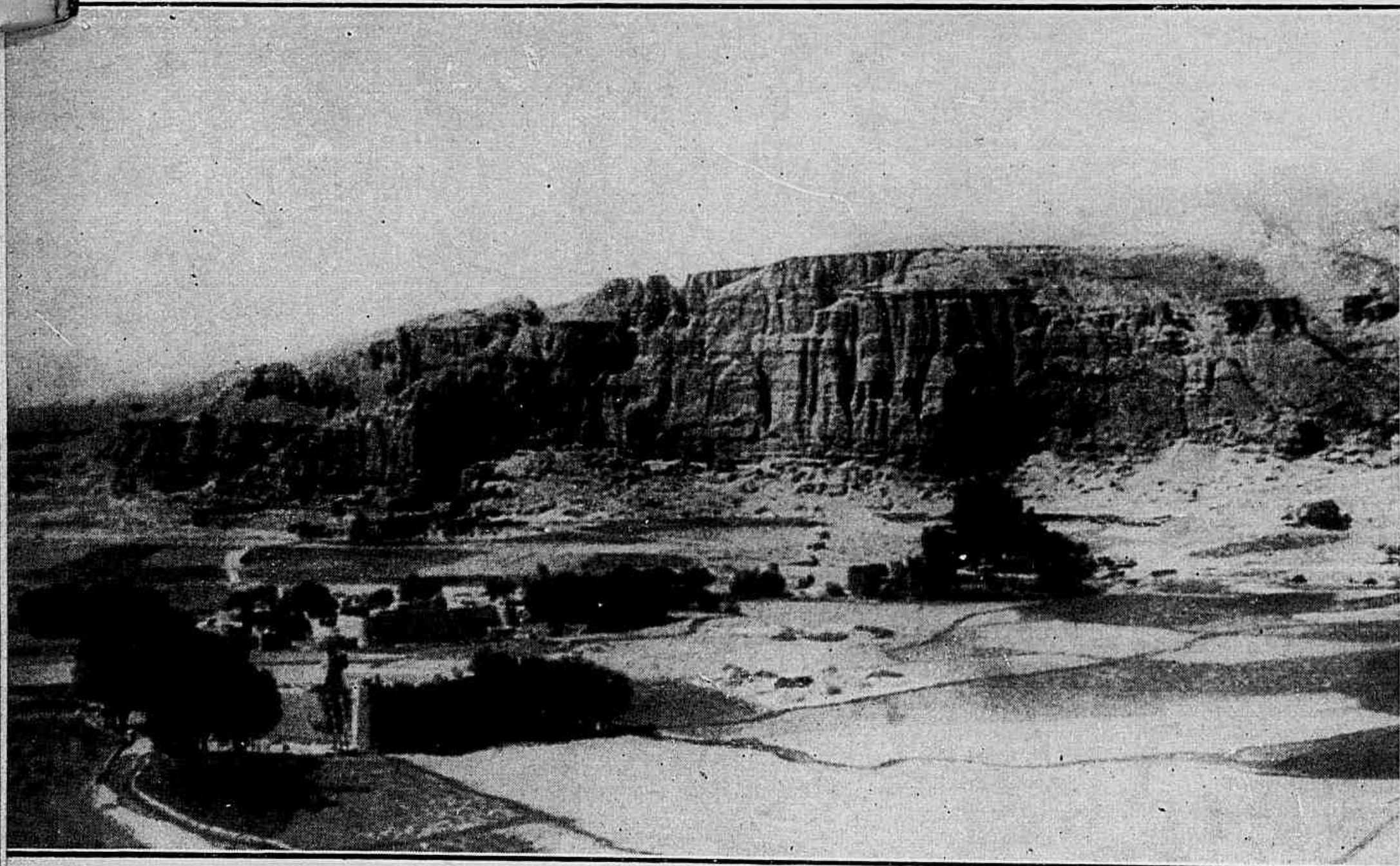


Sports excentricos — Aquaplano a dous. A "sereia" sobre os hombros do "tritão". Apoz uma curva mais brusca, é muito commum a sereia cahir na agua. Diversão muito em voga (é o caso de dizel-o) nas aguas do Lido, em Veneza.



Nossa Terra

Quatro aspectos das *Agulhas Negras*, no massiço do Itatiaia.



E imediatamente redigiu o seguinte telegramma aos tios da desaparecida:

"Acreditamos haver localizado sua sobrinha. Venham imediatamente a esta redacção. Morning Inquires. New-York. Não communique este nem mesmo á policia".

Na manhã seguinte, recebemos a resposta. Os tios annunciavam que chegariam no trem do meio dia. Pete

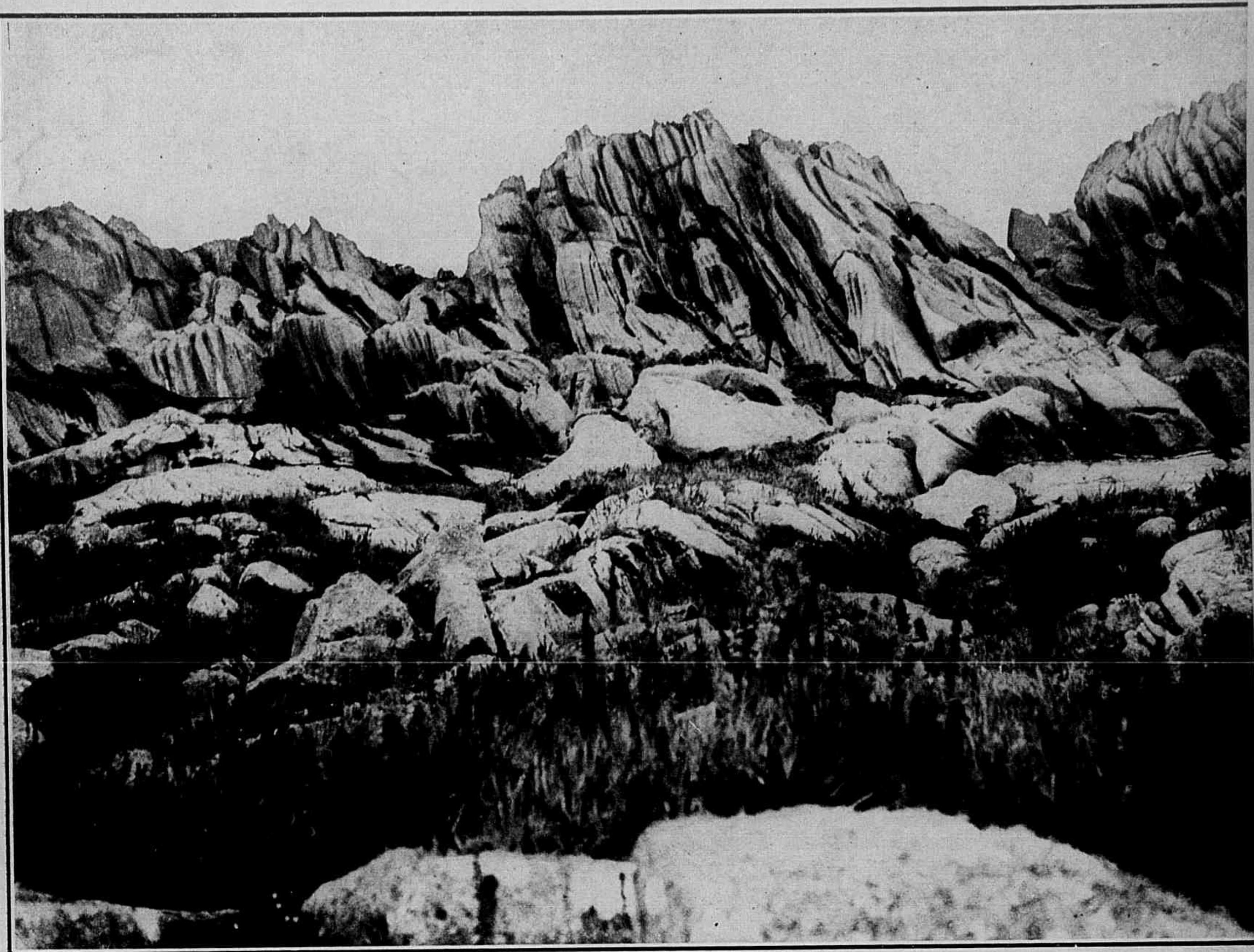
Pete concordou. A tia subiu, tocou a campainha. Quem veio abrir a porta foi o marido... um rapaz alto. Estava em pyjama e chinellos. A velha disse-lhe que desejava fallar com a dona da casa.

O homem afastou-se um pouco e chamou a esposa. Houve um duplo grito de surpresa, um momento de hesitação... depois, lagrymas, recriminações da velha;

foi recebê-los na estação, trouxe-os ao jornal e apresentou-os ao secretario, que explicou o que tinhamos descoberto. O velho ouvia com inquietação; a velha mal disfarçando a colera.

Depois, formou-se a caravana. Pete, os tios assustados, um photographo para o flagrante...

Chegaram. A casa não tinha ascensor e o casal suspeito morava no 2.º andar. A velha pediu para subir sózinha, primeiro... Podia não ser Beatriz...

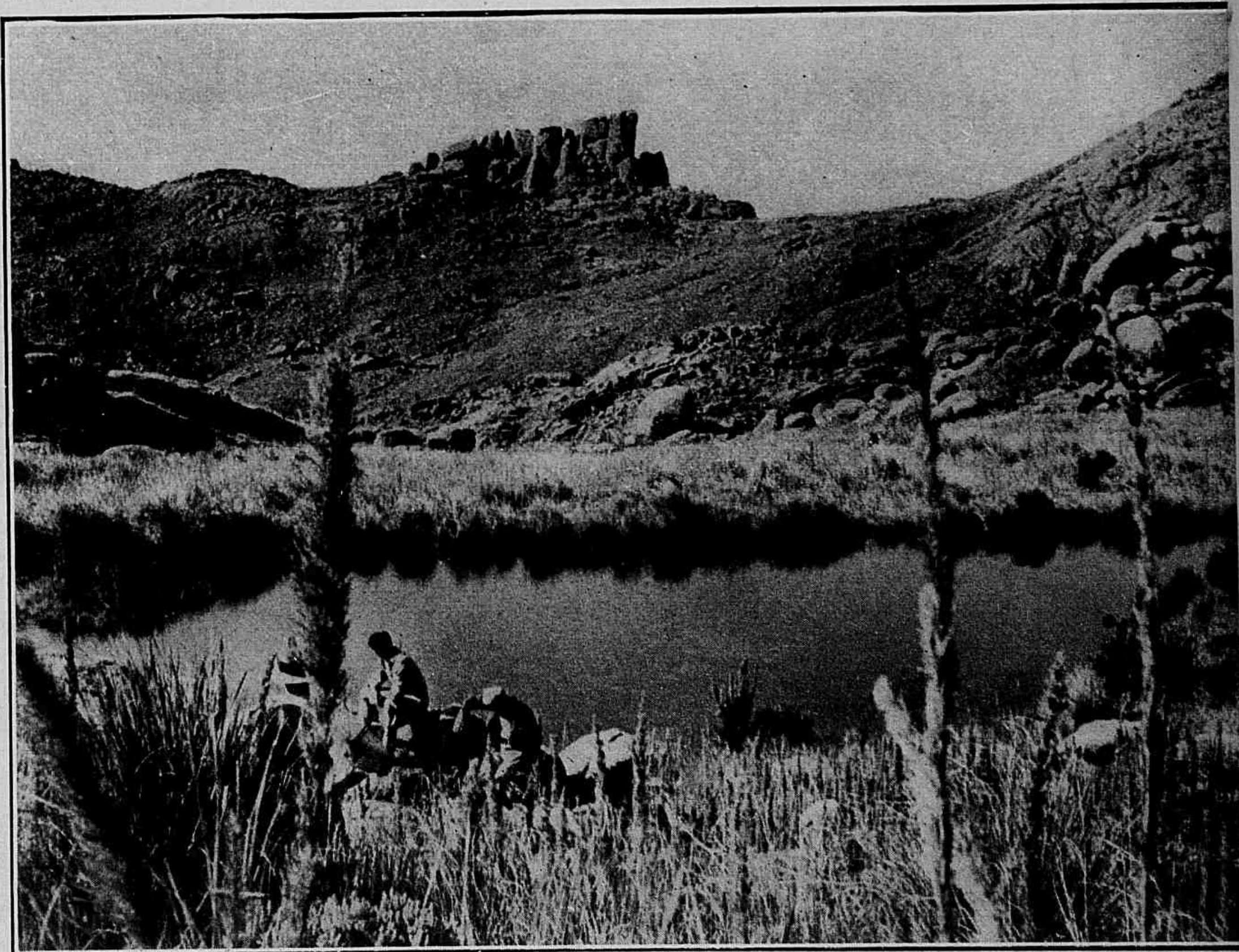


explicações pacientes do marido e, afinal, um abraço de reconciliação.

Quando foi permitido a Pete e ao photographo subir também, o marido tinha se recolhido ao quarto, para se vestir. Mandou bater umas chapas da casa, da esposa; e, enquanto esperava o marido, foi á pharmacia visinha para telephonar ao velho Arthur, o necessario para uma primeira notícia, uma nota sensacional, em edição *extra*.

Quando voltou, ficou furioso ao vêr que já estavam todos em um automovel, promptos para partir; e o marido, sentado junto da esposa, diante dos tios, ria a bom rir, de ter fugido a seu interrogatorio.

Uma hora depois, o velho Ar-



thur conseguiu, não sei como, me apañhar pelo telephone, no hotel onde eu estava almoçando e passou-me uma descompostura d'aquellas:

— Miseravel! — Ingrato... Está despedido. Você pode ser tudo quanto quizer, neste mundo, menos jornalista. Fazer uma traição d'esta a seu proprio jornal!...

— Ora essa! Que tinha você com isso?

Johnny Meade accendeu um cigarro e disse com calma:

— O marido era eu.

ERIC DEVINE.

○ ○

A revista argentina EL SUPPLEMENTO publicou, em um de seus ultimos numeros, duas paginas com excelentes photographias de nossa capital, acompanhadas pelo seguinte texto:

36

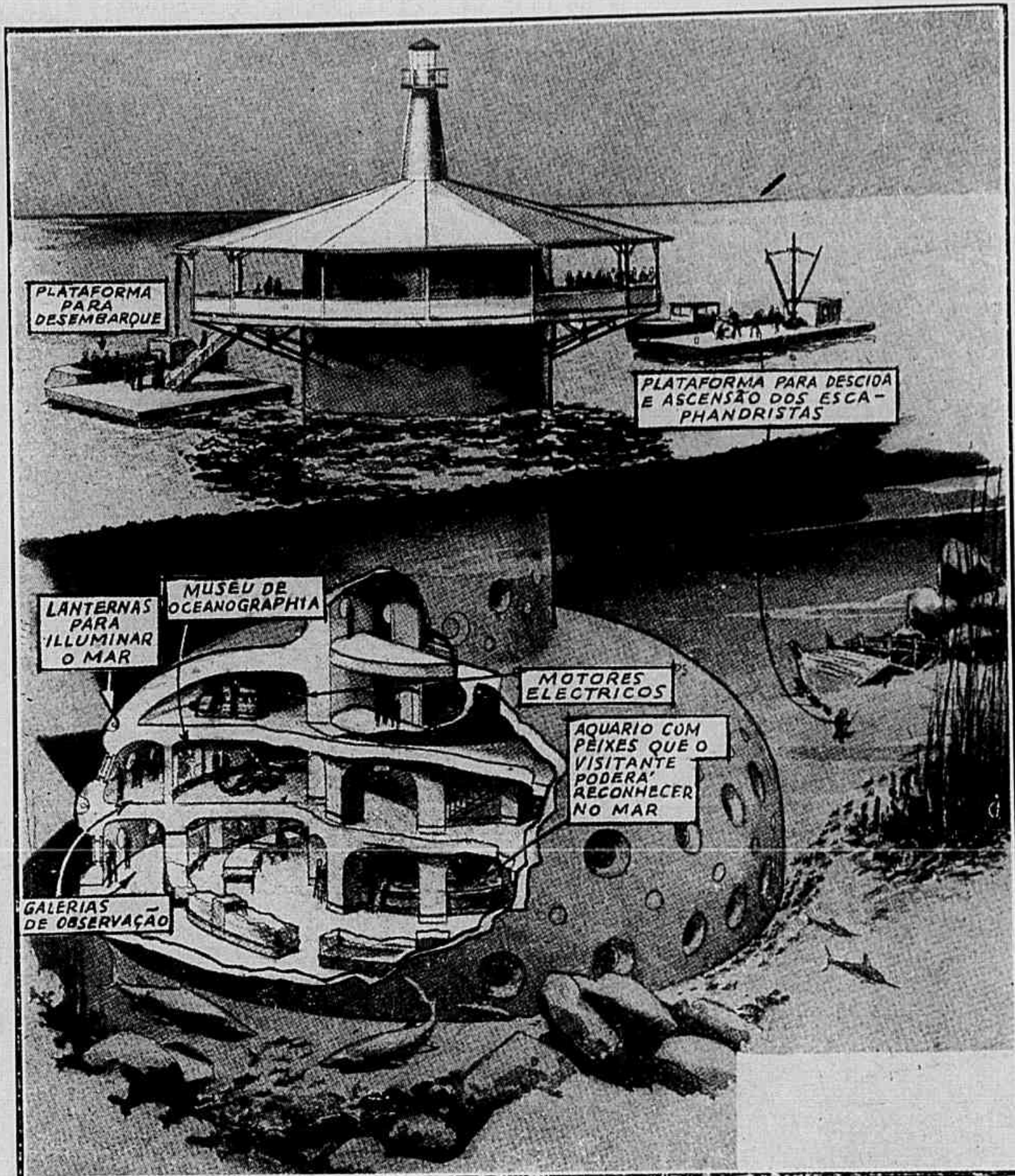
"O Brazil, terra hospitaleira por excellencia, acolhe com alegria o viajante, que deseja conhecer suas maravilhas, apreciar seus encantos e abre-lhe as portas de sua cidade de sonho — Rio de Janeiro.

Penetramos em um mundo fantastico; desfilam ante nossos olhos paesagens, que escapam a toda descripção. Os trez elementos principais da natureza — mar, montanha e folhagem — em seus aspectos mais diversos, como paginas extrahidas de um livro de contos de fadas.

O littoral inundado de sol, a magnifica praia de Copacabana, unica no mundo, com sua areia branca, que estala como neve, sob nossos pés. A grandiosa avenida Beira-Mar, o Jardim Botânico, enorme, famoso no mundo inteiro pela riqueza de suas colleções; clubs de regatas, de golf, de polo, o Hippodromo, tendo por scenario imponentes montanhas, ostentando folhagem em todo o esplendor da flora brasileira.

Os classicos passeios nauticos a Nictheroy e Paquetá, os inolvidaveis passeios á Tijuca, Petropolis, Corcovado e ao Pão de Açúcar, para assistir, lá de cima, ao apparecimento das primeiras estrellas...

Essa formosa cidade não admittre rivaes. A' noite, como uma grande dama se orna com brincos, collares, pulseiras e se inclina para um espelho, antes de ir a uma festa, ella se mira nas aguas da Guanabara, com as joias de suas luzes. Flamengo, Botafogo, Urca e



Os sonhos do Dr. Beebe — O Dr. William Beebe, o sabio apaixonado pelo estudo do fundo do mar e já muito conhecido por suas immersões até 110 metros de profundidade, em uma esphera de aço, por elle ideada e construida, quer agora offerer a toda a gente os deslumbrantes espectaculos das grandes profundidades só por elle, até agora, conhecidas. Para isso, pretende construir, no mar das Antilhas, uma especie de pavilhão-torre com base no fundo do mar, a 70 metros de profundidade. Na parte superior essa construção terá um hotel com varanda e mais duas plataformas. Na parte submarina haverá galerias para observação das aguas, aquario, museu de oceanographia, etc.

Copacabana parecem desenhos fantasticos feitos com lampadas.

○ ○

Curiosidades de alguns paizes da Europa

A Tcheco-Slovacia, que foi erigida como Estado independente, apoz a Grande Guerra — como uma resurreição do velho reino da Bohemia — tem seu territorio constituido pelo que foi antigamente esse paiz e mais a Moravia, uma parte da Silesia e territorios sul-carpaticos, que estiveram, até 1918, sob o dominio da Russia.

Sua população total é de 15 milhões de creaturas, das quaes quasi um terço é estrangeira e mantem seu idioma — 3 milhões de Allemães, 750 mil Hungaros, 500 mil Russos e 80 mil Polonezes.

○ ○

As maiores arvores do mundo não são as sequoias da California e sim os eucalyptus da Tasmania.

Nas bordas do lago Wellington, nessa ilha visinha da Australia, ha eucalyptus com 145 metros de altura; ao passo que as sequoias attingem no maximo 130.

Muitos eucalyptus da Tasmania medem na base quarenta e cinco metros de comprimento. São precisos 28 homens para abraçá-lo.

○ ○ ○

Casamento e amor

O casamento é o oceano mais cheio de escolhos, tempestades e turbilhões. Para elle ainda não foi inventada uma bussola segura — HENRY HEINE.

O matrimonio é uma associação na qual o marido entra com o trabalho e a mulher com a economia — M. GIRARD.

Casamento sem amor é como uma fechadura sem chave. — BUTLER.

O casamento tem por objectivo supprir a insufficiencia da affeição natural — A. COMTE.

O casamento é o mais importante dos contractos porque constitue a base da sociedade civilisada — ROMAGNORE.

○ ○

O unico prazer que augmenta com o tempo é o de estudar. — GERANDO.



A partida de bilhar — Quadro de L. L. Boilly.

A historia, que vamos contar, hoje, exige algumas palavras, a guiza de prologo, para que o leitor recorde a muito confusa situação politica da epocha.

Tudo se passou em um dos mais irrequietos periodos da vida ingleza — a primeira metade do seculo XVIII — quando os reis da nova dynastia hano-vriana ainda não se tinham firmado bem no throno de Londres, porque não cessára de pairar sobre elles a ameaça de uma restauração dos Stuarts.

As causas sentimentaes porem profundas d'essa inquietação vinham de longe.

Quando, no principio do seculo XVII, o rei James VI, da Escossia, se tornou tambem rei da Inglaterra, com o nome de James I, não houve Escossez, que não visse nesse facto — suscitado não só pela necessidade de ordem, na propria Inglaterra, como, tambem

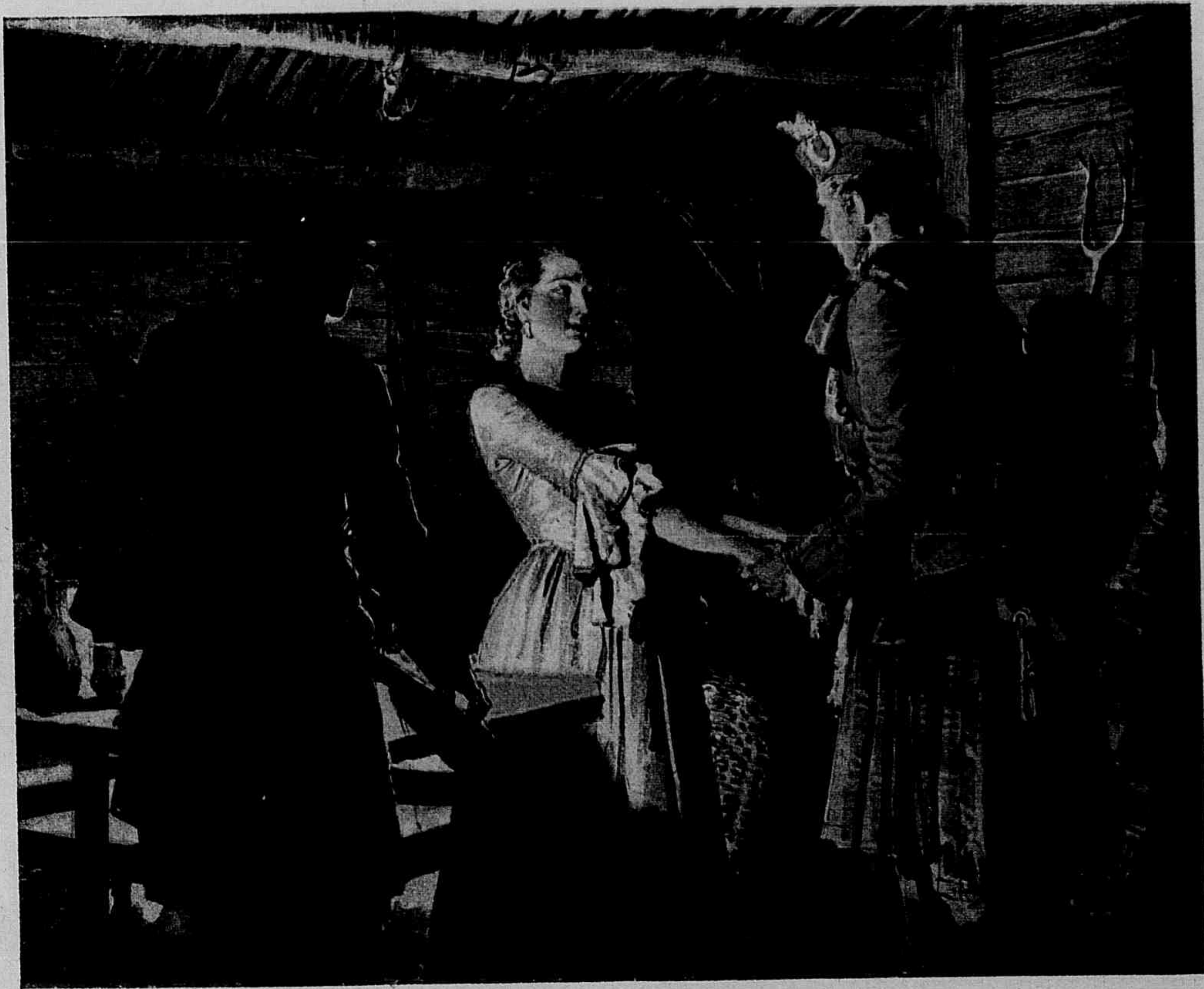
Mulheres famosas na historia e na lenda

Flora Macdonald e a
romanesca aventura do
"Principe Gentil"

damente autoritario para governar um povo cioso de sua dignidade, como o inglez. Alem d'isso, sua conversão ao catholicismo acabára de incompatibilisalo com a quasi totalidade da Inglaterra.

Tratava-se, pois, de uma questão essencialmente religiosa e, por isso mesmo, os grandes chefes, fidalgos e plebeus, que promoveram o desthronamento de James II, foram procurar no estrangeiro um principe, que lhes offerecesse solidas garantias de fidelidade á religião protestante,

A escolha recahiu sobre o principe George do Hannover, que subiu ao throno da Inglaterra com o nome de George I, mas era tão pouco inglez que não fallava nem comprehendia esse idioma e era forçado a se entender com seu primeiro ministro em latim, unica lingua, que conhecia, alem do allemão.



Poucos minutos depois, o principe era recebido por Flora em uma cabana de jardineiro.

e principalmente, pelas conveniencias da politica europeia — uma gloria para sua raça, uma desforra definitiva, das longas e constantes humilhações supportadas durante muitos seculos de luta contra os Inglezes; a victoria final e completa da Escossia sobre a Inglaterra.

Com a mesma mentalidade, quando, em 1688, o rei James II foi forçado a abandonar o throno inglez, toda a Escossia recebeu esse acontecimento como uma affronta a seus brios.

Cegueira provocada por um orgulho nacional extremamente sensivel. Os factos nada tinham que pudessem, nem de longe, envolver a velha rivalidade entre os dous paizes, as duas raças. O filho de Carlos I, demasiadamente ligado á França, onde encontrára refugio e auxilio, apoz a tragica morte de seu pai, era demasia-

Isso não foi bastante para acalmar as susceptibilidades da Escossia. Com flagrante injustiça, os Escossezes acharam muito bem que a Inglaterra não houvesse escolhido para seu soberano um Inglez; mas isso não lhes parecia bastante. Queriam que elle fosse um Escossez. Por isso, durante meio seculo, estiveram sempre promptos a auxiliar todos as tentativas do proprio James II e de seus descendentes para reconquistar o throno.

Esses esforços foram vãos. George I não era Inglez mas soube governar a Inglaterra com tal intelligencia, uma tão lucida comprehensão do character e dos interesses inglezes que reinou até tranquillamente durante trinta e nove annos e, ao morrer, legou o throno a seu filho, George II, que, nascido na Inglaterra e educado em accordo com as velhas tradições britannicas, nem ao

menos podia ser accusado de "estrangeiro". Ainda assim, os Jacobitas — como eram chamados os partidários da dynastia escossez, não desanimam e, em 1745, julgaram chegado o momento opportuno para um golpe decisivo.

Grande parte do exercito de George II estava empenhado em expedições no continente e o então pretendente de casa dos Stuart era o principe Carlos-Eduardo, um jovem, que parecia possuir todas as qualidades, tendo já se formado uma verdadeira lenda, em torno de sua belleza, sua robustez, sua bravura, o encanto de sua voz...

Tinha, pois, todas as características de um personagem de romance e os Escossezes se habituaram a chamá-lo o "Principe Gentil".

O movimento irrompeu subitamente, com entusiasmo tamanho que, em poucos dias, deu a seus partidários a illusão de um triumpho incontrastavel. As pequenas guarnições postadas no littoral da Escossia não puderam resistir ao numero e ao impeto das legiões escossezas, que pareciam surgir do solo; tiveram que bater retirada, empenhando prodigios de energia para manter suas fileiras em ordem, a despeito da perseguição de que eram alvo.

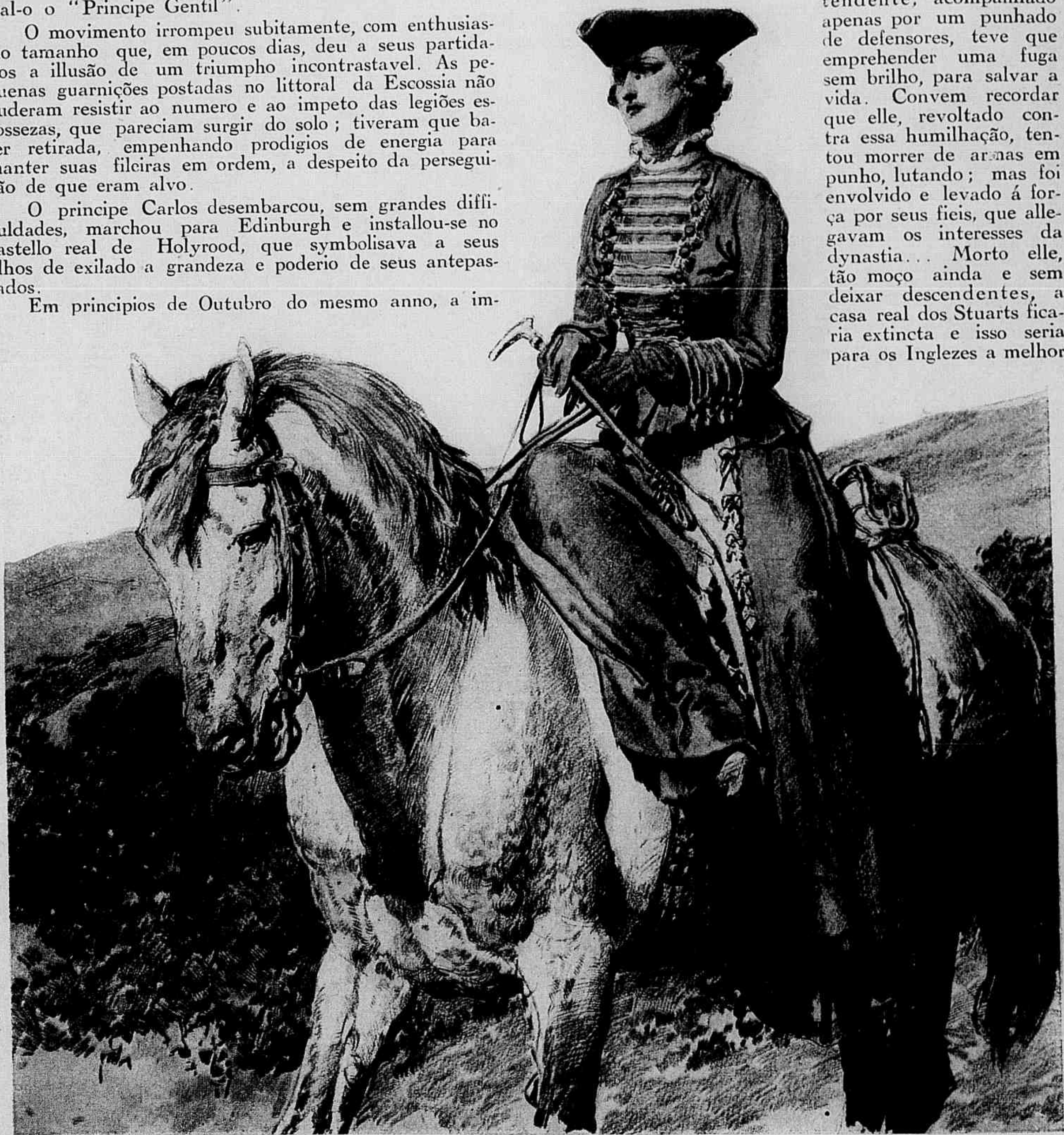
O principe Carlos desembarcou, sem grandes dificuldades, marchou para Edinburgh e installou-se no castello real de Holyrood, que symbolisava a seus olhos de exilado a grandeza e poderio de seus antepassados.

Em principios de Outubro do mesmo anno, a im-

Hollanda, sob o commando de seu filho, o duque de Cumberland, em operações de guerra contra o rei Luiz XV, de França. Essas tropas chegaram, receberam reforços e marcharam ao encontro do "Principe Gentil".

Seu effectivo era um pouco inferior em numero, porém mais bem equipados e, sobretudo, mais disciplinados e aguerridos. Em pouco, as tropas valentes mas desordenadas e mal armadas de Carlos Eduardo começaram a recuar diante do duque de Cumberland e, por fim, alcançado e cercado em Culloden, com cinco mil homens apenas, o "Principe Gentil" foi forçado a enfrentar forças duas vezes superiores.

Sua derrota foi mais do que completa. Sua improvisada tropa foi, por assim dizer, exterminada e, no fim do dia, o proprio pretendente, acompanhado apenas por um punhado de defensores, teve que emprender uma fuga sem brilho, para salvar a vida. Convém recordar que elle, revoltado contra essa humilhação, tentou morrer de armas em punho, lutando; mas foi envolvido e levado á força por seus fieis, que allegavam os interesses da dynastia... Morto elle, tão moço ainda e sem deixar descendentes, a casa real dos Stuarts ficaria extincta e isso seria para os Inglezes a melhor



Iniciaram assim a mais temeraria das evasões. Miss Flora ia a cavallo, seguida por um

pressão de triumpho se mantinha e o "Principe Gentil", tendo invadido e dominado sem esforço o norte da Inglaterra, marchava para o Derbyshire, á frente de um exercito, que parecia invencível.

Entretanto, com a serenidade habitual, o rei George II ordenára uma retirada geral dos contingentes incapazes de fazer frente á invasão escossez, enquanto esperava a chegada de suas tropas, que se achavam na

das victorias. De facto, o rei George II dá ordens formaes para que o "pretendente" fosse apanhado, vivo ou morto e, quando soube que elle se salvara, ficou furioso a ponto de pôr a preço sua cabeça, prometendo uma recompensa de 30.000 libras a quem o aprisionasse ou matasse. Quando soube isso, o "Principe Gentil" respondeu com uma pilheria de estudante, annunciando que daria quantia igual pela cabeça do rei inglez.

A despeito d'esse humorismo, sua situação se tornára trágica, porque 30.000 libras, quantia enorme ainda hoje, constituíam na epocha uma invejável fortuna. O "Príncipe Gentil" podia contar com a lealdade dos Escossezes, que, embora tradicionalmente amigos de dinheiro, eram incapazes de trahil-o por qualquer quantia; mas havia estrangeiros na Escossia e vieram da Inglaterra, Irlanda e até da Hollanda e França centenas de aventureiros, decididos a lhe deitar mão para receber o premio promettido por George II.

E Carlos Eduardo teria cahido em uma das muitas armadilhas preparadas contra elle, sem a intervenção de uma linda moça, cujo nome ficou na memoria do povo, como symbolo da dedicação, engenho e coragem.

Culloden fica ao sul de Inverness, na parte oriental da Escossia. Logo que conseguiu fugir aos vencedores, apoz a batalha decisiva, Carlos Eduardo teve uma preocupação unica: — alcançar a costa occidental, onde sabia haver navios francezes a sua espera, para leval-o ao continente, em caso de insuccesso. Tinha, portanto, que atravessar todo o paiz sobre o qual pretendia reinar, como um fugitivo, perseguido, evitando grupos armados, espiões. Nos primeiros dias, guiado por camponezes, que conheciam bem o terreno, adiantou-se rapidamente; mas, prevendo a protecção, que elle ia encontrar, o rei George completou



pastor, um criado e uma criada, que era o principe, disfarçado com vestuario feminino.

seu primeiro annuncio, decretando pena de morte para todo aquelle, que, de qualquer modo, prestasse auxilio ao "pretendente", dando-lhe abrigo ou deixando de denunciar sua presença.

Isso paralysoou muitos dos que estavam dispostos a soccorrel-o, porque todos sabiam que os Inglezes não hesitariam a cumprir as ordens do rei e um terror immenso pairou sobre o paiz. Para cumulo — dizem os

chronistas da epocha — nenhum homem era mais difficil de occultar do que elle. Sua elevada estatura, sua belleza, suas maneiras de inconfundivel nobreza, attrahiam a attenção em toda a parte.

Diante de todos esses perigos, o grupo, que o seguia, julgou mais prudente dispersar-se e o principe continuou sua temeraria fuga, acompanhado apenas pelo capitão O'Neil, seu companheiro de exilio, seu mais inti-



Cercado e derrotado, o príncipe Carlos Eduardo foi reduzido a fugir, com um pequeno grupo de seus partidários.

mo amigo e dous ou trez camponeses, indispensáveis como guias.

Durante cinco mezes, caminharam assim. De dias a dias, os camponeses eram substituídos por outros mais conhecedores da região, que atravessavam.

Viagem sem treguas, dormindo durante o dia, em qualquer refúgio, caminhando durante a noite com qualquer tempo, na ância de alcançar a costa, os navios francezes...

Chegam afinal. Avistam o mar e um novo desengano confrange seus corações.

O mar está deserto. Os Francezes cançaram-se de esperar ou foram forçados a partir. Porém o príncipe não se entregou a manifestações de deses-

pero. Limitou-se a contemplar as gaivotas, que voavam sobre os ilhotas próximos, murmurando:

— São mais felizes do que nós. Têm azas.

Um dos camponeses conseguiu que um pescador o levasse à pequena ilha de South Uist, onde toda a população lhe era cegamente dedicada. Após cinco mezes de indizível desconforto, Carlos Eduardo pôde, afinal, pela primeira vez, dormir em um verdadeiro leito, sob o tecto de uma cabana. Aquella cabana de pescadores lhe pareceu mais sumptuosa do que o palácio real de Holyrood. De todo o littoral visinho e das ilhas dos arredores, seus fieis lhe mandavam viveres, roupas, agasalhos.

Sua felicidade seria completa, ao menos por alguns dias, se um emissário não tivesse vindo lhe trazer uma mensagem de lady Macdonald of Sleat, prevenindo-o de que sir Alexandre, seu marido, estava agora ao serviço do rei George e dirigia-se para aquella região, comandando uma das columnas do duque de Cumberland, para bater aquella littoral.

Era forçoso partir, sem perda de um momento e, no dia 5 de Junho de 1746, o "Príncipe Gentil" seguiu de novo, ao longo da costa, porque não podia perder a esperança de que o rei de França mandaria buscá-lo!

Recomeçou a vida aspera e atormentada, dormindo, às vezes, ao abrigo de um bote volteado de quilha para cima; outras vezes, sobre a terra nua, tendo por tecto o céu. Após alguns dias, recebeu a notícia de que um contingente inglez desembarcára pouco adiante. Nesta vez, o perigo era tamanho que o príncipe foi forçado a se separar de seus ultimos companheiros.

Soube então que ia costeando terras pertencentes aos Macdonald of Millon, com quem o capitão O'Neil tinha relações.

O fiel amigo, que não o abandonára, desde o dia da fatal batalha de Culloden, disse que Flora Macdonald, a filha do Sr. of Millon, era a mais ardente de suas partida-

rias e como seu padasto, lord Macdonald of Armandale, estava ausente, ella não hesitaria em obter de sua mãe auxilio para aquelle, que considerava seu unico soberano. Carlos Eduardo autorizou-o a tentar a aventura. O capitão introduziu-se no parque da propriedade e, quando conseguiu fallar a sós com Flora, ella, immediatamente, lhe disse, com os olhos scintillantes de enthusiasmo:

— Nosso príncipe? Traga-o... traga-o, sem demora. Havemos de salvá-lo.

Poucos minutos depois, Carlos Eduardo era recebido por ella, em uma cabana de jardineiro, no parque.

O príncipe foi o primeiro a chamar sua attenção para os riscos a que se expunha, auxiliando-o e ainda mais se alarmou, quando ella lhe expoz um plano de ousadia allucinante, para lhe dar fuga. Porém Flora insistiu com tal calor que o príncipe acabou por consentir.

Confiando inteiramente em seus servos, ella conservou o príncipe occulto na cabana e depois em Bambecula, onde os pescadores o occultaram. Entretanto, a corajosa moça, pretextando a necessidade de uma viagem, para tratamento de sua saude, obteve um passaporte para si mesma, para um criado chamado Neil Mac Eachim e uma criada chamada Betty Burke. Já adivinharam, de certo, que o criado era verdadeiro porém Betty era o príncipe, para quem foram feitas roupas femininas, sob medida, para que o disfarce fosse perfeito. Infelizmente não foi possível arranjar passaporte também para o capitão O'Neil e elle, tentando fugir sózinho, foi aprisionado pelos soldados do rei, em North Uist.

No ultimo momento, também o príncipe esteve em grave risco, porque o proprio duque de Cumberland, informado por seus espiões, desembarcou, inesperadamente, diante de Bambecula. No dia seguinte, 28 de Julho, Flora Macdonald, simulando perfeita tran-

quillidade, partiu de seu solar, acompanhada pelo criado, um pastor dos arredores, como guia e a suposta Betty Burke.

"A sorte protege os audaciosos" — já assim diziam os Romanos. O pequeno grupo foi, sem embarços, até Waternish, onde Flora dizia precisar de fazer uma cura. Ahi, estando tão proximos de Kilbride, onde se achava sua mãe, era natural que miss Flora desejasse visitá-la. Tratava-se de entrar em uma cidade, onde os perigos de certo seriam maiores. Mas a aparente serenidade dos viajantes salvou-os.

A estatura invulgar do principe attrahiu olhares ironicos. Houve commentarios jocosos. "Parece um homem vestido de mulher" — disse um transeunte. Outro observou por pilheria: — "Quem sabe se é o principe Carlos?" E riram os dous, sem imaginar que diziam a verdade. Lady Margaret, a mãe de Flora, prestou-se a acolher o fugitivo, julgando-o apenas um official do principe.

D'alli, miss Flora conseguiu levar Carlos Eduardo á casa de um de seus parentes, em Kingsburgh. Foi menos feliz, nessa vez.

Os tripulantes do barco, que tiveram de tomar para chegar alli, desconfiaram do aspecto da gigantesca criada e communicaram suas suspeitas ás autoridades.

Immediatamente, forças importantes foram mobilizadas, para cercar a propriedade, onde o principe se alojára.

Carlos Eduardo mal teve tempo para fugir em direcção de Portree, antes que esse cerco se completasse; e, como era Betty Burke, a criada de silhueta varonil, quem os soldados tinham ordem para aprisionar, elle se apressou a abandonar as vestes femininas, trocando-as pelas roupas já usadas de um camponez. Miss Flora persistiu em acompanhá-lo e, embora sua presença fosse, agora, para elle, mais um embaraço do que uma protecção, o principe concordou em que, já demasiadamente comprometida, ella seria infallivelmente presa, se ficasse em Portree.

Seu plano era buscar de novo refugio nos ilhotes habitados apenas por pescadores, no mar da Irlanda e alli esperar um meio para communicar-se com os Francezes.

Mas tal era a vigilancia no littoral que não conseguiram arranjar um bote e, apoz trez dias perdidos, vagueando entre arvores e rochedos, miss Macdonald comprehendeu que estava se tornando um estorvo

para o principe e resolveu confial-o a dous camponezes bravos e dedicados.

O principe resignou-se. Afinal, se fosse aprisionada em sua companhia, a situação de Flora seria ainda mais grave, porque não lhe restaria sequer o recurso de negar coparticipação em sua fuga.

Beijou-lhe respeitosamente as mãos e disse-lhe: — Senhora... por tudo quanto fez por mim, bem merece a recompensa de me encontrar um dia no palacio St. James.

Sonho louco. Logo que voltou a Kingsburgh, Flora Macdonald foi presa. Sem apparentar o menor susto, manifestando apenas surpresa, a admiravel creatura affirmou que nunca vira o principe Carlos Eduardo; vinha

de Portree, perdera-se no caminho; por isso, demorára dous dias mais do que esperava. A situação de seu padasto e seu tio, servindo lealmente nas tropas do rei George valeram-lhe alguma consideração e suscitaram-lhe defensores, affirmando que, muito provavelmente, ella dizia a verdade. Ainda assim, sua prisão foi mantida e ella foi levada para bordo de um navio de guerra, onde a puzeram, de surpresa, diante de outros prisioneiros, entre os quaes estava o capitão O'Neil.

Contavam com um olhar, um movimento, que pudesse trahil-os. Felizmente eram ambos de tempera segura e inflexivel. Olharam-se com absoluta indiferença, como se nunca se tivessem visto.

Quanto ao principe, continuou em sua odysséa.

Pensou em alcançar Raasay; porem, prevendo que elle tentaria se abrigar em alguma ilha, o duque de Cumberland ordenára uma providencia brutal mas efficiente: a apprehensão ou destruição de todos os barcos de pescadores.

Dous d'esses bravos Escossezes, dous irmãos, haviam conseguido occultar seu bote em uma ilha, afastada do littoral uma milha e ficaram alerta, esperando um momento opportuno.

Passaram-se varios dias, sem que essa situação se modificasse; não apparecia um só navio francez e a vigilancia em terra continuava infatigavel. Patrulhas numerosas percorriam o littoral, em todas as direcções,



Ia descalço, vestido com um kirt negro, muito usado, um casaco em farapos, uma camisa immunda...

revistando as mais humildes cabanas, batendo os bosques.

Porem os soldados não alarmavam tanto o principe e seus dous companheiros como os espiões, que pululavam na região.

Um dia, passaram um momento angustioso. Os camponeses e pescadores tinham-os prevenido contra a presença de um homem mysterioso, que andava por alli, como quem não tem destino certo, dizendo-se vendedor de fumo. Homem suspeito, desconhecido na região e tendo já dado provas de que não conhecia bem a mercadoria, que pretendia vender. Immediatamente os dous pastores decidiram. Matariam o falso vendedor ambulante, onde e quando o encontrassem. O principe protestou:

— Não. Deus não permittirá que, por minha causa, seja friamente derramado o sangue de um homem, talvez innocente.

No mesmo dia, estando em logar, onde não havia esconderijo para os trez, viram o supposto negociante, adiantando-se por uma estrada proxima. Que fazer? Iam ser descobertos... Se aquelle individuo fosse de facto um espião, estariam perdidos. Os pastores prepararam suas armas e o proprio principe assentiu com um gesto. Mas o homem passou de cabeça baixa, absorto, preocupado e desapareceu em uma curva da estrada, sem desconfiar de que estivera tão proximo da morte. O só facto de não ter olhado em torno de si lhe salvara a vida.

Mais tarde soube-se que elle tambem era um evadido, ameaçado de prisão.

Duas semanas passaram. O "Principe Gentil" parecia condemnado a prolongar indefinidamente aquella existencia de angustia e miseria. No dia 22 de Julho, chegou aos arredores de Glenshiel, no Ross-shire. Fizeram um desvio para evitar a povoação e souberam, afinal, com extremo alvoroço, que um navio francez cruzava diante de Loch Ewe, tentando entrar em communicação com elle. Para isso, dous officiaes francezes tinham já desembarcado em varios pontos d'aquella costa.

Com a rapidez, que a prudencia permittia, os trez homens voltaram a caminhar para o sul.

Iam palpitantes de esperanza mas em que estado!

Um sacerdote presbyteriano, que encontrou então o "Principe Gentil", assim o descreveu.

"Ia descalço, vestido com um kilt negro já muito usado, um casaco em farrapos; uma camisa immunda. Tinha a barba e as cabellos ruivos crescidos e em desordem. Na mão um fuzil; no cinto uma pistola, um polvarinho e uma caneca de cobre. Ainda assim, tinha um ar de incomparavel nobreza e a distincção de suas attitudes seria bastante para denunciar nelle um homem de alta linhagem."

Embora se esforçassem para alcançar sem demora o ponto de onde poderiam avistar o navio salvador, o principe e seus companheiros só em principio de Setembro lograram chegar ao monte de Ben Alder. Havia alli espessas moitas, que facilitavam esconderijos e foram muito preciosos para os fugitivos, porque havia tropas acampadas pelos arredores.

Apoz uma noite entre as arvores descobriram uma pequena caverna e nella se alojaram.

No dia 13 de Setembro, souberam que não um mas dous navios francezes tinham apparecido diante de Loch

Naunagh. Era muito distante... Os trez homens desanimaram de alcançal-os e julgaram-se definitivamente perdidos.

Mas os Francezes estavam bem informados e tinham-se afastado de Loch Ewe, justamente para illudir a vigilancia dos Inglezes. Mandaram porem botes, que, á noite, abordaram logares desertos para mandar instrucções ao principe e acabaram por conseguir embarcal-o.

Uma vez a bordo, só restava a Carlos Eduardo o perigo de um encontro com a esquadra ingleza; mas os Francezes conseguiram evital-a e o principe chegou são e salvo a Dunkerque.

Quanto a Flora Mac Donald, fôra enviada a Londres e alli ficou presa até Julho do anno seguinte. Mas sua belleza, a firmeza de sua attitude e os serviços prestados por seus parentes a George II tinham creado um movimento popular em seu favor.

No dia da assignatura do Act of Indemnity, attendendo a supplicas de varias origens, George II mandou libertal-a.

Voltando á Escossia, a heroína casou-se, teve cinco filhos e viveu ainda trinta annos. Mas não esquecera o "Principe Gentil", porque, nas vespas de sua morte, mandou tirar de um armario, onde os guardára cuidadosamente, os lençoes, que tinham servido no leito destinado a Carlos Eduardo, na unica noite que elle passára em sua casa, em Kingsburgh. Com elles queria que fosse feita sua mortalha.

○ ○ ○

CORAGEM — *Entre todas as virtudes, é a essencial. Mesmo entre raças e tribus, que vivem na mais abjecta animalidade, desconhecendo ou desdenhando qualquer virtude, rendem homenagens á bravura, porque essa é admirada por todos os entes humanos.*

David, Sansão e outros heróes biblicos tinham defeitos grandes, praticaram muitos actos censuraveis e até criminosos mas tudo lhes foi perdoado porque eram valorosos. Tambem na Mythologia, os Gregos esqueciam a ingratidão de Theseu, a versatilidade de Perseu e a estupidez de Hercules porque eram valentes.

Nunca um cobarde foi glorificado.

Socrates e S. Paulo pronunciaram as mais bellas sentenças sobre o amor e a justiça, mas sua memoria é glorificada principalmente porque, nos momentos criticos de sua existencia, elles se mostraram sem temor e promptos para dar a propria vida por

um ideal. O stoicismo de Mucio Scevola, collocando a mão sobre um brazeiro para castigal-a por haver assignado um acto

injusto, concorreu mais para seu renome do que todos os actos justos e louvaveis de sua longa carreira politica.

○ ○

O governo francez acaba de incluir entre os monumentos nacionaes — isso é, entre os edificios, conjuntos de edificios e paizagens cujo aspecto não pode ser alterado — a praça da Concordia, em Paris.

Essa praça tão famosa tem uma historia accidentada.

Em meados do seculo XIII havia alli um terreno baldio. Depois, pouco a pouco, surgiram em torno edificações. Em 1748 era já uma das praças mais notaveis da capital franceza e, para celebrar o restabelecimento do rei Luiz XV, que estivera gravemente enfermo, o Parlamento de Paris decidiu elevar alli uma estatua equestre do rei então chamado "Luiz, o bem Amado". Essa estatua, feita pelo escultor Bouchardon e o ar-



Logo que voltou a Portree, Flora Mac Donald foi presa.

chitecto Pigalle, foi inaugurada no dia 20 de Junho de 1763.

Em 1792, os revolucionarios puzeram abaixo a estatua e ergueram em seu lugar outra da Liberdade. O espaço, que, então, se chamava Praça Luiz XV, passou a ter o nome de Praça da Revolução.

Em principios de 1793, a guilhotina, que funcionava na praça do Carroussel, foi para alli transferida.

O ultimo decreto da Convenção Nacional, em 1794, mudou de novo o nome da praça, que passou a ser da Concordia.

Com a restauração da realeza, em 1814, voltou a se chamar praça Luiz XV; em 1824, passou a ser praça Luiz XVI e, assim, ficou até 1830, quando, subindo ao throno, o rei Luiz Philippe lhe restituiu o nome de praça da Concordia.

Quanto ao obelisco de Luxor, foi alli collocado, no lugar em que estivera a estatua de Luiz XV, em 1836.

○ ○

Ninguem foge a seu destino

O actual presidente do conselho de ministros da Inglaterra, o Sr. Neville Chamberlain, é o homem mais modesto d'este mundo.

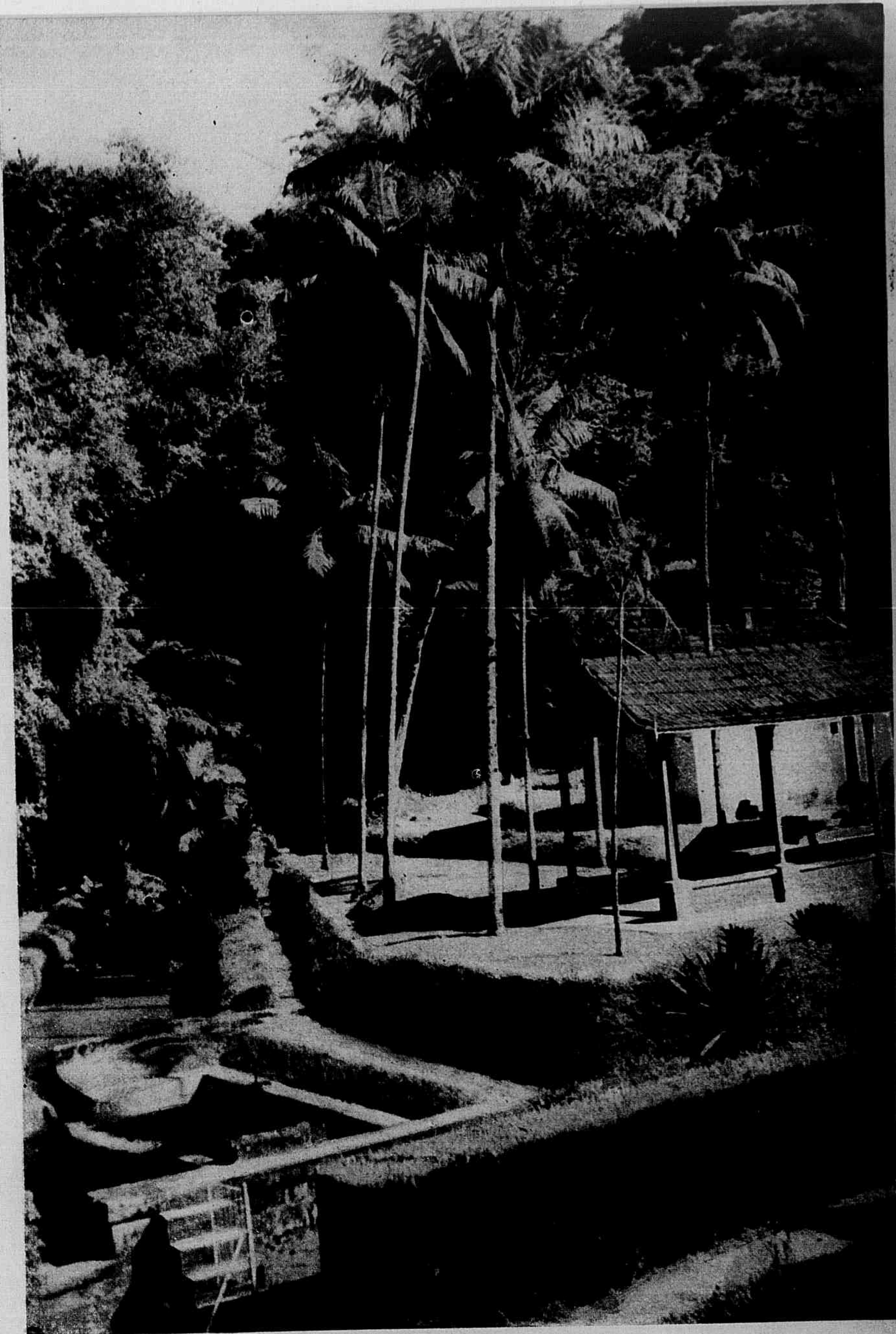
Desde a infancia teve o habito de ceder a primazia a seu irmão mais velho, o imponente Austin, que se julgava destinado a todas as grandezas.

De facto, enquanto Austin, como digno herdeiro do seu pai, o autoritario primeiro ministro, que fez a conquista do Transwaal, era eleito para substitui-lo na Camara dos Communs, Neville partia para as ilhas Bahamas, onde ficou sete annos, vivendo como simples agricultor. Depois, voltou á Inglaterra mas continuou a manter-se absolutamente alheio e mesmo indifferente á politica. Só em 1911, attendendo a insistentes pedidos de seus conterraneos, consentiu em entrar para o Conselho Municipal de Birmingham. O accaso do fallecimento do

prefeito d'essa cidade, no final da legislatura, obrigou-o a assumir, em 1915, as respectivas funcções e elle se conservou nessa situação, relativamente modesta, até 1918.

Então, diante de uma crise politica muito grave, consentiu em ser eleito para a Camara dos Communs, como candidato de conciliação.

Transpuzera o Rubicon. Nunca mais deixou de ser reeleito. Em 1923, foi nomeado ministro dos Correios e Telegraphos; dous annos depois, chanceller do imperio; e tão habil administrador se mostrou nessas funcções que.



Um dos innumerados regatos que convergem para o reservatorio de Cantareira em S. Paulo
(PHOTO DE JOSÉ NUNES FERREIRA.)



A civilização dos Índios — Parece uma scena de film, mas é um aspecto da vida real, no interior do Canadá, onde, graças a intelligente e pertinaz trabalho do governo, com o auxilio do cinema, os Índios já começam a vestir-se, a construir suas habitações e a trabalhar como civilizados. O que vemos acima é um casil de índios Apaches, diante de sua residencia, em uma floresta, que estão explorando, por processos modernos. A melhor consequencia d'essa intervenção do governo é um augmento da população aborigene. Só no districto do Ottawa, os índios, que eram, em 1924, 104.894, são actualmente 112.510. O serviço canadense de assistencia aos índios occupa 400 medicos, 100 dentistas, 200 ambulancias e mantem escolas, que são frequentadas por 18.000 crianças. Seu orçamento annual eleva-se a 2 milhões de dollars.

agora, foi chamado a substituir o Sr. Baldwin, que, tendo completado 69 annos, julgou haver attingido o limite de idade e abandonou o cargo de primeiro ministro.

Com 69 annos. O Sr. Neville Chamberlain tem 68...

Sua distracção predilecta é a pesca. Muito caseiro, adora a esposa e tem horror a apparato, festas, vida social.

Mas sabe o que vale. A um amigo, que previa aborrecimentos do contraste entre seus gostos modestos e o alto cargo de chefe do governo inglez, elle disse:

— Eu sei que me faltam muitas qualidades de meu illustre predecesor; mas, francamente, não vejo outro homem a quem ellas não faltem tambem.

○ ○

ACUIDADE VISUAL — Um biologista norte-americano, depois de longas e minuciosas experiencias, chegou á conclusão de que os homens têm o olphato mais sensivel do que as mulheres.

Sem estudos de

universitarios, já se estabelecera a crença de que a acuidade visual varia com o sexo. Pelo menos é o que dizem todos os empregados de hotéis da Suissa, que tomam conta dos oculos de alcance, postos á disposição dos hospedes, para observar os panoramas.

Affirmam elles que, para fazer essas observações, 90% das mulheres fecham o olho direito e olham com o esquerdo. Na mesma proporção, os homens fecham o olho esquerdo e olham com o direito.

○ ○

Um musico bava-ro tirou patente de um violino meca-nico, accionado por electricidade. Esse instrumento func-ciona com uma tira de papel perfurada. Cada orificio do pa-pel dá passagem a uma corrente electri-ca, que, com o au-xilio de um electro-iman, baixa sobre as cordas dedos me-canicos, ao mesmo tempo que move o arco, que se compõe de pequenas rodas celophanadas — uma para cada corda. E essas rodas agem com a doçura ou vi-gor exigidos pela ex-pressão da musica.



Moças de Kitzpebel, no Tyrol Austriaco.



Rapazes de Mezokoved, na Hungria.

Pode ser muito pittoresco... Mas é fóra de duvida que essas duas jovens tyrolezas poderiam ser bonitas e graciosas como quaesquer outras creaturas femininas, em sua idade. Mas fazem questão de conservar os vestuarios tradicionaes de suas avós, de sua raça; vestuarios ridiculos, incommodos, carissimos. Mas estão convencidas de que o respeito á tradição é uma questão de honra.

A BOLSA VERMELHA

ROMANCE DE ALICE CAMPBELL

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Arquejante, com os cabellos em desalinho, causou profunda impressão em Neil e nos próprios Tylbur.

— Que é isso, miss Carolina? — exclamou o photographo, em tom alarmado e correndo a seu encontro. — Passeiando a esta hora? E andando assim tão depressa... Isso pode lhe fazer mal ao coração.

Para não parecer indiscreto, o escriptor poz o automovel em movimento, mas ainda teve tempo para ouvir miss Booth dizer:

— Mas é preciso tentar esta noite também... Esses adiamentos é que estão me matando. Iremos até as onze horas ou mesmo mais, se fôr preciso.

×

Chegando ao presbyterio, Neil dirigiu-se logo ao telephone e, procurando obter uma comunicação com Natacha, surpreendeu uma conversação entre a jovem Russa e um desconhecido, cuja voz agradável e educada ainda mais exasperou seu ciúme.

— Por que não veio? — perguntava elle, em tom de censura. — Estou, ha mais de meia hora, a sua espera, na casa de chá. Não posso supportar essa incerteza. E' preciso que tomemos uma resolução.

— Não se inquiete. Irei immediatamente.

Poucos instantes depois, quando Neil obteve a comunicação, foi para saber que Natacha acabava de sair. O gesto violento com que desligou o aparelho e o rubor, que subiu a seu rosto, trahiram com tanta evidencia seu despeito que os Gisborne o fitaram com surpresa.

— Parece aborrecido... — disse Rachel com a calma habitual — Más noticias?

— Não... é que...

Sentia-se fortemente intrigado pela palestra, que surpreendera. Que decisão urgente teria Natacha que tomar? Por que motivo estaria o extranho tão impaciente? Que incidente teria surgido no romance de amor entre o desconhecido e Natacha?

Explicou a seus amigos que, tendo miss Booth resolvido realizar nova reunião nocturna, elle desejava, quanto antes, prevenir Natacha; mas tendo ella se ausentado, só lhe restava prevenir miss Braselton.

— Eu, que detesto intervir em casos de familia — accrescentou.

— Para mim — disse Rachel — mais vale deixar Emily cuidar de tudo isso. Ella saberá vigiar Caroline. O que admiro é que Carolina tenha retomado seus habitos mysteriosos, a despeito da chegada de sua amiga.

— Foi isso mesmo o que me surpreendeu — concordou Neil — Até então, as suspeitas de Natacha me

Solteirona e riquissima, miss Carolina Booth convida o jovem escriptor norte-americano Neil Starkey para se instalar em sua sumptuosa casa de campo, para redigir uma biographia de seu pai, que foi um sabio illustre. Neil observa que ella apresenta alarmantes symptomas de nervosidade e mantem relações de extranha intimidade com um photographo suburbano (o Sr. Tylbur) e sua esposa, creaturas grosseiras, com as quaes fica até alta noite, fechada, em mysteriosas conferencias. Nota tambem que miss Natacha, uma sobrinha orphã, que ella recolheu em sua casa, vive inquieta, assustada. O vigario da aldeia proxima (Gisborne) e sua irmã Rachel, amigos de Neil, adoram Natacha e acreditam que miss Carolina está com as faculdades mentaes affectadas. Dous dias depois, Neil vê Natacha fallar occultamente com um homem ainda moço, na aldeia e dar-lhe dinheiro.

No dia seguinte, surpreheende Natacha vendendo ao joalheiro da cidade proxima suas modestas joias e ella lhe confessa que precisa urgentemente de cem libras: mas recusa acceitar seu auxilio. Entretanto, miss Braselton professora da localidade e companheira de infancia de miss Booth, vem procural-a, decidida a fazel-a viajar um pouco para se distrahir. Miss Booth, que anda fazendo mysteriosas buscas nas ruinas de uma velha abbadia encravada em sua propriedade, tem, nessa occasião, um ataque e embora o medico lhe aconselhe absoluto repouso, levanta-se durante a noite para procurar o casal Tylbur.

pareciam exaggeradas. Agora... tenho a impressão de viver em uma atmospha sinistral.

O vigario sorriu, com ar desdenhoso.

— Sinistro! Por causa d'esse photographo? E' ridiculo. Elle, naturalmente, quer se aproveitar da situação. Mas não acredito que tenha más intenções.

— Em todo caso — objectou sua irmã — já tentei convencer Carolina de que não deve dar tanta confiança áquelle casal e, com isso, perdi sua amizade. Talvez Emily Braselton seja mais feliz e consiga desvial-a dos Tylbur...

Toda a tarde, Neil sentiu que Rachel o observava, visivelmente intrigada e, quando se despediu, ella o acompanhou até o portão. Ah! a bôa creatura murmurou com voz alterada:

— A proposito de Natacha... não acha que ella está me evitando? E eu creio que anda acabrunhada por algum aborrecimento serio...

Recordando sua promessa de guardar segredo sobre o que surpreendera, Neil allegou, sem grande convicção, as multiplas occupaões de Natacha.

— Tenho a impressão de que o senhor gosta d'ella... E' verdade? — perguntou Rachel, com simplicidade.

— Sim — respondeu o escriptor, com a mesma honesta franqueza.

— No emtanto, o mais provavel é que ella nada lhe tenha contado sobre sua vida?

— Natacha é d'essas que não confiam facilmente...

— Perdôe a indiscreção de uma solteirona, mas, se ha amor entre vocês...

— Oh não! Infelizmente não ha reciprocidade — disse Neil, procurando disfarçar seu embaraço, com um riso nervoso.

×

Na manhã seguinte, os factos tomaram feição tão tranquillã que Neil começou a dar razão a Gisborne, acreditando que a chegada de miss Braselton fôra bastante para restabelecer a ordem na casa.

— Não sei se sabe que sua tia introduziu os Tylbur, aqui, esta noite... — disse elle á jovem Russa.

Natacha bateu a portinhola do automovel e voltou-se para elle, com o olhar scintillante de curiosidade.

— Não. Eu sahira... Mas como poudo o senhor saber?

Elle lhe expoz os factos e, ao contrario do que esperava, notou que ella se mostrava menos inquieta.

— Deve ter sido a ultima vez! — disse, afinal. — No mais, tudo vai correndo bem. O medico aconselhou a tia Carolina que partisse. Ella precisa de



O primeiro banho de bebé — Embora com toda a segurança e o conforto de um fluctuante de borracha provoca susto e o consequente berreiro.

distracção e não deve perder essa occasião unica para viajar em companhia de alguém, capaz de zelar por sua saude. Com grande surpresa minha, tia Carolina acceitou, sem protestar. Olhe. Ahi vem o chauffeur. Miss Emily partirá, dentro de poucos minutos, para Paris.

— Mas... sua tia não a acompanha?

— Não. Irá se encontrar com ella no sabbado. Quer fazer seus preparativos com calma e repousar alguns dias, antes de emprehender essa viagem. Eu estou encarregado de ir fazer algumas compras para tia Carolina. Quer ir commigo?

Durante a refeição, miss Booth manteve o ar de secreta resolução, que arvorára desde sua ultima syncope. Parecia conformada com a perspectiva d'essa viagem a que, primeiramente, tanto se oppuzera. Intrigado por essa repentina transformação, o escriptor procurava adivinhar o motivo, que levára a solteirona a incumbir sua sobrinha de fazer compras, quando, geralmente, dispensava seu auxilio. Que teria havido? E por que se mostrava tambem Natacha tão differente do que sempre fôra?

Quando foi a seu encontro, na garage, Natacha estava cantando uma cançoneta popular, com alegria sincera e seus olhos scintillavam.

— Bravo! — exclamou Neil, com um sorriso — Vejo-a afinal com bom humor.

— Sim. E' um facto extranho. A menor viagem me enthusiasma. Agora já o plano é outro. Tenho que conduzir tia Carolina a Londres para o embarque. Justamente o que eu desejava, sem ousar esperar. Vamos!

Nesse momento, viram os Tylbur, que se installavam em seu velho automovel.

— Estamos de folga, esta tarde — annunciou Constance — Alfredo e eu vamos ao Cheddar George. Servem alli um chá excellente. Conhecem o lugar?

Em vez de lhe responder, Natacha murmurou, entre dentes:

— Gente antipathica! E' de se jurar que estão satisfeitos com a partida de Carolina! Ficariam, porem, desilludidos, se conhecessem melhor miss Emily; porque estou certa de que ella não tardará a desvendar o mysterio e, graças a ella, minha tia retornará a seu estado normal. Já providenciou para que tia Carolina passe a noite de sexta-feira em seu apartamento de Kensington, antes de embarcar, no sabbado pela manhã. Já comprou as passagens. Isso significa que estou livre e poderei cuidar, com calma, de meus pequenos problemas pessoais.

— Pretende encontrar sua solução em Londres? — perguntou Neil, sem poder esquecer a conversa telefonica, que surprehendera.

— Sim. As cousas estão se arranjando com tamanha facilidade que chego a ficar desconfiada. Mas, voltemos aos Tylbur — accrescentou, com evidente intenção de desviar a conversação — Passei toda a ultima semana, assustada, receiando que occorresse alguma cousa grave.

Estremeceu e proseguiu:

— Não tenho provas contra elles, mas uma especie de sexto sentido me previne de que minha tia está nas garras d'esses miseraveis. Elles a têm em seu poder, corpo e alma, a tal ponto que, por nada neste mundo, eu a deixaria a sós com esse casal sinistro.

— E que vai fazer, durante a ausencia de miss Booth?

— Partir. Se tudo correr como espero, a verde e encantadora Inglaterra não me verá mais!

— Mas... não pode fazer isso! — exclamou Neil com uma consternação, que não conseguiu disfarçar — Se deixar esta casa, como poderei viver aqui? Pretende que eu passe todas as horas do dia e da noite, decifrando palavras cruzadas?

Ella riu, sinceramente divertida.

— Esses problemas têm, pelo menos, uma grande vantagem. Podem ser resolvidos!

Apoz algumas compras e uma visita á cathedral de Exeter, Natacha propoz irem tomar chá em Bath. Depois, ergueu-se da mesa e pediu desculpa ao escriptor, declarando que "*precisava de ir a um lugar*".

— E' cousa rapida — explicou — Vinte minutos, no maximo. — Onde nos encontraremos?

— Aqui mesmo. Vou para o bar americano.

Os dous *Martini* seccos, que Neil absorveu não puderam acalmar sua colera contra si mesmo, ao recordar o passeio de automovel, durante o qual estivera prestes a se declarar apaixonado, como um collegial. Sua paixão

por uma mulher, que se desinteressava d'elle, enchia-o de vergonha e furor. Ia pedir um terceiro *cocktail*, quando a buzina do automovel de Natacha o chamou.

Conforme Neil já esperava, ella não lhe deu a menor explicação sobre sua ausencia e, como parecesse mergulhada em profunda meditação, elle se installou a seu lado, tambem em silencio.

Chegando a Stoke Paulton, viram um taxi no qual vinha um homem edoso e de aspecto austero, com uma pasta sobre os joelhos.

— Tivemos visita! — exclamou a jovem Russa, com evidente curiosidade — E' extranho que nada me dissessem a esse respeito.

E, bruscamente, segurando um braço de Neil:

— Quem acredita que seja? — perguntou.

— Um medico ou um advogado.

— Um advogado? Sim. Deve ser seu advogado, de Londres. Eis a explicação das compras, que me mandou fazer. Queria me afastar d'aqui...

— Como?

— Sim. Tia Carolina tinha alguma cousa a fazer e não queria que eu soubesse! Como se seus negocios particulares me interessassem! Receiava talvez que eu me oppuzesse...

CAPITULO XII — MISS BOOTH PARTE, AFINAL

Sexta Feira, 20 de Março: — dia em que os menores incidentes deviam ser submettidos a um exame retrospectivo e trabalhoso e que se inscreveria em letras rubras, na memoria de Neil.

Contemplando o automovel, que desaparecia alem das arvores, o jovem historiador procurava dominar a tristeza, que a partida de Natacha lhe causava e a surpresa, que lhe causára a solteirona, decretando que o gerente e sua esposa se installariam na propria casa, para tomar conta d'ella. Neil ficaria com as chaves do escriptorio, enquanto a Sra. Tylbur cuidaria do resto da casa.

Apenas a solteirona se afastou, sua sobrinha fez irrupção na sala de jantar, com a violencia de um cyclone.

— Ouviu? São elles os que mandam aqui agora! E' o cumulo! Tia Carolina deve estar louca!

Deteve-se, esforçando-se para respirar com mais calma e proseguiu:

— E', principalmente, por sua causa, que me aborreço, porque eu... não ficarei aqui!

— Tambem eu vou me embora. Prometti ao reverendo Gisborne passar todo o mez no presbyterio. Só virei para trabalhar. Creio que miss Rachel tambem a convidou. Pretende acceitar?

Natacha se mostrou evasiva.

— Não sei, ainda. Como tenho que ir deixar o automovel na garage Saunders, em Glastonbury, é possivel que vá ao presbyterio domingo e alli passe um ou dois dias. Depois... quem sabe?

Ergueu os hombros e novamente deixou explodir sua indignação.

— Não é horrivel ver, diariamente, esse casal sordido ganhar maior influencia sobre tia Carolina? Se eu não tivesse a certeza de que miss Emily vai pôr tudo novamente em ordem, seria capaz de acreditar que os Tylbur ainda acabarão expulsando tia Carolina de sua propria casa! Felizmente minha tia vai partir... Até esta manhã, eu temia ver surgir algum incidente, que impedisse sua viagem. Sabe o que aconteceu esta noite?

Approximára-se de Neil.

— Eu acabava de entrar em meu quarto, quando a cuvi descer a escada. Detive-me e vi que ella vestira seu velho casaco de couro para sahir.

— Com aquella chuva?

— Assim mesmo. Eram duas horas da manhã! Felizmente pude impedir que fizesse essa loucura e levei-a novamente para o leito. Mas deixei a porta de meu quarto aberta, toda a noite!

— Emfim, ella agora está em segurança!

Quando, mais tarde, Neil recordou essa conversação, foi forçado a reconhecer que, nesse instante, estava convencido, como Natacha, de que miss Braselton desvendaria os segredos dos Tylbur para combatel-os com todas as forças.

No dia da partida, miss Booth mostrára-se unicamente preocupada com as previsões meteorologicas. Agitada e inquieta, não cessára de consultar o barometro.

— Não ligue importancia a esse instrumento — disséra-lhe o gerente, em tom de gracejo — Olhe! O céu está clareando. Ha de fazer uma boa travessia, amanhã.

Miss Booth, envolta em uma grande capa, tendo na cabeça um pequenino chapéu, munira-se com um guarda-chuva, um embrulho pequeno e duas grandes bolsas, das quaes uma — a de pelle de crocodillo — continha evidentemente, o precioso manuscripto, ao passo que a outra, apenas dinheiro.

Pouco depois, surgiu Natacha. Com ar indifferente, desceu os degraus, calçando as luvas de antilope cinzento. Vestira-se com elegancia. Sob seu braço esquerdo, uma bolsa escarlate dava uma nota viva ao conjunto cinzento. Neil sentiu-se invadido por irresistivel onda de admiração e a ideia de que talvez nunca mais tornasse a ver Natacha encheu de angustia seu coração.

Com os olhos brilhantes de ironia, Natacha se deteve junto d'elle, para observar os Tylbur, que cercavam a solteirona.

— Quando eu voltar, conversaremos — disse ella, afinal.

Neil tentou em vão, decifrar a mascara de impassibilidade com que o rosto de Natacha se revestiu nesse momento e de novo se sentiu torturado pelo ciúme, recordando a visita, que ella fizera sóinha, em Bath. Tinha a convicção de que ella ia se encontrar, em Londres, com o eleito de seu coração.

Natacha se installára diante do *guidon*, enquanto os Tylbur, curvados para o interior do automovel, repetiam protestos de dedicacão e votos de boa viagem.

Apoz mais algumas recommendações, o automovel partiu e o casal Tylbur se afastou. Neil ficou só, lutando contra o sentimento de solidão, que o invadia e esmagava. Contemplava ainda a marca dos pneumaticos do automovel, que Natacha dirigia, quando os Tylbur voltaram, carregando grandes volumes, envoltos em lençoes.

— Prompto! — exclamou o photographo, enxugando o suor da fronte. — Creio que nossa vinda para cá não o incomoda.

— Não... Mas eu já havia resolvido que, durante a ausencia de miss Booth, dormiria em casa do reverendo Gisborne.

E como os Tylbur trocavam olhares offendidos, o jovem historiador se deu pressa em explicar que já havia accedido o convite de seus amigos, antes de miss Booth resolver fazer essa viagem.

— Miss Andreyew tambem vai para lá — observou Constance, fitando o tapete. — Talvez por isso é que o senhor...

Neil voltou para ella olhar tão severo que Tylbur, consciente da impertinencia de sua esposa, interrompeu-se:

— Foi sem malicia, senhor. Apenas porque nos sentimos como intrusos aqui, embora não tenhamos culpa de... Apenas obedecemos ás ordens de miss Booth.

A's cinco e meia da tarde, sahindo do gabinete, o escriptor encontrou os Tylbur confortavelmente installados no salão. Constance, com as curtas pernas balançando na borda de uma poltrona, deliciava-se com um *blue*, que o radio espalhava em compassos dolentes. Quanto a Alfredo, estendido sobre o *divan*, tinha ao alcance da mão uma garrafa, um copo e com as duas mãos comprimia o estomago. Quando a porta se abriu, elle estava gemen-do de manso e, reconhecendo Neil, tentou se erguer, ostentando um pallido sorriso.

— Boa agua ardente — disse, indicando a garrafa. — Miss Booth me aconselhou que a tomasse, para alliviar minhas dores de estomago. Aceita um calice?

Neil recusou seccamente e Connie pediu a Alfredo que se mantivesse deitado.

— Elle soffre muito, Sr. Starkey. A unica cousa que lhe faz bem é um bom synapismo de mostarda. Hei de preparar um, logo que elle se deitar.

Toda a sala parecia manchada pela presença d'aquelle casal. Cinza de cigarro no tapete, cheio de fumo ordinario e agua de colonia barata no ar. Parecendo ter, vagamente, consciencia da detestavel impressão d'esse espectáculo sobre o historiador, Constance curvou-se para abotoar os sapatos. No mesmo instante, a campainha do telephone se fez ouvir. A mulher desligou o radio e o marido, dominando a dôr, correu para o *hall*.

— Allô... Sim; é Bishop's Paulton, dous, seis...

Houve longa pausa. Constance aproximára-se e, antes de se retirar, Neil surpreendeu entre elles um olhar carregado de mal dissimulada impaciencia.

Pensando que a communicacão talvez lhe fosse destinada, Neil se deteve um instante, no limiar, depois, nada mais ouvindo, procurou esquecer os Tylbur e limpar os pulmões com o ar puro do jardim.

No dia seguinte, chegando a Stoke Paulton, viu, de longe, junto do portão, o automovel do Dr. Graves e soube, por Crabb, que Alfredo passára muito mal a noite.

— Que teve elle? — perguntou, com indifferença.

— Um enbarço gastrico, senhor. Uma irritacão alimentar, creio eu. A Sra. Tylbur cuidou d'elle toda a noite e sómente ás dez horas ou pouco antes, chegou o medico. Pensei que elle morresse. Ouvi dizer que não poderá deixar o leito durante varios dias, o que, realmente, não é para lamentar.

Pela primeira vez, Neil surpreendeu nos olhos calmos de seu interlocutor um fulgor, que o instruiu sobre os verdadeiros sentimentos do mordomo. Instinctivamente Crabb e Neil trocaram um sorriso.

— Alguma noticia de miss Andreyew?

— Não, senhor. De resto, eu não a esperava. Estou convencido de que ella não voltará aqui, senão em caso de absoluta necessidade, para apanhar alguma roupa esquecida, por exemplo.

O dia de domingo, decorreu na mesma incerteza e quando chegou segunda-feira, Neil e Rachel começaram a ficar inquietos com tão longo silencio.

— Que estará ella fazendo em Londres, que não tem tempo nem para me mandar um telegramma?

Torturado pela ideia de que Natacha fôra passar o *week-end* em companhia do homem, que amava, Neil fumou quasi uma centena de cigarros, estremecendo a cada vez em que um automovel passava pela estrada. Apoz o almoço, dirigiu-se á garage de Glastonbury, para se certificar de que a jovem Russa não voltára sem o prevenir e recebeu uma resposta, que, ainda mais o surpreendeu.

— Não, senhor, miss Andreyew ainda não voltou. Mas ha, aqui, um telegramma que a espera desde sexta feira. Não sei porque o endereçaram para aqui. O senhor de resto, não é a unica pessoa a desejar encontral-a; esteve aqui uma senhora, duas vezes, a sua procura é, ha pouco, foi um homem.

— Que especie de homem? — perguntou Neil, assaltado por subita suspeita.

— Um homem franzino, louro, de bigodinho. Veiu no pequeno *Ford* de miss Booth. Chama-se Pilbur ou Tylbur...

— Tylbur!

Porque desejaria elle encontrar Natacha e como pudéra deixar o leito, doente como estava? O facto era singular e capaz de perturbar o espirito mais equilibrado.

Naquella noite, Neil fez, em vão, esforços para fixar sua atencão na leitura de um tratado scientifico.

Giles Gisborne revia as provas de sua ultima obra e Rachel fazia *tricot*. A's dez horas, a porta se abriu bruscamente e Natacha appareceu, pallida, como uma morta.

CAPITULO XIII — NATACHA VOLTA

— Natacha! — exclamou Rachel — Emfim! Já estamos assustados...

A jovem Russa fez um es-



Para o treinamento individual de "boxers" — Apparelho com um torso de borracha, com rigidez semelhante á dos musculos de um hercules, ligado a molas e um quadrante, que indica a força dos soccos.

orço para sorrir. Seus olhos estavam cercados por orlas escuras.

— Sim, sou eu... ou melhor: o que resta de mim!

Deixou-se cahir sentada, no *divan*, com ar de extrema fadiga.

— Você está extenuada, Natacha! Que andou fazendo?... Dansou a noite toda?

— Não! Guiei um automovel todo o dia e acabei vindo de Glastonbury, a pé!

— A pé! Mas poderia ter vindo até aqui e depois Saunders mandaria buscar o automovel.

— Tem razão. Não sei porque fiz isso... Ah! E' verdade. Saunders tinha sahido e seu ajudante é um pateta!

Intrigado e inquieto ao mesmo tempo, Neil observava Natacha, perguntando a si mesmo se não devia attribuir seu estado mais a uma violenta depressão nervosa do que a simples fadiga physica.

O vigario, que tinha que ir a uma conferencia com um amigo, ergueu-se da mesa, bocejando.

— E' Carolina? Embarcou sem grandes protestos?

— perguntou.

— Supponho...

— Como? Não a acompanhou até a estação?

— Não. Sexta feira, á tarde, ella dispensou meus serviços, pedindo-me que a deixasse sózinha.

— Ora essa! Que creatura extranha! — observou o sacerdote.

E sahiu. Pouco depois, Rachel deixou tambem a sala para preparar o quarto de sua amiga e Neil ficou só, com Natacha. Com a cabeça recostada, tombada para traz, as palpebras semi-cerradas, ella parecia sem forças para fazer um movimento. O jovem biographo não podia desviar os olhos de seu rosto. Finalmente, ella disse, em voz baixa:

— Talvez se alegre ao saber que obtive o que desejava...

— As cem libras?

— Mais ainda. E de maneira tão inesperada que quasi chego a duvidar da realidade. Imagine! Foi graças a tia Carolina, embora eu nada lhe tivesse pedido. Contarei tudo, se me prometter guardar segredo.

Deteve-se para humidecer os labios seccos.

— Durante todo o trajecto, tive a impressão de que minha tia tinha alguma coisa para me dizer, mas só fallou no momento da despedida. Conforme me pedira, deixei-a diante da London Library, em Saint James Square. Nesse instante, ella se approximou mais de mim e collocou em minha mão um pequeno embrulho. Continha duas notas de dez libras e... um collar de perolas.

— Um collar de perolas!

— Sim; um collar, que pertenceu a minha avó. Eu nunca vira essa joia nem sabia de sua existencia. Tia Carolina me declarou que, afinal, esse collar me pertencia; por isso, preferia entregal-o logo em minhas proprias mãos, em vez de m'ó deixar em testamento. Acrescentou que assim fazia, receiando que pudesse "acontecer alguma coisa". Não é extranho? Começo a acreditar que ella não me detesta como eu imaginava. Fiquei, como pode imaginar, immobilizada de espanto. Mas depois obtive trezentas e cincoenta libras por essas perolas.

— Então... vendeu o collar? — perguntou Neil, friamente.

— Pois claro. Só eu sei como estava precisando de dinheiro!

O historiador reflectia, tentando adivinhar onde e como Natacha passára os trez ultimos dias. Seu estado de abatimento provava que não os passára alegremente. Ao contrario, devia ter experimentado grandes angustias.

Repentinamente, lembrou-se do telegramma, que a esperava na garage. Comunicou-lhe esse facto, acrescentando:

— Saunders me disse que esse telegramma chegou na sexta-feira. Certamente já o recebeu...

— Um telegramma?

Durante alguns segundos, suas pupillas se dilataram, como sob o effeito de um susto.

— Quem poderia me mandar um telegramma, endereçando-o para a garage? Tenho que ir ver...

Ergueu-se.

— Eu a levo em meu automovel — propoz Neil.

— Aceito!

Alguns minutos depois, Natacha recebia a mensagem e dizia com estupefacção.

— Veja! E' de tia Carolina. Mandou para a garage por ignorar onde eu me encontrava.

O telegramma continha o seguinte:

— *Bolsa de crocodilo esquecida no automovel. Favor depositar-a banco. Telegraphe para Hotel Roblin. Paris. Importante. Carolina.*

— Miss Booth levou a bolsa sob um braço, ao partir — disse Neil — Notei, mesmo, que levava duas bolsas.

— Sim, tambem eu o notei... Na bolsa preta guardára dinheiro. Quanto á outra, não sei o que continha.

— Os manuscriptos de seu avô, penso eu. E, talvez, outra cousa. Aqui está o automovel... Vamos procurar.

Embora o mecanico da garage affirmasse nada ter retirado do automovel, não encontraram a bolsa. Havia alli apenas um mappa de estradas e um cobertor de viagem.

— Deve tel-a perdido na rua!

— Ou alguém a roubou do automovel, aqui...

— Não. Fecho as portas com a chave, sempre. Se ella tivesse esquecido a bolsa aqui, nós a teriamos encontrado. Vou telegraphar-lhe.

Regressando, cruzaram uma velha barata Ford, pilotada por um homem, cujo rosto livido Neil depressa reconheceu.

— E' Tylbur — disse elle — Notou como está pallido? Desde que partiram, elle tem estado dcente. Creio que de uma intoxicação alimentar. A proposito. Elle veio procural-a na garage.

Natacha reprimiu uma expressão de repugnancia.

— Esse miseravel me procurou? Para que? Esperava não tornar a vel-o nunca mais! Ah! Já sei o que elle queria. Tia Carolina deve ter telegraphado tambem ao immundo casal, prevenindo-o da perda da bolsa.

— Mas... está tremendo. E' de frio?

— Não... Apenas cansaço.

Levantando a golla do casaco e agasalhando a garganta, Natacha accrescentou, com voz lenta:

— Já lhe aconteceu consagrar todas as energias á realisação de um projecto e, uma vez attingido o resultado, perguntar a si mesmo se tantos esforços foram realmente uteis? E' assim que eu me sinto h je.

— Poderia comprehender, se quizesse ser mais franca.

Porem ella ergueu os hombros, com indifferença, concluindo:

— Ha de saber tudo, dentro de pouco tempo.

E com grande pezar e irritação de seu companheiro, Natacha desatou a rir.

— Não, meu amigo, não estou louca — disse, quando poudes se acalmar — Tudo quanto peço é uma cama onde possa dormir bastante. Oh! Se eu pudesse não despertar mais...

Separaram-se diante do gradil. Natacha se dirigiu directamente, para seu quarto, enquanto Neil guardava o automovel. Rachel veio a seu encontro e entregou-lhe um masso de cigarros, pedindo:

— Quer me fazer o favor de levar isto a Natacha? Tenho que mandar o telegramma a Carolina.

Natacha esperava num pequeno corredor, sombrio.

— Aqui estão seus cigarros — disse elle — Mas não deve fumar hoje... Procure repousar os nervos.

Depois, como seus olhares se encontrassem, o jovem historiador sentiu que qualquer coisa se quebrava em seu peito. Enlaçou Natacha e beijou-a. Ella se desprende de seus braços e, repellindo-o, com um accesso de terror panico:

— Não, não! — exclamou, com um soluço — Oh, meu Deus! Tambem o senhor!

— Natacha... Natacha! — murmurou elle, repetindo esse nome com delicia — Porque diz "tambem o senhor"? Espere, Deixe-me, ao menos...

Era tarde. A porta do quarto se fechára.

Perturbado até o mais intimo de seu coração, Neil desceu lentamente a escada. Encontrou o reverendo Gisborne, de pé, diante da janella. Ao ver seu amigo, disse:

— Um automovel parou diante do portão... Quem poderá vir aqui, a esta hora? Céus... E' o famoso photographo.

Era de facto o Sr. Tylbur, que desceu do vehiculo e entrou, quasi correndo, com o rosto livido e as mãos tremulas.

— Senhor... Sr. Gisborne — balbuciou, arquejante — Desculpe incommodar-o... mas queria ter noticias de miss Booth... A senhora com quem ella devia se encontrar em Paris mandou-lhe este telegramma... Eu me atrevi a abril-o e confesso que fiquei alarmado... Miss Booth devia ter chegado a Paris, sabbado á noite...

O sacerdote, sua irmã e Neil Starkey curvaram-se ao mesmo tempo para o telegramma, que era assim redigido:

"Que aconteceu? Adoeceu de novo? Telegrapei para o apartamento; não obtive resposta. Estou inquieta. Telegrape imediatamente Blaselton. Hotel Robim. Paris"

CAPITULO XIV — MORTA, EM BRISTOL

— Ella não está em Paris? Então onde está? — exclamou Rachel.

— Eu não sei — disse Tylbur... Pensei que aqui pudessem me informar... Miss Natacha não voltou? Não está aqui?

— Está; mas nada sabe. Eu vou fallar com ella.

— Quando chegou este telegramma? — perguntou subitamente Neil.

— Chegou agora, á tarde...

O escriptor reflectiu. Nesse caso, a visita do photographo á garage não fôra motivada pelo despacho de miss Braselton. Ia fazer uma observação a esse respeito quando miss Rachel voltou dizendo:

— Natacha também nada sabe. Não tornou a ver sua tia desde que a deixou em St. James Square, sexta-feira á tarde.

— Como? — exclamou o photographo, com ar scandalizado — Ella não a acompanhou até a estação? E' o cumulo.

— Quem lhe pediu a opinião? — atalhou o sacerdote, asperamente — Vou, eu mesmo, telephonar para o apartamento de miss Braselton, em Londres. E' possível que ella tenha tido outro ataque.

E dirigiu-se ao aparelho telephone, no momento em que Natacha descia a escada, com os olhos dilatados pela surpresa. A telephonista informou que do apartamento não respondia.

— Não deve estar ninguém lá — disse miss Andreyew muito pallida — Miss Braselton não tem criada fixa no apartamento; utiliza apenas uma filha do porteiro, que manda chamar quando precisa... Por exemplo: — tinha a chamado para que estivesse lá sexta-feira para receber minha tia.

Houve um silencio. Neil notou que o Sr. Tylbur fitava miss Andreyew com insistencia, ao passo que ella fingia não dar por sua presença. O photographo estava ainda muito desfigurado e parecia tão fraco que miss Gisborne, num gesto machinal, offereceu-lhe uma cadeira. Esse estado physico ainda tornava mais meritoria sua vinda até alli. Só uma profunda anciedade poderia explicar tamanho esforço.

— Em resumo — disse, afinal, Gisborne — Se ella se despediu de você, em St. James Square, logo que chegou a Londres, não podemos saber sequer se ella foi ao apartamento de miss Braselton.

— Ella me disse que pretendia ir jantar lá. Mas veja o telegramma, que encontrei, ha pouco, na garage e que ella me expediu, depois de se ter separado de mim.

O sacerdote leu, depois perguntou:

— Essa bolsa, que Carolina diz ter esquecido no automovel, continha que?... Dinheiro... objectos para a toilette?...

— Ignoro — disse Natacha, com voz fatigada. — O que sei e varias pessoas podem confirmar é que, mesmo dentro de casa, no parque, em toda a parte, ella andava, dia e noite, com essa bolsa de crocodilo. Não a largava um só instante.

Neil, que não perdia de vista o photographo, viu-o estremecer e erguer-se bruscamente.

— Um telegramma de miss Booth? Dão-me licença que o leia? — Apoderou-se do papel azul, examinou-o attentamente e continuou no tom de quem falla consigo mesmo, reflectindo — E' curioso. Esse telegramma foi expedido da estação central de Victoria, que fica por traz dos Grandes Armazens, ás 5 horas e meia da tarde. Que andaria ella fazendo, a essa hora, nesse bairro de Londres?

Ninguém lhe respondeu e elle proseguiu:

— E' muito curioso... Mais ou menos a essa hora, miss Booth tentou fallar commigo pelo telephone mas o aparelho estava funcionando muito mal... Não consegui entender senão umas palavras, que me pareceram não formar sentido... *Automovel... Esqueci... Garage...* Chamei Constance porem ella também não conseguiu entender.

— Então, tudo se explica — observou o padre — Ella queria prevenil-o da perda da carteira. Nada mais natural.

— Mas é que... — disse Tylbur, hesitante — Tanto eu como minha mulher tivemos a impressão de que... a voz não era a de miss Booth... e de que estavam fallando *atrapalhado*, de proposito. Eu, como sabe, estava me sentindo mal... Mas fiquei tão afflicto que mandei Constance duas vezes á garage, para ver se o automovel já tinha chegado... Porque assim ella fallaria com miss Andreyew e saberia alguma cousa.

Tossiu com embaraço, voltou-se para a jovem Russa e perguntou:

— A senhora, naturalmente, achou a bolsa...

— Não. Ella não estava no automovel.

— Ah!... Então miss Booth enganou-se, a menos que...

— Mas que relação terão essa bolsa e o desaparecimento de Carolina? — perguntou o padre — Por mim, estou convencido de que ella teve outro ataque e foi levada para algum hospital... Em todo o caso, só ha uma cousa a fazer: — prevenir a policia.

Essas palavras produziram impressão desagradavel em todos. Mais tremulo ainda, o Sr. Tylbur disse:

— O senhor é o mais competente para resolver. Se acha que é o melhor... Mas eu espero que nada tenha acontecido a miss Booth... Ella é tão boa...

Sua voz quebrou-se numa especie de soluço. O padre Gisborne interrompeu, visivelmente irritado.

— Ora vamos... Volte para seu leito. Talvez encontre outro telegramma a sua espera...

— Sim, senhor; mas se receber alguma noticia... peço-lhe que me telephone.

Quando a porta se fechou sobre elle, Rachel observou:

— Esse homem parece assombrado...

— E' natural — disse seu irmão — Elle sabe que se Carolina morresse, elle nunca mais encontraria situação como a que tem agora. Mas, diga-me, Natacha... Carolina dispensou sua companhia, assim, de repente, no meio da rua?

— Sim — respondeu miss Andreyew pensativa. — Deu-me a impressão de que estava ansiosa por se ver livre de minha presença.

— Tratou-a mal?

— Não, ao contrario... Nunca se mostrára tão amavel commigo; carinhosa até. Mas parecia preocupada e exaltada...

Calou-se e Neil teve grande surpresa ao ver que ella não fallára no collar de perolas. Nada mais disseram. As duas mulheres subiram para seus quartos, o escriptor sentou-se para reflectir e o padre ligou o telephone para a policia.

Na manhã seguinte, continuavam sem noticias de miss Booth e — facto mais notavel — sabiam que ella não entrára sequer na London Library, diante da qual descera do automovel, depois de se despedir de Natacha. Esta detalhou bem a scena. Sua tia pedira-lhe que a levasse a essa bibliotheca; mas havia uma longa fila de automoveis parados



Orthopedia inesperada — Alice, urso polar, que figura no jardim zoologico de San Diego, na California, foi victima de uma queda desageitada e partiu uma das patas. Um medico do logar interveiu e eis a branca Alice com a pata em um aparelho de gesso, como qualquer mortal.

junto da calçada; por isso, tivera que se deter uns a dez ou quinze metros da porta.

Depois do almoço, Neil Starkey foi a Stoke Paulton e encontrou os Tybur mais inquietos do que nunca, pela falta de notícias. Quando voltou ao presbyterio, viu Gisborne, no portão, fallando em tom severo a uma velhota, que se afastava resmungando.

— Essas comadres mexeriqueiras são insupportaveis. E' a terceira, que me apparece, a pretexto de saber noticias, mas, de facto, para distillar veneno. Toda a aldeia já sabe que Carolina desapareceu e as más linguas começam a espalhar boatos infames.

— Que boatos?

— Cousas vagas, mas você sabe como essas cousas se armam... Fazem perguntinhas perfidas... Natacha não teria tido discussões com sua tia? Miss Booth não pretendia despedil-a de sua casa? Esta, que sahio d'aqui agora é a peor de todas... Affirma ter ouvido que... Mas espere... Temos novidade...

Dous *policemen* tinham apparecido na estrada e dirigiam-se para o presbyterio. Um d'elles levou a mão ao capacete, com gravidade de mau agouro.

— Sinto muito incommodal-o, reverendo; mas acabamos de receber um telegramma de Bristol. Encontraram alli o corpo de uma senhora... E' preciso que vá alguém reconhecê-lo...

— Em Bristol! E' absurdo! Miss Booth estava em Londres; d'alli devia ir a Paris. Não pode ser ella.

— Eu não sei; mas já preveni o administrador em Stoke Paulton. O que posso lhe affirmar é que essa senhora foi assassinada.

CAPITULO XV — NATACHA RECUSA RESPONDER

No automovel da policia, que os levava a Bristol, Neil não podia esquecer o rosto pallido de miss Andreyew, ao receber a noticia trazida pelos policiaes. Mas estava bem certo de que seu olhar exprimia horror e incredulidade.

Chegando á cidade empoeirada e febril, detiveram-se diante de uma estação policial apenas para que Crabbe e Al'redo Tylbur, que alli os esperavam, entrassem tambem no automovel. Foram então ao necraterio, onde uma cruel emoção os empolgou.

Sim, era Carolina Booth quem alli estava, desfigurada e morta. Coalhos de sangue já negro manchavam seus cabellos e a golla de pellica de sua capa. Via-se uma longa echymose em sua fronte e o craneo estava literalmente amassado em trez logares. Durante quasi um minuto, ficaram todos em silencio, paralyzados pelo horror. Com os olhos exorbitados, o Sr. Tylbur parecia prestes a desfallecer. O padre Gisborne murmurou, afinal:

— Isso é inexplicavel. Quando foi praticado o crime?

— Isso já foi verificado — disse o policial, que os acompanhára. — Vejam como a roupa d'essa infeliz senhora foi enxarcada pela chuva. Ora, ultimamente, só choveu sexta-feira, de 9 horas á meia noite.

— Não é possivel. A's 5 e meia d'esse mesmo dia, ella estava em Londres — disse o padre.

— Ah! Sim?

Immediatamente, o Sr. Tylbur interveiu com voz baixa e rouca:

— Isso é... Parece que estava. Certeza nós não podemos ter.

Todos se voltaram para elle e o reverendo Gisborne perguntou com impaciencia:

— O senhor mesmo nos disse que ella lhe telephonou, mais ou menos a essa hora.

— E' verdade... Eu tinha esquecido... Se é que foi ella mesmo quem telephonou. Em todo o caso, miss Andreyew estava com ella ás 5 e meia.

Ninguém replicou e, apoz um silencio, que impressionou profundamente Neil, o sacerdote perguntou a que movel era attribuido o crime.

— Ao roubo — disse o policial, apoz uma breve hesitação — Tiraram-lhe tudo, menos este guarda-chuva, esta corrente de prata e esta medalha, que não devem ter grande valor. Ha na medalha o retrato de um senhor, muito edoso... Talvez algum dos senhores possa me dizer se ella levava consigo outras joias ou objectos de valor, sem fallar em dinheiro.

O criado declarou que miss Booth não usava joias;

quanto a dinheiro, nunca levava mais de dez a quinze libras em notas. Preferia pagar tudo com cheque.

Neil Starkey mantinha-se em silencio, perguntando a si mesmo se Crabbe ou o Sr. Tylbur notára a falta da pequenina chave de aço, a chave da bolsa de crocodilo, que miss Booth tinha sempre presa áquelle cordão.

— Quinze libras? — repetiu o policial. — E' pouco para justificar um assassinato; mas talvez o criminoso imaginasse que ella possuia mais ou, na falta de dinheiro, alguma cousa muito valiosa. Resta saber como veio ella parar em Bristol. Se estava em Londres ao anoitecer só pode ter vindo em um automovel rapido e possante.

— Onde foi encontrado o corpo?

— A umas trez milhas da cidade, tão bem occulto entre as hervas de um terreno vasio que só foi descoberto por accaso. Uns garôtos foram jogar *foot-ball* nesse terreno...

Neil ouvia-o vagamente. Estava cada vez mais perturbado. Por que teria Natacha deixado de contar aos Gisborne o incidente do collar? Agora, se descobrissem que ella o vendera, sua situação se tornaria muito grave. E se não apparecesse uma testemunha que affirmasse tel-a visto separar-se de sua tia em Londres...

No momento em que retomaram o automovel, o Sr. Tylbur agarrou-se a um braço do sacerdote, dizendo com voz lamentosa, como se estivesse prestes a chorar.

— Reverendo... desculpe. Mas que devemos fazer minha mulher e eu? Devemos nos mudar?

— Não, senhor; fiquem onde estão, até que o procurador de miss Booth lhes dê instrucções. Em caso de duvidas, vá me procurar.

— Muito obrigado. Oh! meu Deus... Que vai dizer Constance?

— O peor vai ser dizer a Natacha — murmurou o padre — Sua situação é muito delicada; não acha, Starkey?

— Não. Por que? — perguntou o escriptor simulando surpresa — O telegramma de sua tia innocenta-a por completo.

— Não é tanto assim. Ella não pode provar que não tornou a vêr Carolina.

— O telegramma prova, pelo menos, que miss Booth não contava enconral-a de novo.

— Seja como fôr, vou preparal-a para responder a todas as perguntas, que a policia poderá lhe fazer.

Quando chegaram ao presbyterio era já noite fechada. Rachel esperava-os anciosamente, no portão.

— Sim — disse Gisborne. — E' ella. Chame Natacha.

Era inutil. Prevenida pelo ruido do automovel, a Russa apparecia no limiar.

— Tia Carolina morta?... E' impossivel — Deteve-se, passou uma das mãos pela fronte e perguntou — Onde e quando a encontraram?

Entraram para a sala. O padre explicou tudo, depois disse:

— O mais importante agora é esclarecer sua situação, minha filha. Como foi a ultima entre nós, que viu Carolina viva, vai, naturalmente, ser interrogada pela policia. E' preciso que desde já recorde o emprego de seu tempo, nessa noite. Vamos. Diga-nos tudo quanto fez, depois que se separou de sua tia.

Natacha exhalou um profundo suspiro. Depois, começou:

— Eu a deixei na calçada de St. James Square, ás quatro horas e um quarto.

— Ella lhe disse o que pretendia fazer depois de ir a London Library?

— Não e eu suppuz que, d'alli, iria para o apartamento de miss Braselton.

— Como explica que ella nem tivesse entrado na London Library?

— Não sei... não comprehendo. A não ser que ella tenha dado logo pelo desaparecimento da bolsa e tenha sahido a minha procura.

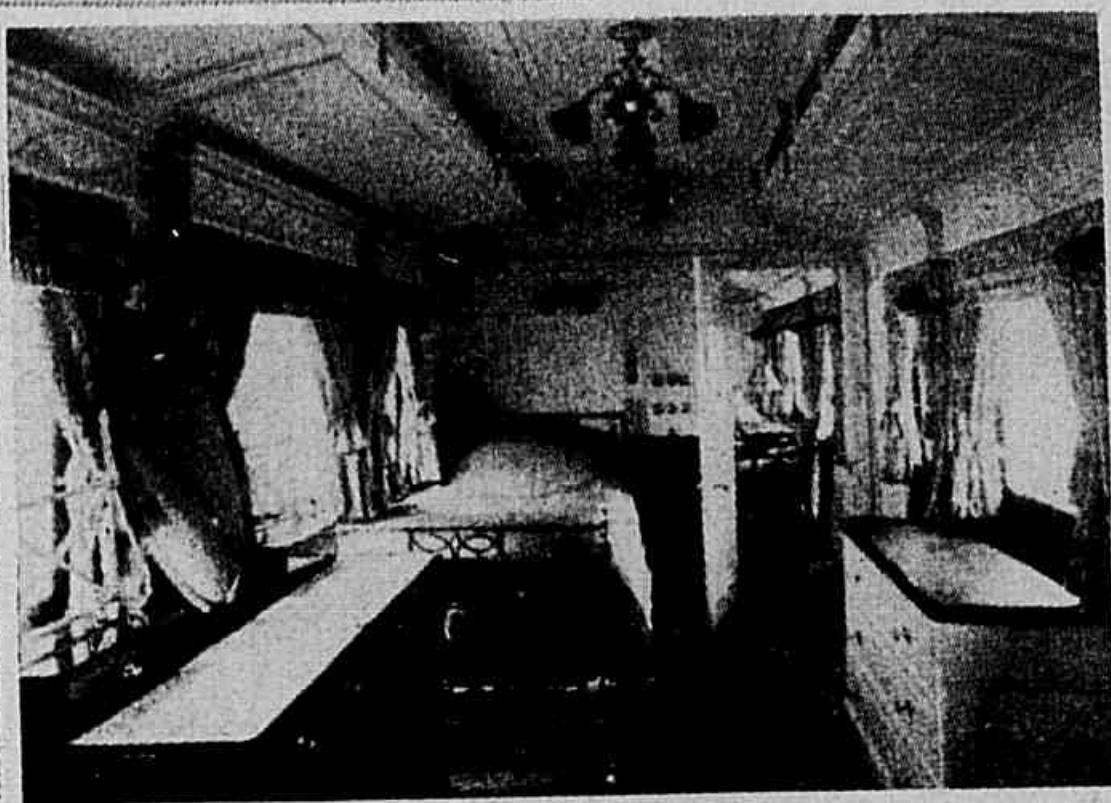
— E' possivel. Mas que fez você durante o resto da tarde e a noite?

A moça ficou um momento em silencio, olhando distrahidamente para as porcellanas arrumadas em um armario proximo.

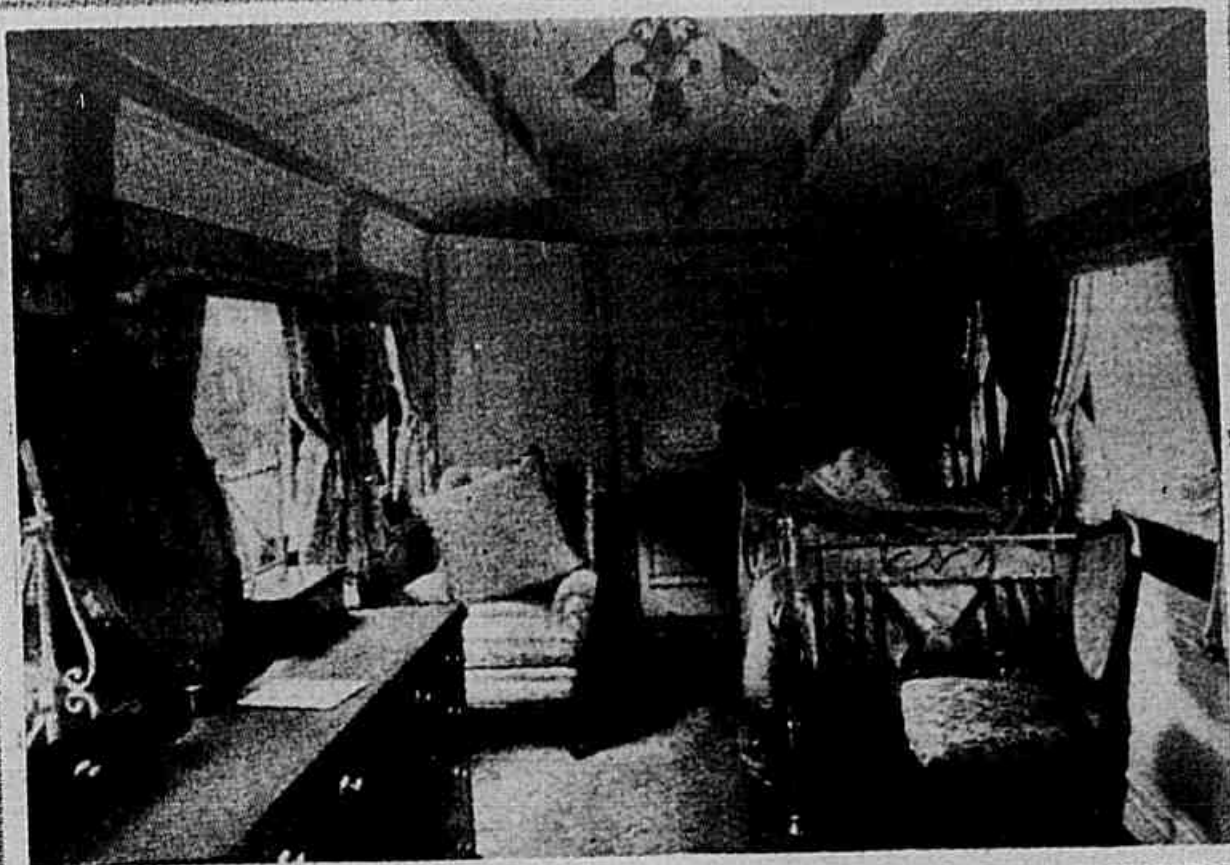
— O que eu fiz nessa noite pouco importa; o essencial é que não tornei a ver tia Carolina.

(Continua no proximo numero).

O palacio rodante dos reis de Inglaterra — Aspectos interiores do trem em que o rei George VI e a rainha Elizabeth visitaram, recentemente, a Escossia e o Paiz de Galles.



O wagon-quarto de dormir do rei, com um leito de prata massiça.



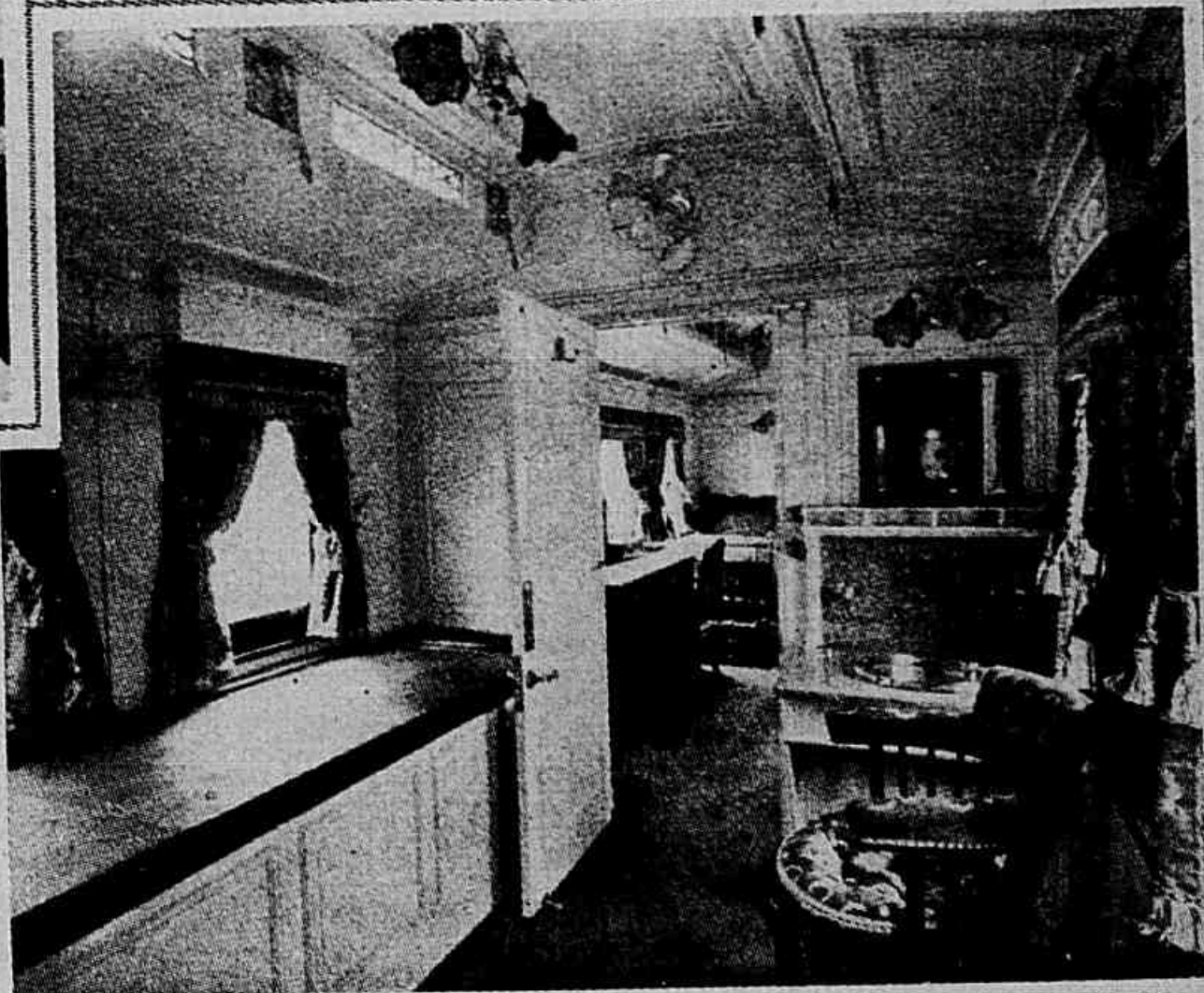
O quarto de dormir da rainha todo de tapeçaria de seda azul bordado á mão.



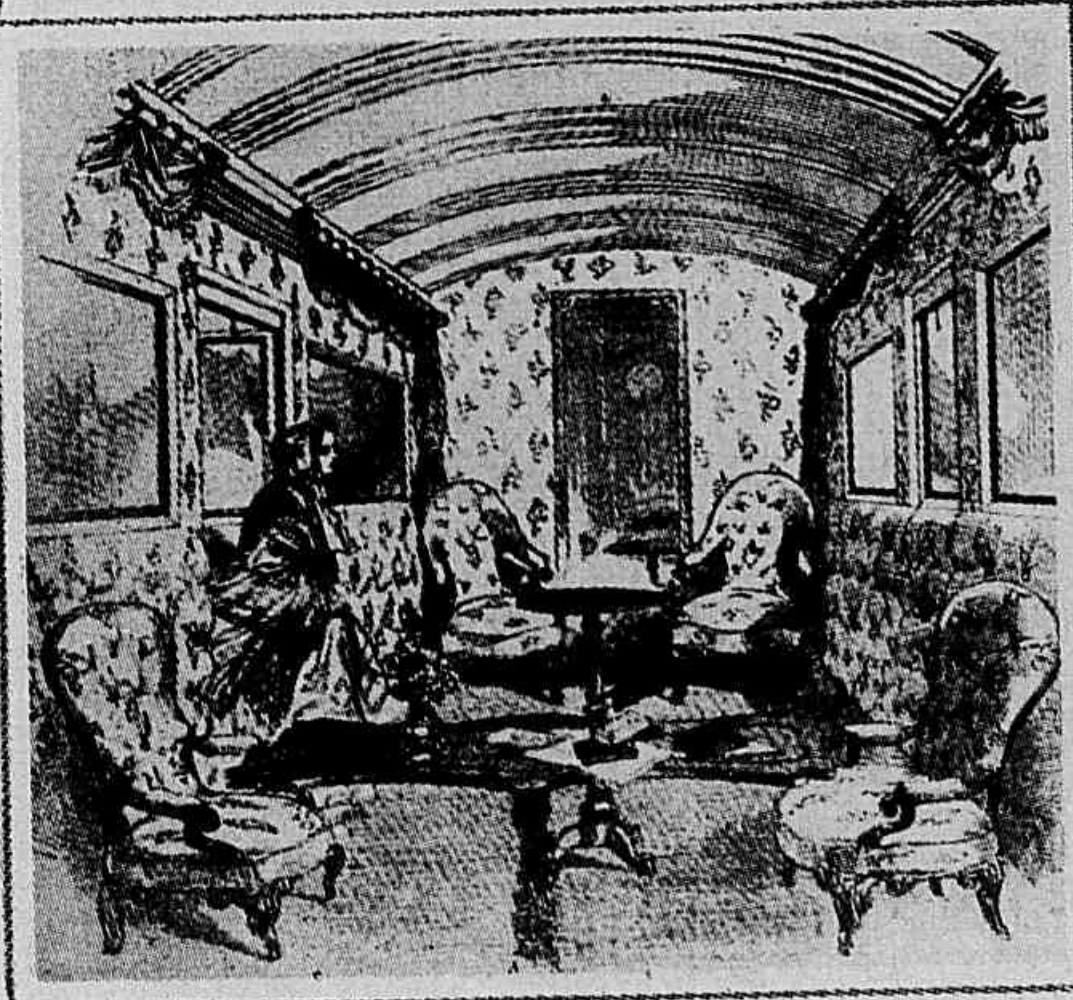
O gabinete de trabalho do rei mobilado em estilo Jacobita.



O boudoir da rainha. Todo em branco, cinza e verde-claro.



O quarto de toilette do rei George VI com banheiro e pia.



O que era o wagon-salão da rainha Victoria em 1851.

— Esse papagaio falla? Eu pergunto isso por que ha alguns que só dizem duas ou trez palavras por dia.

— Mas este é garantido. Falla pelas tripas de Judas. E' bastante dizer que foi ensinado por minha mulher.

O homem, que nunca amou com paixão, conheceu a vida como quem ouviu uma bella canção sem entender as palavras de seus versos.

Quando Mme. de Saint Maclou recebeu, sabbado á noite, o telegramma no qual os Dubois-Dupont comunicavam que, gryppados ambos, não poderiam comparecer a seu jantar de terça-feira, reflectiu, um instante e resolveu convidar, para substituí-los, o casal Stevenson, que estava, de passagem, em Paris. Mas na manhã de domingo, o correio lhe trouxe aviso de que nem os Lecluze, nem os Breton poderiam vir. Também elles tinham sido alcançados pela onda de gryppe. Mme. de Saint Maclou teve um movimento de impaciencia.

Convidára o Dr. Auday para que não ficassem treze á mesa e afinal estavam reduzidos a oito.

Nem isso! Trez telephonemas consecutivos trouxeram-lhe a noticia de que mais dous casaes estavam espirrando, tossindo, incapazes de apreciar um bom jantar. Diante de uma tão espantosa serie, só havia uma cousa a fazer — transferir o jantar para... digamos para o sabbado seguinte. Mas uma ideia lancinante atravessou-lhe o espirito: — E o caviar?

Exigiu a presença do mordomo e disse-lhe:

— Firmino... Estou muito aborrecida. Todos meus convidados estão com cataplasmas nas costas e oleo gomenolado no nariz. Uma cousa louca! Ora, você sabe quanto me custou mandar vir Caviar de Novoronik para esse jantar. Você acredita que elle possa esperar oito dias?

— Se ficar na *frigidaire*, resistirá perfeitamente — affirmou o mordomo.

— Ah! então estamos salvos. E' impossivel que, em uma semana, esses gryppados não se curem. Você cuide bem do caviar.

— A senhora pode ficar tranquilla.

×

Chegou o novo sabbado. Os gryppados já nada sentiam. O jantar estava marcado para as 8 horas da noite. Logo pela manhã, Mme. de Saint Maclou se dispersava em providencias, por toda a casa.

— Firmino... Você está bem certo de que o caviar está perfeito?

— Absolutamente certo. Cheiro, aspecto, tudo como no primeiro dia. Em todo o caso, para maior segurança, se Madame me permite, eu vou dar um pouco ao *Scoty*. Se elle não sentir nada, ficará provado que...

— E se elle sentir alguma cousa? Oh! Firmino... Eu não quero ficar sem meu cãozinho, tão bonito, tão alegre.

— Antes elle do que qualquer dos convidados... Mas eu garanto que nada lhe acontecerá. O caviar está perfeito.

Um quarto de hora depois, Firmino veio dizer que *Scoty* não se fizera rogar para engulir, com excellente appetite, trez ou quatro bolinhas de carne picada misturadas com caviar. Depois, o dia passou em preparativos febris e quasi todos inuteis, mas que serviam a Mme. de Saint Maclou para expandir sua incuravel nervosidade. Porem ella não esquecia o cão; de vez em quando, ia vel-o ou perguntava por elle.

Satisfeito, como de costume; correndo e saltando por toda a casa ou pelo jardim.

A's oito horas, quando os convidados já começavam a chegar, a dona da casa ainda o viu de uma janella do salão, correndo para o lado da garage.

Definitivamente tranquilla, Mme. de Saint Maclou pouco depois, deliciava-se, ouvindo calorosos elogios a "seu caviar".

— Nunca encontrei tão bom senão em Constanza — declarou o Sr. Dubois-Dupont — que era secretario de legação, na Rumania.

— Este é da mesma origem... do mar de Azof — disse a dona da casa, enlevada.

Todos dedicaram uma phrase ao delicioso prato. O Dr. Audray fallou em lecithinas, vitaminas... Apenas o Sr. Lecluze levantou protestos geraes, comparando o valor nutritivo do caviar ao do oleo de figado de bacalháu.

Nesse momento, o mordomo, curvando-se ao lado da patrãoa, a pretexto de trocar uma colher, disse-lhe discretamente:

— O cão morreu.

Mme. de Saint Maclou sentiu o coração esfriar e descer para o logar do estomago. No fim de dez horas, o pobre *Scoty*... Portanto, o effeito do veneno era lento porem mortal. Que fazer? Simular ignorancia e deixar aquella gente toda morrer? Mas... De repente lembrou-se... Ella também comera do maldito caviar.

Nessa vez, sua perturbação foi tamanha que toda a gente deu por ella. Ergueram-se exclamações, perguntas:

— Que tem? Está sentindo alguma cousa? Parece que vai desmaiar...

Então, ella teve que confessar. Contou tudo; o adiamento, o recurso da *Frigidaire* e a morte do cão.

E acabou com uma supplica, horrorizada:

— Pelo amor de Deus! Não comam mais. Que horror!

Houve um silencio de panico; depois, os protestos irromperam, indignados: "Mas é o cumulo! Por economia, nos sujeitar a uma cousa d'estas..."

— Antes nossa gryppe tivesse durado mais um mez — gemeu Mme. Lecluze.

— Que adiantaria isso? — protestou Mme. Dubois-Dupont.

— Essa creatura seria capaz de nos impingir o caviar estragado, até no fim de um anno,

para não perder a despeza.

E todos se voltaram, angustiados, para o Dr. Auday. Este, também muito pallido, procurou tranquillizal-os...

— Calma... o facto do cão só ter morrido, dez horas depois, prova que o effeito é muito demorado; portanto, se tomarem providencias immediatas...

— Mas que providencias?

— A primeira que se impõe é a lavagem do estomago... uma lavagem energica, completa.

Já cada qual corria para o vestibulo, em busca de capas e chapéus; e uma fileira de automoveis levou-os todos para o hospital mais proximo.

Longa e desagradavel cerimonia. O Dr. Auday alertou todo os enfermeiros disponiveis e, durante duas horas, todos conheceram as angustias dos tubos de borracha, da agua morna... Como um capitão de navio, Mme. de Saint Maclou fez questão de ser a ultima soccorrida. Isso valeu-lhe a humilhação de ver seus convidados sahirem, sem uma palavra, sem um olhar para ella.

Suspirando tristemente mas alliviada no estomago e na consciencia, a elegante senhora tomou afinal seu automovel para regressar. Diante da porta, abrindo a

SCOTY COMEU CAVIAR

Conto de Armand Mercier



Miss Prunella Stak, famosa professora de educação physica e presidente da "Liga Feminina de Saude e Belleza", de Londres, passa em revista algumas de suas alumnas.



Aspectos dos Alpes — Duas etapas de uma ascensão ao massiço do Berrina.

portinhola o chauffeur murmurou:

— A senhora vai ficar zangada mas eu lhe juro que a culpa não foi minha... Eu ia saindo da garagem. *Scoty* saltou mesmo na frente do automóvel. Eu ainda quiz desviar mas o radiador apanhou-o em cheio e atirou-o longe. O coitado não se mexeu mais.

ARMAND
MERCIER.



Segundo uma sentença dictada recentemente por um tribunal de New York, uma mulher casada tem o direito de incendiar o automóvel de seu marido, se este o utiliza para passear com outra mulher.

Deu-se o seguinte: Um rico industrial deu queixa contra sua esposa, por que, tendo sabido que elle fizera um passeio sentimental, pelos arredores da cidade, com uma galante bailarina, despejou petroleo sobre o luxuoso automóvel, que servira para essa excursão e poz-lhe fogo. O tribunal absolveu a irascível esposa sobre o fundamento de que ella exercera uma justa vindicta.

A esta hora, todos os maridos norte-americanos já devem ter segurado seus automóveis contra o risco de incendio.

○ ○ ○

O Sr. G. A. Shieds, de Ohio (E. Unidos) tirou patente para a fabricação de tijolos de vidros, que sahem vinte por cento mais barato do que os de barro. e placas de vidro que ficam 30% mais baratas do que as de cimento armado.

Alem d'isso, diz elle que as casas construidas com vidro terão varias vantagens alem da baixa no preço de construcção. Não precisarão de pintura nem papel para as paredes; será facilimo mantel-as sempre limpas, com agua e sabão.

O Sr. Shieds propõe-se fabricar placas de vidro transparente ou opaco, de qualquer côr, com dous centímetros de espessura, 75 centímetros de largura e 2 metros e 70 de comprimento.

○ ○ ○

Se não tens energia sufficiente para impôr silencio, simula desdem.

Novas jazidas de radio descobertas no Canadá

O radio ainda é a materia mais cara do mundo, embora seu preço tenha sofrido grande redução, desde que foi descoberto.

Quando as jazidas minerais do Colorado constituíam a principal fonte de extracção d'esse precioso minerio, elle era vendido a 3.500.000 dollars a onça, ou seja a 125.000 dollars (1.875 contos de reis) o gramma.

Como resultado immediato do recente descobrimento de mineral, contendo radio, em *Great Bar Lake*, no Canadá, o famoso minerio experimentou nova baixa, sendo vendido a 700.000 dollars a onça, isto é: — 25.000 dollars (375 contos de reis), o gramma.

Esses preços ainda fabulosos são devidos aos seguintes factos:

Apenas ha poucos mezes, a grande companhia *Eldorado Minas*, de Ontario, celebrava a producção da primeira onça de radio. Para isso, porem, foi necessario transportar 1.400 toneladas de minerio das proximidades do Circulo Arctico até Ontario.

No inverno, quando o thermometro assigna-lha 70 graus Fahrenheit abaixo de zero, os aeroplanos transportam os saccos contendo minerio, a 900 milhas para o Sul, até a estrada de ferro de *Waterways*, em Alberta. E, d'ahi ha o trajecto e fluvial, num percurso de milhas.

As jazidas canadenses são as mais ricas do mundo. O radio produzido nos Estados Unidos foi eliminado do mercado ha uns 14 annos, quando os Belgas descobriram jazidas em uma afastada região do Congo e reduziram o preço do gramma para 70.000 dollars (850 contos de reis). Até ao descobrimento do radio canadense os Belgas mantinham o monopolio da producção do minerio.

Os Estados possuem actualmente 51 grammas e 895 miligrammas de radio,

O recente descobrimento levou a citada companhia a instalar uma nova refinaria, com capacidade de producção approximadamente de quatro onças e meia (cerca de 126 grammas), isto é, trez vezes mais do que a actual capacidade annual.

O total de radio existente no mundo — é calculado

em 600 grammas, cujo valor é, segundo os preços correntes, de 15 milhões de dollars (325.000.000\$900). D'esse total, 225 grammas se encontram nos Estados

Unidos, sendo 125 nas mãos de particulares. Nova York possui 30 grammas ou seja, mais do que qualquer outra cidade do mundo.

O radio é um metal branco, que resplandece em uma variedade de tons azulados e, devido ás suas poderosas emanações, é de difficil manipulação. Suas emanações são de trez especies.

Um gramma de radio compete, em energia, com 1.350 kilos de carvão. E' encontrado misturado com uranio em proporção de um para trez milhões. Isso dá ideia das difficuldades, que apresenta o processo de isolamento d'esse metal. Para manipular-o, da melhor forma e prevenir perdas, misturam o radio com quinhentas mil partes de seu "parente", o bario. Depois, atravez uma se-

rie de processos, são separados por crystallisações fraccionaes

O transporte e embalagem de um gramma de radio custa mais de 500 dollars (8 contos de reis). Os saes com os quaes é acondicionado, para ser transportado em tubos, são seccados cuidadosamente, pois o radio decompõe a agua em gazes e, encontrando esse elemento no interior dos citados tubos, provocaria terriveis explosões.

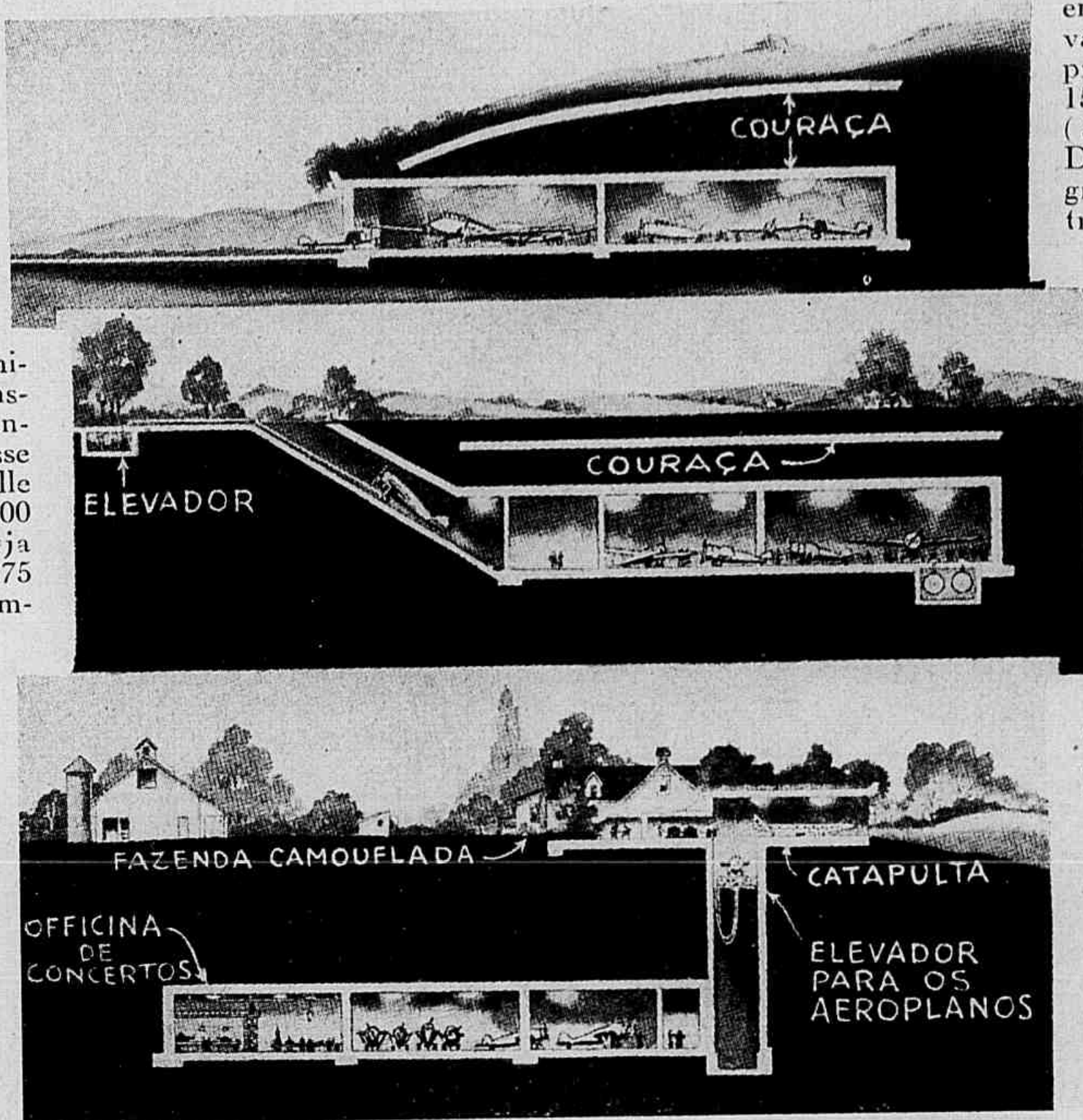
Em 1890, o Sr. Rolcliffe, residente no Estado de Ohio (E. Uni-

dos) collocou uma taboa entre duas arvores, que tinham então apenas vinte centimetros de altura. Fez isso para impedir que ellas continuassem a crescer com os troncos inclinados um para o outro, em risco de formar um angulo e confundir os galhos.

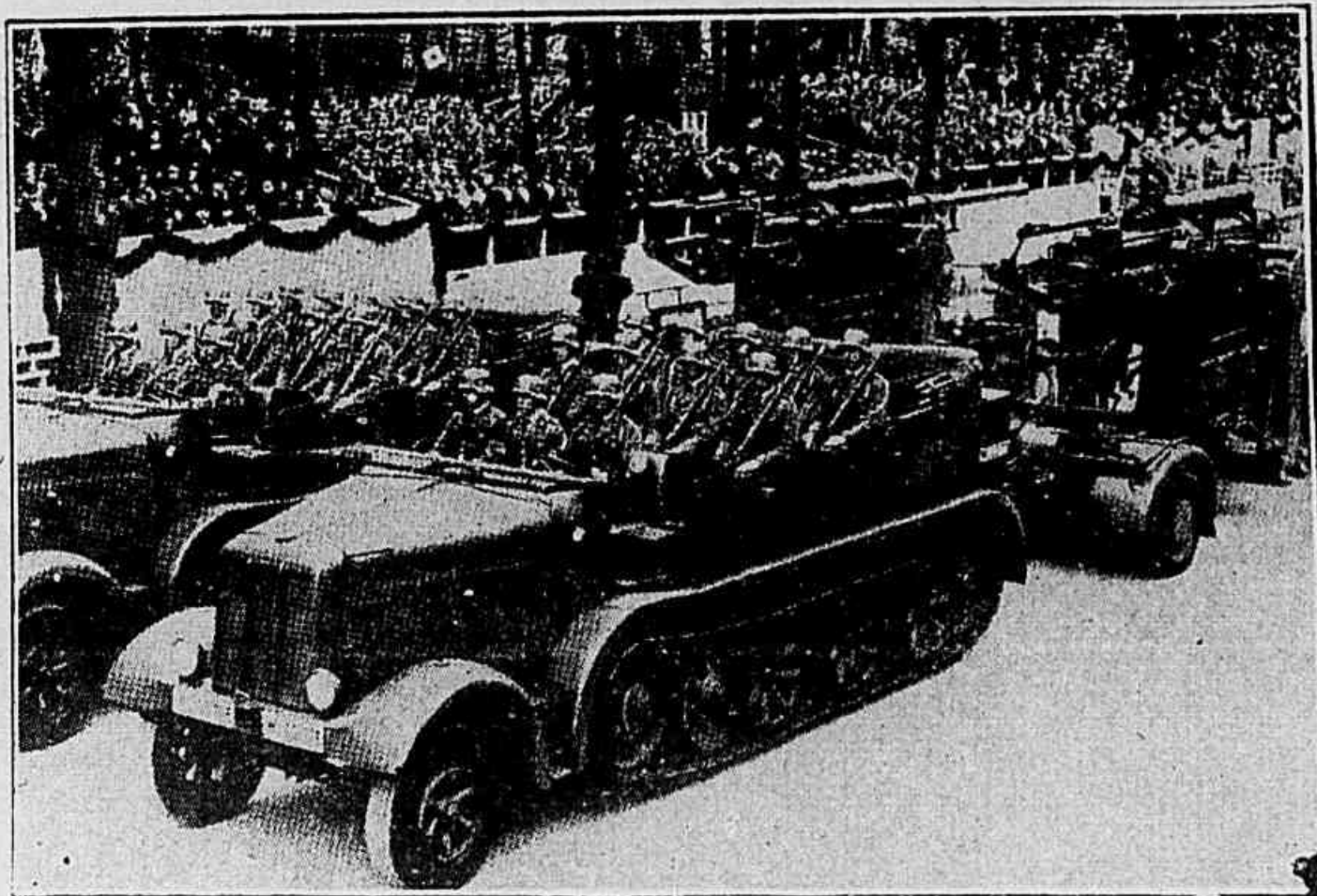
A taboa, firmada de um a outro, obrigava os dois troncos a manter uma linha vertical.

Depois, foi obrigado a se ausentar e só recentemente voltou a sua propriedade.

Encontrou a taboa com as extremidades encaixadas dos dois troncos, que, crescendo e ganhando grossura, tinham absorvido cada uma quasi um palmo da madeira destinada a separal-as.



Como os Norte-Americanos preparam sua defesa — Postos de Aviação distribuídos nos pontos mais apropriados do territorio. 1º tipo — Aproveitando uma colina. A elevação do terreno é fortificada com uma cobertura oculta sob a terra. Ao rez do solo abrem os hangars subterrâneos onde os aviões ficam occultos e ao abrigo de bombardeio. 2 — Em terra plana. Os aviões também resguardados por coberturas, são trazidos á flor da terra por uma rampa com o auxilio de uma cremalheira. 3 — E' o mais completo. Os hangars ficam a 19 ou 15 metros de profundidade, por baixo de uma edificação com o aspecto de uma propriedade rural. Contem não só deposito de aviões como officina de concertos. Os aviões sahem do abrigo por um elevador e erguem vôo de um pateo coberto, situado na borda de uma encosta sem necessidade de um terreno para correr, graças ao auxilio de uma catapulta.



A motorisação dos exercitos — Um desfile de artilharia pesada de campanha em Berlim.

A CASA VASIA

ROMANCE DE HENRY HOLT

RESUMO DA PARTE JA' PUBLICADA

Vagabundo, por indole e desleixo mas incapaz de um acto criminoso, Albert Vauquier penetra em uma casa vazia e por alugar, em uma estrada deserta, alta noite, apenas para se abrigar da chuva. E tem a horrenda surpresa de encontrar alli uma linda mulher, luxuosamente vestida, apunhalada no coração. Quasi no mesmo instante, no *Hotel do Corvo Branco*, na aldeia proxima, o Sr. Jonathan Crayle, um ricoço sul-africano, que reunira, alli, seus doze sobrinhos, para lhes confiar o testamento pelo qual lhes deixa, em partes eguaes, toda sua fortuna, é estrangulado de modo mysterioso. Eis os problemas, que se apresentam ao inspector Dargent e seu amigo, o jornalista André Collin. Havia uma escada encostada á janella do quarto do Sr. Jonathan e o cão do hotel fôra envenenado. Mas pode ser que esses indicios tenham por fim afastar a suspeita das pessoas, que dormiram, nessa noite, no hotel e podiam ter pressa de receber a herança. Junto do morto foi encontrada uma piteira pertencente a Norman um dos sobrinhos, irmão de Judy Crayle.

Esta é bonita, intelligente, simples e desperta em André a mais terna sympathia. O inspector nota uma circumstancia. Junto da cama do velho Jonathan, como junto da mulher da pellica havia marcas de barro vermelho eguaes. Portanto os dous crimes foram praticados pela mesma pessoa... uma pessoa que pisára em barro.

O dono da casa vazia, Sr. Rutherford está ausente, viajando, não se sabe onde. O inquerito revela que a mulher assassinada chamava-se Norma Jocelyn e tinha vida mysteriosa. Suas raras amigas ignoravam a origem do dinheiro, que ella gastava sem contar e tinham a impressão de que ella vivia com medo de alguma cousa ou de alguém.

No dia seguinte aos dous crimes, Fothergill, o criado do hotel, volta para sua residencia visivelmente nervoso e declara a sua esposa, que vai partir immediatamente para a Australia. Ella irá ter com elle, depois, levando seus filhinhos.

— Mas você vai fazer essa viagem com que recursos? — pergunta a mulher estupefacta.

— Eu tinha um dinheiro junto — diz o homem, em tom duvidoso.

Se lhe dissessem que seu marido tinha sido nomeado ministro... ou bispo, Lisa não ficaria mais surprehendida. Sempre soubera o que elle ganhava; mal dava para viver. No fim do mez, não sobrava um *shilling*. De novo a ideia horripilante atravessou seu espirito. Repelliu-a... Mas então, como explicar?

— Você tem dinheiro junto? Quanto?

— O bastante para realisar meus planos.

Mentia de certo e, francamente irritada, a esposa declarou:

— Se você não vai fallar com Hacqueron, vou eu.

— Não. Não admitto. E ouça com attenção. Haja o que houver, nem uma palavra a ninguem, sobre esse dinheiro. Compreendeu?... Senão, eu poderia...

— Poderia que?... — perguntou ella, inteirando-se, prompta para receber uma revelação terrivel.

— Ir parar na forca! — disse elle, baixando a voz. — Um detective me fez uma porção de perguntas. Desconfia de mim. Se soubesse que eu tenho dinheiro... Eu lhe disse que, na hora do crime, estava aqui, dormindo. Mataram o velho ás duas horas. Compreendes? E' preciso que você jure, até sobre a Bibila, que, nessa hora, eu estava aqui.

— Sim, sim... — respondeu ella, machinalmente.

A ideia horrenda voltava, imperiosa. Na vespera, Gilles se deitára, na hora habitual; porem ella dormira a noite inteira... Elle poderia, perfeitamente, ter sahido ás duas horas. E essa exigencia, que fazia agora, para que ella jurasse...

— Mas que ha, Gilles? — perguntou, com voz tremula.

— Não me faça perguntas.

Fallava de modo tão brutal que ella baixou a cabeça e nada mais disse. Mas ficou reflectindo. A atmospheria do *Corvo Branco* devia ser, naquelle momento, muito desagradavel. Isso podia explicar o enervamento de Gilles. Mas essa resolução de partir immediatamente... E onde arranjará dinheiro?

Nessa noite, o proprio Gilles fechou cuidadosamente a porta e as janellas. Lisa não pode dormir e, a despeito do silencio e immobildade, sentia seu marido acordado, a seu lado. O sino da igreja bateu uma hora, duas horas. Duas horas... A hora em que o velho Jonathan fôra assassinado. Ella nunca vira Gilles acordado naquella hora. Sem duvida, estava reflectindo em alguma cousa, que não podia lhe dizer. Uma angustia cruciante opprimiu o coração de Lisa.

Trez horas bateram. Gilles adormecera afinal. Ella esperou mais um quarto de hora; depois, levantou-se e procurou o casaco, que seu marido pendurára nas costas de uma cadeira. Quando o encontrou, desceu cautelosamente, foi até á cozinha, accendeu uma lampada e olhou...

Quando apagou a lampada e voltou para seu quarto, estava livida e perguntava a si mesmo o que devia fa-

zer. Despertar Gilles e confessar-lhe a verdade? Era o mais prudente. Depois, discutiriam o que seria melhor fazer. Deitou-se, hesitante. Queria reflectir mais. Agora, era ella que não conseguia adormecer. Cada vez em que fechava os olhos, tinha a mesma visão apavorante.

A igreja annunciou quatro, cinco horas. O dia ainda não surgira, porem Lisa não podia mais ficar alli, immovel, ao lado de Gilles. Levantou-se, vestiu-se, desceu, preparou o café... Pouco depois, ouviu os passos de seu marido... Mas como demorava para se vestir, hoje. Ah! Descia a escada afinal e apparecia com uma maleta na mão.

— Gilles! — exclamou Lisa — Eu sei... eu sei o que você tem no bolso. Vi, esta noite... Gilles! Que significa isso?

O marido ergueu a mão, no gesto de quem pede prudencia e, approximando-se,

fallou, afinal. Sua voz era fraca e entre-cortada. Quando acabou, sahiu. A porta se fechou sobre elle. Lisa quiz correr, seguiu-o; não poudo fazer um movimento. De resto, seria inutil. E ficou, de pé, torcendo com as mãos tremulas uma ponta do avental.

CAPITULO XIV — A FACA

Jeannette Crayle, a castellã de Little Deeping, abriu um numero do *Daily Budget*, que o criado lhe trouxera. Ao primeiro olhar, teve uma exclamação. Havia alli a photographia de uma faca, sob o seguinte titulo: "*A quem pertence a faca com que Norma foi assassinada?*"

O cabo da arma era cinzelado; a lamina fina e com dous gumes. Seguia-se um texto assim redigido:

"*Infelizmente, a policia não logrou descobrir nessa arma impressões digitais. Ao que parece, o criminoso teve o cuidado de limpá-la. Porem a faca é de um formato e genero pouco commum, de modo que a policia de certo acabará por identifical-a. O professor Hermit, do British Museum, consultado, declarou que se trata de uma arma indiana. Não é provavel que haja muitas eguaes na Inglaterra. No hotel do "Corvo Branco", a policia encontrou apenas uma corda de violino; mas em Woodcroft, alem da faca indiana, encontrou um coto de vela com marcas de dedos."*

A vida de Jeannette Crayle fôra sempre tranquillã. Nada até então fizera prever que ella pudesse ser perturbada. Deixando seu café, Jeannette ia sahir da sala de jantar, quando Pedro voltou do *Corvo Branco*, jurando que nunca mais voltaria a pôr alli os pés. Seus olhares se cruzaram. Jeannette parecia fatigado e tudo nella revelava a emoção, que a agitava. Pedro ia interrogá-la, porem ella lhe fez um signal para que se calasse, porque um criado entrava na sala. Quando elle se retirou, Jeannette apresentou o jornal a seu marido.

— Não reconheces isso?

— Não.



Bons camaradas — Um garôto servindo de escada para que seu melhor amigo, um gordo gato maltez, possa satisfazer a sede na pia de uma estação ferroviaria de Manchester. Photo premiada em Londres.

— Observa bem... Lembras-te da panoplia, que trouxeste do Oriente?

— Sim, com effeito... Mas todas essas armas se parecem.

Jeannette segurou a mão de seu marido e arrastou-o até á bibliotheca, onde uma panoplia ornava o espaço comprehendido entre duas estantes.

— Meu Deus! Olha. Falta um punhal — exclamou Jeannette.

De facto, na especie de estrella formada por doze armas, havia uma bainha vazia.

— Mas... Quem a teria roubado? Quem faz a limpeza aqui? É Harriett? — perguntou o dono da casa, attonito.

Ia tocar a campainha. Sua esposa deteve-o.

— Não. Cala-te. É melhor que ninguém saiba. Sabe Deus o que poderiam suppor. Ha outras armas naquella gaveta. Põe uma qualquer nessa bainha. Depressa.

Impressionado por seu terror, Pedro abriu machinalmente a gaveta. Jeannette apoderou-se de um punhal semelhante ao desaparecido e ia collocar-o na panoplia, quando Harriett entrou na sala. Grosseira, tendo começado a trabalhar alli havia menos de um mez e já despedida, aquella creatura vivia de mau humor e, notando a perturbação de Mrs. Crayle, fitou-a sem disfarçar sua estranheza. Pedro resolveu enfrentar o perigo.

— Está faltando um punhal nesta panoplia. Você já tinha dado por isso?

Harriett fitou-o com insolencia.

— Já, sim, senhor. E tambem já vi a photographia no jornal.

— Isso pouco importa. O essencial é saber desde quando deu pela falta.

Harriett hesitou; depois, disse, em tom incerto:

— Quando eu entrei para esta casa, essa panoplia estava completa.

— Mas você não a limpa todos os dias — atalhou Jeannette. — Essa arma pode ter desaparecido ha já algum tempo.

— Talvez. Mas o facto é que desapareceu — replicou a criada, agora francamente aggressiva.

— Muito bem — disse Pedro Crayle, resolutamente — Vou chamar o inspector Dargent.

E dirigiu-se ao telephone. Sua esposa suspirou. De facto, era o que tinham a fazer.

CAPITULO XV — A RÊDE VAI SE FECHANDO

O coronel Lowatt, Dargent, André Collin e o Dr. Lefort conversavam no *hall* do *Corvo Branco*.

— Conhece bem Pedro Crayle? — perguntou o inspector ao chefe da policia local.

— Muito. Janto constantemente no castello. Eu e varias outras pessoas d'aqui. Elle e Mrs. Jeannette são muito estimados por toda a gente.

— E' pena — suspirou Dargent — Não temos uma só prova formal mas seria lamentavel que surgisse outro indicio contra elle. Sabe-se que elle conhecia Norma Jocelin. Se é elle o criminoso, agiu com luvas, porque foi o primeiro a me offerecer suas impressões digitais.

— Mas se agiu de luvas, como deixou signaes dos dedos na vela? — perguntou o medico.

— E eu não imagino Pedro Crayle comendo queijo, alta noite, na cozinha de Woodcroft.

— Eu riscaria Pedro da lista dos suspeitos — declarou impetuosamente o coronel.

— Por enquanto não risco ninguém — disse Dargent — Se Pedro é innocente, todos os Crayle o são igualmente, porque nenhum d'elles pode ter ido comer queijo em Woodcroft, naquella noite. E ha uma circumstancia. E' provavel que o criminoso tenha agido com luvas; mas deve tel-as tirado em determinado momento.

Lowatt e André fitaram-se intrigados porem o medico observou:

— Já sei. Quando teve que enforçar o pobre Crayle.

— Exactamente.

— Ah! — disse o medico, pensativo — E o senhor acredita que o coto de vela foi posto alli para desnortear o inquerito?

— E o queijo? — perguntou o inspector Dargent — Não, doutor. Eu tambem pensei como o senhor com

respeito á vela... E isso quasi perturbou uma theoria... uma theoria, na qual não desejo fallar ainda.

E voltando-se para o coronel Lowatt, continuou:

— O senhor, que tem relações com Pedro Crayle, veja se obtem d'elle uma lista completa das pessoas, que foram recebidas no castello nas ultimas quatro ou cinco semanas; e como o senhor tambem deve ter jantado lá, durante esse tempo, de certo mais de uma vez, poderá ajudal-o recordar os nomes. Depois marcará os d'aquelles, que puderam ficar a sós, ainda que fosse por alguns segundos, na bibliotheca.

— Muito bem — respondeu o coronel, com má vontade visivel. — Quer que eu obrigue Pedro a indicar, entre seus convidados, os mais indicados para a força. E pode, desde já, me inscrever na cabeça da lista; eu e o vigario ficamos, algumas vezes, mais de meia hora, sosinhos alli. E o Dr. Lefort tambem.

— Sim — disse o medico, rindo. — Tambem eu sempre gostei de me demorar na bibliotheca, fumando.

— Ora! — protestou o inspector — Eu bem sei que isso pode ser inutil. A bibliotheca dá janellas para o jardim... Qualquer pessoa pode se introduzir alli... o jardineiro, o leiteiro, um vagabundo, que passasse pela estrada. Em todo o caso preciso d'essa lista.

Collin perguntou de repente:

— Coronel... sabe se alguém, no castello, toca violino?

— Eu... eu creio que Mrs. Crayle, pelo menos, em solteira, tocava.

Houve um silencio... André Collin interrompeu-o afinal, perguntando:

— Mas como é isso, Dargent? Você já está com uma theoria armada... em segredo...

— Principalmente para você... que anda á procura de assumpto para seu jornal...

— Pois fique com ella... ensope-a. Eu tenho noticias mais interessantes e não faço questão de commu-nical-as.

— De que se trata?

— De meu amigo, Hiram. Jordan Ah! Já está mais attento? Pois ouça! Elle está disposto a nos ajudar de modo pratico e generoso. Como? E' muito simples. Elle é um homem energico! Não ha nada que o irrite mais do que ficar inactivo. Sabe que você suspeita d'elle tambem mas isso não o impressiona. O que elle não comprehende é sua calma. Sempre imaginou que um detective, encarregado de um inquerito tão importante, não descarsava enquanto não movia céus e terra. Para acalmal-o, tive uma ideia. Já viu o testamento do Sr. Jonathan Crayle?

— Não. Onde está elle?

— Não sei. Mas o Sr. Jordan, que está prompto a gastar o que fôr preciso para nos ser util, já contractou um advogado illustre, mandou telegraphar para Johannesburg... E verão que, em breve...

Nesse momento, o coronel Lowatt, que fôra até a porta, fez um gesto como se chamasse alguém e voltou acompanhado por um homem, que lançava em torno de si olhares curiosos. Era um homem robusto, parecia um operario e tinha a roupa copiosamente manchada de oleo.

O coronel ordenou:

— Repita diante d'esses senhores o que me contou ha pouco.

O operario, contrahi o rosto com uma expressão de contrariedade e disse:

— Eu não desejo causar aborrecimentos a um innocente; mas devo dizer o que se passou... Segunda-feira ou melhor na madrugada de terça-feira, mais ou menos na hora em que os dous assassinatos eram praticados em Little Deeping, eu voltava para Londres, em meu caminhão, quando fui surpreendido pelo nevoeiro. Isso me obrigou a diminuir a marcha e, para cumulo, enganei-me e vim dar aqui... Felizmente o nevoeiro estava se dissipando.

— Que horas eram então?

— Deviam ser já trez horas da manhã. Justamente quando eu passava diante do hotel, um homem se aproximou do caminhão, perguntando: "Vai para Londres?" Respondi que sim e elle me pediu que o levasse porque estava muito cansado... Eu consenti... Attendo sempre a esses pedidos. Tenho pena e, alem d'isso, sempre é mais agradável ter uma companhia para conversar.

— Lembra-se bem a que distancia estava do hotel?

— Foi mesmo em frente. Elle subiu para a boléa,

sentou-se a meu lado. Offereci-lhe um cigarro, accendi tambem um e, ao dar-lhe fogo, notei que suas mãos tremiam... Mas attribui isso ao frio e ao cansaço. A' luz do phosphoro observei seu rosto.

Era o typo classico do vagabundo, que anda pelas estradas. Quarenta annos, mais ou menos, alto, magro, com uma pequena trouxa pendurada ás costas. A principio, guardou silencio. De resto, o nevoeiro voltava a cahir e eu tinha que dar toda a attenção ao volante... Quando isso melhorou um pouco, eu me detive e tirei de baixo do banco minha garrafa thermos, para tomar um gole de café quente. Offereci-lhe tambem um pouco. Como eu só trazia um copo, elle bebeu na propria tampa da garrafa. Depois do café, o infeliz animou-se um pouco e começou a contar cousas da guerra, onde servira como soldado... Repito. Tenho a impressão de que não pode ser um criminoso... Em todo o caso, parecia inquieto e, pelo facto de ter apparecido aqui, justamente naquella noite e naquella hora... julguei-me no dever de informar a policia.

O inspector Dargent, que o ouvira attentamente, disse com o olhar scintillante:

— O senhor lhe deu café... Notou se elle parecia estar com fome?

— Não; ao contrario. Prevendo isso mesmo, offereci-lhe um *sandwich*, elle recusou dizendo que, pouco antes, tinha comido um pão com queijo.

— Ah! Pode me dizer de que côr são seus olhos e como estava vestido?

— Olhos azues, muito claros... Da roupa, notei apenas o chapéu azul esverdeado muito velho e um sobretudo cinzento com um rasgão na manga direita... como se um prego lhe tivesse tirado um pedaço.

— E diz que elle bebeu o café na tampa da garrafa thermos? Ainda tem ahi essa garrafa? Oh! Então... vamos encontrar nella marcas de dedos eguaes ás da vela e teremos dado um passo consideravel no inquerito.

CAPITULO XVI — OS QUATRO MOSQUETEIROS

O frio secco de Dezembro animava com um leve rubor o rosto de Judy Crayle, no momento em que ella acompanhava André Collin em um passeio pelos arredores de Little Deeping.

Caminhavam em silencio e Judy reflectia sobre o capricho do destino, que a fizera conhecer André em tão sombrias circumstancias, submettendo seu coração ao contraste entre apprehensões, desgostos e uma emoção muito doce, uma alegria secreta, radiosa e delirante.

O jornalista disse de repente:

— Por que não attende a meu conselho?... Eu penso que deve se afastar d'aqui, ao menos por algum tempo...

— Por que? Não acredito que nenhum perigo me ameace, aqui. O criminoso já deve estar longe... e eu não devo abandonar minha familia.

— Mas isso não será abandonar ninguém — insistiu André — Seu primo Pedro voltou para sua residencia; Humphrey foi passar o dia em Londres e voltará aqui apenas para levar sua bagagem. Virginia Weyman allegou que os filhos reclamam sua presença e Stevens declarou a Dargent que, se quizer prendel-o, prenda-o já, porque elle está farto d'estes ares.

Judy observou-o disfarçadamente, antes de perguntar:

— Mas por que faz tanto empenho em que eu me vá embora?

— Porque... confesso, tenho medo... Sim. A hypothese geralmente admittida é a de que o assassino fugiu... Mas será isso verdade? Pode muito bem ser que elle continue aqui... e continue até no proprio hotel...

— Não é possivel.

— Oh! sim... Não se fie nas apparencias... Já conheci criminosos perigosissimos, com o aspecto de creaturas tranquilladas, inoffensivas, timidas até... mas que realmente estavam dominadas por terror ou pelo odio e promptas para praticar outros crimes, para fugir ao castigo do primeiro.

Fitou-a com olhar supplicante e accrescentou:

— Pelo amor de Deus, não hesite... Vou lhe dizer uma cousa sobre a qual me pediram segredo. De hontem para hoje, a situação tomou aspecto mais complicado... Dargent tem uma prova de que os dous crimes foram praticados pela mesma pessoa, uma creatura de intelligencia infernal e crueldade fria, implacavel... Mas ainda não foi possivel descobrir o intuito com que agiu veio. Pode ser que se trate de um louco homicida, que mate por matar... Portanto, todos nós estamos sob ameaça constante...

André se deteve, commovido.

Judy reflectiu: — "Tudo isso é verdade mas é sómente por mim que elle teme".

E sentiu-se feliz, extranhamente feliz. Sua voz tremia um pouco quando ella se decidiu a dizer:

— Sr. Collins... nós nos conhecemos ha tão pouco tempo que eu receio tenha de mim uma impressão falsa. E' possivel que me julgue obstinada; mas ouça. Eu e meus trez irmãos sempre fomos muito unidos; estamos acostumados a affrontar juntos todos os aborrecimentos. Posso me separar d'elles justamente agora, que estamos diante de um verdadeiro perigo? Desde pequenos, os vizinhos amaveis nos chamavam "os quatro mosqueteiros" e os não amaveis "os quatro demonios". Crescendo, conservamos essa união... Portanto...

Sem saber porque, André teve a impressão de que ella não lhe revelava todo seu pensamento; de que devia ter outra razão para não partir... Provavelmente esse segredo não era seu; era de seus irmãos.

Suspirou com resignação e disse:

— Em todo o caso lembre-se de que desde o primeiro momento eu lhe propuz auxilia-la, no que pudesse... a senhora e seus irmãos...

— E, desde esse momento, senti que era sincero — disse Judy, fitando-o com um olhar grave. — Sou lhe muito grata.

— Então... então — murmurou elle, muito perturbado — Não esqueça... Eu desejo ser-lhe util, sejam quaes forem as circumstancias.

Judy não respondeu, mas tomou-lhe o braço com movimento tão confiante que era, em sua doçura, mais eloquente do que todas as palavras. E, até o fim do passeio, não fallaram mais em crimes nem criminosos.

Em torno, toda a paisagem do Surrey, batida pela ventania do outomno, parecia-lhes subitamente ornada com maravilhosos encantos.

CAPITULO XVII — UM HO. EM ANORMAL

Sentado no gabinete do Dr. Lefort, André Collin telephonava seu artigo para o *Daily Budget*. Do outro lado da mesa, na outra poltrona, o medico ouvia com visivel interesse o que só no dia seguinte seria conhecido por dous milhões de leitores.

Collin dictava pausadamente:

A dupla tragedia de Little Deeping apresenta-nos um problema tão intrincado que, estamos certos, manterá por muitos dias, attenta toda a Inglaterra. A despeito de todos os meritos do inspector Dargent, o inquerito de Scotland Yard continua bloqueado, não por falta de indicios mas por sua multiplicidade e inconsistencia. A resolução do Sr. Hiram Jordan, amigo pessoal de uma das victimas, offerecendo mil libras de recompensa a quem fornecer qualquer informação, que permitta descobrir o assassino de Jonathan Crayle e Norma Jocelyn, vai, de certo, animar muitas ambições; mas, como parece provado que o criminoso agiu sem cumplices e com requintes de precaução, não acreditamos que a miragem das mil libras adiante grande cousa á policia.

Em compensação, o inspector Dargent liga grande importancia a uns tantos detalhes, já verificados. Por exemplo. O exame microscopico revelou que a corda de violino com a qual o velho Crayle foi enforcado, — um sol — nunca foi utilizada.

Surgem, portanto, trez hypotheses: — ou o criminoso toca violino, ou essa corda ainda não utilizada foi furtada de sua casa; ou, ainda, ella foi



Joan Bennett, da R. K. O.

comprada propositadamente, com premeditação, para lançar as suspeitas sobre um músico.

Outra singularidade: — O Sr. Alano Rutherford, proprietário de Woodcast, a casa onde foi encontrado o corpo de miss Jocelyn, conhecia essa infeliz. Portanto deve poder explicar como e porque ella se introduziu alla noite em sua casa vazia e fechada. Ora, o crime foi praticado na noite de segunda para terça; por coincidência, o Sr. Rutherford sahio, domingo, do hotel, em Berlim, em seu automovel e até hoje não foi possível encontrá-lo. Dizem que anda em excursão, pela Austria, Suissa, ou Italia.

A policia procura tambem Gilles Fothergill, o criado do hotel do Corvo Branco. No dia seguinte ao do crime, abandonou o emprego, sahio da aldeia e desapareceu. Sua propria esposa não sabe dizer onde encontrá-lo.

E mais. O inspector Dargent desejaria conhecer todas as pessoas, que viram o Sr. Crayle, depois de sua chegada á Inglaterra. Sabe-se que elle desembarcou em Southampton ha treze dias; tomou o trem, para Londres, onde apenas passou a noite no hotel de Charing Cross. Apenas despertou, seguiu para Little Deeping, onde passou dez dias, antes de ser assassinado. Teria estado com alguém em Londres? Teria sido seguido por alguém? Em Little Deeping só foi procurado por Hiram Jordan. Ninguém mais teria tido noticia de sua chegada?

Recordemos que nada foi roubado ao Sr. Crayle nem a Norma Jocelyn. A principio, a policia notou que ella conservava um valioso collar de perolas mas estava sem bolsa. Imaginou que o assassino a tivesse levado. Mas não. No dia seguinte, um viajante commercial chamado Pommeroy levou-a a Scotland Yard. Encontrara-a cahida na estrada, proximo de Little Deeping. O mais curioso é que não estava nas immediações de Woodcast, onde a infeliz foi assassinada nem perto de seu automovel, que se encontrou abandonado em Wingate Lane; estava em uma pequena estrada, quasi um atalho, que vai dar na porta dos fundos do hotel. Esse é um dos detalhes no qual a policia se baseia para afirmar que os dous crimes foram praticados por uma só pessoa. Mas que fazia o automovel de miss Jocelyn tão longe da estrada por onde devia ter tomado para ir da casa de lady Kettel a Little Deeping e voltar d'alli a sua casa em Londres? O nevoeiro poderia explicar um desvio de direcção mas não que ella tomasse direcção diametral opposta. Tanto mais quanto se sabe que ella conhecia bem aquella região.

Como se vê, indícios não faltam mas não ha entre elles o menor senso e o movel dos dous crimes continua mysterioso, como no primeiro dia. Até agora, foi totalmente impossivel descobrir qualquer relação entre as duas victimas.

Verdade seja que a vida de Norma Jocelyn é tambem um impenetravel mysterio. No dia de sua morte, miss Norma tinha em deposito, num banco de Londres, sete mil libras. Ora, ha quatro annos, ella estava em completa miseria. Durante dous annos, desapareceu; não houve quem soubesse seu paradeiro. Reappareceu aparentemente rica; mas não deposita dinheiro nos bancos senão em especie. O facto de nunca utilizar cheques, indica que ella desejava conservar secreta a origem de seus rendimentos. Rendimentos consideraveis... De onde lhe vinham? Se lhe eram fornecidos por alguém, esse alguém deve ser muito rico.

Já informamos os leitores sobre suas constantes e inexplicadas ausências e tambem sobre o que dizem suas criadas: — que ella parecia viver com medo de alguém. Sabe-se que tinha relações meramente sentimentaes com um homem, um Sr. Forrester. E' muito para admirar que elle ainda não tenha apparecido, ao menos para vêr sua amada morta e render-lhe as ultimas homenagens. Será possivel que, amando-o, miss Jocelyn nunca lhe tivesse fallado nas cousas ou pessoas, que temia? Não estará elle na Inglaterra? Ignorará ainda a tragica morte de sua amada?

O jornalista terminou ahi a leitura das tiras, que escrevera e declarou ao stenographo, que o ouvira:

— Por hoje é só. Good bye!

O medico, que collocára sobre a mesa uma garrafa e dous calices, serviu o whisky, tossiu levemente e disse:

— O senhor, nessa noticia, dá a entender que Fothergill fugiu; mas o coronel Lowatt me disse outra cousa.

— Sim... O que se receia é encontrar o criado morto em qualquer canto, por ahi, mas elle mesmo me pediu que não publique isso, por enquanto.

— Mas... — começou o medico.

— Oh! homem... E' evidente... ou pelo menos muito provavel. Fothergill não pode ser o culpado mas teve alguma parte no crime ou descobriu alguma cousa sobre elle... Por isso é que lhe deram dinheiro... Mas Dargent está convencido de que o assassino é d'esses, que não admittem cúmplices nem confidentes. Pouco importa que tenha comprado o silencio do criado com dinheiro... Dargent acredita que elle não tardará a assegurar esse silencio mediante um novo assassinato. Por isso é que procura tão activamente Fothergill; não é tanto para prendel-o. E' principalmente para salvá-lo. E Rutherford? O senhor, que é seu amigo...

— Intimo — acrescentou o Dr. Lefort.

— Que diz de seu silencio?

— Nada. E' perfeitamente possivel que, viajando em automovel, como *touriste*, em busca de pontos pittorescos, elle ainda ignore toda essa tragedia. Por mim estou certo de que, quando o descobrirem, elle não terá difficuldade em provar que estava muito longe d'aqui no dia dos dous crimes. Conheço bem Rutherford. Observo-o attentamente, desde a infancia.

— Ah! Por que?

— Porque os problemas da hereditariedade são sempre interessantes para um medico.

— Compreendo... Ha em sua ascendencia alguma cousa, que permita prever nelle... perturbações ou anormalidades?

— Eu não disse isto! — respondeu o Dr. Lefort.

O tom da resposta era secca, como se elle houvesse comprehendido que, distrahidamente, estava em risco de trahir o segredo profissional.

Poucas horas depois, André Collins arranjára um meio para conversar com Hacqueron, o dono do Corvo Branco.

— O senhor, que vive ha tanto tempo em Little Deeping, conhece, de certo os pais do Sr. Rutherford.

— Por que me faz essa pergunta? — perguntou, por sua vez, o hoteleiro.

Com policiaes e jornalistas é bom estar sempre prevenido...

André explicou:

— Por nada... Ouvi dizer que um d'elles não era muito seguro da cabeça.

Hacqueron respirou visivelmente desafogado.

— Ah! — disse elle — De facto, Mrs. Rutherford tinha... esquisitices... Passava mezes inteiras sã, como qualquer um de nós mas tinha dias em que scismava que era a rainha de Hespanha e era preciso que toda a familia a chamasse Magestade... senão ella ficava indignada...

CAPITULO XVIII — SURGE UMA TESTEMUNHA

June Briggs tinha duas grandes preocupações neste mundo — evitar as recriminações de Mrs. Mallet, a dona da pensão, onde era encarregada da limpeza da casa e lêr os jornaes.

Nelles encontrava todas as diversões. Noticias de crimes, de casamentos, de sports, romances... Nunca pegara num livro mas fazia prodigios para arranjar tempo e lêr jornaes, qualquer jornal nem que fosse da vespera ou da semana passada.

Nesse dia, um hospede, sahindo um pouco mais tarde, esquecera no quarto um exemplar do *Daily Budget*, aberto em cima do leito. Jane lançára um olhar e sentira um choque no coração. Aquelle retrato... Meu Deus! Ella conhecia aquella moça... Por que razão vinha seu retrato tão grande assim, na 1.ª pagina? Curvou-se. A legenda confirmava sua suspeita. Apresentava o nome de Norma Jocelyn; mas mandava ler o texto na 6.ª pagina.

Abriu o jornal, mas apenas o estava dobrando na pagina indicada e já a voz superaguda de Mrs. Mallet a chamava para lavar a escada.

Levou o jornal escondido no meio de uns pannos. Era tal sua anciedade que, arriscando-se ás mais furiosas represalias de Mrs. Mallet, collocou o *Daily Budget* bem dobrado, na sombra de um degrau e leu as linhas escriptas por André Collin.

Céus! Teve que se agarrar ao corrimão, para não cahir. Miss Norma assassinada! Sabe Deus como conseguiu lavar a escada, com aquella surpresa torturando seu coração e seu espirito. Miss Norma, tão bôa! Tão bonita! Sua perturbação era tamanha que ouviu, sem

compreender, a avalanche de censuras sobre o modo como a escada ficara e, sem uma palavra, subiu a seu quarto, na mansarda.

Tomara uma resolução corajosa. Vestiu-se rapidamente, desceu pela escada dos criados, para não ser vista por Mrs. Mallet, tomou um omnibus e desceu em Trafalgar Square. Ahi, informou-se com um *policeman*, caminhou mais um pouco e entrou em Scotland Yard. Parecia-lhe ouvir, mesmo d'alli, uma voz estridente reclamando sua presença em todos os corredores da pensão; mas resolutamente dirigiu-se á portaria e declarou que vinha fallar sobre o caso de miss Jocelyn.

Levaram-a á presença de um homem edoso, que a ouviu com paternal paciência, depois telephonou a um Sr. Dargent, cujo nome ella lêra no jornal.

Jane Briggs levantou-se, pensando que podia se retirar. O senhor edoso pediu-lhe que ficasse... era preciso que fosse reconhecer a morta.

— Mas Mrs. Mallet... — começou Jane, alarmada á ideia de perder seu emprego...

— Fique tranquilla, eu irei pessoalmente me entender com ella.

Dez minutos depois, Jane entrava para fazer o mais sensacional passeio de toda sua existencia. Nunca imaginára que um automovel pudesse andar tão depressa. Sahiram de Londres, atravessaram varios campos e aldeias... Por fim chegaram diante de uma casa, onde havia uma taboleta — *O Corvo Branco*.

Um homem com olhos cinzentos e tranquillos esperava-a.

Jane Briggs nunca imaginaria um detective assim, tão amavel, tão simples. Tomada por uma subita confiança, contou-lhe tudo.

Conhecera miss Jocelyn, quatro annos antes... Isso é... lembrava-se bem. Trez annos e dez mezes. Ella viêra se hospedar na pensão e vivia lendo annuncios e escrevendo cartas. Estava sempre tão triste e tratava-a com tão doce cortezia que Jane pouco a pouco se affeicou a ella. Um dia miss Jocelyn lhe perguntou: — "Jane. Se você estivesse sem recursos, que faria?" "Procuraria trabalho". A linda hospede teve um sorriso amargo: "E' o que eu faço... Mas não acho".

— Nesse dia vendeu um manto de pellica. Depois, não teve mais o que vender. Quando o dinheiro do manto acabou perguntou-me. "Quantos dias Mme. Mallet me deixará ficar aqui, a credito?" Respondi-lhe a verdade. "A credito? nem um dia!"

"Está bem — disse ella, dando de hombros — Hei de me arranjar..."

A criadinha fez uma pausa, reflectiu e continuou:

— Eu não gosto de emprestar dinheiro mas sympathisava tanto com miss Jocelyn. Offereci-lhe dez libras de minhas economias. Ella hesitou um pouco, depois aceitou, abraçou-me e, nesse mesmo dia, partiu para Paris. Isso foi em meados de Janeiro. Em fins de Fevereiro, ella me escreveu, desculpando-se por não poder ainda me pagar. Em Março, nova carta, com um cheque de dez libras; no mez seguinte, mais vinte. Mandou-me assim, em quatro mezes, cem libras. Depois, a cada Natal, me mandava mais dez libras.

Calou-se. O inspector perguntou:

— Sabe se, durante esses quatro annos, ella foi á Africa do Sul?

— Não, senhor. Nunca me fallou nesse paiz.

— De onde vinham suas cartas?

— De Paris, nos primeiros mezes; depois, de Londres mesmo.

Dargent reflectia. Se Norma não fôra a Joahnesburg, o Sr. Crayle podia ter ido a Paris... ou a Londres mesmo. Isso explicaria muitas cousas.

— E não tornou a vel-a?

— Uma vez só, ha dous ou tres annos, não me lembro bem. Veiu me buscar num automovel, que ella mesma guiava. Eu lhe disse assim: "Pelo que vejo, a senhora ficou rica outra vez". "Mais ou menos" — respondeu ella, rindo. Levou-me a uma loja,

comprou um vestido, um chapéu e um manto para mim, depois levou-me para tomar chá...

— Espere — atalhou Dargent — Vamos recapitular. Ha trez annos e dez mezes ella partiu para Paris, quasi sem dinheiro; no fim de seis mezes já tinha recursos folgados; ha dous ou trez annos, voltou para Londres, rica... A senhora não respondia a suas cartas? Qual foi o endereço que ella lhe mandou?

— Um restaurante, em Paris! *Posta Restaurante*.

— Posta Restante?

— Ou isso.

— E em Londres?

— Melchester Garden, onde ella morava. Mas nunca fui a sua casa. Ella não me convidou...

— E no dia, em que foram tomar chá, ella não lhe fallou sobre sua vida?

— Interrogou-me sobre a minha mas sobre a d'ella nada me disse... Isso é; na volta, quando nos despedimos eu não resisti á tentação... Tinha começado por pensar que ella arrangiara um casamento rico; mas notei que não usava alliança. Então, disse: "A senhora deve ter arrangiado um bom emprego, graças a Deus". Ella ficou muito séria e respondeu: — "Entrei para uma associação... Seria muito complicado lhe explicar."

— Só disse isso?

— Só... Eu não insisti mas, depois pensei muito nisso... Que associação devia ser essa em que se ganhava tanto dinheiro?

— Ouviu-a fallar em um Sr. Jonathan Crayle?

— Não, senhor.

Dargent levou-a de novo ao automovel. Estava profundamente desanimado. Esperára tanto d'aquelle depoimento e afinal elle pouco adiantava a seu inquerito. Não conseguira descobrir uma ligação qualquer entre Crayle e Norma. Mas então por que tinham morrido no mesmo dia, a tão pequena distancia e ambos tragicamente? Teria um assassinado o outro e depois cahido sobre os golpes de um terceiro personagem ainda desconhecido? Teria Norma entrado no quarto do velho sul africano pela janella? Ou teria elle sahido pela janella para ir ter com ella na casa vasia? Teria Norma vindo á casa vasia para se encontrar com elle ou com outro, que matára os dous? Teria alguém matado o velho Crayle para vingar o assassinato de miss Jocelyn? E quem envenenára o cão? Para que?

CAPITULO XIX — UM VIAJANTE INESPERADO

O homem, que descera do trem na estação de Little Deeping, collocou sua maleta em um taxi e ordenou que o levasse ao hotel do *Corvo Branco*. O chauffeur baixou a bandeirinha do taximetro e, volteando no banco, observou:

— Desculpe a pergunta mas... Pretende se hospedar no *Corvo Branco*?

O olhar do viajante exprimiu surpresa mas principalmente ironia.

— Tenho essa intenção. Tem alguma cousa a dizer contra esse hotel?

— Não, mas supponho que o senhor não faz muito empenho em ser assassinado.

— Empenho, positivamente, não digo; mas é costume assassinar os hospedes, alli?

— Apareceu um enforcado, terça-feira e a policia ainda não descobriu o culpado. O senhor não lê jornaes?

— Nestes ultimos dias, não... Venho de Paris. Então não se sabe quem matou esse hospede?

— Está ahi um inspector investigando, sem prender ninguem. Mas, o senhor sabe, Little Deeping não é grande... toda a gente se conhece aqui e falla.

— Ora, vamos — disse o viajante, em tom confidencial — Os chauffeurs são, em geral, bons observadores. Aposto em que o senhor sabe alguma cousa.



Os encantos de Londres — Como na praça de S. Marcos, em Veneza, também em Trafalgar Square vivem, aninhados nos telhados dos arredores, muitos pompos, tão habituados ao carinho dos transeuntes, que até dos touristes se aproximam sem medo, para receber alimentos.

O homem sorriu lisongeador. Não tinha pressa. O taxímetro estava marcando. Contou o caso, com todos os detalhes e acrescentou:

— Eu hontem conversei com Cripps, um dos criados do hotel e desconfio que elle já viu mais claro nesse negocio do que o idiota de Scotland Yard. Pois quer que lhe diga? Cripps está convencido de que o crime foi praticado por alguém de dentro e não de fóra. A janella foi aberta para tapear a policia... Mas também é verdade que ha aqui um typo muito suspeito, um marinheiro que mora num moinho abandonado. Que demonio veio fazer um marinheiro em Little Deeping? Isso aqui não é porto. E morar num moinho! Onde já se viu isso? E esse homem tem sempre dinheiro. De onde lhe vem esse dinheiro?

Esperou um instante, como se o recém-chegado pudesse responder a essa pergunta, depois continuou:

— Pois ainda ha mais. Ouça. O crime foi praticado na noite de segunda para terça-feira. Justamente nessa noite, Harbin, o chacareiro, que mora perto do moinho, teve uma dôr de dentes, que não o deixou dormir a noite inteira. Pois bem. Elle ouviu Grimes, o tal marinheiro, passar na estrada e, desde quarta-feira, elle não cessa de cantar, bebendo como uma cabra.

— Que tem isso? — perguntou o viajante, muito serio — O facto de estar embriagado e cantando não prova que seja um assassino.

— Não. Mas a coincidência é suspeita. Emfim... O senhor quer mesmo ir para o *Corvo Branco*?

— Naturalmente.

O taxi partiu. Apenas o chauffeur se voltou para o *guidon*, o aspecto do viajante mudou por completo. Toda a ironia desapareceu de seu rosto, substituída por uma expressão sombria, ameaçadora, terrível.

Accendeu machinalmente um cigarro e deixou que se apagasse sem leval-o aos labios. Depois ficou immovel, até chegar ao hotel. Quando porem desceu do taxi, recobrára o ar displicente e quasi jovial.

Hacqueron correu a seu encontro, apoderou-se de sua mala e conduziu-o ao escriptorio, onde se curvou para ler o nome, que elle escrevera no registro. Feito isso, ordenou:

— Cripps. Leve a bagagem do Sr. Robin ao quarto n. 17.

O criado obedeceu, com gestos morosos, desanimados. Chegando ao quarto, o Sr. Robin deu-lhe uma gorgeta e observou:

— Eu adoro esses hoteis provincianos antigos. Tenho a impressão de que todos são mal assombrados. Não apparecem fantasmas nestes corredores?

— Eu não acredito em fantasmas — disse seccamente o criado.

— Pois faz mal, muito mal — disse com ar sentencioso o viajante — Na ultima vez em que estive em Little Deeping, ouvi dizer que havia um, nesse lugar, aqui perto; um moinho se não me engano.

As palpebras de Cripps bateram rapidamente:

— E' — disse, passando a lingua sobre os labios — Dizem isso; mas eu, cá...

— Pois eu hei de tentar vel-o. Tenho muita vontade de ver um fantasma.

Abrira a mala e esvasiava-a sobre o leito, sem olhar para o criado. Este piscou de novo os olhos e aconselhou:

— Eu, em seu lugar, não faria isso. Está morando agora, nesse moinho, um tal Grimes, um antigo marinheiro amalucado, que é homem para torcer o pescoço a quem se metter com elle.

— Ora essa? Mas eu não pretendo fazer-lhe mal. Elle é maluco mesmo?

Cripps ia responder mas deteve-se. O Sr. Robin, que de novo o fitava, julgou ver em seu olhar uma expressão de terror. O viajante acrescentou, pausadamente:

— Sabe o que me disse o chauffeur, que me trouxe para aqui? Que foi provavelmente elle quem matou um hospede aqui.

Cripps estremeceu e, voltando-se rapidamente, desculpou-se.

— Com licença... O patrão está me chamando.

O Sr. Robin não ouvira ninguém chamar e ficou immovel, reflectindo. Aquelle homem estava visivelmente com medo... De que?

CAPITULO XX — O CONCURSO DO SR. HIRAN JORDAN E AS PERGUNTAS DO SR. ROBIN

Nesse mesmo dia, o Sr. Jordan procurou o inspector Dargent, para lhe apresentar sir Herbert Cophall, um famoso advogado de Londres, que, a seu pedido, averiguára um ponto de grande importancia. Pelo telephone, sir Herbert conseguira comunicar-se com o Sr. Pembury, o mais importante tabellião da republica Sul Africana. Era em seu cartorio que Jonathan Crayle depositára seu testamento. O Sr. Pembury já tinha conhecimento da morte do Sr. Crayle e informara-o de que o velho deixára toda sua fortuna aos doze sobrinhos.

— Só a elles?

— Só a elles.

A informação era valiosa; mas podia ser que apparecesse ainda um testamento posterior. Por exemplo... redigido alli mesmo, no hotel, depois da chegada do Sr. Hiram Jordan. Essa ideia surgiu logo no cerebro do inspector porem elle se absteve de external-a.

— Soube mais uma cousa, também interessante. Disse-me o Sr. Pembury que o velho Crayle, como todos os homens energicos, que se envolvem em grandes negocios, tinha inimigos. Um d'elles, um tal Kirby, que o accusava de lhe ter roubado toda a fortuna, era um individuo violento, perigoso e desapareceu de Johannesburg, ha já alguns annos. Não teria elle seguido o Sr. Crayle?

— E' possível — disse Dargent.

Mas, mentalmente, resolveu, pelo menos por enquanto, manter em reserva esse fantomatico Kirby.

A' noite, na sala de refeições do hotel, o Sr. Hacqueron, sentado diante do Sr. Robin, a seu convite, fitava-o com mal disfarçada admiração. Orgulhava-se de resistir bem ao *whisky* mas já evitára, trez ou quatro vezes, acompanhar os brindes do viajante, que se mantinha tão sereno como se só tivesse bebido agua.

Durante a palestra, para a qual convidára o hoteleiro, fallára sobre varios assumptos mas acabára por fallar somente nos crimes, suas victimas e seu provavel autor. Hacqueron déra respostas evasivas.

— Ouça... o senhor não é rico, nem eu. Ha um premio de mil libras para quem descobrir o assassino. Quer fazer sociedade commigo? Quinhentas libras para cada um. Que diz?

— Sim; não ha duvida...

— Pois então... Olhe... Estou convencido de que não diz tudo quanto sabe, porque não imagina que possa ser util ao inquerito. Mas engana-se. A's vezes, um pequenino detalhe, que parece sem importancia, traz a solução do problema.

O Sr. Hacqueron fitou-o perplexo. Por fim decidiu-se a perguntar.

— O senhor é jornalista?

— Não. Sou viajante commercial mas estou com muita vontade de ganhar quinhentas libras.

— Ah!...

— Ouça. Apparentemente o assassino foi um dos sobrinhos do morto; mas que diz o senhor?

— Nada — respondeu o hoteleiro, sem hesitar. — Mas estou convencido de que não foi nenhuma das pessoas, que dormiram aqui.

— Muito bem. E acredita que o Sr. Crayle conhecesse miss Jocelyn?

— Se o acreditasse, teria dito á policia. Mas não acredito. Estou convencido de que o pobre homem foi assassinado por alguém, que o seguiu de Londres ou, sabe Deus, desde o Sul da Africa. Envenenou o cão, entrou pela janella...

— Francamente, é isso o que o senhor pensa? Mas se era um homem, que odiava o velho ricoço, por que matou também a pobre moça, que não o conhecia?

— Não sei e ainda me parece impossivel que os dous crimes tenham sido praticados pela mesma pessoa.

— E como explica o desaparecimento de Fothergill?

A pergunta embaraçou visivelmente o hoteleiro. — Isso eu não comprehendo; confesso que não comprehendo... Fothergill sempre foi um bom rapaz; trabalhador, de genio tranquillo.

— Pois eu — disse lentamente o Sr. Robin — tenho a impressão de que o senhor não está sendo franco, commigo. Presinto que suspeita de alguém mas não quer me dizer... Será para não dividir o premio?

(Continua no proximo numero).



Elegancia de outono — O bosque de Boulogne, de Paris, em 1910. Tela de *Albert Guillaume*.

No início do século corrente, a Europa se dividia em duas grandes alianças: — a dupla Franco-Russa e a triplice — Teuto-Italo-Austriaca. Mas, quando irrompeu a guerra, soube-se que, além d'esses accordos conhecidos, havia outros, assignados secretamente e muito mais solidos do que os publicos porque tiveram força bastante para collocar a Italia ao lado dos que passavam por seus adversarios e dar á Inglaterra logar de destaque numa aliança em que nunca figurára.

No delirio do apoz-guerra, sob a influencia apostolica do presidente Wilson, quando só se fallava em paz eterna e fraternidade universal, uma das cousas que mais se pregava era a terminação da diplomacia secreta.

Nunca, jamais, em nenhum tempo, governo nenhum se abreveria mais

TRATADOS SECRETOS

NO PASSADO, COMO HOJE, ELLES CONSTITUEM A VERDADEIRA BASE DAS ATTITUDES VISIVEIS, NA POLITICA EUROPEA.



Henrique IV, o rei bravo e galante, tinha horror a perfidias, trahições, intrigas secretas. E utilizava todos os ardis para evital-as. Um dia, sabendo que o embaixador de Hespanha ia procurá-lo para tratar de uma convenção reservada, recebeu-o no gabinete da rainha, brincando com seus filhos, o futuro Luiz XIII e a princesa Maria Henriqueta, futura esposa do rei Carlos I da Inglaterra. Quando o embaixador entrou, o rei de França andava de gatinhas pelo tapete, servindo de cavallo ao pequeno principe. O Hespanhol, formalista, escravo da etiqueta, deteve-se interdito. Henrique IV perguntou-lhe apenas: "— Tem filhos, Sr. embaixador?" "— Sim, magestade." "— Então eu vou acabar de dar volta á sala." Como era possível expor planos subterraneos deante de uma senhora, crianças e com um rei, que parecia tão infantil? O embaixador desanimou.

Já houve tempo em que a diplomacia não admittia segredos. Em Athenas e em Roma, quando a democracia era uma verdade, os embaixadores e consules se apresentavam directamente ao povo ou ao Senado, para discutir a causa dos soberanos ou povos de que tinham mandato. Era o tempo em que o proprio povo decidia sobre seu destino.

Com as primeiras organizações de governo imperial, surgiram os methodos tortuosos e occultos. Cesar foi um mestre nesse genero de negociações. Embora habil nas artes militares, obteve a submissão das Gallias muito mais pela subtileza de suas manobras secretas do que pela arte da guerra.

A exploração disfarçada mas constante das discórdias entre as tribus gaulezas lhe foi mais util do que dez victorias. Roma imperial, Roma dos Papas, as varias republicas italianas e a monarchia sarda mantiveram, com

exito incontrastavel, a tradição d'esse jogo complicado de alianças, contrapesos, tratados secretos e combinazioni.

No meio da ignorancia e miseria da Edade Media, só a Egreja nos deu o espectáculo de uma força moral, que se respeitava e os Papas foram os unicos diplomatas do mundo.

Sua diplomacia era essencialmente secreta mas grandiosa e nobre. Depois, o primeiro diplomata da Europa foi Luiz XI. Sem moral, buscando sem-

a negociar e urdir pactos, que não fossem livre e publicamente discutidos. Mas não é isso o que vemos. Ninguém sabe ao certo o que significa e até onde vai o chamado eixo Berlim-Roma; ainda menos se conhecem as condições em que a Italia resolveu auxiliar, com tamanha eficiencia, os libertadores da Hespanha; o mundo inteiro presente ligações complexas da Russia com a China, com a Tcheco-Slovaquia e Valencia; as pequenas e turbulentas nações dos Balkans cochicham, Paris e Londres multiplicam os conciliabulos...

Wilson não foi ouvido nem por seus compatriotas e nunca a diplomacia foi mais mysteriosa e subterranea do que hoje.

Por isso mesmo, como não nos seria possível falar sobre o presente senão amontoando hypotheses, vamos tratar aqui dos tratados secretos de outrora.

pre a utilidade immediata, lançou mão de processos mais do que secretos — perfidos, trahiçoeiros mas tão inteligentes e lucidos que lhe deram a victoria sobre adversarios dez ou vinte vezes mais poderosos.

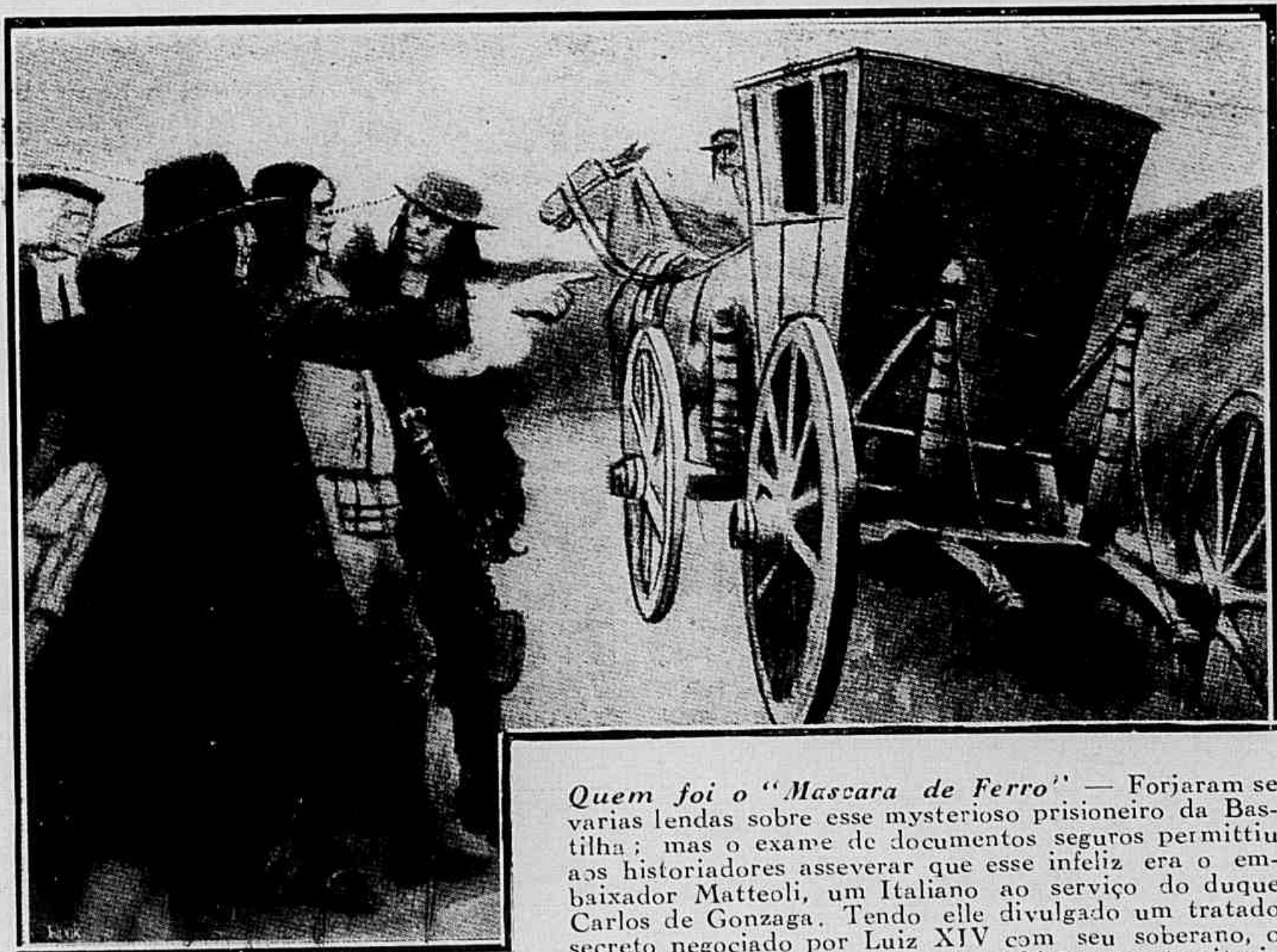
O privilegio da diplomacia se manteve, depois, muito tempo com a França e a Egreja, attingindo seu mais alto cume com Richelieu, quando a Hespanha entrou tambem a agir.

No século XVIII, os processos de Luiz XI e Philippe II, divulgados pelo cynismo de Machiavel, dominaram o mundo. A revolução franceza interrompeu, apenas por alguns annos, a sombria tradição. Sob o dominio de Napoleão e Pitt, da rainha Luiza da Prussia e de Metternich, a Europa não tardou a cahir nos habitos antigos.

Recordemos alguns factos culminantes, que resultaram da diplomacia secreta.

A guerra de 1852, de que surgiu a unificação da Italia, resultou de um accordo directo, pessoal e ignorado, entre Cavour e Napoleão III.

Em 1856, durante o Congresso de Paris, reunido apoz a guerra da Crimea, Cavour entrou reservadamente em negociações com os representantes da França e da Inglaterra, expondo-lhes os projectos do rei Vittorio Emmanuel, para unificar a Italia, sob seu sceptro. A Ingla-



Quem foi o "Mascara de Ferro" — Forjaram se varias lendas sobre esse mysterioso prisioneiro da Bastilha; mas o exame de documentos seguros permittiu aos historiadores asseverar que esse infeliz era o embaixador Matteoli, um Italiano ao serviço do duque Carlos de Gonzaga. Tendo elle divulgado um tratado secreto negociado por Luiz XIV com seu soberano, o rei de França o aprisionou á trahição em territorio mascarado.

da Italia e, para que não se descobrisse

terra ouviu mas limitou-se a prometter discreção. Napoleão III disse a mesma coisa mas continuou secretamente e sózinho as negociações com o ministro da Sardenha, acabando por firmar uma alliança secreta e preparar o plano de campanha, em Julho de 1858. Restava apenas encontrar um pretexto para entrar em guerra com a Austria. Napoleão não queria apparecer ao mundo como um chefe de Estado, que auxiliava uma revolução, em paiz visinho. Era preciso que as hostilidades tivessem o aspecto de uma verdadeira guerra internacional.

Deixou á Sardenha o encargo de provocal-a e o governo de Vienna cahiu na armadilha, com a habitual carencia de descortino. Alarmado pelos armamentos sardos, o imperador Francisco José mandou um *ultimatum* ao rei Vittorio Emmanuele, exigindo a desmobilisação de seu exercito. Não obedecido, atravessou a fronteira. Napoleão III declarou-se ameaçado por esse movimento de tropas e começou a guerra.

Dez annos depois, em 1869, tendo afinal comprehendido a politica de hostilidade de Bismarck, propoz secretamente á Italia e á Austria uma alliança contra a Prussia. Não se soube por que, as negociações arrastaram-se, sem resultado. Bismarck, que não era alheio a essas protelações, precipitou os acontecimentos. Com um telegramma falso (o famoso despacho de Ems) collocou tão mal o prestigio da França que o imperador declarou guerra á Prussia, confiante em que não lhe faltariam se não alliados pelo menos pontos de apoio solidos.

Porem Bismarck reservára para esse momento outro recurso secreto. A 26 de Julho de 1870, no dia em que Napoleão III partia de Paris para assumir o commando das operações em Metz, mandou publicar no *Times*, de Londres, o texto de uma proposta do tratado, secreto, redigida pela mão do Sr. Benedetti, embaixador de França, em Berlim, com data de 1867. A lettra do Sr. Benedetti era indiscutivel e nesse documento Napoleão III propunha ao rei Guilherme o seguinte accordo: A França reconheceria todas as conquistas da Prussia e favoreceria sua expansão para o Sul. Em troca, a Prussia a auxiliaria a annexar a Belgica e o Luxemburgo.

Essa divulgação teve a boa vontade da Inglaterra pela França e impediu que a Italia corresse em seu auxilio. O golpe fôra tramado por Bismarck, que fôra o primeiro ou melhor o unico a ter ideia d'esse negocio. Mas em palestra quasi intima com o embaixador francez, tivéra a habilitade de conseguir que elle mesmo redigisse essa minuta de tratado. Guardou esse documento, a pretexto de submettel-o ao estudo de seu soberano e, no momento opportuno, communicou-o á imprensa de Londres.

Com isso, conseguiu: 1.º — o isolamento da França, em 1870; 2.º — Desconfiança dos Italianos e irritação dos Francezes, que, tendo, poucos annos antes, se batido pela unidade da Italia, contava vel-a a seu lado, na luta contra a Prussia. 3.º — Deslocamento da Italia e da Austria para o bloco, que já pretendia organisar na Europa Central.

A TRIPLICE ALLIANÇA TAMBEM COMEÇOU POR SER SECRETA — Comtudo, a situação da Italia se tornou

muito difficil porque, em grande maioria seu povo guardava enthusiasmo e gratidão por seus alliados da batalha de Solferino e, ignorando os mysterios da diplomacia, não podia comprehender uma approximação com os oppressores da vespera, contra os que tinham auxiliado sua libertação.

Bismarck porem continuava a agir com seu infernal espirito de intriga. Tinha diante de si a Austria cheia de rancor pela derrota de Sadowa e a Italia vibrante de odio pela Austria e de amor pela França. Perante a corte de Vienna, explorou as ambições austriacas sobre os Balkans, onde a Russia tudo fazia para se instalar. Convenceu-a de que a Austria precisava de um apoio para enfrentar o colosso moscovita. Foi facil obter sua alliança. Perante a Italia, Bismarck empregou outros argumentos — a fraqueza e desprestigio militar da França, incapaz de lhe prestar auxilio efficiente; a vantagem de entrar para um agrupamento no qual a Allemanha seria uma garantia contra novas pretensões territoriaes da Austria.

Tudo isso foi tramado em segredo para não provocar represalias da Russia e inquietações da Inglaterra. Mas a espionagem estava alerta. Em 1883, a

França divulgou esse tratado, causando tal surpresa e alarma na Europa inteira que a propria Russia, então em difficuldades com o Afghanistan e a China, assignou com a Allemanha, em Setembro de 1884, uma convenção pela qual ficava reciprocamente assegurada uma neutralidade benevola, caso uma das partes contractantes fosse atacada. Era uma duplicidade monstruosa, que deixava á Russia o direito de agir nos Balkans, sem que a Austria pudesse contar com a Allemanha para atacal-a.

A DESFORRA DA ESPIONAGEM FRANCEZA —

O governo de Paris aproveitou a oportunidade para vingar o golpe de 1870. Conseguiu obter uma photographia d'essa convenção e publicou-a em Londres. Berlim negou e repudiou solennemente esse tratado. Consequencia. Para não ficar isolada no Oriente da Europa, a Russia accetou a alliança com a França.

Esse novo documento foi assignado em 1891 mas só em 1896 foi conhecido.

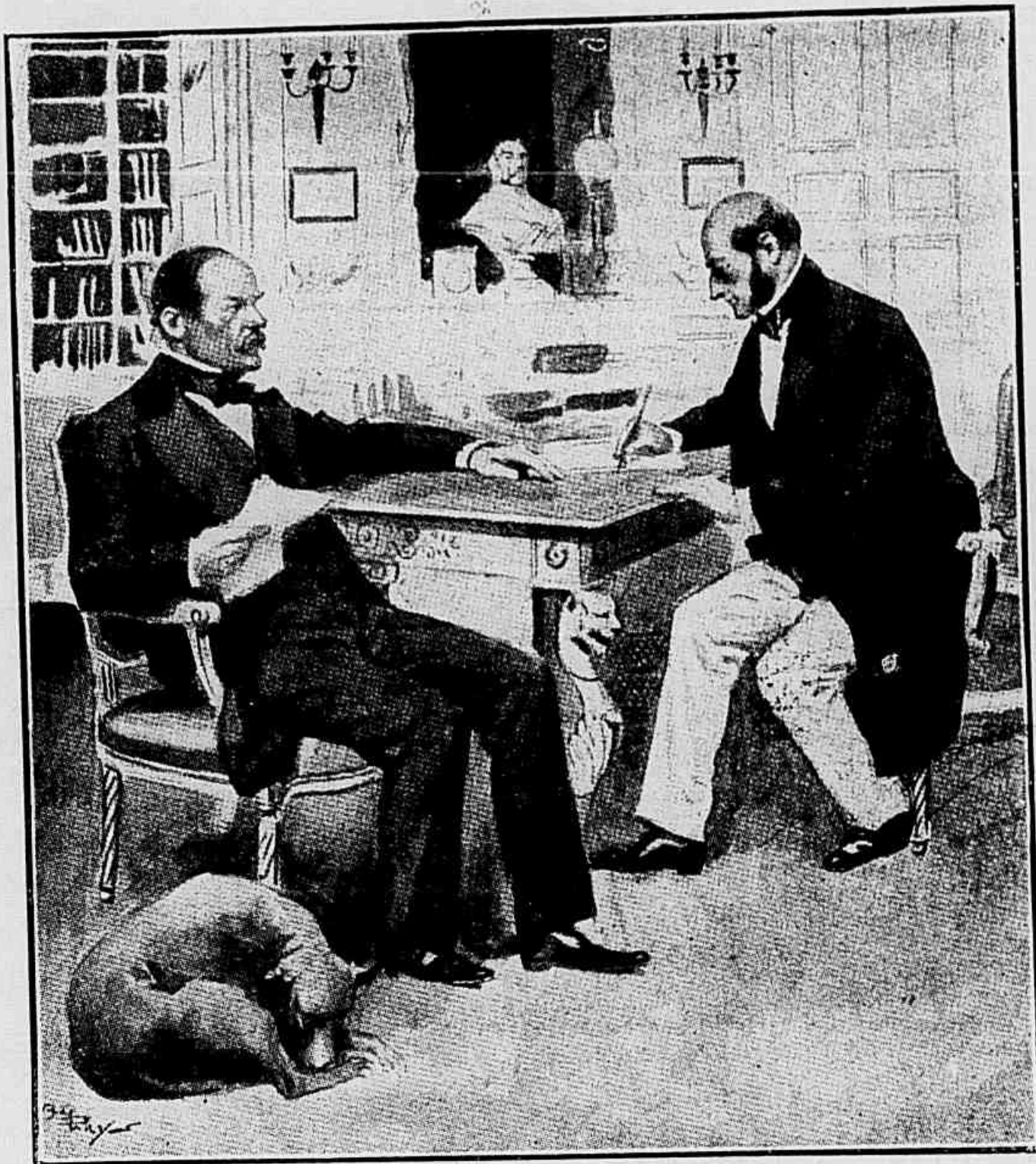
Depois e até hoje, toda a politica imperialista da Europa tem sido feita com o auxilio de combinações occultas. A conquista de Marrocos pela França foi feita apoz accordos, que deixaram á Italia mãos livres na Tripolitania e á Inglaterra liberdade de acção no Egypto e á Hespanha posse plena do que já possuía, a titulo precario, no imperio de Abd-ul-Assiz.

Veiu a Grande Guerra, com todas as surpresas, que nos revelaram dezenas de accordos tramados na sombra: a Inglaterra e a Italia ao lado da França; a Turquia e a Grecia, tradicionalmente francophilas, ao lado da Allemanha...

Tudo resultado de cochichos de corredores, desmentindo os palavras pronunciadas em publico.

Hoje a situação não é diversa. As fantazias wilsonianas passaram como meteoros no firmamento europeu.

Sabe Deus que novas surpresas nos trarão um novo conflicto armado no Velho Continente! Com quem es-



Um tratado secreto e um ardil — Napoleão III planejou, em 1868, a annexação da Belgica e do Luxemburgo e tentou obter, mediante negociações secretas, o desinteresse da Prussia por essa questão. Bismarck aproveitou a oportunidade para assegurar o exito de seus proprios projectos e ardilosamente conseguiu que o embaixador da França, em Berlim, o Sr. Benedetti escrevesse, de proprio punho, a minuta de um tratado sobre esse assumpto. Dous annos depois, mandou exhibir e publicar esse documento em Londres e assim obteve o isolamento da França.

tará a Tcheco-Slovaquia, que assigna tratados com Berlim e Belgrado mas cede campos de aviação a Moscou? Qual será a attitude da Polonia, que tem razões para temer, ao mesmo tempo, a Russia e a Alemanha? Com que triumphos contará o Sr. Mussolini para affrontar, com a mesma sobrançeria, a Russia, a França e a Inglaterra? Qual será, no meio de tudo isso, o papel do Vaticano, essencialmente adversario do fascismo como do communismo?

Mysterio. Tudo mysterio. Os povos, que pagarão, no final, todas as despesas do conflicto, com dinheiro e sangue, tudo ignoram sobre seus destinos. Não sabem sequer quaes serão seus adversarios de amanhã.

○ ○

Semana da Bondade. Semana d'isso, d'aquillo. E' uma mania recente, não só aqui; em todo o mundo. Mas os pretextos para "semanas" exgottaram-se



Os inconvenientes da diplomacia secreta — Ignorante das manobras que o imperador Napoleão III emprehendera junto de Bismark contra a Belgica e iam lhe valer a repulsa da Europa inteira, o ministro Rober communicou á Camara dos Deputados a declaração de guerra á Prussia, assegurando uma victoria facil e rapida.

em pouco e a mania já vai desaparecendo.

Um norte-americano, o juiz Buente, da cidade de Evanstown, no Estado de Indiana, acaba de innoval-a, promovendo a "Semana sem divorcios", novidade verdadeiramente sensacional na terra de Tio Sam; sete dias bemditos, nos quaes maridos e mulheres se munirão com a paciencia necessaria para supportar as aperturas do "sagrado nó".

E' possivel que a iniciativa tenha exito em Evanstown. Mas se fosse lançada em Reno ou em Los Angeles...

○ ○

— Em que estás pensando, querida?

— Em nada.

— Não é possivel. Não se pode pensar em nada.

— Como não? Estou pensando no presente, que você me deu no dia de meus annos.

○ ○

O estado moral de um paiz acaba sempre por influir em seu estado politico.

65



Napoleão III e Cavour em Plombières, em 1857 — O ministro do rei Vittorio Emanuele, da Sardenha, foi a uma pequena cidade dos Vosges, onde o imperador dos Francezes passava dias, a pretexto de repousar e alli, com absoluta ignorancia até dos proprios ministros francezes, firmou com elle o accordo para uma intervenção armada da França em favor da Italia, num conflicto contra a Austria.

Cactus magicos, que tomam de assalto uma fortaleza!

Na pungente tragedia de Macbeth, o bosque de Birmam parece se mover e adiantar para atacar o castello de Dunsinane, no qual o rei assassino, enganado por esse subterfugio de seus adversarios, acredita assistir á realizacão da velha prophesia com a qual as feiticeiras o tinham ameaçado!

Pois os contrabandistas mexicanos acabam de recorrer ao mesmo processo, embora duvidemos que o tenham extrahido de sua bagagem litteraria.

Em Tijuana, no Mexico, não distante da fronteira com os Estados Unidos o governo mantinha o forte Cazador, com uma



A faceirice e a esthetica de nossos indios — Duas indias de Matto Grosso, tendo nos rostos pinturas, que, alem de decorativas, têm caracter symbolico. A da esquerda, já edosa, cobriu o rosto com uma verdadeira teia de aranha, como para occultar os estragos causados pelo tempo em sua beleza ou para significar que velou o rosto fatigado e não mais digno da admiracão dos homens. No da direita, moça em pleno fulgor dos encantos, a pintura não tem por fim occultar e sim realçar a belleza.



Outras variantes. Mulher de meia idade com pinturas sobrias de quem ainda não pretende occultar-se mas já não perde muito tempo com faceirices. A' direita, uma india ainda menina tem apenas circulos de cores variadas nas faces.

guarnição de 24 homens e dous tenentes, sob o commando do capitão Alfonso Paz. Essa tropa estava encarregada de vigiar a região fronteira, infestada por contrabandistas. O forte Cazador fica situado ao pé de uma collina, em um valle, coberto por gigantescos cactus.

Uma tarde, o capitão Paz, notando que o caminho, que conduzia ao fortim, estava inteiramente coberto por cactus ordenou a seus homens que, munidos com pás e enxadas, limpassem esse terreno. Inesperadamente tudo comprehendeu, ouvindo tiros repetidos. A patrulha, que mandára derubar os cactus fôra atacada pelos contrabandistas. A' frente de 15 homens correu a socorrer a patrulha. Outros dous homens abandonaram a fortaleza Cazador, para reparar a linha telephonica, que, nesse momento, fôra cortada pelos assaltantes. Estava a pequena tropa já bem distante do fortim, perseguindo os criminosos em fuga, quando notou que, do proprio fortim, atiravam contra os soldados. Era necessario salvá-lo, pois a escaramuça inicial, fôra apenas um pretexto para afastar a guarnição. Mas era tarde. No mesmo instante, um surdo fragor commoveu o valle e grandes chammas se elevaram no ar crepuscular: Os ban-

didados tinham dynamitado o forte.

Como tinham podido se approximar do mesmo, sem que a guarnição o presentisse? A resposta era, embora tardia, muito simples; em torno do fortim havia enormes cactus.

Os contrabandistas se haviam disfarçado de cactus, para illudir as sentinellas!

○ ○ ○

Um sello humoristico

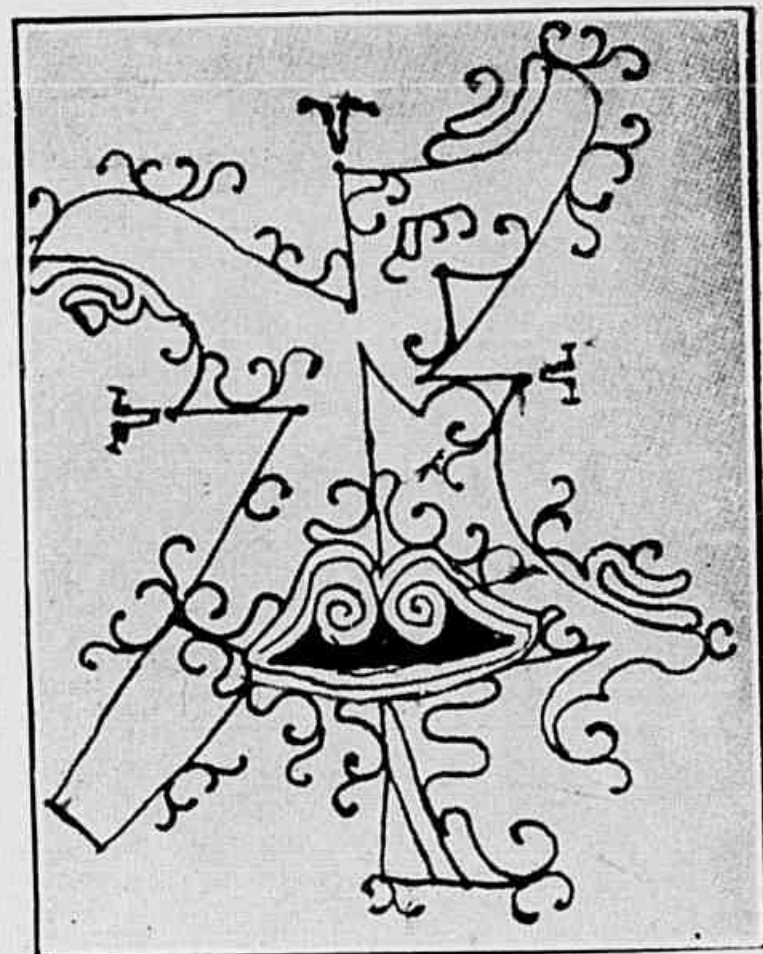
Naturalmente, nunca se viu um sello do correio, cujo desenho tivesse, deliberadamente, caracter comico. Alguns podem apresentar fallhas, que tenham escapado á commissão encarregada de sua approvaçao e que, percebidas pelo publico, sirvam para provocar o riso,

como, por exemplo um sello francez, que representava uma semeadora, semeando... contra o vento!

Mas um sello recentemente emitido, nos Estados Unidos, tinha, de certo, a intençao de divertir nossos irmãos do norte. Seu desenho mostra quatro personagens: um lavrador, com uma joice, representando a Agricultura; um senhor, com o aspecto de banqueiro, representando o Commercio, um operario, munido com o classico martello, representando a Industria e, finalmente, uma mulher sem profissão apparente. Em baixo, estas palavras: "Com uma só é mesma determinação."

Ora, no desenho, o camponez, o operario e a mulher, caminham com impeto, mas o banqueiro — e ahí está a perfidia — mantem-se plantado no mesmo lugar; não dá um passo

○ ○ ○



O mais curioso é que esses desenhos não são feitos ao acaso. O sabio francez Claude Levi-Strauss, lente da Universidade de S. Paulo e que visitou essa tribo, depois de viajar mais de 1.500 kilometros, em trem, automovel, cavallo e piroga, até Naligon, na margem do rio Paraguay, encontrou em um aldeamento d'esses indios, taboas como as que acima reproduzimos e nas quaes um desenhista da tribo prepara combinações para serem aproveitadas pelas elegantes de sua raça.



A ultima novidade em musica — Orgão portatil como uma maleta.

239 desillusões — Por occasião do centenario de Stradivarius, em Julho ultimo, foi nomeada uma commissão de technicos encarregada de examinar 239 violinos, que, segundo affirmavam seus proprietarios sonhadores, teriam sido fabricados pelo famoso artifice. Essa commissão, apoz longo e paciente exame de cada peça, apresentou minucioso relatorio, declarando que dos 239 instrumentos examinados não encontrou um só que, realmente, tivesse sahido das mãos do maravilhoso fabricante de Cremona. Alguns d'esses violinos foram, é verdade, fabricados por alumnos do grandes mestre mas não podem alcançar nos mercados o valor, que teriam, se fossem d'elle.

O CANIVETE PERDIDO

Conto de ITALO SULLIOTTI

UM mappa da frente russa estava extendido sobre a mesa do Estado Maior e, curvados para elle, os officiaes do serviço secreto, acompanhavam attentamente as explicações do general Haus. Este dizia:

— Como vêem, pela terceira vez, o inimigo demonstrou conhecer todos nossos movimentos. Peço, portanto, a todos os officiaes sob meu comando um esforço supremo para encontrar o fio d'esse attentado contra o Imperio.

O major Ellberger moveu melancolicamente a cabeça.

— Sómente um homem será capaz d'isso, Excellencia. O coronel Redl.

Os outros assentiram.

— Ha já muitos dias que elle se dedica ao estudo d'esse mysterio — continuou o general. — E ha de desvendal-o, estou certo. Um estado maior, que dispõe de homens como elle, não ficará muito tempo a mercê de espiões. Mas é preciso que todos o auxiliem. Reuni-os esta noite para lhe communicar as ultimas noticias. Sabemos que chegam constantemente cartas suspeitas para a caixa postal 76. Ordenei que sejam entregues, depois de lidas por mim. Um policial disfarçado prenderá aquelle, que as retirar do Correio.

— E o espião será tão ingenuo que vá retiral-as?

— Elle ou alguém por elle, tem ido. Alem d'isso, não vejo outra providencia a tomar. Bom. Por hoje é só. Podem retirar-se. Ah!... Ia me esquecendo... Mandem chamar o coronel Redl. Quero examinar com elle, as ultimas instrucções do marechal von Mackensen.

No hall do grande hotel, fulgurante de luzes, formosas damas folheavam revistas illustradas. Alli, no Ritz, ninguém tinha a impressão do estado de guerra. Por traz do marmore verde do bar, os garçons batiam cocktails. Os homens bebem de pé; homens de todas as classes, com os mais variados uniformes. Fred Richter, o apparatuso gerente, mantem-se junto da porta, immovel como uma estatua. Seus olhos observam, attentos, todos os que sobem a pequena escada forrada com um tapete de borracha. Nada o distrahe e a cada homem, que entra, elle se curva, com uma pergunta, sempre a mesma; com um gesto, que offerece qualquer coisa na palma, da mão.

— Não é seu, este canivete?

Um a um, os interpelados movem negativamente a cabeça, sem examinar sequer o pequeno objecto com capa de aço brunido. Sabem que não perderam coisa nenhuma.

escada do hall. Vem lendo uma pequena folha de papel. E' assim o coronel Redl, chefe do serviço de informações do 3.º exercito de Sua Magestade Apostolica, o Imperador e Rei. Não perde tempo.

Galga os degraus sem desviar os olhos do documento, que examina.

— Perdão, coronel...

Redl ergue a cabeça e lança um olhar de interrogação ao enorme gerente. Não parece tel-o ouvido, tão abstrahido está pelo trabalho mental, que lhe contrahe a fronte.

Fred Richter estende a mão aberta e mais uma vez repete a pergunta.

— Não é seu este canivete?

O coronel tem uma rapida hesitação; mas reconhece o objecto. Com um gesto machinal, apanha-o, mette-o num bolso e segue, de novo curvado para o papel, que lê, attento, pensativo.

Um gesto. Recolher um canivete e guardal-o. Apenas isso. Mas, nesses dous segundos, o coronel Redl perdeu a vida, na roleta do destino.



Retrocedamos algumas horas. Estamos de novo no gabinete do general Hans. Diante d'elle, o Dr. Braunn, chefe da secção de policia especial, sentou-se com um movimento fatigado e collocou sobre a mesa um pequeno objecto scintillante.

— E' uma creatura terrivelmente ousada e... com uma sorte infernal. Meu plano fracassou.

— Como?

— O miseravel retirou a carta e meu agente, alli, quasi junto da caixa, não logrou vel-o.

— Não é possível.

— Sim. O agente estava passeiando, diante da fileira de caixas numeradas. Comprehende... Não podia ficar diante do n.º 76 por que isso despertaria desconfiança e elle não poderia apanhar o espião em flagrante. De subito, sentiu qualquer coisa roçar-lhe os pés e viu um envelope, atirado não se sabe de onde, resvalar pelo ladrilho e entrar por baixo da divisão de madeira. Instintivamente, curvou-se; teve que puxar o envelope com a ponta da bengala. Estava endereçado assim: — "Ao primeiro que me encontrar. Pelo amor de Deus!" Abriu-o e encontrou dentro d'elle uma folha de papel em branco. Voltou-se estupefacto e, com uma suspeita terrivel, foi observar a caixa n. 76. Estava vazia. Naquelle breve instante, alguém chegára, abrira a caixa e retirara a carta, que nella se continha. O envelope, com endereço mysterioso fôra um



E' a Russia um paiz? — Antes da Grande Guerra, eram muito communs as censuras ao imperio Austro Hungaro e a sua fragilidade, sob a allegação de que elle não constituia um paiz, era uma colxa de retalhos mantida apenas pelo despotismo de um governo central. Vem a guerra e esses vaticinios foram confirmados pelos desastres nos campos de batalha, onde os Tcheco-Slovacos se rendiam em massa para não combater por seus oppressores; os Polonezes desertavam para ir se bater pela Russia e pela França, os Bosnios se alistavam nas tropas servias...

Agora tambem a Russia se enfeita com o titulo de grande potencia militar mas sua situação não é diversa.

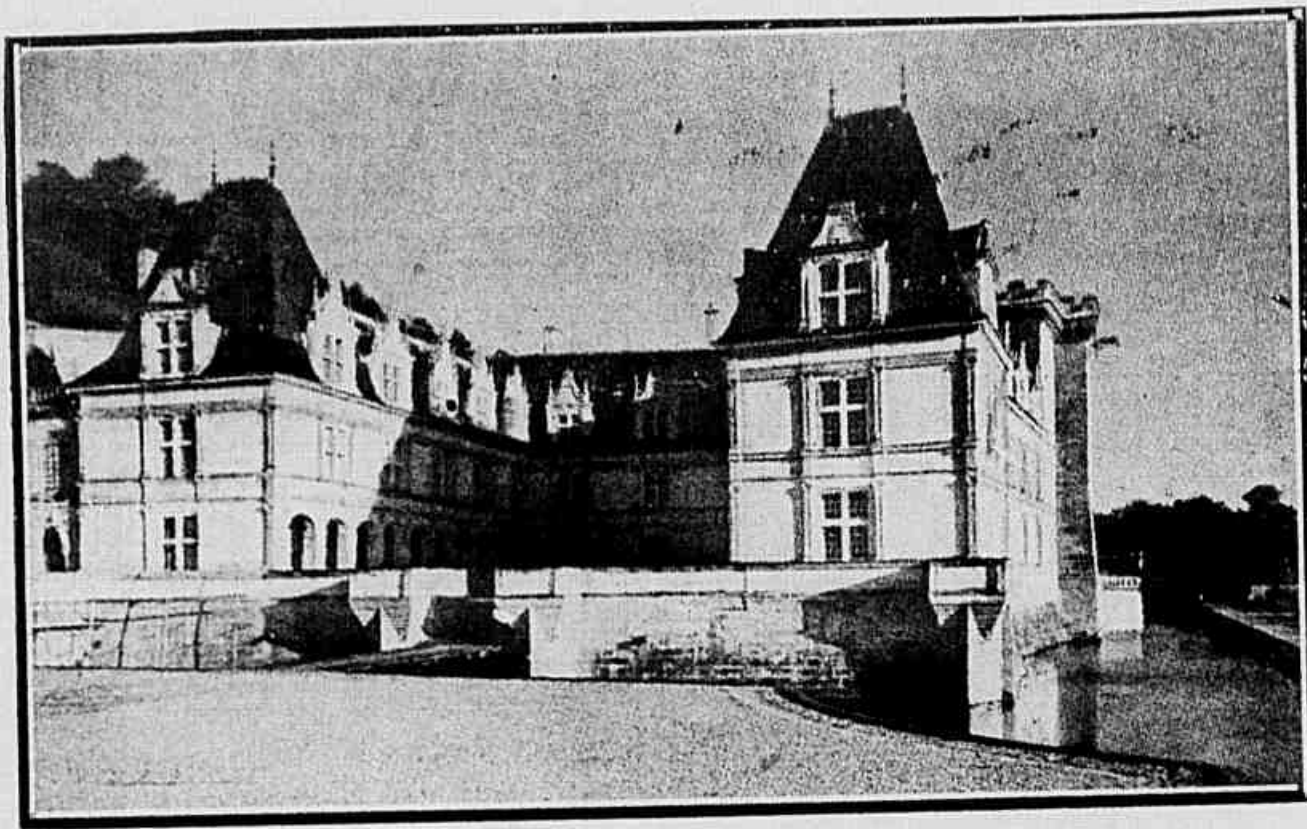
Realizou-se recentemente em Moscou uma grande parada athletica e nella se tornou evidente a diversidade de typos e raças englobados sob a tyrania dos Soviets. A photographia acima mostra-nos o pelotão de Russas authenticos e de raça caucasica.



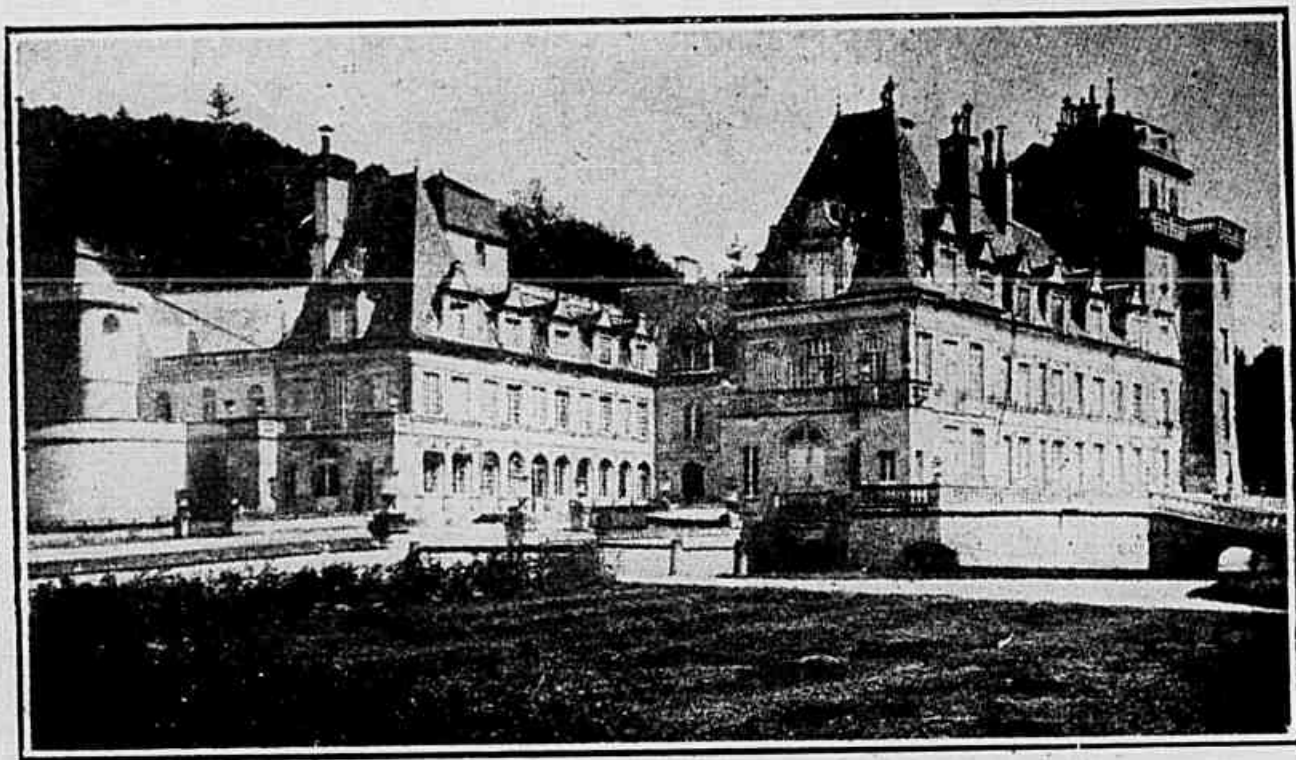
Que differença a d'este grupo em que se vêem moças siberianas de Uzbek com typo nitidamente mongol.



Eis agora os famosos falconeiros do Khirghiz, tartaros inconfundiveis. A organização sovietica pode manter esse mosaico aparentemente unido; mas a primeira guerra trará esphacelamento tão rapido e certo como o da monarchia de Vienna.



Gosto não se discute — O castello de Villandry, nos arredores de Tours tal como era desde o século XVII até hoje.



O mesmo modificado pelo actual proprietario para ficar como era no século XVI segundo estampas da epocha. A nosso ver ficou peor, muito peor. Mas...

ardil para distrahir-o. Correu á porta. Viu um taxi, que se alastava mas não conseguiu tomar-lhe o numero.

— Maldição — exclamou o general.

— Espere. Perdemos trez horas em pesquisas e acabamos por descobrir uma pista muito vaga mas que talvez permita descobrir o espião. A força de pesquisar e interrogar chauffeurs acabamos por encontrar o de um taxi que faz ponto diante da Repartição do Correio.

Esse homem me disse que, mais ou menos naquella hora, um official tomou seu carro diante do Correio...

— Um official! Mas nesse caso...

— Infelizmente não lhe deu attenção. Não notou sequer seu posto... Um official, com sobretudo cinzento, sem galões, golla levantada. Lembra-se apenas de que o deixou no *Ritz*. Logo, em seguida, tomou outro passageiro que, ao entrar, viu este canivete cahido sobre o assento do automovel.

O general teve um gesto de colera.

— No *Ritz*! O *Ritz* é um mundo... estão lá mais de trinta officiaes... Mandar prendel-os todos... seria um escandalo sem precedentes e este canivete... é banal... ha centenas eguaes pela cidade.

— Mas não é provavel que mais de um tenha sido perdido hoje por um official residente no *Ritz* — disse o Dr. Braunn, com sua voz tranquillã.

— Acha, então, devemos interrogal-os todos, discretamente.

— Todos negariam... e o culpado com mais razões do que os outros? Não. Tenho outra ideia. O homem pode não ter dado ainda pela preda d'esse objecto... Talvez seja possivel surprehendel-o... E expoz-lhe seu plano.

— Entre, Redl.

O tom do general Hans era secco; mas essa era sua maneira habitual de fallar, nas horas de serviço. O coronel Redl se detem diante da mesa. Tem sob um braço uma pequena pasta amarella com os papeis a assignar e outra preta — a dos documentos reservados.

O general ergue a cabeça e fita-o.

— Vamos Redl.

Lento, calmo, methodico, o coronel abre a pasta e começa:

— Na frente russa...

O general ergue-se e cruza os braços.

— Não fallemos na frente russa. Já preveni o quartel general para que ordene uma retirada geral nessa frente. A Austria ahi está perdida; foi apunhalada pelas costas pelos que communicaram diariamente, ao inimigo nossos movimentos, nossos planos. Nossos soldados tem sido massacrados inutilmente, estupidamente, graças a trahição de alguém, que vive aqui, connosco e que o senhor não foi capaz de descobrir.

O abat-jour verde collocado sobre a lampada impede que o general veja os olhos de seu interlocutor. Se elle os visse, sentiria em todo o corpo um calafrio de horror.

Comtudo a voz de Redl se faz ouvir nitida, metalica, imperturbavel.

— E' certo, general; mas não me tenho descuidado e tenho fundadas esperanças de...

O general dera volta á mesa e estava agora junto á Redl.

— Não tenha mais incommodos, coronel. Esse miseravel, que o senhor não encontra, já foi descoberto por mim.

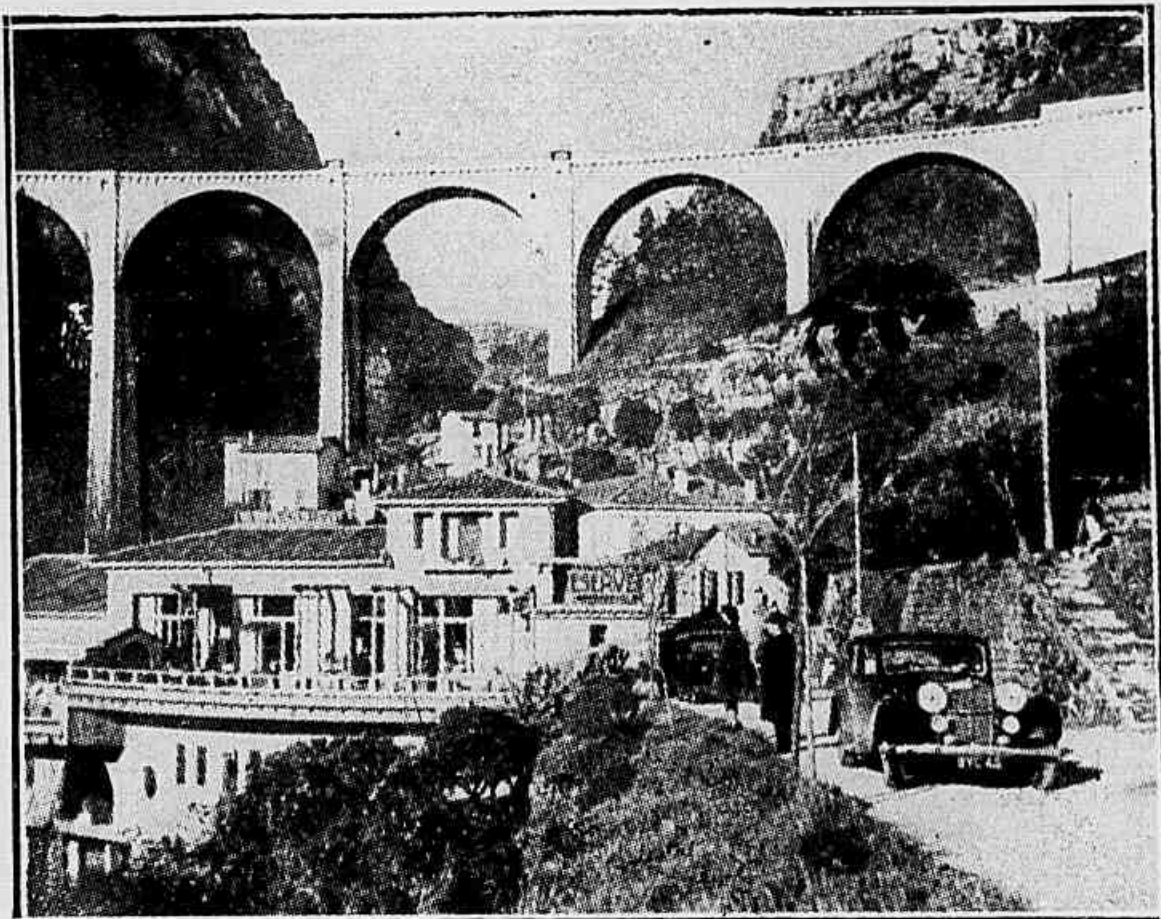
Um silencio. Os dous homens sentem o sangue bater nas arterias do pescoço. A voz do general se ergue de novo, sibilante de furor:

— O canivete, que o senhor perdeu, ao sahir do Correio, já lhe foi restituído, não é verdade.

Lentamente, livido, estatua viva da confissão e do



E ainda se falla no espirito pratico dos ingleses — Um aspecto de uma esquina de Ludgate Circus com um kiosque do serviço do tráfego e um obelisco. O publico e principalmente os chauffeurs não se cansam de reclamar, mas como o obelisco foi posto ahi para ficar diante da casa Robert Warthman a municipalidade não se resolve a retirá-lo.



Os grandiosos vestígios da civilização romana, em França — O gigantesco aqueducto chamado actualmente Ponte do Lobo, nos arredores de Grasse.

medo, Redl recua, até se esbarrar em uma poltrona sobre a qual cahe tremulo, tiritante.

O general diz ainda:

— Ouça. Vou salvá-lo para salvar a honra do exercito.

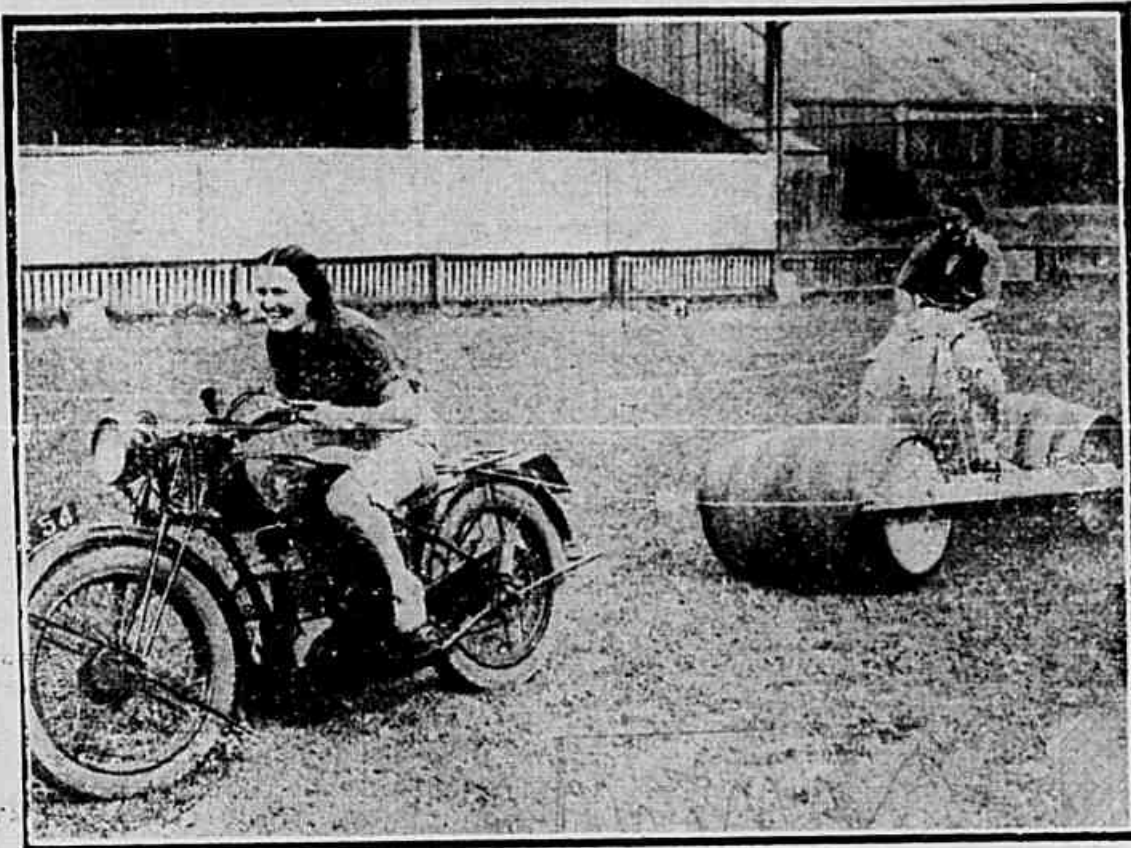
O senhor perdeu um canivete, eu vou esquecer nesta sala meu revolver.

Dirige-se para a porta. Seu passo perdeu toda a firmeza. O altaneiro soldado parece ter envelhecido dez annos. Sahe, encosta a porta e caminha pelo corredor, hirtto, com o olhar perdido diante de si.

Um minuto. Dous minutos... Seu passo se torna cada vez mais pesado e tardo. De subito, se detem, num breve sobresalto.

Ouviu-se uma detonação em seu gabinete.

Surgem da escada e de outras portas do corredor officiaes e soldados alarmados, attonitos. O general é o ultimo a entrar. Conseguiu dominar-se. Seu rosto



Sports excentricos — Dous barris, trez taboas e eis um carro romano de novissimo estylo, para ser rebocado por uma motocyclette. Fantazia ingleza.



Corrida de tricyclos em forma de cavallo, para garotas de... quinze a vinte annos. Fantazia norte americana.

se mantem sereno, impassivel. Contempla o corpo cahido no tapete e diz gravemente:

— Senhores... O coronel Redl estava atacado por uma d'essas molestias, que não perdoam. Preferiu a morte rapida... como um bravo. Saudemos seus despojos.

E ouviu-se o ruido brutal dos calcanhares, que batiam, numa ultima continencia ao morto.

ITALO SALLIOTTI.

♦ ♦ ♦
Toda a politica interna e externa pode se reduzir em um só preceito—respeitar e fazer-se respeitar.—ROOSEVELT

DOUS ASPECTOS DE NEW-YORK — Durante o dia, formigueiro humano, com centenas de automoveis pelas ruas. A' noite — Argos não de cem mas de milhões de olhos, piscando pelas janellas de seus arranha-céu.



COMO E' FACIL
SABER TUDO

DICCIONARIO DE NOMES PROPRIOS

PEQUENA ENCYCLO-
PEDIA POPULAR

BIOGRAPHIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTORICAS OU LENDARIAS.

EDUARDO, o Martir, rei dos Anglo-Saxões, nascido em 962, assassinado em Corfe-Castle, em 978. Era o filho mais velho de Edgard, o Pacifico, ao qual succedeu, em 975. Foi assassinado por instigação de sua sogra, Elfrida. Seu tumulo, em Shaftesbury, foi transformado em local de peregrinação, nelle se obtendo, dizem as chronicas, curas miraculosas.

EDUARDO, o CONFESSOR (Santo) — Rei de Inglaterra, nascido em Islip, no anno 1004, morto em 1066. Era filho do rei Ethelred e da rainha Emma, filha do duque da Normandia, Ricardo Sem-Medo. Tinha caracter fraco, em consequencia de grande debilidade physica. Desde muito moço, ficou com a barba e os cabellos completamente brancos mas foi, em toda sua vida, virtuoso e bom. Seu alcuinho lhe veiu de uma bulla do papa Alexandre III, que o canonicou em 1161. Passou sua mocidade no exilio e só voltou á Inglaterra em 1042, para subir ao throno, apoz a morte de Hasth-Canuto. Houve durante seu governo accessa luta entre seus vassallos mais poderosos e os fidalgos normandos, que elle trouxera do exilio. Desposou a priceza Edith, filha do conde Godwin de Wessec, mas não teve filhos. Festa a 13 de Outubro.

EDUARDO I, da Inglaterra. — Nasceu em Westminster, em 1239 e morreu em Burgh, em 1307. Filho primogenito do rei Henrique III e da rainha Eleonora da Provença, subiu ao throno em 1272, com 33 annos. Foi uma das maiores figuras politicas da Inglaterra, um verdadeiro estadista, habil diplomata e valente guerreiro. Seu reinado se assignalou pela obra legislativa. Os chamados "Estatutos de Eduardo I", já têm o caracter das leis actuaes. A conquista do principado de Gales e a da Escossia duplicaram, em poucos annos, o territorio de seu reino. E' muito citada a habilidade com que conseguiu dominar a Escossia, aproveitando-se das discordias entre Escossezes.

Porem seus esforços para fugir ás obrigações impostas á Corôa pela "Grande Carta" suscitaram contra elle violenta opposição da nobreza e do clero. Os barões aproveitaram o momento mais critico, quando elle estava mais empenhado na luta contra o rei de França, para aggravar suas difficuldades recusando-lhe não só subsidios como serviços de guerra. Eduardo I teve que ceder e confirmar a "Grande Carta", em 1297.

O grande rei encontrára em Philippe, o Bello, de França, um adversario digno d'elle e viu em perigo seu dominio sobre a Aquitania; mas suscitou contra Philippe a hostilidade do conde de Flandres e, assim, conseguiu desarmal-o. Os dous reis acabaram por firmar uma reconciliação, que foi consagrada pelo casamento de Eduardo I com a princeza Margarida, irmã de Philippe. Eduardo I tivera como primeira esposa Leonor de Castella, que lhe dera treze filhos.

EDUARDO II — Filho do antecedente, nasceu em 1284 e foi assassinado em 1327. De caracter fraco, pouco intelligente e corrompido, soffreu esmagadora derrota na luta contra Roberto Bruce, o heróe nacional da Escossia e acabou por lhe conceder uma tregua de treze annos, mediante um tratado no qual reconhecia implicitamente a independencia escosseza. Durante todo seu reinado, Eduardo foi completamente dominado por seu favorito, o gascão Pedro de Gaveston. Os mais poderosos fidalgos do reino revoltaram-se e assassinaram Gaveston mas outros favoritos tomaram seu lugar, praticando taes abusos que a propria rainha Izabel, herdeira das qualidades energicas de seu pai, o rei Philippe, o Bello, se collocou á frente de uma insurreição. O rei fugiu para o paiz de Gales, abandonando o favorito do momento, Hugo Despeur, que foi enforcado e esquartejado. O rei também não tardou a ser aprisionado. O Parlamento declarou-o deposto e a rainha mandou matal-o, em supplicio cruel e aviltante.

EDUARDO III — Filho mais velho de Eduardo II e de Izabel de França. Nasceu em 1327 e começou sua carreira politica como governador de Mortimer. Tratou liberalmente os Escossezes e promoveu o casamento de Daniel, filho de Robert Bruce, com sua irmã Joanna. Aos 18 annos, deu provas de espantosa energia, mandando prender decapitar seu proprio tio, o conde de Kent e seu primeiro ministro, que estavam conspirando contra elle. Depois, em seu longo reinado, foi principalmente um guerreiro. Reorganizou o exercito e a marinha e foi o primeiro soberano medieval, que teve um exercito permanente. A victoria naval de Ecluse, a victoria de Crecy, o assedio de Calais e a victoria de Poitiers deram-lhe incontestavel prestigio. Mas seu reinado terminou tristemente. Tendo perdido, em 1369, sua esposa Philippa de Hainant, apaixonou-se por uma aventureira, Alice Peners, que o habituou a vida desregrada, dissoluta e elle morreu odiado pelo povo.

EDUARDO IV, nascido em Rouen, em 1492, teve a principio o titulo de conde de March, depois duque de York. Subiu ao throno da Inglaterra em 1461, foi desthronado em 1470 e reposto no throno em 1471. Era filho de Ricardo, duque de York e descendia de Eduardo III. Sustentou luta sangrenta contra o rei Henrique VI da Inglaterra e contra a rainha Margarida do Anjou, com alternativas de exito e desastres. Na batalha de Tewberbury conseguiu aprisionar a rainha Margarida, que mandou matar juntamente com seu filho Eduardo e o rei Henrique VI.

EDUARDO V — Filho de Eduardo IV, succedeu a seu pai, quando tinha apenas treze annos. Seu tio, o duque de Gloucester, atacou a legitimidade de seus direitos e mandou prendel-o, juntamente com seu irmão Ricardo, na Torre de Londres. Dias depois, mandou matal-os. (1483).

EDUARDO VI — Filho de Henrique VIII e de Jane Seymour, subiu ao throno em 1546, contando 9 annos de idade. Durante sua minoridade houve luta violenta entre os fidalgos, que pretendiam dominal-o. Elle a tudo assistiu com simulada indifferença, porem mais tarde accusou sua forte personalidade, impondo energicamente a religião reformada. Morreu em 1553.

EDUARDO ou DUARTE, de Portugal. — Filho do rei D. João I, nasceu em 1391, distinguu-se na tomada de Ceuta e succedeu a seu pai em 1433. Tentou uma expedição contra Marrocos, foi derrotado e viu seu irmão Fernando cahir em poder dos Mouros. Morreu de peste, durante a epidemia, que assolou Lisboa, em 1438. Unificou o direito civil, no reino; promulgou leis favoraveis ao commercio, ás finanças e foi grande amigo das letras, tendo, elle mesmo, composto varias obras, como: — *O Leal Conselheiro*, *O Regimento da Justiça*, *O Livro da Esperança*, *Do bem cavalgar* e o *Aviso Espiritual*.

EDRED, rei dos Anglo-Saxões. Nasceu em 931, filho mais moço de Eduardo, o Antigo. Foi chamado ao throno em 946, aos 15 annos. Durante seu reinado, proseguiu na luta contra os Dinamarquezes, porem promoveu um tratado de paz pelo qual os Dinamarquezes reconheciam sua soberania na Inglaterra e, em compensação, ficavam com o direito de viver alli, conservando seu idioma e seus costumes. S. Dunstan, seu ministro, foi o inspirador de sua sabia politica.

EDRIC — Aventureiro, que conseguira, a força de intrigas e crimes, o titulo de duque da Mercia e a mão da princeza Edgyth, filha do rei Ethelred. Encarregado por Edmundo, filho e successor de Ethelred, de combater os Dinamarquezes, trahi-o e assassinou-o. Foi então apresentar-se ao rei Canuto, o Grande, da Dinamarca, saudando-o como unico rei dos Anglo-Saxões; porem Canuto, indignado por sua trahição, mandou decapital-o.

EDRES I, fundador da dynastia da Edrieitas, do Maghreb, morto em 793, apoz um reinado de treze annos. Era filho de Abd-Allah. Juntou-se a seu sobrinho Hossein, para combater o califa El Hadi mas, derrotado, fugiu da Arabia, refugiou-se no Egypto e depois no Maghreb. Ahi, obteve a chefia de varias tribus berberes e proclamou suas pretenções ao califado. Para exaltar o zelo de seus partidarios, organisou uma cruzada contra as tribus berberes, que, refugiadas nas montanhas, mantinham o culto israelita ou christão. Alarmado por seus exitos militares, Harunal-Raschid, califa de Bagdad, mandou envenenal-o.

EDRISI (abu Abdallah Mohammed El), geographo e viajante arabe, descendente de Mahomet, nascido em Ceuta, em 1099, morto em 1164. Depois de ter estudado em Cordoba, viajou longamente, afim de completar sua educação. Visitou todos os paizes do Mediterraneo, fixando-se afinal na corte do rei da Sicilia, Rogerio II, para o qual estabeleceu mappas, segundo os quaes foi gravado sobre um globo de prata, com o peso 800 marcos, tudo quanto se sabia, na epocha, sobre geographia. Se esse globo não mais existe, possuímos, ao menos, o tratado de geographia, que Edrisi compoz, commentando aquelle trabalho e que se intitulou *Noz het Moschlac fi ikhtirac al ajac* (*Distração d'aquelle, que deseja percorrer os paizes*). Essa obra foi terminada em 1150. E' um resumo fiel dos conhecimentos geographicos dos Arabes, em meados do seculo XII e até o seculo XV serviu de modelo e mesmo de base á maioria dos trabalhos publicados sobre geographia.

EDWIN ou EARVIGE (santo), rei da Northumbria, nascido em 585, morto na batalha de Heatnfield, proximo de Doncaster, em 633. Tinha treze annos, por occasião da morte de seu pai, Ella, rei de Deira e foi expulso do reino por Ethelrico, rei da Bernicia. Refugiou-se na corte de rei de Mercia, que, mais tarde, lhe concedeu a mão de sua filha. Edwin reconquistou seu reino e não tardou a se tornar soberano da Inglaterra. Recebeu o baptismo da mão de Paulino, arcebispo de York e a maioria de seus subditos se converte, seguindo seu exemplo. Sómente o rei de Mercia, Penda, resistiu. Toda a Inglaterra se dividiu em duas facções. Os Christãos foram esmagados, em 585, em Heathfield. Edwin e seu filho mais velho, Osfrith ali mesmo foram massacrados. Edin é honrado como martyr e santo. Festejado em 4 de Outubro.

EDWY ou EARWY, chamado o *Bello*, rei dos Anglo-Saxões, nascido em 940, morto em 959. Era filho de Edmundo e de Sta. Elfgifn e tinha apenas quinze annos, quando, em 955, succedeu a seu tio Edred. Era de rara belleza, de onde lhe coube o titulo de "Bello". No dia de sua coroação, deixou o banquete com duas mulheres, Ethelgifn, que, segundo certos autores, cuidara de sua educação e a filha da mesma, Elfgifn. S. Dunstan, que se oppoz ao casamento do jovem rei com Elfgifn, foi exilado, realizando se logo a união. O governo de Edwy despertou no norte de seus estados, vivos descontentamentos e revoltas: porem no sul do paiz, o nome de Edwy foi popularissimo e os chronistas se fizeram echo d'esses sentimentos. Edwy morreu sem descendentes.

EGBERTO ou EGEBERTO, arcebispo de York, morto em York, em 676. Foi o fundador da Escola de York, onde, desde o seculo VIII, foram cultivados os estudos classicos, principalmente Virgilio, assim como o estudo da grammatica, artes e sciencias. Alcuino, depois de ser alumno, foi professor e, mais tarde, director da escola de York. Egberto deixou varios estudos de theologia, tendo sido, os mais importantes, impressos por Martene e Durand (*Amplissima Collectio*).

EGBERTO ou EGEBERTO, O Grande, rei dos Anglo-Saxões, morto em 839. Era filho de um grande rei do paiz de Kent, porem, expulso da Inglaterra, em 789, foi se refugiar na corte de Carlos Magno. Não se conhece, exactamente, a duração do seu exilio, que, porem, não foi inferior a 13 annos. As lutas contra os Northumbrianos e contra os primeiros invasores normandos, marcaram seu reinado. Teve como successor, seu filho Ethelwulf.

EGIL ou EIGIL, scalda e guerreiro islandez, nascido em 900, morto em 982. Oriundo de uma familia de scaldas norueguesas, tomou parte, embora ainda jovem, em varias expedições de pilhagem. Aprisionado pelo rei da Noruega, Erick Blóðöxe, cujo filho Egil elle matára, ponde escapar á morte, improvisando o famoso canto que chegou até nós com o titulo de *Compra de uma Cabeça*. Apoz innumeradas aventuras, dedicou-se a composições poeticas.

EGILONE ou EGILA, esposa do ultimo soberano godo, da Hespanha, Rodrigues, cuja morte, em 711, entregou o paiz aos mossulmanos. Egilone foi aprisionada em Merida, por Mousa, que, tendo perdido a confiança do califa, foi por elle chamado a Damasco. O filho de Mousa, Abd el Aziz, que succedeu no commando do exercito mossulmano, apaixonou-se pela illustre captiva, terminando por desposal-a em Sevilha, sem lhe impor a conversão ás leis do Islam. Esse casamento levantou contra o elle indignação geral e seus generaes levaram queixa ao califa Solimão, que succedera a Walid. Este principe, que começava a temer a ambição de Abd-el-Aziz, enviou cinco de seus mais fieis officiaes a Sevilha, para assassinal-o (715). Sua cabeça foi enviada ao califa, em uma bandeja de ouro. Não se sabe o que foi feito de Egilone, cujo casamento com o principe mossulmano muito concorrera para suavizar a sorte dos Christãos, na Hespanha.

EGLON, rei de Moab no seculo XIV, antes de Christo. Tornou o povo de Israel tributario durante dezoito annos. Cansado d'esse servilismo, um Benjaminita ousado, de nome Ehud, da familia guerreira de Bero, foi procural-o, a pretexto de lhe pagar tributo e matou-o com um golpe de espada no ventre.

O CHEFE DESCONHECIDO

Romance de Anthony Armstrong

CAPITULO I — O MASCARA NEGRA

Dous homens estavam sentados em um escriptorio luxuosamente mobiliado. A policia conhecia um d'elles apenas pelo nome de guerra, que adoptára — O Mascara Negra — e considerava-o o mais habil e temivel dos chantagistas. O outro era apenas um dos auxiliares do Mascara. Deviam discutir um caso importante e rendoso, porque tinham physionomia animada, jovial e seus charutos fumegavam com entusiasmo.

— Está decidido — disse, por fim, o chefe — Agora vai ser "este". E' riquissimo e não poderá discutir porque tenho aqui todos os documentos.

Bateu de leve num envelope assaz volumoso, que tinha diante de si. Depois, erguendo-se da poltrona de molas, collocou esse envelope em pequeno armario metalico, disposto á direita de sua mesa, na parede e tão bem occulto por um mecanismo da estante que, uma vez fechado, tinham o innocente aspecto de uma encyclopedia Chambers.

— Vamos — disse elle — Escreva a carta.

O outro sentou-se diante da machina de escrever, fixada num canto do bureau, calçou luvas de borracha, empunhou uma pequena regua e immobilisou-se, hesitante.

— Que ha? — perguntou o chefe.

— Acho arriscado metter-se com esse homem. Elle é um impulsivo...

— Não seja bôbo! Já o estudei bem. Ha de ceder, como os outros.

— Nem todos. A condessa de Sleemoth...

— Imbecil! — bradou o chefe, batendo na mesa com colera — Esse caso não falhou. Não rendeu mas não pode ser considerado um fracasso porque, afinal, a policia nada descobriu e o modo como castiguei essa mulher ficou como um aviso aos que se atreverem a me resistir. Escreva!

O outro curvou-se, submisso. Introduziu a regua entre as lettras da machina, desviou um pouco uma ou duas, depois, voltou-se para o chefe, esperando suas ordens. O Mascara Negra dictou:

"Parece ter esquecido o que se passou no hotel England, em Brighton, em 1913; mas eu possuo documentos, que o recordariam nitidamente á policia e aos jornaes. Se quer conhecer minhas condições, esteja diante da estação do Metro, da avenida Warwick, ás 11 horas da noite, quinta-feira e entre no automovel, que irá buscá-lo. Qualquer aviso á policia deixá-lo-ha exposto a perigo immediato".

Escrepto também o endereço e fechado o envelope, o secretario tirou as luvas, empunhou novamente as lettras e endireitou as duas lettras, que entortára levemente.

CAPITULO II — UM ENCONTRO JOVIAL E ROMANESCO

O Soho é o bairro de Londres mais habitado por Italianos, creaturas de cora-

Lembram-se de Jimmy Rezaire, o prodigioso aventureiro e detective, heroe de proezas magnificas, no romance "O Numero 1", que tanto agradou a nossos leitores? Pois eil-o, de novo, com seus companheiros habituaes — a linda Viviana, o ousado e bravo Harry Hyslop e outros — em uma nova e empolgante intriga policial.

ção facilmente inflammavel. Mais de um admirou, ao passar, aquella moça de dezoito a dezenove annos apparentes, que se detivera diante de uma vitrine, em Old Compton Street. Bonita? Talvez não. Tinha as feições irregulares e os dentes de cima um pouco salientes. Mas o conjunto era encantador e seus olhos azues lembravam as gencian-

nas dos Alpes. Um rapaz, que se detivera em uma vitrine proxima, lançava-lhe, de quando em quando, um olhar em que transparecia admiração sincera e enlevada.

De subito, a moça dos olhos azues, disfarçando mal um gesto de impaciencia ou despeito, afastou-se da vitrine. Quasi no mesmo instante, no momento em que pousava um pequenino pé no asphalto, para atravessar a rua, sentiu-se segura por um braço e puxada tão bruscamente para traz, que, volteando, num assomo de surpresa e revolta, encontrou-se peito a peito, com o rapaz da outra vitrine. Ia repellil-o, protestar com colera, quando o golpe de ar e o ruido de um automovel, passando rente á calçada lhe revelou o perigo a que escapára.

— Muito obrigado — balbuciou, tremula pelo susto retrospectivo.

Porem o rapaz parecia mais emocionado do que ella. Fitava-a, pallido, com os labios tão tremulos que não podia dizer uma palavra. Era de estatura mediana mas parecia robusto e agil. Terno cinzento, polainas, chapéu de feltro caro e de ultimo modelo... Parecia um rico ocioso. Pouco a pouco, porem, rapidamente recuperava a presença de espirito e poudo afinal balbuciar.

— Que horror! Tive a impressão de que ia ficar... Mas que imprudencia! Atravessar a rua, assim, sem olhar...

Seu rosto ainda transtornado pela emoção tomára uma expressão de severidade tão indignada, que ella não poudo conter o riso.

Seu jovem interlocutor, comprehendendo que estava se tornando um pouco ridiculo, corou mas ao mesmo tempo a expressão de seu olhar se transformou. De certo, ella ainda lhe agradava mais, assim, descuidada, irreverente e jovial. Tossiu de leve, assumiu um ar de exaggerada gravidade e accrescentou:

— Se tivesse sido atropellada, eu teria que ir depôr, como testemunha do accidente. Com que direito daria esse incommodo a um transeunte tranquillo?

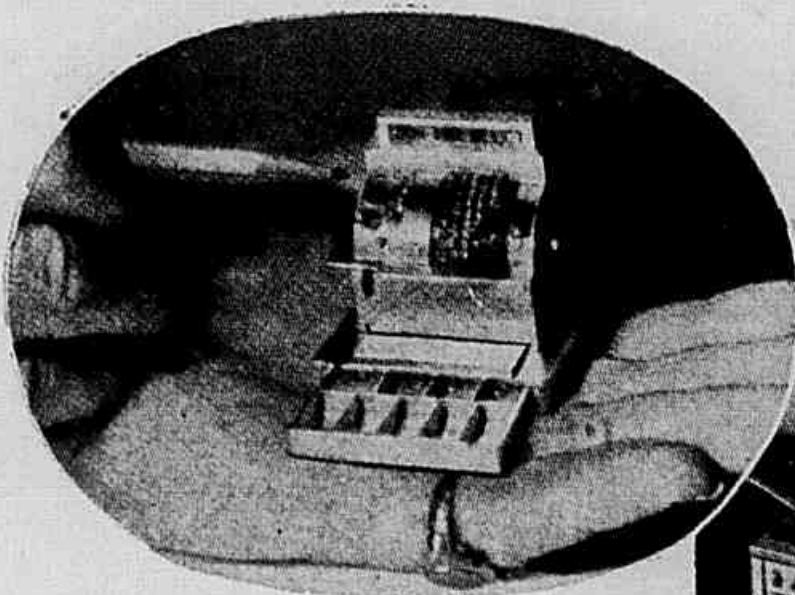
Nessa vez, riram juntos e ella perguntou, simulando, por sua vez, grande terror:

— Vai me processar, requerer indemnização pelo prejuizo, que sofreu em sua tranquillidade?

— Oh!... Eu a tinha perdido, ha já alguns dias... desde que a encontrei no Jardim Zoologico... Sim... a senhora estava admirando as phocas e não me viu. Natural... muito natural. Sou o primeiro a reconhecer que qualquer phoca é muito mais interessante do que eu.

— E' possivel — replicou ella, no mesmo tom — Em compensação, hontem, no Strand, o senhor se interessou tanto pelo desfile de um batalhão que nem me viu passar mesmo a seu lado.

— Não vi? A senhora estava com um vestido de



Parecem cousas para Lilliput —

Uma das curiosidades de Londres, que os touristes não se dispensam de admirar, é o chamado Palacio de Titania, uma casa em miniatura, minuciosamente mobiliada em proporção. Até piano tem, minuscuro mas perfeito, figurando no lugar de honra, em um salão com 20 centímetros quadrados. Invejoso d'essa maravilha, o Sr. Jules Charbucan, um norte-americano de origem franceza, residente em Seattle,

está organizando uma collecção de objectos, ainda menores do que os de Londres. Damos aqui photographias de trez d'esses objectos — uma machina registradora, um fogão a gaz e uma navalha de segurança.



flanella branca, com reversos e botões verdes muito claros; um chapéusinho em forma de aureola, posto bem para traz... levava uma bolsa também verde...

— Oh!

— Tinha estado numa casa de chá, com uma senhora gorda, vestida de preto... Depois, foi a um cabelleiro, tomou um automovel...

— Mas isso é um abuso... — protestou ella, ainda risonha mas um pouco enleada — Eu era capaz de jurar que não tinha me visto.

— Eu? — exclamou o rapaz, com ar de victima calumniada — Mas ha uma semana que eu não vejo se não a senhora... mesmo no dias infaustos em que não a encontro. E juro que tenho feito tudo para encontral-a todos os dias.

Machinalmente, iam caminhando pela calçada.

— Pois olhe, ainda ha pouco, pensei que tinha se detido naquella vitrine, por accaso. O senhor é temivel... Tem uma habilidade especial para vêr, com ar de quem não está vendo...

— Ah! — disse elle, com um sorriso ainda mais satisfeito — Folgo muito em fazel-a reconhecer meus dotes profissionaes... Mas é verdade. Eu estou praticando uma alta inconveniencia. Fallando-lhe assim, sem lhe ter sido apresentado. Permitta que, na falta de melhor figura, eu mesmo... — Tirou o chapéu, juntou os calcanhares e, com uma referencia irreprehensivel, pronunciou — Harry Hyslop; mas meus amigos me chamam apenas Harry. E a senhora?

— Betty.

— Não diga mais. Não perturbemos este lindo sonho com detalhes nitidos e banaes.

— Mas espere... Ainda não me disse em que consistem suas famosas habilidades profissionaes.

— Eu sou detective-particular.

— Oh! — exclamou Betty, juntando as mãos com alegria — Eu que tanto desejava conhecer um detective. Mas não o imaginava assim.

— Então, como? A' moda antiga, com grandes bigodes, chapéu de côco, sapatos enormes... ou á *Sherlock Holmes*, com um gorro de quadrados e um cachimbo?..

Betty ria como uma creança. Iam caminhando tão distraídos que nada viam em torno de si e recebiam com indifferença os encontrões dos apressados...

— Não sei... eu, imaginava um detective particular um homem já edoso, com ares mysteriosos, severos... Trabalha sózinho?

— Não. Em que pese a minha vaidade, sou apenas o subalterno, o auxiliar de um grande detective, que até a policia official utiliza e respeita... Aqui tem seu cartão. E' claro que nunca ha de precisar de meus serviços, mas...

— O que eu desejaria é observar seu trabalho. Deve ser tão interessante... — disse Betty, pensativa.

Tinham chegado a uma esquina. Que esquina era aquella?

Betty conservava uma vaga lembrança de ter atravessado já duas ou trez. Olhou para as duas ruas sem reconhecel-as e fez signal a um taxi, que passava. Não teria sido imprudentes, mostrando-se assim, em publico... Aquelle rapaz era extremamente sympathico mas, final, nada sabia a seu respeito. Um detective... Começava a receiar que elle mesmo a julgasse uma leviana.

O taxi veio se deter diante d'ella.

— Então... — murmurou Harry, um pouco indicto pela mudança da sua attitude.

— Então, adeus... — disse ella. Mas notando a expressão de tristeza, que se espelhava-se em seu rosto, procurou corrigir a subitaneidade da despedida com um sorriso — Até a vista... Não preciso de lhe dizer mais. Estou certa de que suas habilidades não tardarão a lhe permittir que nos encontremos de novo.

Estendeu-lhe a mão, subiu para a automovel. Hyslop ficou um longo instante immovel, no mesmo lugar.

Imprudencia muito maior do que a de Betty, atravessando a rua sem precauções, era a sua, deixando-se prender por aquella paixão. Quando Betty soubesse quem elle era... Repassou na memoria seu breve mas triste passado. Adolescente ainda, falsificára a assignatura de seu tio e tutor, em um cheque. O velho evitára-lhe a prisão mas expulsára-o de sua casa. Sem recursos, Harry tivera que abandonar a universidade de Oxford e vivera de expedientes pouco licitos até o dia em que encontrára Jimming Rezaire, antigo ladrão, que o accaso, mais do que as boas intenções, tinham transformado em

detective. Jimmy, ganhando bem na nova profissão passára a agir honestamente. Elle imitára-o... Mas Betty acabaria por saber como começára sua vida.

CAPITULO III — A CARTA AMEAÇADORA

Entre os grandes restaurantes de Londres um dos mais conhecidos é o *Granada*. Seus *halls* enormes, guardados com palmeiras e *fauteils profundos* e seus *cock-tails-bars*, reúnem, durante a boa estação, as personalidades mais em vista se não as mais aristocraticas de Londres. Essa voga era devida não só aos talentos de Jean-Marie, o chefe francez dos serviços de cozinha, como á competencia do Sr. Domani, o mais perfeito dos gerentes.

Num canto do enorme salão, que o calor tornára mais tranquillo do que nos outros dias, estava sentado um homem já edoso, atarracado, de bigode cahido á moda antiga. Contemplava a sala com um olhar duro, quasi arrogante. Homem sem elegancia; destoava um pouco naquelle meio, embora viesse muito a meudo alli e fosse um bom freguez. O proprio Sr. Domani se deteve diante de sua mesa, para lhe fallar sobre a temperatura, antes de passar á mesa de um financeiro norte-americano. Este interrogou-o discretamente e o Sr. Domani, bem informado e serviçal, como todos os gerentes de restaurant, explicou: Aquelle homem de aspecto vulgar era o Sr. Naylor, que, graças a uma rapida fortuna, conquistada em pouco mais de um anno, em especulações na Bolsa, ganhára enorme nomeada e suscitára vivazes commentarios na imprensa. Esse detalhe interessava muito o Norte Americano — cuja fortuna se fizera num dia. Pediu informações sobre outros freguezes. O Sr. Domani, encyclopedia viva da chronica escandalosa de Londres, respondeu com prudencia.

Momentaneamente satisfeita a curiosidade do illustre estrangeiro, o Sr. Domani afastou-se, sempre sereno, avaliando sem duvida a moralidade e as perolas dos freguezes, quando um dos porteiros se approximou, respeitoso.

— Que é? — perguntou seccamente o gerente, despojando-se de sua urbanidade, como de um vestuario inutil.

— Um senhor trouxe esta carta para um Sr. Naylor, que deve estar jantando aqui.

— Está bem. Deixe vêr.

Recebeu o envelope das mãos do subalterno e foi, elles mesmo, leval-a ao millionario.

— Uma carta, que trouxeram para o senhor — murmurou. E afastou-se, discreto; mas não tardou a voltar apprehensivo. O Sr. Naylor ficára livido e parecia suffocado. Havia em seu olhar angustia e terror.

O gerente interpoz sua silhueta espessa entre Naylor e os demais freguezes.

— Que tem? Está incommodado? De pressa, Affonso; um copo d'agua...

E mantinha-se diante d'elle. Era absolutamente necessario evitar scenas desagradaveis no *Granada*...

— Espero que não tenha recebido más noticias...

— Não... Foi uma vertigem... Já passou.

Com mão tremula, guardou num bolso a folha dactylographada, que recebera, bebeu um gole de agua e enxugou a fronte. Depois, tentou levantar-se mas cahiu, de novo, pesamente, na cadeira. Domani inquietou-se. Iria aquelle homem perder os sentidos, alli?

— Venha descansar um pouco, no escriptorio — propoz.

Pilotado discretamente por Domani, o Sr. Naylor sahiu do salão.

Domani residia com certo luxo no segundo andar do immovel occupado pelo *Granada* e no qual o proprietario ao restaurant tinha também seu apartamento. O escriptorio, mobiliado de com austeridade, era, como o restaurant, no 1.º andar, deixando o pavimento terreo para o *grill-room*. Cedendo ás instancias do Italiano, o millionario sentou-se e, embora já se sentisse reanimado, ficou immovel um instante. O medo começava a ser substituido em seu coração por uma colera furiosa. Ordenou bruscamente:

— Vá perguntar ao porteiro quem trouxe esta carta.

— Sim, senhor.

Cinco minutos depois voltava desolado.

— O imbecil não guardou a menor lembrança. Diz que foi um homem alto, vestido de escuro... Mas trata-se de alguma cousa desagradavel?

A necessidade impulsiva de expandir o furor, que o fazia tremer todo foi mais do que tudo.

— Uma *chantage*... a mais infame das *chantages*. Agora é commigo que o tal *Mascara Negra*...

— *Dio!* — murmurou Domani, recuando um pouco — O *Mascara Negra*. Esse bandido...

— Mas vai perder seu tempo — continuou o millionario, com ar resolutivo — Todos nós praticamos, na mocidade, actos de que nos arrependemos mais tarde. Se elle pensa que vou me acobardar...

Domani moveu a cabeça com uma expressão em que havia piedade, desanimo e receio.

— O senhor desculpe... Eu não tenho autoridade para lhe dar conselhos. Mas leio os jornaes. Ha dous annos que elle faz essas cousas e a policia não consegue apanhal-o. A unica que se atreveu a lhe resistir, Lady Sleemouth, coitada... tão boa senhora. Ella vinha muito aqui... Seja prudente.

O Sr. Naylor esforçou-se para dominar a agitação; tambem já fôra garçon de hotel... A attitudo de Domani impressionou-o. O pessoal dos restaurantes ouve muita cousa. Domani talvez soubesse mais do que a policia sobre os processos do chantagista. Mas o odio dominou-o de novo.

— Não — declarou elle — Não lhe darei um *shilling*.

E dirigiu-se para a porta, pisando firme. Domani ergueu levemente os hombros e voltou a seu serviço, sem fallar ao Sr. Naylor no jantar que elle não pagára. Quando mostrava confiança num freguez, nunca sahia perdendo.

CAPITULO IV — JIMMY REZAIRE

Sommerset Mansions é um grande immovel moderno de sete andares em uma rua tranquilla. Tem em cada andar dous apartamentos muito confortaveis, muito procurados. Comtudo — circumstancia curiosa — um anno antes, os trez de cima, do lado esquerdo — o 11, o 13 e o 15 tinham vagado quasi ao mesmo tempo e o proprietario aproveitára a occasião para reformal-os. Durante trez semanas, os moradores do outro lado do edificio, dos apartamentos 12, 14 e 16 tinham sido incommodados pelo barulho das obras, o atravancamento dos corredores e escadas com material e ferramentas. Depois, o apartamento n.º 11 fôra alugado a um solteirão, muito moreno e barbado, sedentario e doente, servido por um criado chinez. Para o n.º 13 veio um homem ainda moço, mas de pulmões delicados, que passava a maior parte do anno na Suissa. O do ultimo andar, o 15 foi alugado a Jimmy Rezaire, que começára por ser um ladrão temivel por sua intelligencia e ousadia mas acabára por ceder a propostas da propria policia e passára a empregar seus raros dotes de engenho e ardil contra os criminosos.

A essa conversão não fôra extranho o desejo de viver tranquillo, ao lado de Viviana Martin, uma antiga cumplice com quem se casára e o de salvar o jovem Harry Hyslop, um rapazola arrasado por máu caminho e que lhe prestára grandes serviços num caso grave. De passagem, tirára da vida incerta e arriscada de arrombador um antigo companheiro de prisão, Joe Plumus, creatura forte como um touro, brava como os mais bravos e que lhe tinha dedicação sem limites.

Era esse o pessoal do que elle chamava pomposamente sua agencia; e, na verdade, embora só se dedicando a casos muito especiaes, d'esses em que as victimas preferem não se dirigir á policia, Jimmy Rezaire ganhava o bastante para pagar bem seus auxiliares, dar a Viviana vida confortavel e ainda guardar todos os annos quantias consideraveis.

Nesse dia, ouviu tocar a campainha e, pouco depois, viu Hyslop acompanhado por uma moça esbelta, com os olhos de um azul *sui-generis*, que não podia passar

despercebida. Jimmy era bastante psychologo para distinguir a emoção que essa moça disfarçava sob o falso desembaraço com que se dirigiu a elle, dizendo:

— Eu sou Betty Naylor. Tendo encontrado o Sr. Hyslop, por accaso...

— Perdão — atalhou Harry — Ha dous pontos a rectificar. Em primeiro lugar, não foi o accaso que me fez encontral-a; foi o Destino, o Destino com o *D* d'este tamanho. Em segundo, não foi por accaso que resolveu vir procurar Jimmy. Tenha paciencia, senhorita; com elle não adianta dizer uma cousa por outra. Elle acaba sempre descobrindo tudo.

A expressão inquieta, que Jimmy já notára no olhar de Betty Naylor, accentuou-se.

— De facto — disse ella, sentando-se na cadeira, que o detective lhe indicava — Trata-se de um caso grave, uma *chantage*, creio... Meu pai está irritado, ansioso... Não quiz me explicar do que se trata mas eu o vejo perturbado...

— Quer dizer... não foi elle quem a mandou aqui. A senhora veio por iniciativa propria.

— Sim... O Sr. Hyslop tinha me fallado em sua agencia; então, como meu pai está tão fóra de si que nem consegue assentar uma linha de conducta, fallei-lhe no senhor. Elle me prometeu que lhe telephonaria mas eu achei melhor vir pessoalmente, explicar-lhe o pouco que sei. Fiz mal?

A pergunta final foi feita em tom ingenuo, confiante e quasi timido, que encantou Jimmy. Decididamente, a despeito de seus ares modernos, aquella creaturinha tinha ainda uma alma de creança.

— Fez muito bem — disse elle, paternalmente. Tenho muito prazer com sua visita. E creio que Harry tambem não está positivamente aborrecido com isso — concluiu com um sorriso.

— Eu creio... — disse Betty, baixando a cabeça para disfarçar o rubor — Creio que se trata do *Mascara Negra*...

Os dous homens se ergueram em tal sobresalto que ella perguntou:

— Conhecem-o?

— Oh! não... mas desejo muito conhecê-lo. Esse canalha é o mais ousado chantagista da Europa e sempre desejei uma occasião para me medir com elle.

— Oh! que bom! — exclamou Betty, levantando-se. — Vou voltar immediatamente para casa. Sabendo que pode contar com seu auxilio, papai vai, com certeza, ficar mais tranquillo.

— Permitta que a acompanhe — disse Harry, com decisão.

— Não é preciso... Eu não corro perigo algum — protestou miss Naylor, sem grande energia.

— Como não? Ha, na cidade, milhares de automoveis e a senhora não sabe atravessar ruas. Eu devia até levall-a pela mão...

Sahiram rindo e Jimmy precipitou-se para o *boudoir*, onde Viviana lia um romance sentimental, recostada num divan.

— Querida! O *Mascara Negra*, afinal.

— Oh! — exclamou Viviana, erguendo-se impetuosamente.

— Sim. Estou esperando um telephonema de Naylor, o millionario.

— Vê? Eu sempre disse que havia de reapparecer. Desde o caso de lady Sleemouth, não se ouvia fallar nelle.

— E é a Harry que devemos essa sorte.

— Como?

— A moça por quem elle anda apaixonado, a tal em quem falla dia e noite, sabe quem é? A filha de Naylor, o financeiro. Oh! O telephone. Deve ser elle.

×

Na esquina previamente fixada, Jimmy Rezaire encontrou um



Cadeira de toilette com espelho, que permite ver o penteado por todos os lados.

homem baixo, robusto e nervoso. Disse-lhe apenas:
— Vamos andando. Aquelle banco isolado é o melhor lugar para conversarmos, sem risco de que alguém nos ouça.

Atravessaram metade de um jardim publico e sentaram-se no banco indicado pelo detective.

— E' o Sr. Rezaire? — começou o millionario — Sim; não tenho duvidas. Minha filha me descreveu bem seu typo. Devo tambem dizer-lhe que tomei informações a seu respeito... e tive-as excellentes.

Puxou o bigode e ficou em silencio. Como miss Betty previra, desde que resolvera acceitar um auxilio, elle se sentia mais calmo.

— Vai ser preciso que lhe confie meu segredo. Trata-se de um... incidente de minha mocidade, que ainda pode me levar á prisão...

— Causa assim tão grave? — perguntou Jimmy entre dentes.

— Sim... quero dizer... Affirmo-lhe que, hoje, estou com minha consciencia tranquilla, mas a lei só vê factos... Alem d'isso... ha minha filha... Por isso, é que não me dirijo á policia... e o maldito, provavelmente, sabe isso.

— Evidentemente — concordou Jimmy apiedado, pela tristeza com que Naylor se referira á filha — Mas acredita que elle tenha mesmo provas? Não será isso um bluff?

— O senhor julgará — disse o millionario, baixando a voz.

Eu comecei minha vida como marinheiro, depois fui garçon. Empreguei-me num hotel de Brighton e, ahi, deixando-me arrastar por máus companheiros entrei para um bando... que saqueava hotéis. Empregava-me e indicava aos outros os hospedes, que tinham dinheiro ou cousas de valor... Fui suspeitado varias vezes mas nunca me apanharam. Um dia, em 1912, resolvi agir sózinho. Entrei no quarto de uma senhora muito edosa, que tinha joias magnificas. Tinha já feito o saque, quando notei que a mulher estava morta no leito. Soube, mais tarde, que ella morrera de uma syncope cardiaca, talvez ao vêr-me entrar no quarto. Talvez antes; mas, eu perdi a cabeça e fugi.

Como tinha algum dinheiro junto, fui para a França e a policia me procurou em vão... mesmo por que eu me empregara com um nome supposto.

Nesse momento, o Sr. Naylor fitou o detective e proseguiu em tom mais animado.

— Não sei se o senhor acredita em regeneração. Eu lhe affirmo que me regenerarei e me considero em paz com Deus. Voltei á Inglaterra e, durante dous annos, trabalhei como um Mouro e sempre honestamente, com a preocupação unica de restituir tudo quanto furtára. Quando não conseguia encontrar um dos prejudicados, dava quantia equivalente a instituições de caridade. Não guardava para mim senão o indispensavel para viver miseravelmente. Vem a guerra. Alisto-me, bato-me valentemente, consigo duas promoções e volto, considerando-me remido. Então casei-me e, como tive a infelicidade de perder minha esposa no fim de poucos annos, concentrei toda minha affeição em Betty, a filha, que ella me deixára. Ahi está. Agora, o senhor sabe tudo, inclusive o que os jornalistas assanhados contra mim não conseguiram descobrir. Não sei como esse *Mascara Negra* foi encontrar documentos, como diz. A menos que seja um de meus antigos cúmplices.

— Não — disse Jimmy — Se fosse um d'esses homens, tel-o-hia procurado pessoalmente. Quando recebeu essa carta?

— Hontem, durante o almoço.

E entregou o papel a Jimmy. Este leu-o, examinou-o e guardou-o num bolso.

— Não vai ser facil — disse pensativo — De facto, elle falla em *documentos*. Não tem ideia do que possa ser?

— Nenhuma!

— Emfim... Vamos ver. Eu conto com alguns trunfos em meu jogo contra elles. Para começar, irei, em seu lugar, ao encontro-marcado para amanhã. Mas confesso que provavelmente o senhor terá que lhes dar o dinheiro, ainda que seja apenas para que possamos continuar a agir...

— Não importa — disse resolutamente o millionario.

— Darei até mais se fôr preciso... O que me revolta é o processo canalha, cobarde... O que eu quero é agar rar esse patife.

E fechava as mãos num gesto de ameaça furiosa.
— Muito bem — declarou Jimmy, com os olhos scintillantes — Por meu lado, prometto-lhe fazer tudo quanto fôr humanamente possivel...

— Começo por lhe dar duzentas e cincoenta libras para as primeiras despesas e darei mais mil, se conseguir desmascarar o miseravel. Para as despesas, saque á vontade.

CAPITULO V — PRIMEIRO CONTACTO

A entrada da estação do Metro projectava na avenida Warwick luz e calor já muito apreciavel, naquella fria noite de outomno. Um homem tão curvado que parecia corcunda, com um bigodinho ralo, passeiava devagar na calçada.

Bem poucos teriam reconhecido o robusto e desenvolto Jimmy Rezaire naquelle vulto contrafeito e vacilante. A principio, pensára em se apresentar com seu verdadeiro aspecto mas, depois, julgára prudente evitar o mais possivel que sua personalidade fosse conhecida pelo temivel bandido.

Um grande automovel preto com duas listas vermelhas appareceu, devagar, na esquina proxima e veio se deter junto d'elle. Jimmy notou mentalmente o numero: X. O. 7503. E esperou no silencio. O automovel tinha as cortinas cerradas e o chauffeur erguera a enorme golla do sobretudo. Mas a portinhola se abriu e uma voz perguntou:

— Espera alguém?

— Sou o representante do Sr. Naylor.

Houve um silencio; depois a voz continuou:

— Porque não veio elle mesmo? Quem é o senhor?

— Meu nome não pode interessal-o. Sou um empregado do Sr. Naylor. Elle me encarregou de verificar se os documentos, que lhe offereceu valem alguma cousa.

Fallava em tom resolutivo. Nada perdia por se mostrar enérgico. Estava certo de que, enquanto tivesse a esperança de arrancar dinheiro do millionario, o chantageista não se mostraria exigente nem brutal. De facto, apoz um breve cochicho, como se consultasse alguém, a mesma voz propoz:

— Se quer examinal-os, entre e sente-se no banco da frente.

Jimmy entrou e, palpando na escuridão, verificou que havia alli apenas uma especie de tripé, que o obrigava a se sentar de frente para duas pessoas installadas no fundo do automovel. Duas... Jimmy o verificou, fingindo desequilibrar-se e amparando-se com as mãos.

O vehiculo se poz em movimento e a mesma voz disse:

— Se preveniu a policia, perdeu seu tempo.

— Ora — disse Jimmy — Sabem tão bem como eu que o Sr. Naylor não se dirigirá á policia. Tem mais medo d'ella do que dos senhores.

Nesse momento, não poude conter um sobresalto. Ouvira um ruido metalico, como o da mola de segurança de um revolver.

Houve uma risadinha na escuridão:

— Assustou-se? Não valia a pena. Não viemos armados. O estalido, que ouviu, é o do aparelho que muda o numero do automovel. O senhor naturalmente teve o cuidado de guardal-o na memoria. Mas já estamos com outro.

— Pensam em tudo — disse Jimmy, consigo mesmo.

— Mas vamos ao que serve — disse a voz. — Ahi tem os documentos. Mas não pense em ser mais esperto do que nós. Tenho a meu lado um antigo *boxeur* que o porá *knock-out*, ao primeiro gesto suspeito. Se achar que o negocio serve, receberá instrucções escriptas sobre o processo de pagamento.

Puzeram em suas mãos um masso de papeis. Ao mesmo tempo, o feixe de luz crua de uma lanterna electrica se projectou sobre elles, para que Jimmy pudesse lel-os.

O detective curvou-se rapidamente para occultar o rosto a olhares indiscretos e começou o exame.

Os documentos eram, na verdade, temiveis... — um retrato de Naylor, com avental, na varanda do hotel de Brighton, recortes dos jornaes da epocha, noticiando o facto e descrevendo seu typo... O bastante para promover uma acção policial, principalmente o retrato, no qual ainda se podia perfeitamente reconhecer o millionario.

— Muito bem — disse afinal Jimmy — De facto

isto vale algum dinheiro. O que não compreendo é como arranjaram o retrato...

— Foi o elle que nos poz na pista de todo o negocio. Vimol-o em um photographo de Brighton e, a despeito do avental, reconhecemos o opulento financeiro de hoje. O resto foi facil.

Jimmy fingiu hesitar, volteando os papeis.

— Bem — disse afinal, em tom vago — E quaes são as condições?

— Vinte mil libras.

O detective assobiou entre os dentes:

— Irra! E' um pedaço...

— Para elle, uma bagatella. Para não ver isso nos jornaes, dando cabo de toda sua importancia, é até um bom negocio... Sem contar, que sua encantadora filha seria a mais alcançada...

— Sim — disse Jimmy com ar desanimado — Seria um escandalo medonho. Acredito que elle preferirá pagar.

— Só os imbecis recusam, em um caso d'estes.

Jimmy levára a mão a um bolso e d'elle tirára a cigarreira e um *briquet*. Pretendia, simulando gestos machinaes, sem segunda intenção, entrever, ao menos os que iam no automovel, com elle. Mas devia estar sendo attentamente observado. Deixaram-o tirar o cigarro, leval-o á bocca mas quando ergueu um pouco o *briquet* para accendel-o, bateram-lhe num braço com a lanterna e a mesma voz disse, irritada:

— Cuidado! Não se metta a experto comnosco. Vá fumar na rua. Não precisamos mais de sua presença. Diga ao Sr. Naylor que receberá noticias nossas amanhã e que nada adiantaria fugindo. Para nós, isso seria o mesmo que prevenir a policia ou recusar o pagamento.

O automovel se deteve, Jimmy desceu e volteou para vel-o afastar-se. Seu numero... Chegou a entrever as lettras L. X... Mas foi rapido. A placa volteou e a matricula X. D. 7503 se exhibiu sob a lanterna trazeira.

CAPITULO VI — O SR. NAYLOR RECEBE INSTRUCCOES MINUCIOSAS

Chegando a sua casa, o detective ligou o telephone para o millionario, que o esperava ancioso e começou por lhe declarar que era preciso resignar-se. Ainda que estivesse disposto a agir com a maior energia contra o chantagista tinha que começar por pagar-lhe. De outro modo, não haveria meio para evitar o escandalo.

O millionario expandiu a colera com uma praga energica mas concordou:

— Eu já comprehendí que isso é inevitavel. Mas depois não terei descanso enquanto não vir esse canalha preso. Conseguiu algum indicio?

— Quasi nada. Pelo telephone, não lhe posso dar minha impressão. Precisamos de conversar.

— Quer almoçar commigo amanhã? Iremos a um restaurante modesto, afastado.

— Hum... Esses logares afastados e discretos são os peiores para quem, como o senhor, deve estar sendo espionado. Não costuma ir ao *Granada*? Pois não altere seus habitos. Mas faça o seguinte. Tome um gabinete particular, pedindo ao gerente que guarde reserva. Na hora habitual, vá ao restaurante, com sua filha. Depois de installados em uma mesa qualquer, levante-se, como se fosse ao telephone e vá ao gabinete. Previna-me da hora e do numero do gabinete.

— Mas será prudente que eu volte ao *Granada*? Tomei horror áquella casa.

— Sou forçado a repetir — disse Jimmy — Não deve alterar seus habitos. Isso daria a impressão de estar muito assustado e levaria o chantagista a se tornar ainda mais exigente.

— Sim... Tem razão.

— Alem d'isso, é possivel que elle lhe mande a nova carta, tambem em mão, como a primeira. Justamente para impressionar suas victimas, esses homens gostam de apparentar temeridade, insistindo nos mesmos pro-

cessos. E se elle tiver a audacia de mandar de novo seu emissario ao *Granada*, talvez eu possa observal-o, por intermedio de um auxiliar...

Na manhã seguinte, depois de uma longa conferencia com Hyslop, Jimmy foi ao *Granada* e procurou o gerente em seu escriptorio. Conhecia-o de nome e de vista; mas o Sr. Domani nada sabia a seu respeito, porque elle raramente ia áquelle restaurante.

Recebeu-o com uma condescendencia apenas cortez. Seu interlocutor não parecia rico nem de alta sociedade...

Jimmy entrou logo no assumpto.

— Um de seus freguezes habituaes, o Sr. Naylor, recebeu, aqui, ha trez dias dias, uma carta ameaçadora.

O Sr. Domani limitou-se a curvar a cabeça, onde os cabellos já ralos e cuidadosamente penteados se esforçavam para occultar uma calvie insipiente:

— E' possivel — disse elle, friamente.

— Não, senhor. E' certo... Uma carta do famoso chantagista, que costuma assignar-se o *Mascara Negra*... Pois bem. E' provavel que o Sr. Naylor receba hoje, tambem aqui, outra missiva d'esse mysterioso personagem.

— Por que? — perguntou o gerente, com ar innocente — O Sr. Naylor não vem todos os dias. Pode ser quer hoje não venha.

— Vem, com certeza. Tomou até um gabinete reservado.

— Ah! — exclamou o Sr. Domani, assumindo o ar de quem está mais á vontade — O senhor sabe? Então, muito bem. Porem, o Sr. Naylor tinha me dito que não fallasse nisso nem á policia... O senhor é de Scotland Yard?

— Sou um detective particular e preciso de seu auxilio.

— Perfeitamente... Perfeitamente. A suas ordens, com muito prazer...

— Ouça. Colloquei um de meus auxiliares lá fóra, para observar os que entrarem no *Granada*. Dê ordem ao porteiro para que faça um signal, caso alguém lhe entregue, como da outra vez, uma carta para o Sr. Naylor.

— Muito bem — disse o gerente, visivelmente entusiasmado pela ideia — Muito habil. Muito inteligente. Vamos combinar o signal... Uma cousa, que não desperte desconfianças. Por exemplo. O dia está quente, hoje... Se alguém lhe trouxer a carta suspeita, o porteiro tirará o bonnet e passará o lenço pela fronte.

— Magnifico. E desde já lhe agradeço o auxilio.



O detective e o millionario estavam terminando uma refeição muito simples quando bateram de leve na porta do gabinete e, sem esperar resposta, o Sr. Domani entrou apressado, differente do que era todos os dias.

Elle, que nunca perdia a preocupação das attitudes solennes, imponentes, parecia nervoso.

— A carta... — balbuciou — Trouxeram a carta.

— E o porteiro? — perguntou Jimmy, tambem exaltado pelo incidente — Viu o portador?... Fez o signal combinado.

— Oh! Certamente. Neste momento, seu auxiliar já deve estar seguindo a pista do miseravel.

— Sr. Naylor fitava - os, muito pallido, sem comprehender.

— Eu lhe explicarei depois — disse Jimmy, rapidamente — Muito obrigado, Sr. Domani.

O gerente retirou - se, impando de orgulho. Sua participação naquelle tenebroso episodio parecia lhe causar immenso prazer.

A pretexto de acompanhá-lo até a porta, o detective verificou que não havia no corredor nenhum *garçon* indiscreto, que pudesse ouvil-os e voltou para junto do millionario, que abria o envelope com os dedos tremulos.

Leram juntos:



As "Samaritanas do Ar". — E' o novo corpo creado nos Estados Unidos de enfermeiras para aviões-ambulancias. Vemos acima a graciosa guarnição de uma d'essas enfermarias volantes.

"Seu enviado verificou a autenticidade e valor dos documentos, que possuo. O pagamento deve ser feito, sem intermediários; pelo senhor pessoalmente, do seguinte modo:

Terça-feira, às 10 ½ horas da manhã, um automovel se deterá diante da porta de sua residencia. O senhor ordenará ao chauffeur que o conduza ao banco de Baker Street, de onde retirará a quantia de vinte mil libras, em notas de cem libras. A quantia deve estar dividida em dez pacotes de duas mil libras. Tome para isso as necessarias providencias, prevenindo na vespera a gerencia do banco. Coloque o dinheiro em uma pasta e siga por Hyde Park, até Marble Arch. Detenha o automovel, a meio caminho de Lancaster Gate, como se quizesse admirar a paisagem dos arredores; mas não desça do vehiculo. Outro automovel virá e se deterá ao lado seu. Continuará a esperar e, uma hora depois, os documentos lhe serão entregues.

Não esqueça que continua e continuará a ser vigiado. Qualquer tentativa de comunicação com a policia annullará nossa combinação e desencadeará o escandalo. Qualquer tentativa de represalia, apoz a ultimação do negocio, será também impiedosamente punida".

— Maravilhoso — murmurou Jimmy, com admiração sincera — O canalha previu tudo... ou quasi tudo.

— Mas para que tanta complicação? — exclamou o millionario, irritado — Por que em Hyde Park? E para que essa espera de uma hora?

— Tudo isso tem explicação e está habilmente combinado — disse Jimmy, pensativo. Elle previu quasi todas as hypotheses de um contra golpe de sua parte. Esqueceu porem uma... ou algumas. Essa hora de espera deixa-o isolado de qualquer auxilio e sob a vigilancia do bando, enquanto elle verifica que o senhor não lhe deu uma pasta com papeis velhos, em vez dinheiro; ou com cedulas cujos numeros foram anotados... Muito habil, repito.

— E que conta o senhor fazer?

— Evidentemente — disse o detective devagar — não ha remedio se não obedecer rigorosamente a suas instrucções... Mesmo por que só assim me será possivel estabelecer, por minha vez vigilancia, sobre elles.

— Mas como? Eu não vejo...

— Eu tenho uma ideia... mas ainda a estou estudando e preciso de reflectir sobre as possiveis falhas no plano do *Mascara Negra*. Porque elle tem falhas...

— Eu não vejo — repetiu o millionario acabrunhado — Esse homem é infernal e estou completamente desarmado diante d'elle... Num paiz que passa por ser civilisado. E' inverosimil.

Jimmy procurou animal-o lembrando-lhe que já deviam ter um indicio. O homem, que trouxera aquella carta...

✱

Mas também esse recurso fallou. Quando Harry Hyslop appareceu afinal, vinha estupefacto, assombrado:

— Então?

— O mysterio ficou mais intricado que nunca. Eu estava resolvido a tudo, inclusive a me atracar com o individuo, que o porteiro me indicasse, para identifical-o. Inventaria um pretexto qualquer... esbarraria com elle, diria que elle desrespeitara uma transeunte elegante... fosse o que fosse. Mas o homensinho tinha aspecto inoffensivo, tranquillo. Seguiu pela calçada, de vagar, observando as vitrines... Foi pelo Piccadilly, Haymarket, o Strand; entrou em uma agencia de viagens, depois, foi para sua residencia...

— Como... Você descobriu sua residencia?... Então sabe quem é.

— Como não? E' Blenheim Watkym, o explorador, o sabio.

— Não é possivel!

— Sem a menor duvida... E' Matkym, que chegou hontem da America do Sul.

— Você está maluco.

— Ainda não, mas é provavel que não tarde.

— Vamos ver isso com calma — disse Jimmy, sentando-se — Você estava do outro lado da rua, observando a porta do hotel. Viviana...

— Estava a uns dez passos de mim, também alerta, E ambos vimos o signal do porteiro, quando aquelle homem chegou, fallou com elle e sahiu de novo. O por-

teiro tirou o bonnet e esfregou vigorosamente a fronte com um lenço azul, enorme, de quadrados.

Viviana fez um signal para significar que também vira seu gesto e eu parti como um cão de caça.

— E espantoso! — murmurou Jimmy, sem comprehender. — Mas espere.

Ligou o telephone para o *Granada*, pediu que chamassem o Sr. Domani e contou-lhe o que se passara. O gerente ficou também surprehendido e disse que ia interrogar o porteiro.

Dez minutos depois ligou por sua vez para Jimmy. Estava gago de furor e perturbado pela colera, misturava pragas napolitanas com blasphemias inglezas.

— Parece uma combinação do accaso contra nós. O porteiro viu perfeitamente quem lhe entregou a carta; um homem alto, magro, com ar melancolico; vestido de preto... Typo de empregado publico, modesto... e fez o signal, como eu lhe ordenára... Mas está fazendo calor. Pouco antes, um individuo qualquer subiu a escada do hall, para lhe perguntar onde fica a agencia Reuter. Nesse momento, sem dar por isso, machinalmente, o imbecil tirou o bonnet e...

Jimmy precisou de alguns minutos para dominar o despeito e indignação. Aquella não lembraria ao demonio. Mas também, que estupidez a sua, acceitando para signal um movimento, que qualquer pessoa pode fazer inconscientemente... Emfim... O mal estava feito; nada adiantaria com lamentações.

O telephone tilintou de novo. Jimmy levou o phone ao ouvido e uma voz incolor, voluntariamente sem expressão, disse:

— E' o Sr. Rezaire? Attenção. Não é prudente intervir em negocios do *Mascara Negra*. Nada ganhará com isso e é mesmo provavel, que venha a perder alguma cousa.

O detective desligou e immediatamente chamou a Central Telephonica com a esperanza de saber de onde tinham pedido um numero. Mas, como já imaginára, o chamado fôra feito de um telephone publico.

CAPITULO VII — INDICIOS, AFINAL

Segunda-feira. Nervoso, sombrio, o Sr. Naylor esperava em seu gabinete de trabalho. A's 10 ½ em ponto, um criado veio prevenil-o de que um chauffeur dizia ter recebido ordem para vir...

— Que especie de automovel é? — atalhou bruscamente o millionario.

— Da garage Nelson. Um carro chic.

O Sr. Naylor levantou-se. Sua filha, que, inquietada por seu abatimento, não o perdia de vista, desde manhã, perguntou:

— Onde vai, papai?

— Dar uma volta...

— Não. Estou convencida de que vai a um encontro... Tem certeza de que nada lhe acontecerá?

Seu pai beijou-a, enternecido.

— Toda a certeza. Sei muito bem o que vai se passar.

— Oh! O senhor vai dar dinheiro áquelle infame? Não faça isso. Eu pensei que, com o auxilio do Sr. Rezaire, o senhor lhe resistiria.

— Eu vou agir em accordo com o Sr. Rezaire... exactamente para poder apanhar o chantagista em flagrante.

E sahiu, rapidamente. Quando elle chegou á calçada, o chauffeur, homem já edoso, muito sympathico, com o aspecto de uma creatura boa e honesta, perguntou:

— O Sr. Naylor?

— Quem o mandou aqui? — perguntou o financeiro.

— A garage Nelson... Houve algum engano? O carro foi pedido pelo telephone — explicou o chauffeur, um pouco inquieto.

— Engano da parte de um creado. Eu mandára pedir um automovel do serviço Wilson. Mas este carro me parece bom.

— Oh! senhor. E' um carro novo...

O Sr. Naylor mandou que o levasse ao banco de Baker Street e entrou para o vehiculo, reflectindo.

(Continua no proximo numero).



77

A graça felina da mulher diante do espelho — Poses de Lucille Miller, da 20th Century-Fox.

A aviação na Italia

A vitória esmagadora dos Italianos na grande corrida internacional Istres-Damasco-Paris, alarmou os Francezes, que tinham organizado esse prelio, com grandes esperanças e nelle só conseguiram o 5.º lugar, deixando os quatro primeiros a trez Italianos e um Inglez.

A esse proposito um technico francez, o Sr. Robert Guoyn publicou em Paris um estudo do qual se depreheende que em 117 records de aviação, reconhecidos pela Federação Internacional, a Italia é destentora de 45, os Estados Unidos de 38, a França de 24 e os demais paizes de 13.

Os mais notaveis records italianos são no momento os seguintes — Velocidade pura — (obtido e mantido ha já trez annos) 709 kilometros por hora. Velocidade em 100 kilometros — 517; em 1.000 kilometros — 475; em 2.000 — 380.

Velocidade em 1.000 kilometros, com 500 kilos de carga — 423, com 1.000 — 423; com 2.000 — 390.

Velocidade em 100 kilometros com hydro-avião — 629; em 1.000 kilometros — 513; em 2.000 — 308; em 5.000 — 251.

Altitude em hydro-avião com 2.000 kilos de carga — 6.727 metros.

Especialmente em aviões militares ha estabelecidos no mundo 46 records, dos quaes 28 cabem á Italia, 6 á França, 6, aos Estados Unidos 6 aos demais paizes.

◉ ◉ ◉ ◉

A cidade monstro — As grandes cidades absorvem e devoram, pouco a pouco, as localidades circumvisinhas e é isso o que assegura a Londres a victoria na competição com sua unica rival no mundo — New-York.

Durante algum tempo, dadas as qualidades de iniciativa e audacia dos Norte-Americanos, acreditou-se que New-York não tardaria a vencer em população e importancia a capital ingleza. Mas o tempo desmentiu o prognostico. Londres já tem 8.203.000 habitantes e New-York apenas 7.986.000.

Por que? Por que a primeira pode crescer em todas as direcções e sua rival, construida em uma ilha, apenas pode conquistar a altura com seus vertiginosos arranha-céu, limitada como está em seu territorio.

◉ ◉ ◉ ◉

Os que, em nome da liberdade, tendem implantar a anarchia, são loucos, por que renegam o progresso, os deveres innatos de todos os seres racionais, a fraternidade humana e solidariedade entre as nações — MAZZINI.



As ultimas tendencias da moda — A duquesa Kent, com vestido de renda branca em estylo *crochet*, com malhas bem pequenas sobre fundo branco.

numeraram varios circulos e pregaram no tronco uma placa com as datas. N. 1—(bem proximo do centro) Nascimento de Jesus. E assim por diante—Coroação de Carlos Magno, 1.ª Cruzada, Descobrimto da America etc.

Não havia meio mais seguro de tornar historico um tronco de arvore.

○ ○ ○

A previsão do tempo em

Stockholm é fornecida ao publico com presteza e segurança ainda não conhecidas em nenhuma outra cidade do mundo. Aqui, por exemplo, o Observatorio Astronomico annuncia o tempo com 36 horas de antecedencia embora saiba perfeitamente que, no estado actual da sciencia e dos recursos para observação, é impossivel prevel-o por tantas horas.

E' claro que, aos navegadores do ar e do mar, elle informa a qualquer momento, pelo radio, rectificações mais ameudadas e mais seguras. Mas o publico tem que se contentar com um boletim diario.

Em Stochkolm não. A qualquer hora do dia e da noite, qualquer pessoa liga o telephone para o serviço de previsão do tempo e ouve as informações, que uma voz sempre igual repete, incessante, infatigavel.

Pudera. Quem responde a esse numero é um disco de phonographo no qual o encarregado d'esse serviço gravou as informações.

Mas sempre que é preciso — isto é — sempre que ha modificações nas condições atmosfericas o disco é substituido.

○ ○ ○

No momento em que a China, flagellada pelos horrores da guerra, attrahe a atten-

ção de todo o mundo, é opportuno explicar a significação de alguns nomes, que apparecem constantemente nos telegrammas e nos parecem terrivelmente revezados.

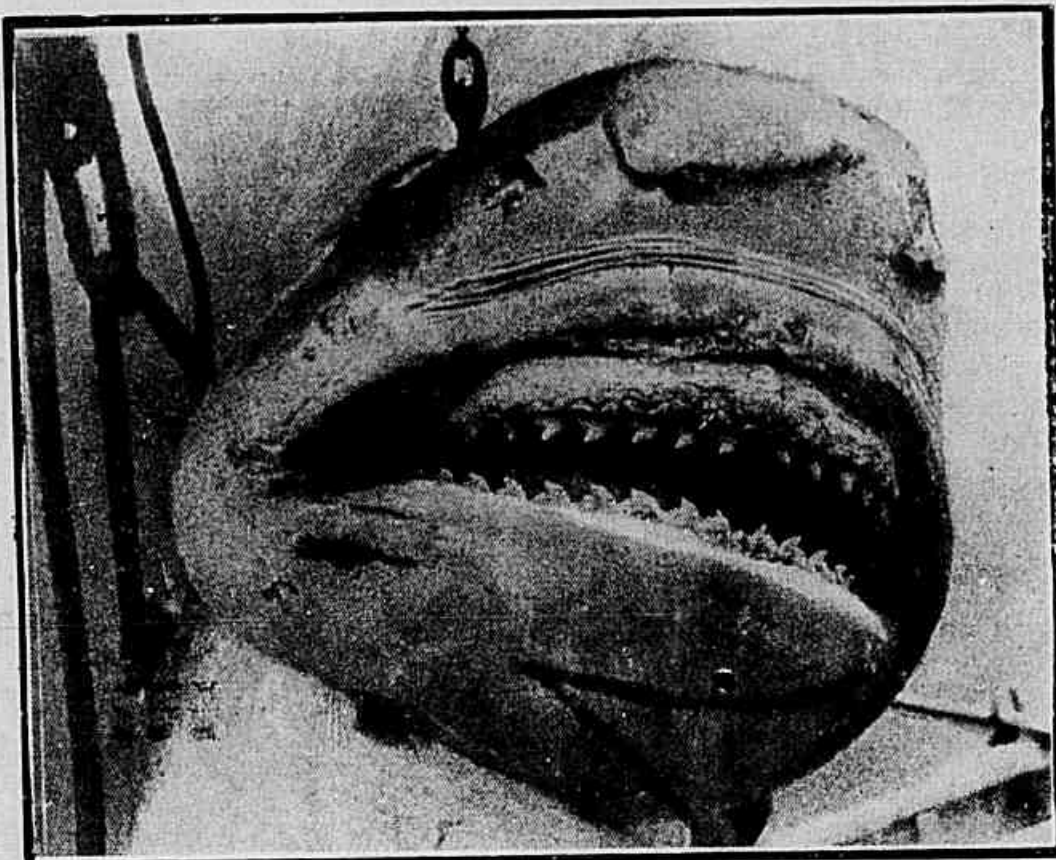
Esses nomes acabam sempre por *Kiang, Ho, Chan, Hu, Tung*, etc. Essas terminações são palavras, são indicações geographicas. *Chan* quer dizer montanha; *Hai*, mar; *Hu*, lago; *Pe*, norte; *Nen*, sul; *Tung*, leste; *Sun*, oeste. No chinez do sul, rio é *Kiang*; no do norte, *Ho*.

Uma arvore calendario

A Associação dos Antigos Combatentes Norte-Americanos offereceu á sociedade congenera da França um presente talvez demasiadamente volumoso mas sem duvida interessante — um tronco de *sequoia*.

Como se sabe, a *sequoia* é uma arvore, que só se encontra na California e tem 120 a 130 metros de altura. E' claro que como todos os entes vivos — animaes ou vegetaes de grande volume, tem o crescimento muito lento. A *sequoia* só attinge essa altura em centenas de annos e os competentes, contando os circulos concentricos de seu tronco avaliam a idade de muitas d'essas arvores em dous mil a dous mil e quinhentos annos.

A que foi offerecida aos Antigos Combatentes Francezes e por elles depositada no Jardim das Plantas de Paris tem 2021 annos. Então, os offertantes tiveram uma ideia original para dar aspecto visivel e altamente impressionador de sua idade. Posto que cada um dos circulos concentricos do tronco de uma arvore corresponde a um anno de sua existencia, é facil identificar os 2.021 circulos do tronco d'essa *sequoia* com os annos em que ocorreram factos importantes. Então fizeram o seguinte:



Mascara de horror, que parece sahida de uma lenda asiatica, com o hiato terrivelmente dentado da guela. E' a cabeça de um tubarão com dez metros de comprimento e quinhentos kilos de peso, pescado no Oceano Indico. A forma e disposição de seus dentes, formando duas serras em contraste, explica a rapidez e segurança com que elle corta um braço ou perna de um ente humano.

PEQUENA ENCYCLOPEDIA POPULAR

: A origem de algumas expressões :

COMO E' FACIL SABER TUDO

CALENBURG — Até o seculo XVII, os jogos de palavras, formando o que chamamos trocadilho não tinha nome especial em França. Chegou então a Versailles, na qualidade de embaixador da Prussia, o conde de Kahlemburg, que, embora pouco familiarizado com a lingua franceza, insistia em fallar-a, trocando as expressões ou pronunciando de tal modo que alterava constantemente o sentido do que pretendia dizer.

Em pouco, tornou-se conhecido pelos disparates, que dizia, sem querer e passou-se a chamar Kahlemburgo e depois calemburgs as phrazes com dous sentidos.

DERBY — Essa prova sportiva tem por padrinho lord Derby, que, no anno 1770, para festejar seu casamento com a famosa amazona Elizabeth Hamilton, organisou uma corrida de cavallos.

Seus convidados se cotisaram para fundar um premio reservado a animaes de trez annos. Até hoje esse pareo conserva o nome do apaixonado lord.

BRIDGE — Esse jogo foi inventado ou creado em 1884, pela colonia russa em Constantinopla, com o nome de *whist russo*. Duas

familias, que estavam na capital da Turquia nessa ocasião aprenderam o novo jogo e encontraram-se mezes depois na Inglaterra, no Leicestershire, onde suas residencias eram visinhas, separadas apenas por um rio, sobre o qual havia uma ponte (em inglez *bridge*).

Então para jogar o *whist russo* pelo qual se tinham apaixonado iam, ora uns ora outros, iam á casa visinha. Para isso, era necessario atravesar a ponte. Então, quando pensavam em fazer uma partida diziam apenas: Vamos á *bridge*.

TANG-O — Muita gente pensa que essa palavra é caracteristicamente argentina. Engano. E' o nome de uma cidade asiatica situada na fronteira de Laos com a Birmania — *Tang-Ho*.

Alli, os Laocianos executam bailados dolentes, ao som de interminaveis melopéas, executadas em seus primitivos instrumentos.

Musicos ciganos trouxeram para Europa algumas d'essas melopéas, que se agradaram na Hespanha, onde a influencia arabe habituára o povo a musicas d'esse genero. Da Hespanha essa musica singular passou á Argentina, com o nome da cidade de origem *Tang-Ho*.



O sonho de uma noite de Verão — Aquarella de D. W. Wheeler.



Os ídolos do público — Martha Wilbut, Poly Luch e Florence Rogge, bailarinas inglesas.

O APANAGIO DAS NAÇÕES ANTIGAS — Um dos pontos escolhidos para as mais importantes exhibições, na Exposição de Paris, foi uma pequena ilha do Sena, que se chama actualmente dos Cysnes.

A esse proposito, os historiadores recordam tudo quanto já foi esse pedacinho de terra, os varios nomes, que já teve e os factos, que nella occorreram.

A principio, essa ilha se chamava de La Garnelle, por se estender ao longo da planicie d'esse nome. Havia nella apenas hervas nativas e coelhos. Alli foram enterados, no dia 25 de Agosto de 1572, as victimas do massacre de S. Bartholomeu. O caes construido entre a egreja dos Invalidos e o Campo de Marte pertencia á abbadia de S. Germano. Havia em continuação a essa ilha varios ilhotes, o de Chalongan ou Chaillot, o das Vaccas, o de Longchamps, o de Treilles e o de Jerusalem, que desapareceram com o tempo, arrastadas pela cor-

renteza do rio. Mais tarde, a ilha de Garnelle passou a se chamar ilha Verde. Com esse nome é citada por Anatole France em um de seus melhores romances — *La rotisserie de la reine Pedauque*. E explica o nome da epocha dizendo que era então "um ninho de folhagem".

Depois, passou a se chamar ilha Maquerelle; mas em 1676, o rei Luiz XIV estabeleceu ahi uma criação de cysnes. D'ahi seu nome actual.

○ ○ ○ ○ ○

A conversação é a arte de fallar sem discorrer e ouvir sem interromper.

D'ARGENTAL.

Uma festa mexicana, que teve origem na Índia

Um exercício torturante e barbaço, reminiscência das remotas penitências voluntárias dos índios Totomacs.

Em edificação, legislação, princípios sociais e astronomia, esses índios tinham muito a ensinar até aos Europeus; havia, contudo, entre elles, crenças barbaras e costumes crueis, denunciando mentalidade selvagem.

As crenças desapareceram; os Mexicanos de nosso tempo, mesmo os de raça índia sem mescla, já não temem os castigos da Deusa-Serpente nem os prodígios da Deusa-Lua; mas conservam o gosto pelas cerimónias horripilantes, inspiradas ou

trorá pelo terror. E tal como aconteceu em Roma, no início do Cristianismo, adaptaram, pouco a pouco, ás festas cristãs, cerimónias das velhas religiões idolátras, totémicas ou fetichistas. Assim, o dia do *Corpo de Deus* é celebrado em Papatlan, na provincia de Santa Cruz, com uma festa popular chamada *juego de los vueladores* e que é uma resurrei-

Um vôo dos penitentes voluntários, numa aldeia de Otomis — Seis índios, gyrando, pendurados pelos pés; apenas um d'elles, um músico, gyra pendurado pelos hombros, para poder continuar a tocar.



Pintura mural encontrada em ruínas de Uxmal, representando um mastro de voadores.

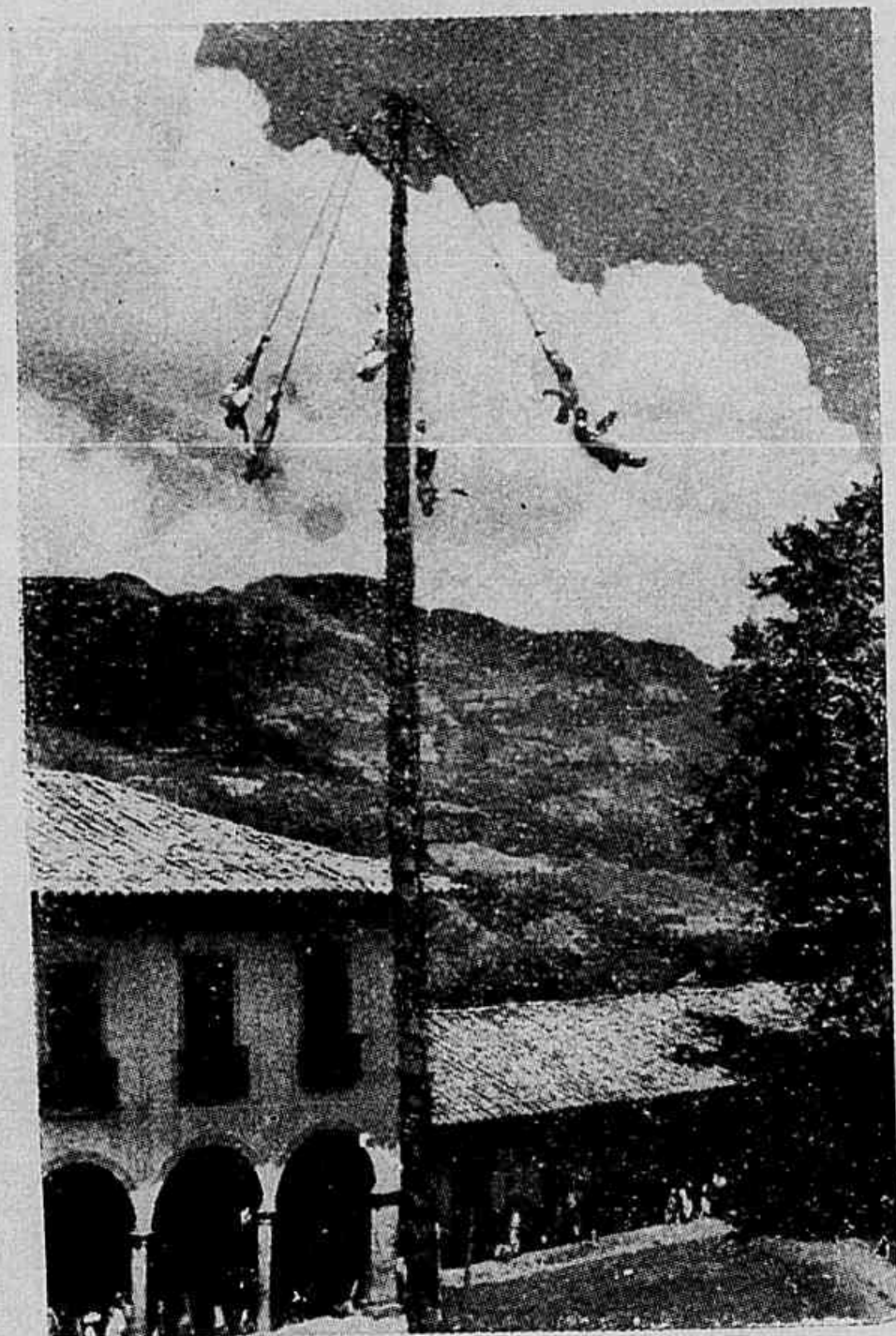
ção amainada de uma cerimónia religiosa dos Totomacs.

Segundo as chronicas dos primeiros colonizadores do Mexico, esse *vuelo* foi, a principio, um processo de execução dos condemnados; de, pois, devotos fanaticos se prestaram voluntariamente a esse supplicio, para desconto de seus peccados. Como os Hespanhoes prohibissem esses "sacrificios", os índios passaram a realizal-os com passaros, que ensinavam especialmente para esse fim.

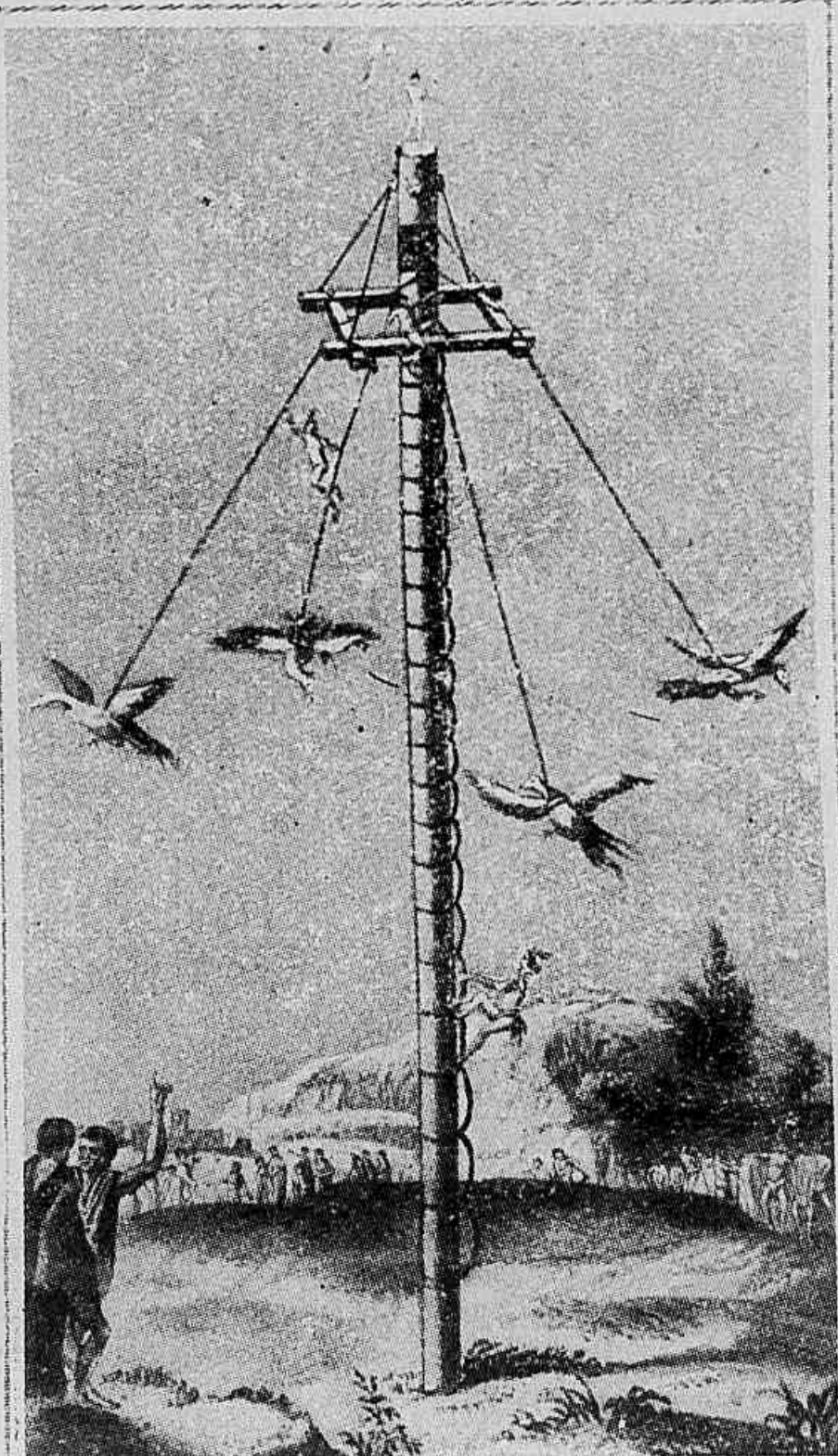
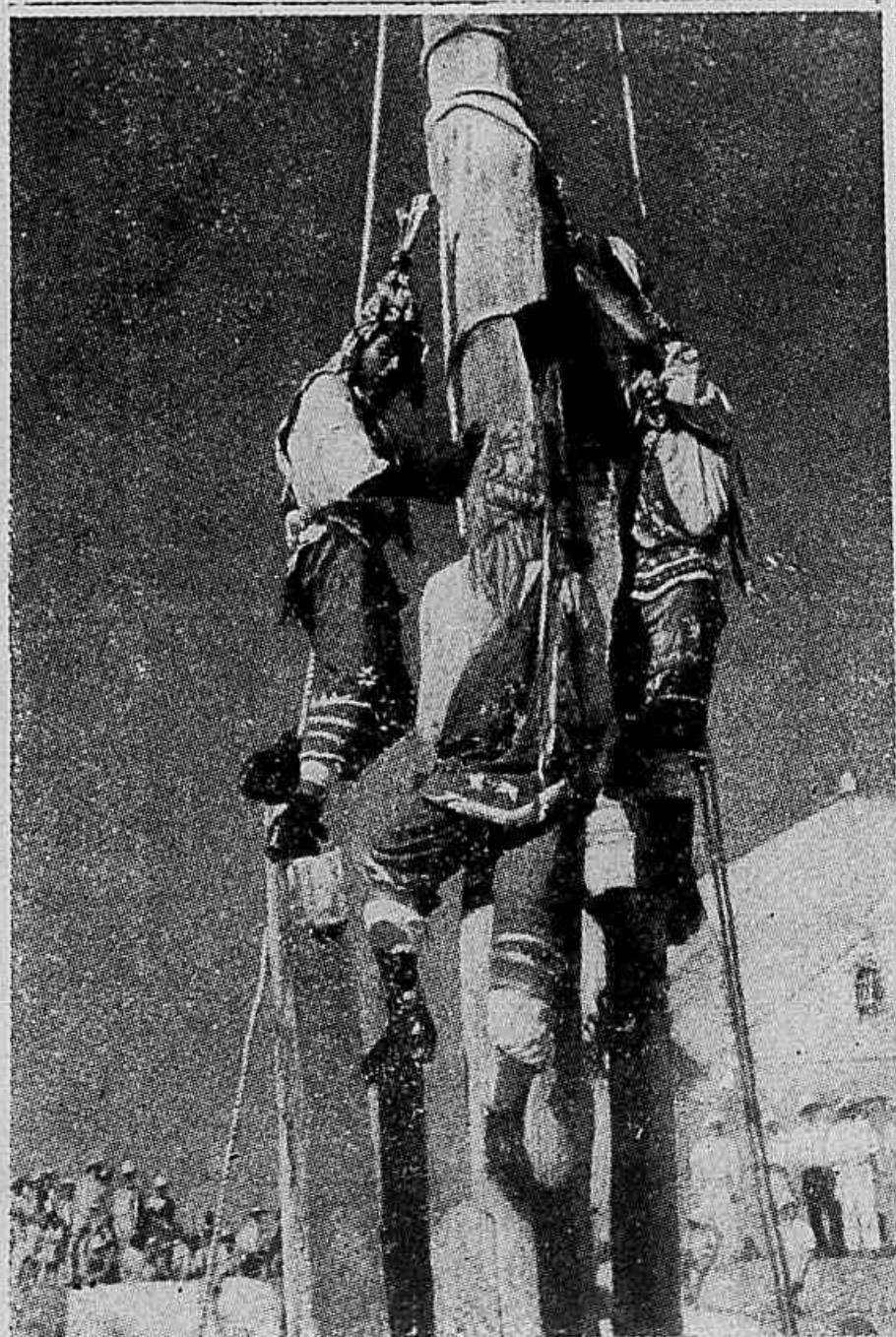
O *juego de los vueladores* consiste no seguinte.

Erguem na praça principal de Papatlan um poste com dezeseis a dezoito metros de altura e armam em seu extremo uma especie de roda cu hexagono, collocada de modo que pode gyra facilmente. D'essa armação pendem cordas mais ou menos longas. Os penitentes, que são chamados *tocotines*, chegam, vestidos de modo apparatuso, segundo os modelos das estatuas e relevos milennarios, que ainda se vêem nas ruínas dos palacios construidos por seus antepassados e começam por dansar em torno do poste. Depois, em grupos de seis, sendo um músico, munido com uma especie de trombeta ou buzio, sobem pelo poste, amarram-se pelos pés ás cordas pendentes e todos, ao mesmo tempo, ao rythmo do buzio, balan-

Gravura extrahida do livro *Historia Antigua de Mexico*, por Clavijerus, publicada no seculo XVIII. Representa o mastro votivo tendo no alto dous homens, que apenas observam o vôo circular realizado por passaros ensinados.



Os penitentes voluntários de Papatlan tomam posição nas extremidades das cordas para o vôo ritual.





Os *Tocotines* chegam, com seus apparatusos vestuários copiados dos velhos relevos mayas.

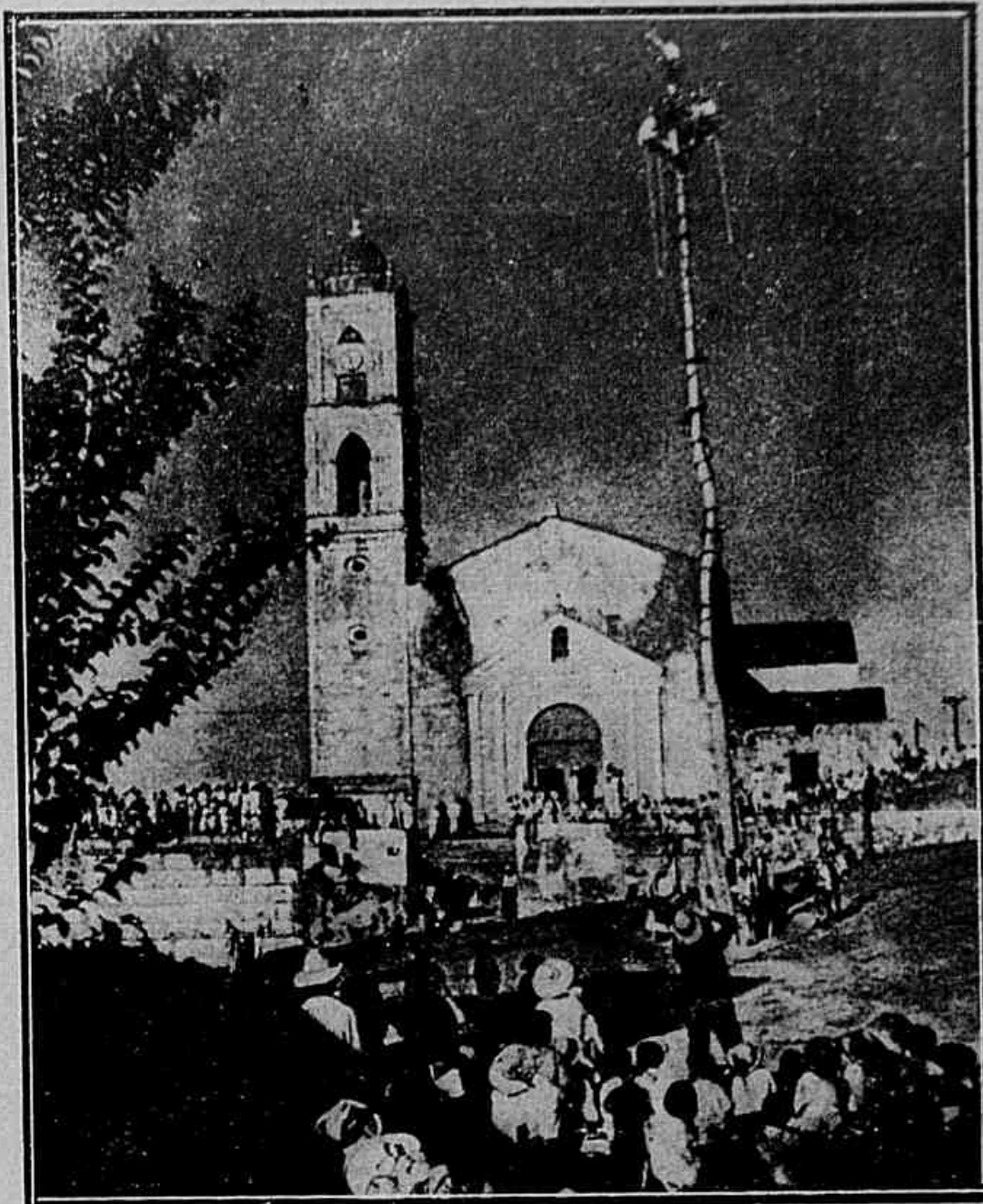
res, tão apreciado pelo povo, procurou attenuar seu caracter de barbaria, limitando a quatro o numero de penitentes e a treze o numero de voltas, que podem dar no espaço.

Para fiscalizar a execução d'essas determinações, um homem se colloca no alto do poste e detem a roda desde que a decima terceira volta termina.

◉ ◉

UM PONTO HISTORICO RESOLVIDO — *Ha cerca de um anno, foram encontrados, em Francfort sobre o Meno, documentos datados de 1738, sobre a cultura da batata.*

Sensação e es-

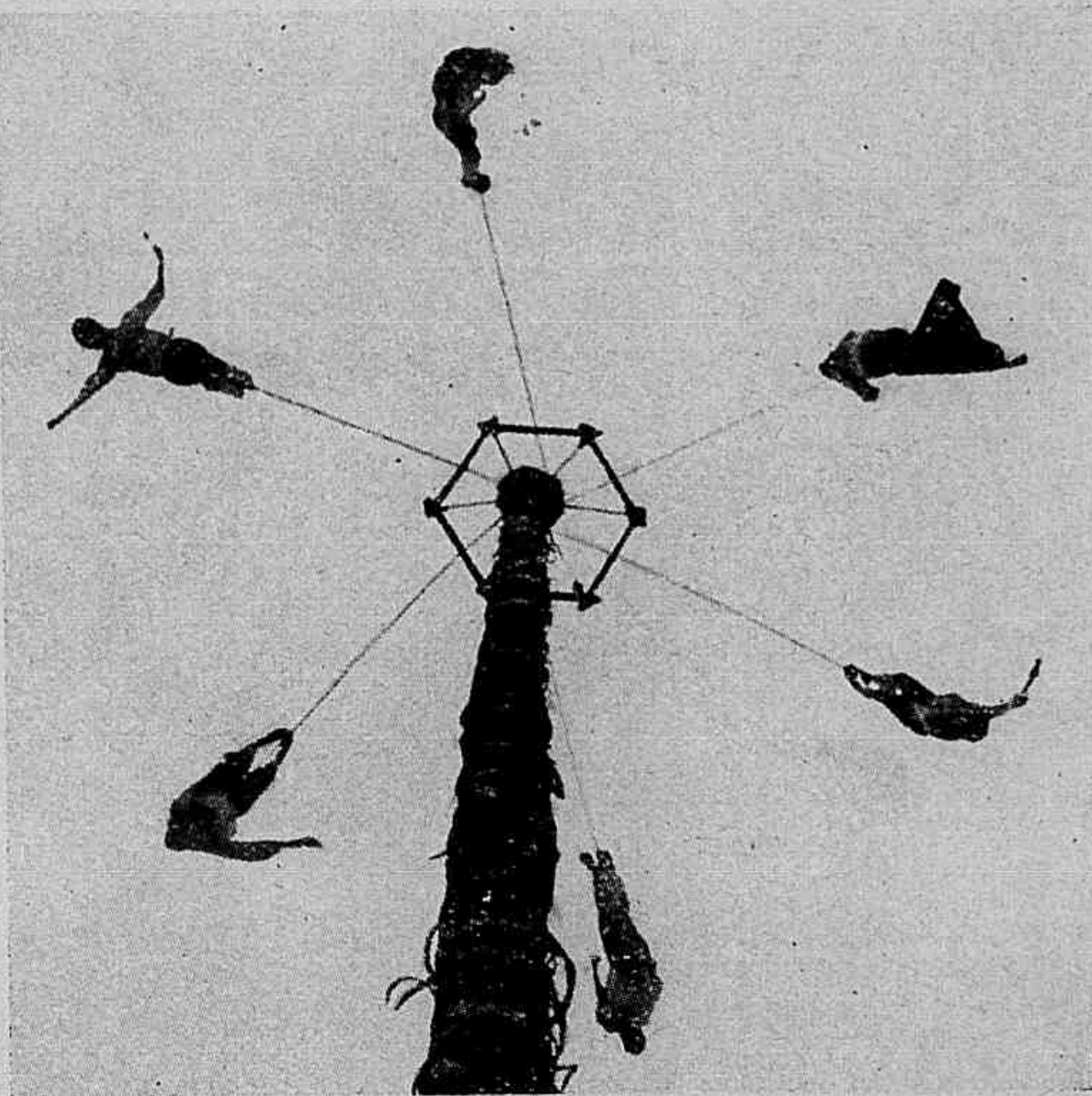


Espantosa mistura de sagrado com o profano — Igreja matriz de Papatlan, diante da qual os descendentes dos indios *Totomacs* reconstituem, annualmente, no dia de *Corpus Christi*, uma barbara cerimonia do culto de seus antepassados.

çam-se com tal habilidade que a roda acaba por ganhar impulso e os penitentes gyram no ar, em um plano horizontal.

No fim de um numero mais ou menos consideravel de voltas, os penitentes, congestionados, perdem as forças e cahem semi-mortos ao longo do poste. A's vezes, não voltam a si ou batem no poste com tamanha força que se ferem mortalmente.

Os historiadores têm em vão buscado detalhes sobre essa festa, no passado; sua significação, a divindade a quem era dedicada; mas nada descobriram, a não ser que ella tinha ligação com a data principal do cyclo de 52 annos, dividida em quatro grupos de 13 annos cada um. Ultimamente, as autoridades mexicanas, não ousando prohibir o *juego de los vuelado*



Com o augmento da velocidade, os corpos acabam por gyram, em plano horizontal, em torno do poste.

candalol Parmentier, o illustre Parmentier, que ficou famoso e tem até estatuas em França, por ter sido o homem, que tornou conhecida a batata, nasceu em 1737.

Tinha, portanto, um anno, quando já se publicavam na Allemanha tratados sobre o modo de plantar, colher e utilizar o precioso tuberculo... Então?

Os historiadores mergulharam nos archivos, em busca de solução para esse

mysterio. E conseguiram afinal desvendá-lo.

A batata, que é de origem americana, foi conhecida na Europa, juntamente com o fumo, em meados do seculo XVI.

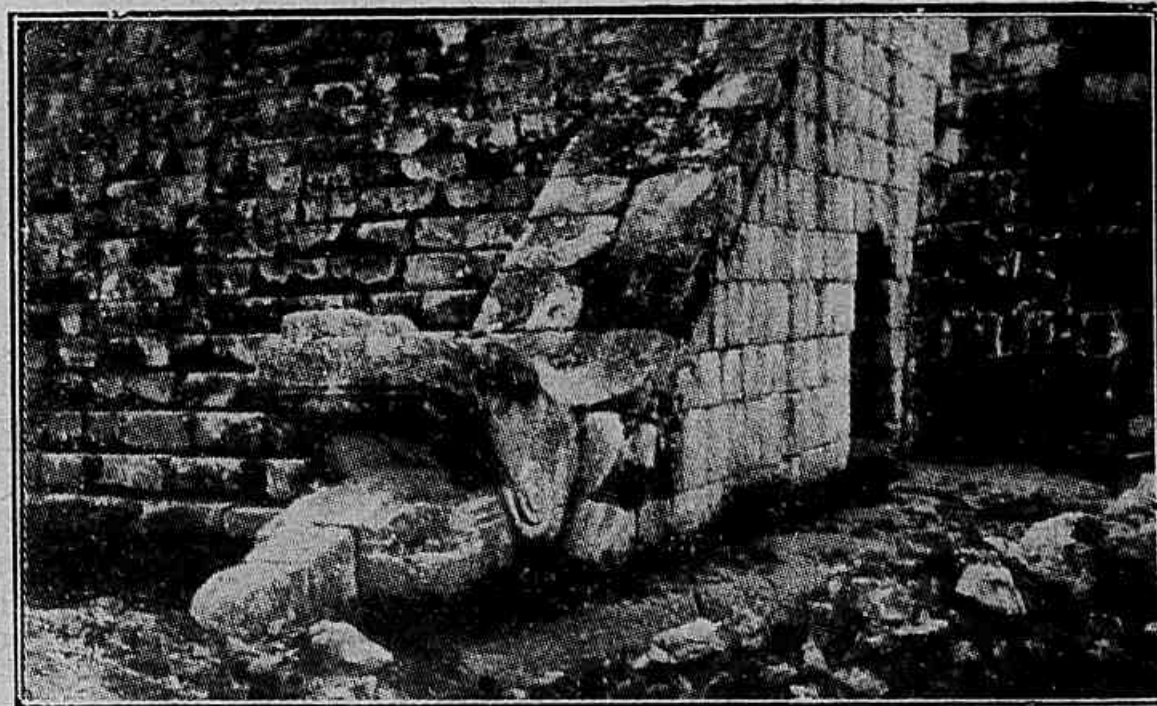
O fumo teve logo grande exito em todo o continente e ficou universalmente conhecido; a batata, porem, não teve a mesma sorte.

Parece que somente na Allemanha foi adoptada pelo povo. Parmentier, que era pharmaceutico do exercito, feito prisioneiro em 1778, foi levado para a Prussia e alli conheceu a batata. Apreciando

devidamente seu valor e seus meritos alimenticios, escreveu o famoso opusculo, que popularizou o novo alimento em França.



Mascara, que orna a fachada de um templo maya, na provincia de Vera Cruz.



Trecho das ruínas de um templo maya em Vera Cruz.

Uma festa mexicana, que teve origem na India

Um exercicio torturante e barbaro, reminiscencia das remotas penitencias voluntarias dos indios Totomacs.

mento. Em edificação, legislação, principios sociaes e astronomia, esses indios tinham muito a ensinar até aos Europeus; havia, contudo, entre elles, crenças barbaras e costumes crueis, denunciando mentalidade selvagem.

As crenças desapareceram; os Mexicanos de nosso tempo, mesmo os de raça india sem mescla, já não temem os castigos da Deusa-Serpente nem os prodigios da Deusa-Lua; mas conservam o gosto pelas cerimoniaes horripilantes, inspiradas ou-

Publicamos, em um de nossos ultimos numeros, minucioso artigo sobre os primeiros habitantes do Mexico, mostrando a alta civilização, que Mayas e Aztecas tinham alcançado, antes do descobri-

mento. E tal como aconteceu em Roma, no inicio do Christianismo, adaptaram, pouco a pouco, ás festas christãs, cerimoniaes das velhas religiões idolatras, totemicas ou fetichistas. Assim, o dia do *Corpo de Deus* é celebrado em Papatlan, na provincia de Santa Cruz, com uma festa popular chamada *juego de los vueladores* e que é uma resurrei-

Um vôo dos penitentes voluntarios, numa aldeia de Otomis — Seis indios, gyrando, pendurados pelos pés; apenas um d'elles, um musico, gyra pendurado pelos hombros, para poder continuar a tocar.



Pintura mural encontrada em ruínas de Uxmal, representando um mastro de voadores.

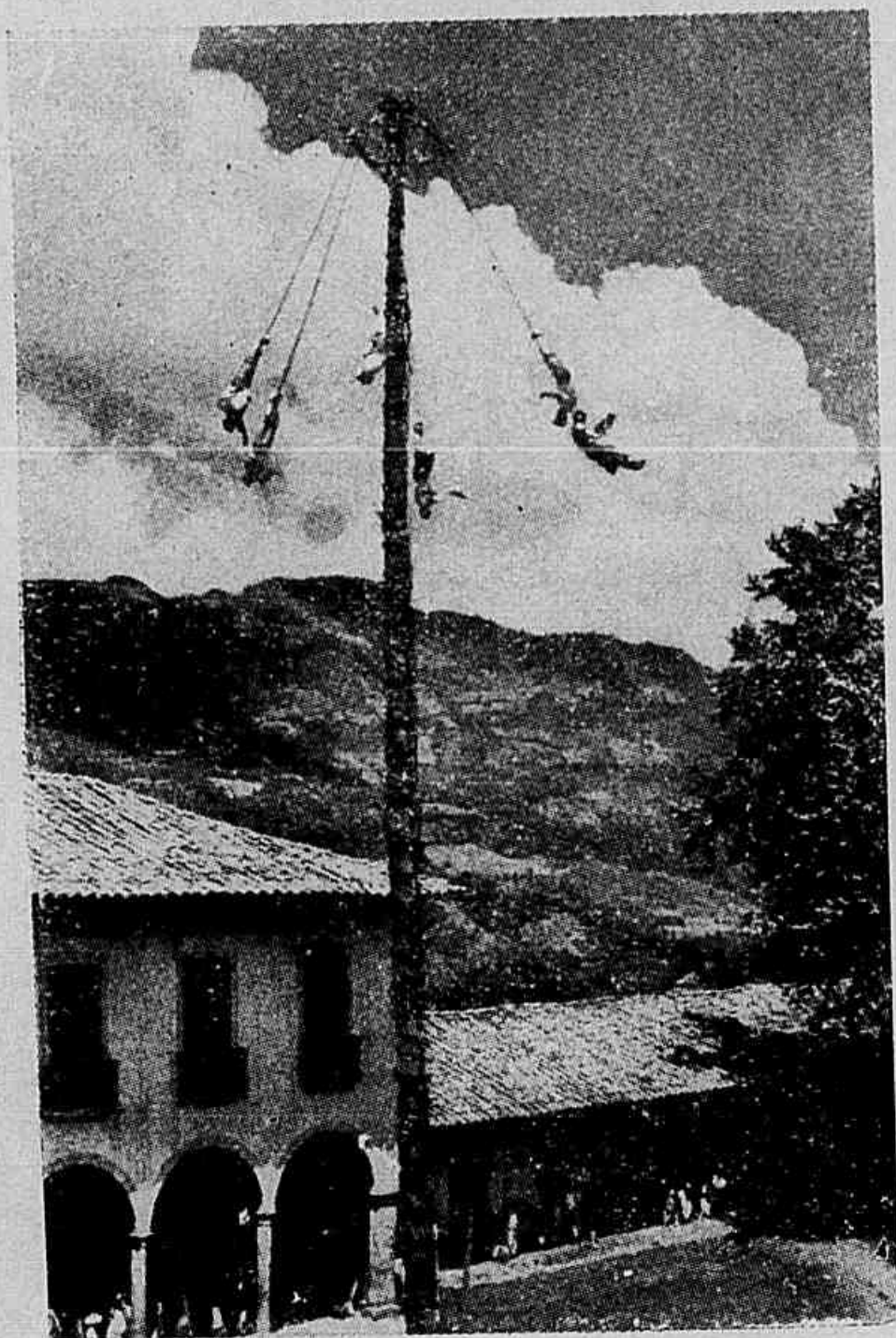
ção amainada de uma cerimonia religiosa dos Totomacs.

Segundo as chronicas dos primeiros colonizadores do Mexico, esse *vuelo* foi, a principio, um processo de execução dos condemnados; de, pois, devotos fanaticos se prestaram voluntariamente a esse supplicio, para desconto de seus peccados. Como os Hespanhoes prohibissem esses "sacrificios", os indios passaram a realizal-os com passaros, que ensinavam especialmente para esse fim.

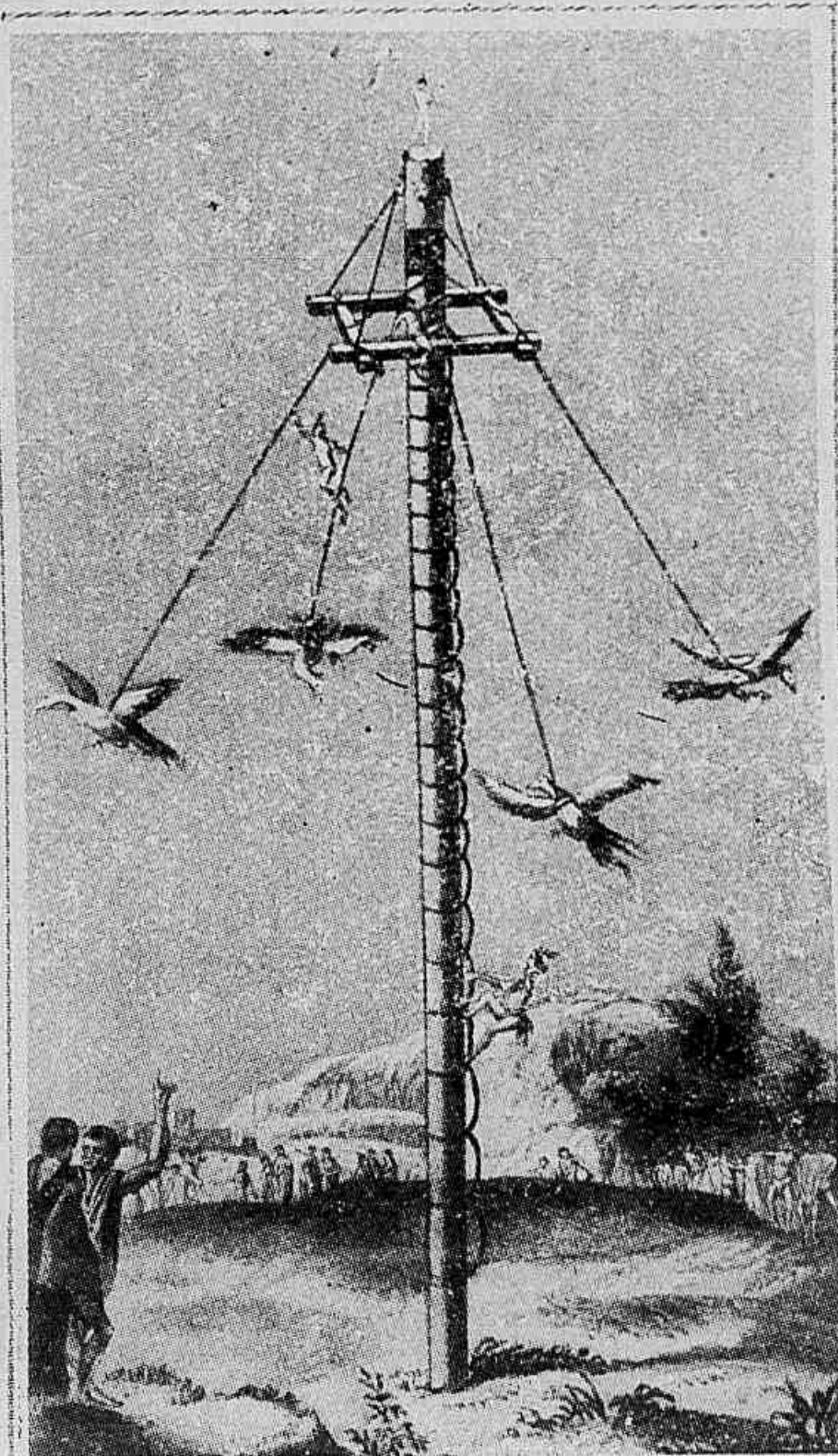
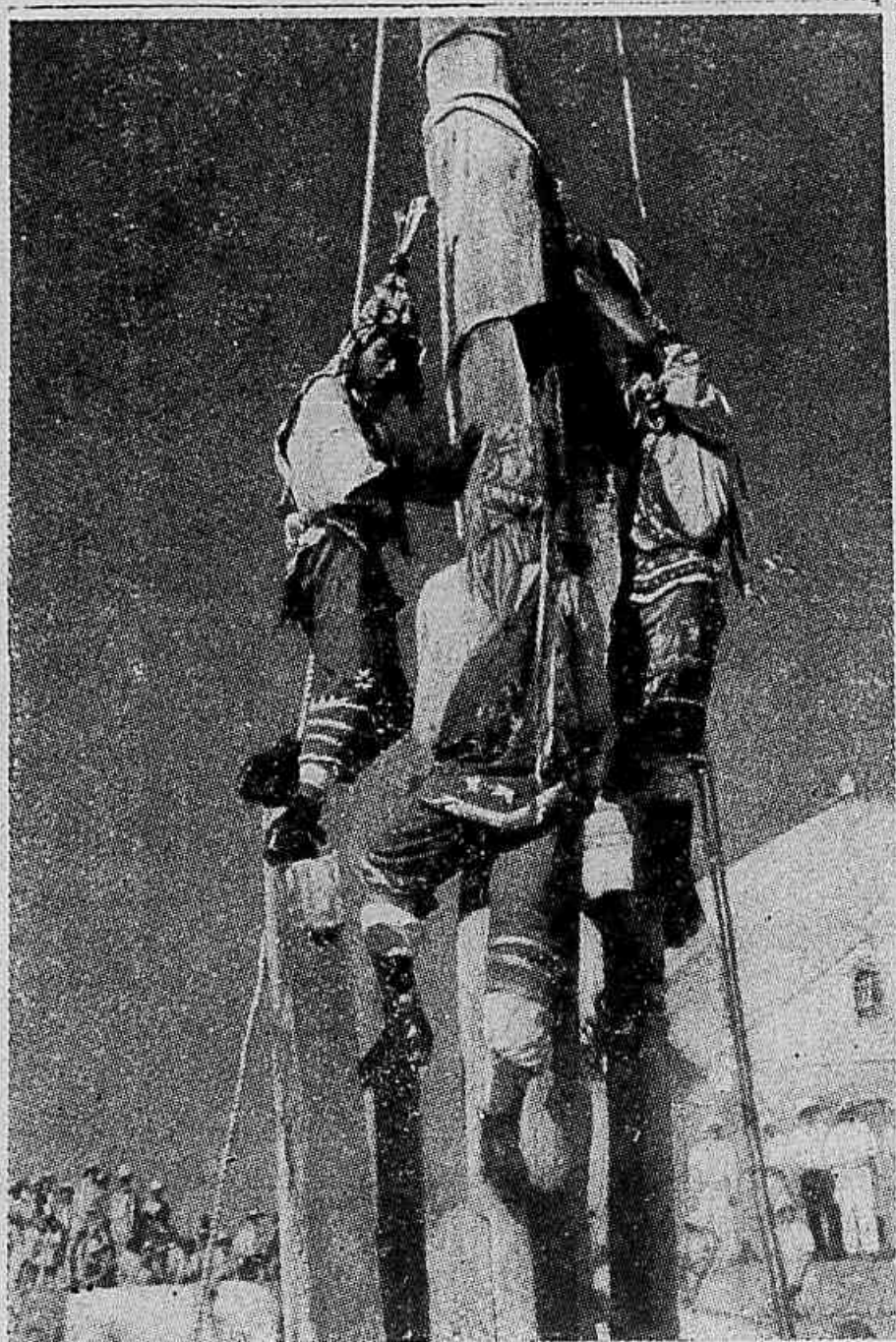
O *juego de los vueladores* consiste no seguinte.

Erguem na praça principal de Papatlan um poste com dezeseis a dezoito metros de altura e armam em seu extremo uma especie de roda cu hexagono, collocada de modo que pode gyrar facilmente. D'essa armação pendem cordas mais ou menos longas. Os penitentes, que são chamados *tocotines*, chegam, vestidos de modo apparatuso, segundo os modelos das estatuas e relevos millennarios, que ainda se vêem nas ruinas dos palacios construidos por seus antepassados e começam por dansar em torno do poste. Depois, em grupos de seis, sendo um musico, munido com uma especie de trombeta ou buzio, sobem pelo poste, amarram-se pelos pés ás cordas pendentes e todos, ao mesmo tempo, ao rythmo do buzio, balan-

Gravura extrahida do livro *Historia Antigua de Mexico*, por Clavijerus, publicada no seculo XVIII. Representa o mastro votivo tendo no alto dous homens, que apenas observam o vôo circular realizado por passaros ensinados.



Os penitentes voluntarios de Papatlan tomam posição nas extremidades das cordas para o vôo ritual.





Os Tzeltles chegam, com seus apparatusos vestuários copiados dos velhos relevos mayas.

res, tão apreciado pelo povo, procurou attenuar seu caracter de barbaria, limitando a quatro o numero de penitentes e a treze o numero de voltas, que podem dar no espaço.

Para fiscalizar a execução d'essas determinações, um homem se colloca no alto do poste e detem a roda desde que a decima terceira volta termina.

◉ ◉

UM PONTO HISTORICO RESOLVIDO — *Ha cerca de um anno, foram encontrados, em Francfort sobre o Meno, documentos datados de 1738, sobre a cultura da batata.*

Sensação e es-

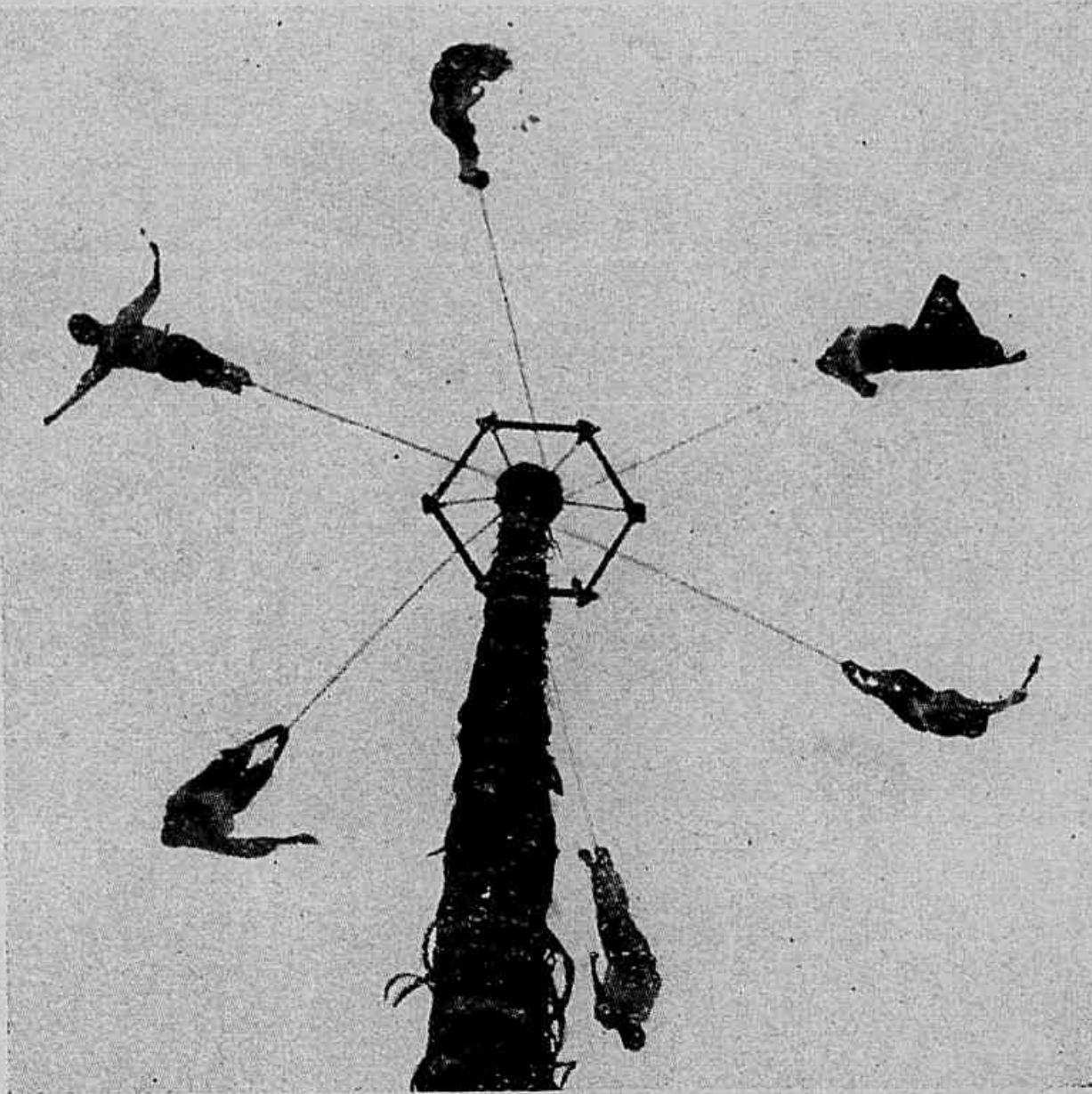


Espantosa mistura de sagrado com o profano — Igreja matriz de Papatlan, diante da qual os descendentes dos indios Totomacs reconstituem, annualmente, no dia de *Corpus Christi*, uma barbara cerimonia do culto de seus antepassados.

çam-se com tal habilidade que a roda acaba por ganhar impulso e os penitentes gyram no ar, em um plano horizontal.

No fim de um numero mais ou menos consideravel de voltas, os penitentes, congestionados, perdem as forças e cahem semi-mortos ao longo do poste. A's vezes, não voltam a si ou batem no poste com tamanha força que se ferem mortalmente.

Os historiadores têm em vão buscado detalhes sobre essa festa, no passado; sua significação, a divindade a quem era dedicada; mas nada descobriram, a não ser que ella tinha ligação com a data principal do cyclo de 52 annos, dividida em quatro grupos de 13 annos cada um. Ultimamente, as autoridades mexicanas, não ousando prohibir o *juego de los vuelado-*



Com o augmento da velocidade, os corpos acabam por gyram, em plano horizontal, em torno do poste.

candalol Parmentier, o illustre Parmentier, que ficou famoso e tem até estatuas em França, por ter sido o homem, que tornou conhecida a batata, nasceu em 1737.

Tinha, portanto, um anno, quando já se publicavam na Allemanha tratados sobre o modo de plantar, colher e utilizar o precioso tuberculo... Então?

Os historiadores mergulharam nos archivos, em busca de solução para esse

mysterio. E conseguiram afinal desvendá-lo.

A batata, que é de origem americana, foi conhecida na Europa, juntamente com o fumo, em meados do seculo XVI.

O fumo teve logo grande exito em todo o continente e ficou universalmente conhecido; a batata, porem, não teve a mesma sorte.

Parece que somente na Allemanha foi adoptada pelo povo. Parmentier, que era pharmaceutico do exercito, feito prisioneiro em 1778, foi levado para a Prussia e alli conheceu a batata. Aprecian-

do devidamente seu valor e seus meritos alimenticios, escreveu o famoso opusculo, que popularisou o novo alimento em França.



Mascara, que orna a fachada de um templo maya, na provincia de Vera Cruz.



Trecho das ruínas de um templo maya em Vera Cruz.



Baixo relevo encontrado nas ruínas de um templo, em Chichen Itza, no Yucatan. Demonstra as já ha muito suppostas relações entre povos da Asia Menor e do Mexico. Representa um rei mexicano recebendo um alto personagem com longa barba, como os Phenicios e Assyrios e que se vê no centro do conjunto, um pouco á direita. Todos os outros personagens são índios imberbes. O barbado é evidentemente um estrangeiro e pelo typo só pode ter vindo do Oriente do Mediterraneo.

aço. E assim justifica o conselho:

A madeira para construção—especialmente o pinheiro, e o carvalho, pesa entre 850 a 1.000 kilos, por metro cubico; tem a densidade de 480 a 550 e uma resistencia á tracção comparavel a do aço. E como a transmissão do som na madeira é muito reduzido, as construc-

Vingança feminina

Os jornaes da Europa commentam com bom humor o seguinte incidente occorrido recentemente em Buda-Pest.

Uma jovem estudante de medicina, cursando com excellentes notas o quarto anno, pediu a um de seus professores, cirurgião famoso, permissão para praticar em seu hospital.

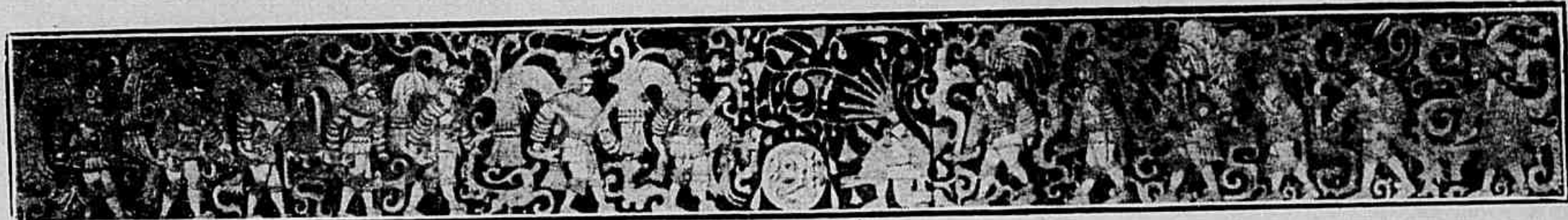
— Com uma condição — declarou o sabio — A senhora é a unica alumna da faculdade, que conserva cabellos compridos. Do ponto de vista esthetico, nada tenho a dizer; fica-lhe muito bem esse penteado; mas a hygiene não admittre essas fantazias. Cabellos assim longos são perigosos ninhos de microbios. Corte-os e terei muito gosto em admittil-a como interna.

Sem protesto ou queixa, a estudante obedeceu e sacrificou a uma tezoura sua formosa cabelleira. Mas apenas entrou para o serviço no hospital encontrou nelle um medico, tão illustre como seu mestre, ostentando respeitaveis barbas.

Immediatamente levou a questão á Associação de Estudantes da Hungria, que dirigiu uma representação ao ministro da Educação e Saude Publica, perguntando se as barbas masculinas são menos propicias a cultura de microbios do que os cabellos femininos. E toda a imprensa de Buda-Pest exige uma navalha para o barbudo cirurgião.

○ ○ ○

A municipalidade de New-York, preocupada com o excesso de ruido na cidade-gigante recomenda aos constructores o emprego da madeira de preferencia ao



Novo testemunho dos sangrentos ritos do antigo Mexico — Outro baixo relevo de Chichen-Itza, representando um sacrificio humano. Vê-se no centro, de um lado, um sacerdote, tendo na mão direita um sabre e na esquerda a cabeça, que acabou de cortar. Do outro, o decapitado, cujo sangue irrompe, como um repuxo, do pescoço.

ções com esse material são sete a oito vezes menos propicias á propagação de ruidos.

○ ○ ○ ○ ○

Uma das cousas mais evidentes, no momento actual, é a fallencia da Sociedade das Nações. O mundo inteiro a proclama e a propria Inglaterra prefere organizar comissões especiaes em Londres, Paris e outros logares, para estudo e solução de problemas internacionaes.

Entretanto, a desmoralisada instituição de Genebra continua cheia de empregados activos e para dar ideia de sua actividade, é bastante citar os seguintes Algarismos:—

Em 1936, ella recebeu 32.091 cartas, contra 29.817 recebidas em 1935 e expediu 27.775 contra 25.540 no anno anterior.

Essas cartas foram redigidas em vinte e quatro idiomas diferentes, sendo que só o "Bureau Internacional do Trabalho" se corresponde com 80 paizes.

Como se vê, se não "dá as caras" em materia de politica internacional — como era o sonho do presidente Wilson — em compensação a Sociedade das Nações gasta toneladas de papel de carta.

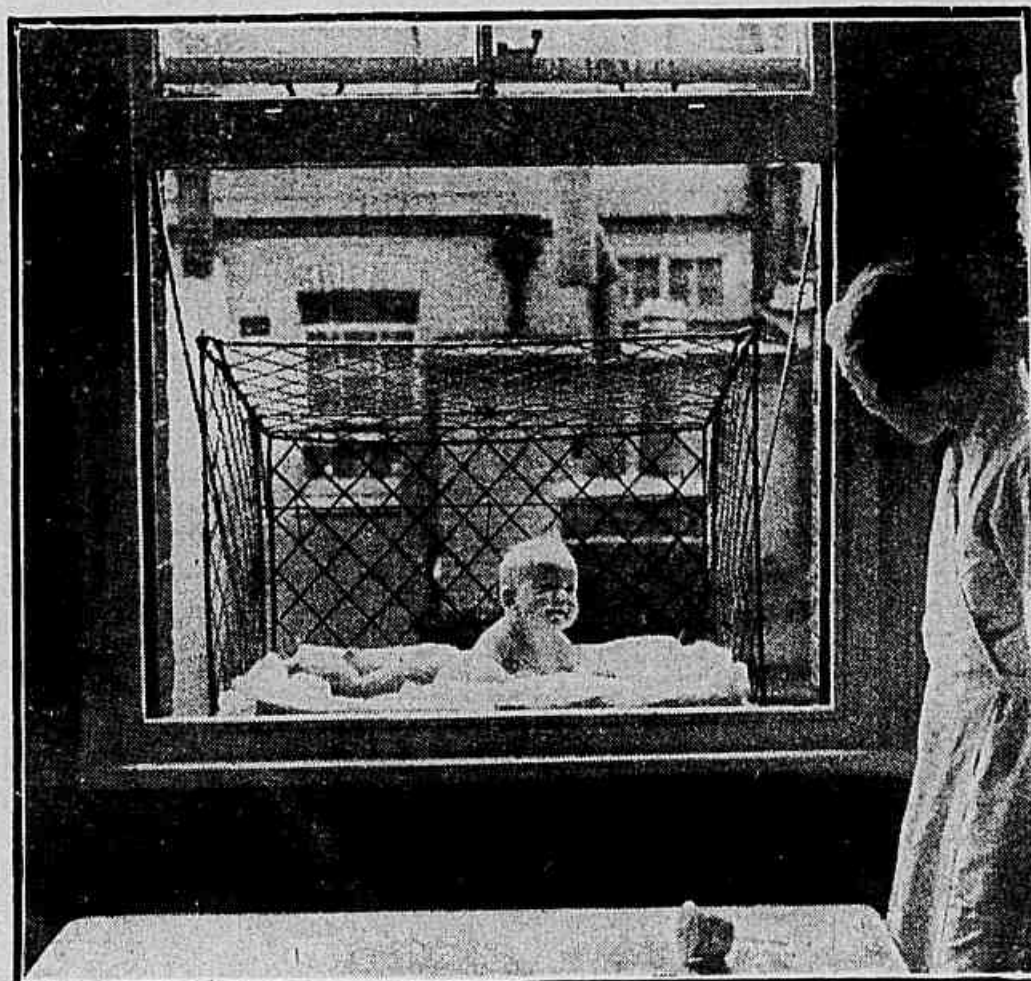
○ ○ ○

Um Escossez entra em uma delegacia de Policia.

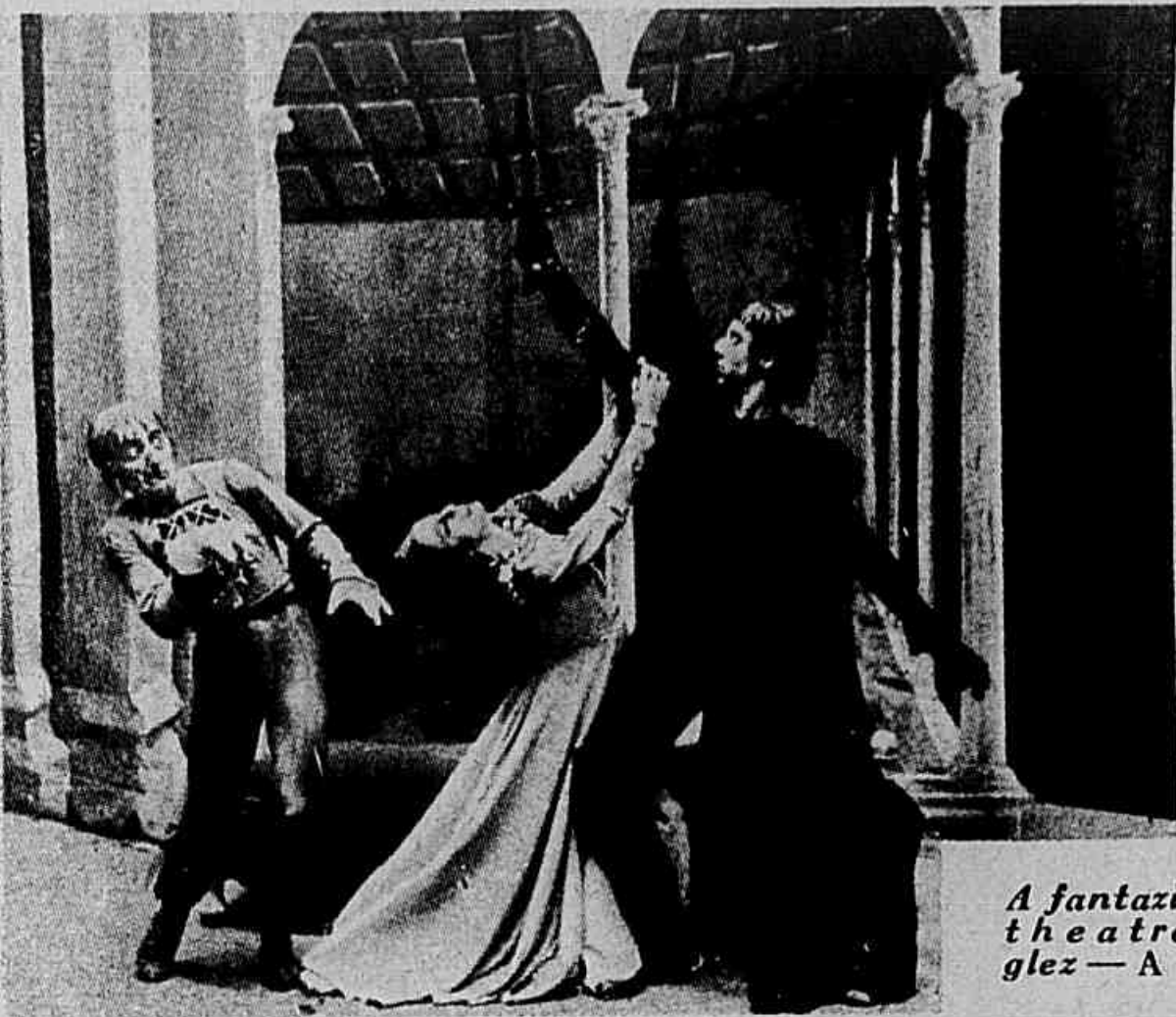
— Não trouxeram aqui uma carteira? Eu perdi uma com uma nota de cinco libras...

— Trouxeram aqui uma carteira, porem contendo quantia mais modesta. Apenas dez shillings.

— Não faz mal. Eu acceito, por conta.



Para conciliar a residencia em arranha-ceu com a necessidade de sol e ar livre para as criancinhas — Em Chelsea, na Inglaterra, adoptam pequenos compartimentos gradeados, verdadeiras gaiolas, que collocam nas anellas para que os gury's recebam sem perigo ar e luz.



A fantasia no
theatro in-
glez — A tragedia de Paolo e Francesca de Rimini transformada em bailado.



Duas scenas da morte de Francesca.

O imperador Francisco-José II foi, no seculo passado, o soberano, que teve mais longo reinado e foi perseguido por maior numero de tragedias em sua familia. Subiu ao throno em 1848, (com 18 annos) e só perdeu a corôa, ao se extinguir, em 1916. Reinou, portanto durante 68 annos.

Durante esse periodo, viu seu irmão Maximiliano fuzilado no Mexico, em 1867; seu filho unico Rodolpho, morto por suicidio, em Mayerling, em 1888; sua esposa a imperatriz Elisabeth, assassinada por um anarchista, na Suissa, em 1898; seu segundo irmão Carlos, minado por um mysterioso desgosto, abandonar a corte nessa mesma epocha, para ir viver como camponez, na republica Argentina com o nome de João Orth; finalmente viu seu sobri-



Os azes da patinação — Miss Pamela Prior, campeã das patinadoras profissionais da Europa.

nho e herdeiro do throno, Francisco Fernando ser assassinado em Serajevo em 1914.

○ ○ ○

No dia da coroação do rei George VI, nasceram no condado de Durban, na Inglaterra, nada menos de oitenta creanças. Cada uma d'ellas recebeu um copo de prata com a seguinte inscripção :

Offerta do marquez de Londondery, cavalleiro da Jarreteira e lord-tenente do condado.

Todas essas creanças receberam os nomes de George, Alberto, Elizabeth e Margaret.

○ ○ ○

São muito discutidas, actualmente, no no Brazil, sondagens petroliferas e não falta quem negue a existencia de petroleo em nossa terra por haver son-

dado a duas ou trez centenas de metros sem resultado.

No Mexico, a sondagem de Alamo alcançou 2.326 metros para encontrar o precioso oleo; a de Kettelman Hills' na California foi a 3.355 metros e a de South Bebridge, tambem na California a 3.463.

○ ○ ○ ○

O bom casamento é aquelle que tende para o amor e não o que se baseia em uma paixão ardente. Mais vale habituar-se lentamente a uma mulher do que afastar-se insensivelmente d'ella — EDMOND ROSTAND.

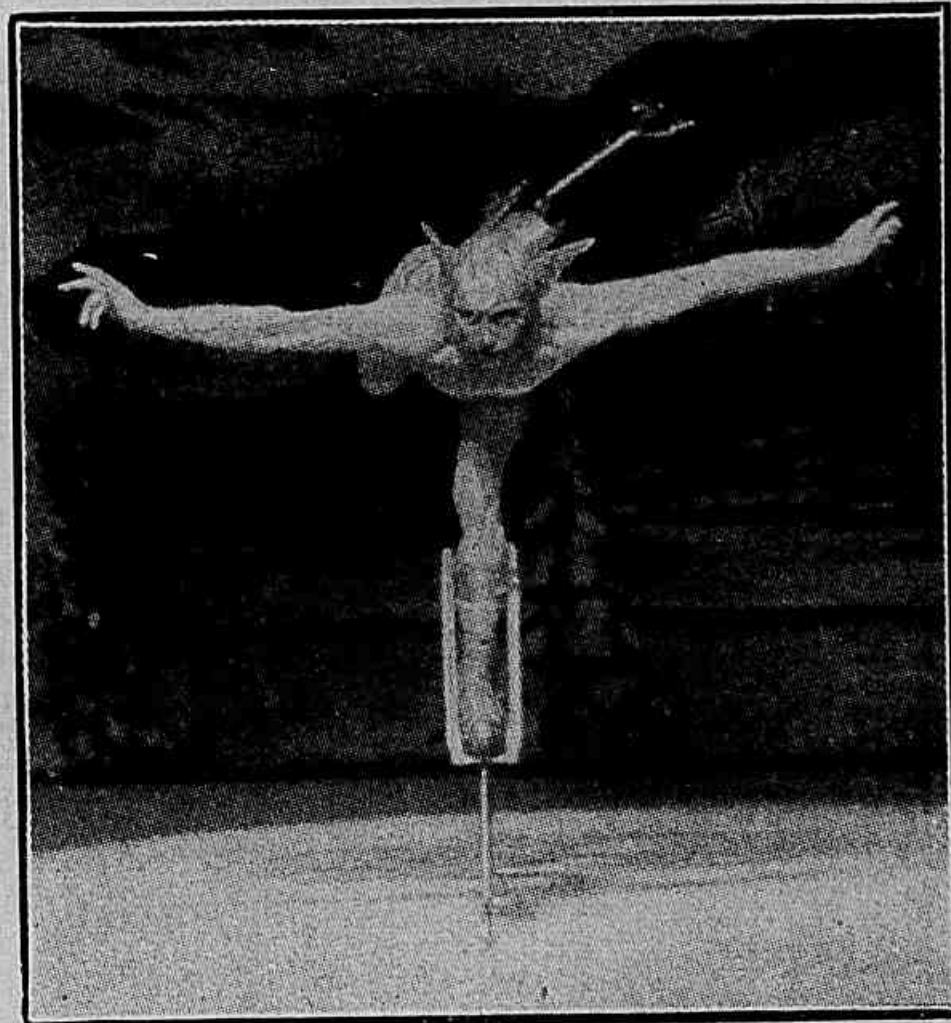
○ ○ ○ ○

O Japão tem uma superficie de 381.814 kilometros quadrados — mais ou menos o tamanho da Polonia — e uma população de 65 milhões de habitantes.

Esses Algarismos se referem ao Japão propriamente dito, tal como era em 1891. Depois d'isso, elle annexou a Coréa, com 221.000 kilometros quadrados e 21 milhões de habitantes; a ilha Formosa com 35.000 kilometros quadrados e 4 milhões de habitantes e metade de ilha Sakalina.



Carinho de avô — E' o mesmo em todos os homens. A photographia acima mostra-nos o ex-rei Alfonso XIII, beijando a cabeça de sua primeira neta, (filha do principe das Asturias) ao sahir da egreja de Lausanne, onde fôra assistir ao casamento de sua sobrinha, a princeza Dolores de Orleans-Bourbon com o principe Augusto Czartoryski, da Polonia.



O allemão Hermann Steinscham, que evolue e executa os mais fantaziosos passos de dansa, com os patirs collocados na extremidade de pernas de páu ou de metal.

AINDA não se encontrou em todo o território africano, vestígio sequer de construção comparável às que ainda hoje, mesmo em ruínas, enchem de admiração o mundo inteiro, como testemunho da inteligência e da alta civilização, que os povos primitivos da America haviam atingido, varios seculos antes do descobrimento por Christovam Colombo. Heuve, é certo, Carthago, o Egypto, Marrocos... Mas essas nações eram habitadas por creaturas de raça sumeriana, hissita ou arabe. Tinham vindo á Africa; não eram indigenas. O verdadeiro Africano, o negro, se mostrou sempre muito inferior ás raças americanas e esse baixo nível cerebral se revela principalmente em sua incapacidade para construir, para idear e realizar abrigos confortaveis para sua familia.

Mesmo entre os menos desenvolvidos dos indios americanos, a *taba*, edificada em terreno liso ou a choça, armada entre galhos de arvore, revelam engenho, habilidade manual e, sobretudo, faculdades de invenção, de verdadeira criação. Na Africa, as mais organizadas tribus de pretos não vão além da choça mal abrigada e fragil, de palha ou de barro, menos engenhosas do que o ninho de qualquer passaro. Por vezes, encontram-se, em algum recanto do continente negro, esboços de aldeia — como esse de que tratamos hoje — o pequeno reino do Habbê, no Senegal. Mas então nós nos vemos diante de uma miscellanea de estylos e processos todos imita-

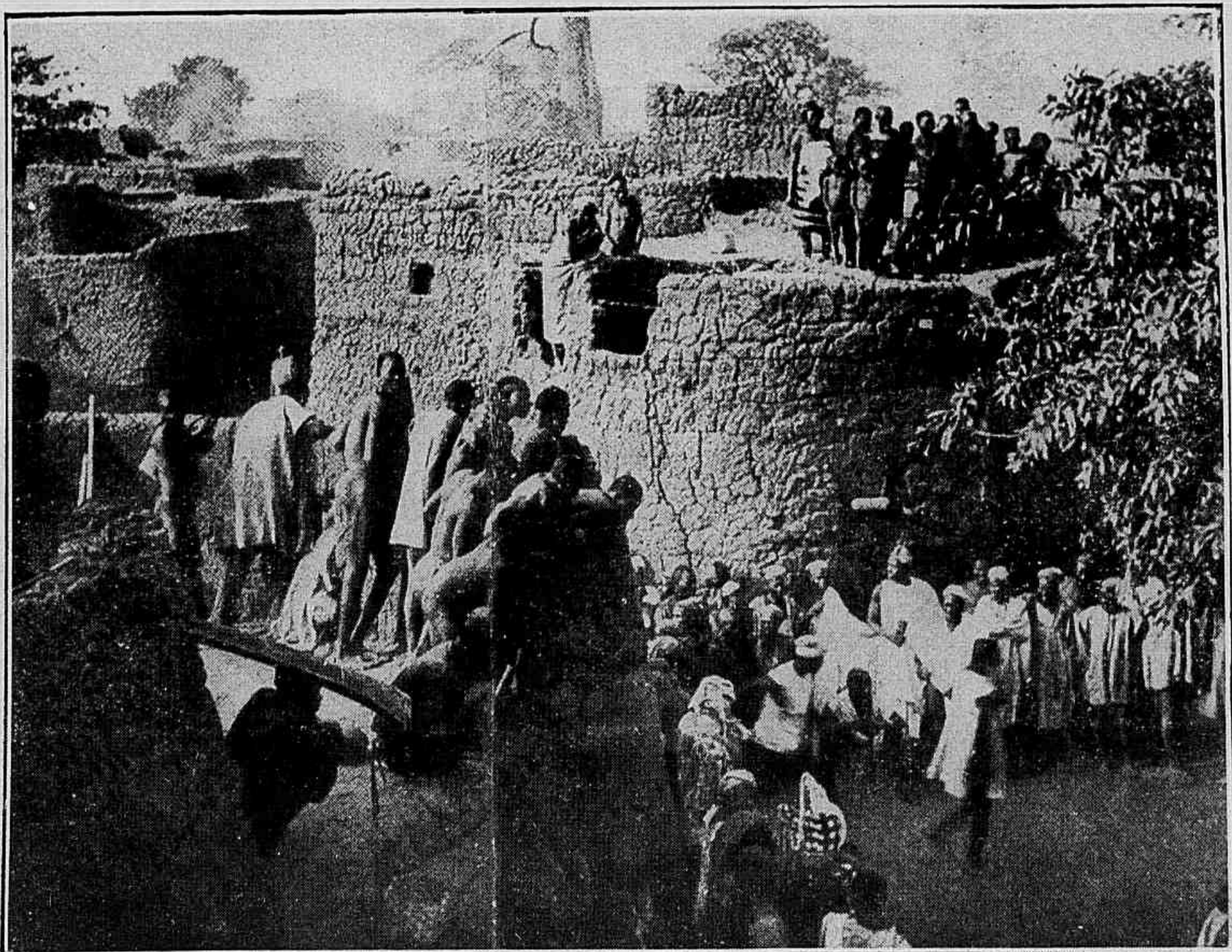
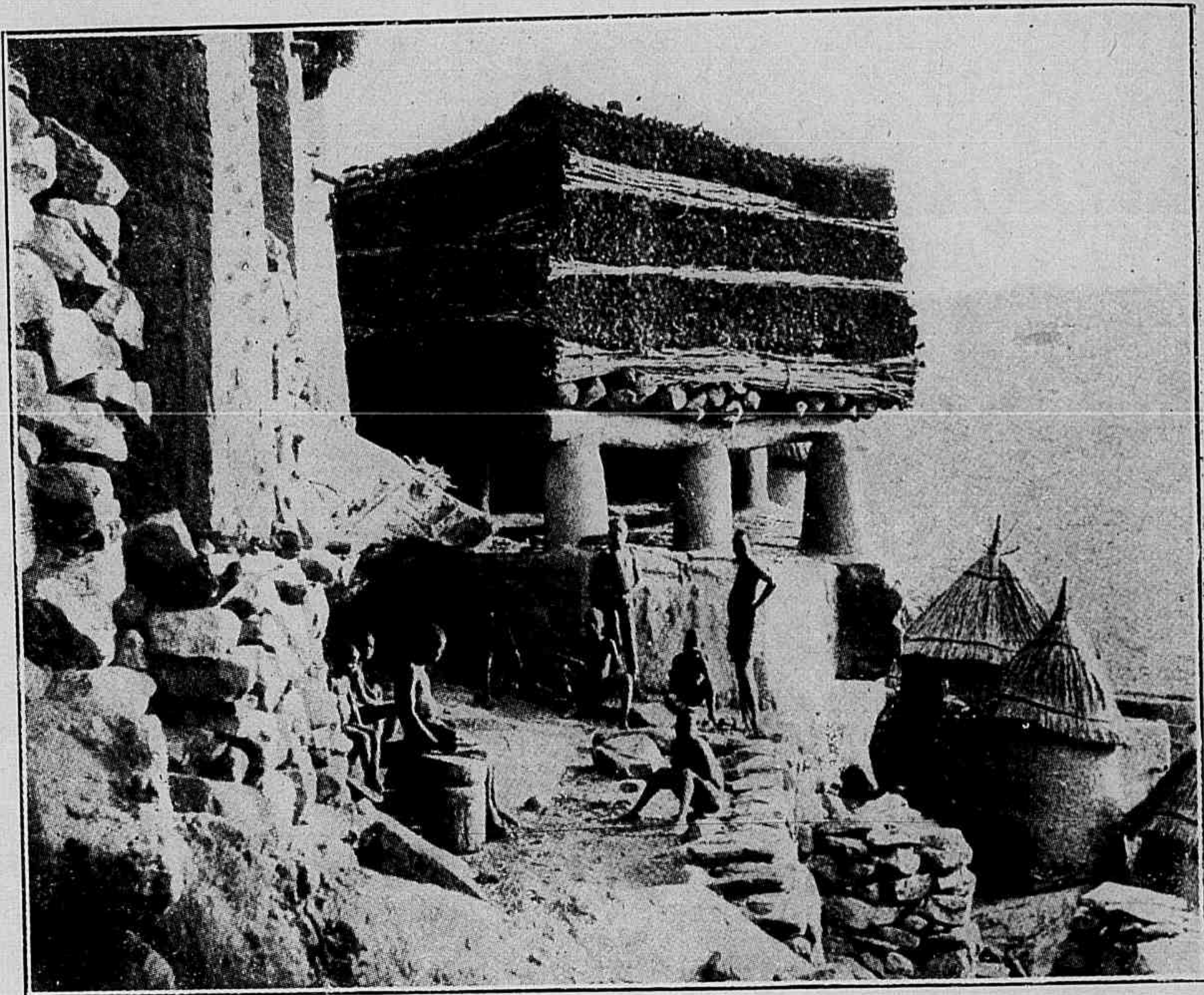
O problema da habitação no vasto mundo

O esforço e engenho com que os povos primitivos se defendem contra as intemperies, as coleras da natureza, os adversarios e os animais damninhos

dos, copiados de outras raças com ingenuidades espantosas; sem logica, sem senso pratico.

No Habbê, uma só cousa desperta a attenção como originalidade; os altissimos tectos com que evitam o calor do sol, superpondo espessas camadas de piassaba, galhos de arvores e pedaços de bambu.

Fóra isso, tudo é copia servil, denunciando incompreensão; como o uso de elevar suas casinholas de barro, afastando-as do solo, mediante pequenas columnas de pedra. Assim fazem por que assim viram fazer, em outras regiões, sem in-



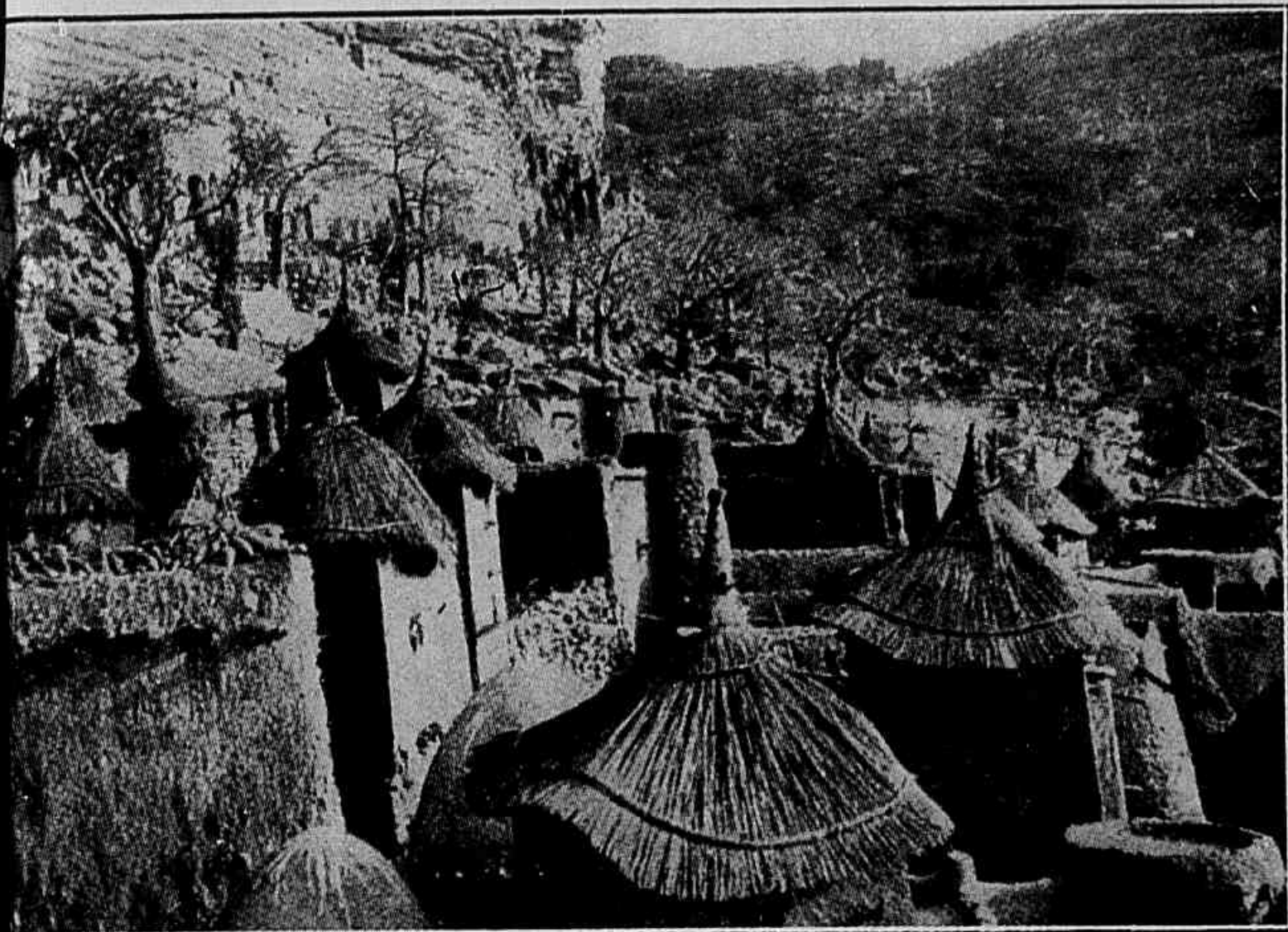
Processo primitivo mas effcaz de impermeabilisação ao calor — Os negros do Habbê, sem conhecimento dos modernos principios de architectura e dos productos de que o mundo civilisado dispõe para impedir a passagem do calor e do frio conseguem manter suas moradas ao abrigo do sol causticante da Africa mediante espaçosos telhados com camadas alteradas de lenha, piassaba e bambu.

dagar a utilidade de tal recurso. O terreno é arido, inclinado, poroso; as chuvas alli são raras; não ha, nos arredores, riacho, que possa transbordar, provocando inundação; porem elles se dão ao trabalho de construir cabanas elevadas, como se estivessem em terreno alagadiço; por imitação isenta de qualquer raciocinio.

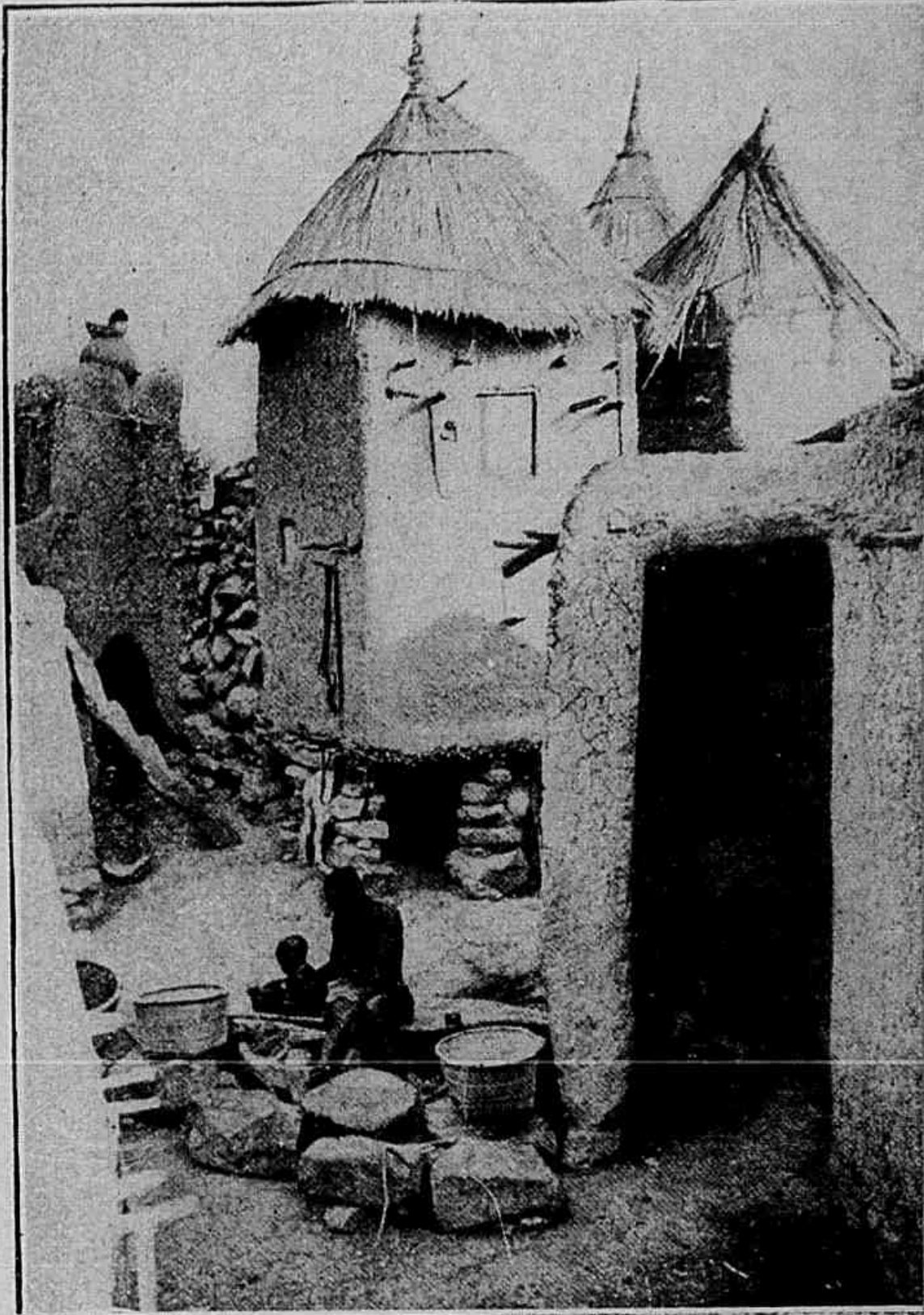
○ ○ ○

Ha espiritos tão estereis que não produzem nem tolices.

Grupo de casas do Habbê construidas por processo inhabitual. Em vez de argamassa sobre rede de bambus, pedras superpostas sem argamassa.



Uma aldeia de negros Habbê cujas casas são construídas com interessante ecletismo; em estylo arabe com tectos caracteristicamente abyssinios.



Embora a região em que vivem seja arida, quasi sem agua, os Habbês elevam suas moradas do solo como se temessem alguma enchente. Quanto ao aspecto e methodos de construcção apparentam-se evidentemente aos dos Beduinos do Sahara.

COUSAS NORTE-AMERICANAS — *Lindbergh abandonou os Estados Unidos, por não poder viver alli; mais recentemente o actor Wallace Beery mandou para fóra de sua patria seu filho adoptivo por que toda policia norte-americana era impotente para protegê-lo contra os gansgters.*

Agora, acaba de ser publicado em New York um livro, que, embora custe cem dollars (1:500\$) por volume, está vendendo rapidamente toda a edição. Por que? Que contem esse livro tão caro e que encontra tantos compradores? Apenas os verdadeiros endereços e os verdadeiros numeros de telephones dos mais ricos habitantes dos Estados Unidos.

Como já se devia imaginar, dados os costumes norte-americanos, todas as pessoas de grande fortuna tem alli telephone com nomes suppostos ou numeros secretos. Tudo isso vem desvendado no famoso livro e, de ora em diante, nenhum dos Cresus da terra de Tio Sam poderá mais ter um minuto de socego.

○ ○ ○

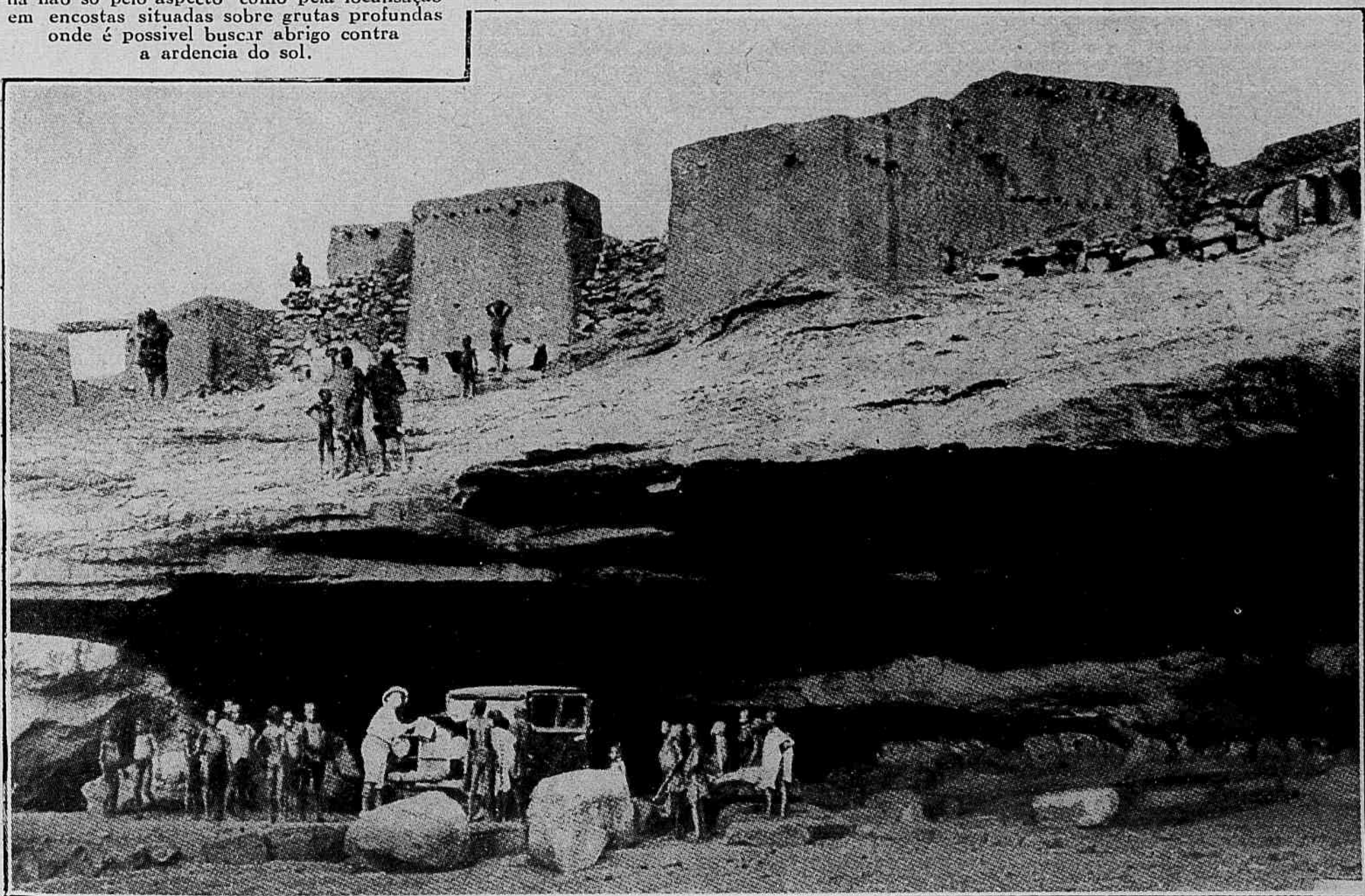
Ainda a influencia arabe no Senegal —

Edifícios que lembram os do sul da Palestina não só pelo aspecto como pela localização em encostas situadas sobre grutas profundas onde é possível buscar abrigo contra a ardência do sol.

Antes de se queixar da sorte, verifique bem se não será

mais justo queixar-se de si mesmo. — DANTE.

Para fazer carreira em politica é preciso parecer louco, mantendo porem juizo perfeito.



QUE FOI O QUE ELLE ESQUECEU ? — Test para detective-amador



No dia em que o acaso lhe permittiu descobrir que seu patrão, o Sr. Pyke era um contrabandista, sentou-se diante d'elle, accendeu um cigarro e disse.— Agora, meu velho, vida nova. Quando estivermos a sós, viveremos de igual para igual e tem que me dar



O senhor Pyke fingiu concordar, confessou que estava em suas mãos e sahio.



Mais tarde, quando voltou, deu ao criado um cheque vultuoso.— Muito obrigado — disse o chantagista.— E agora, para festejar nossa associação, vamos acabar a noite bebendo e fumando um de seus magnificos charutos.



Ainda nessa vez o Sr. Pyke fingiu concordar mas deixou o criado beber quasi sozinho e tanto que...



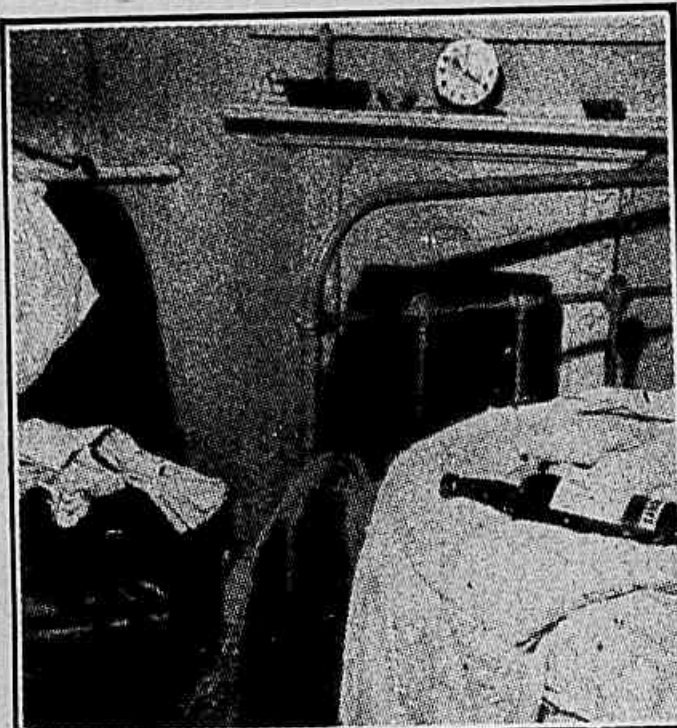
...lá para meia noite, foi preciso que elle o levasse a seu quarto.



No dia seguinte, o criado appareceu em pyjama, cahido, no pateo para onde seu quarto dava uma janella. Tinha a columna vertebral partida. Evidentemente morrera na queda.



Ao policial, que compareceu, o Sr. Pyke declarou que seu criado dera para se embriagar, fechado em seu quarto. Provavelmente, bebendo, debruçara-se na janella e cahira.



O policial foi ao quarto do criado e alli encontrou varias garrafas vazias occultas num armario e uma em cima do leito.



Deu minuciosa busca em tudo quanto havia alli. Depois, fez uma só pergunta ao Sr. Pyke.

O Sr. Pyke não poud responder a sua pergunta e foi preso como assassino., Que pergunta fez o policial?

(Vejam a resposta na pag. 92).

COMO NOS ROMANCES — Mais até. O romancista, de que se achesse a apresentar ao publico, como fantasia sua imaginação, a aventura real, que os jornaes norte-americanos noticiaram em Agosto ultimo, seria accusado do grave delicto de abusar da ingenuidade do publico, accumulando inverosimilhanças intoleraveis.

Foi o seguinte: Viviam em Denver, no Estado do Colorado, dous homens, irmãos gêmeos tão parecidos que, frequentemente, todos os confundiam. Chamavam-se Tom e Harry Sharkey, eram advogados, trabalhavam no mesmo escriptorio e sempre foram muito amigos. Mas, ultimamente, apaixonaram-se ambos pela mesma mulher, uma bailarina chamada Bessie Bolt e passaram a se odiar. Resolveram separar-se mas os interesses da profissão exigiam que,

ptorio, com a porta fechada á chave. Ouviu-se uma discussão aspera, furiosa. Depois um tiro.

Arrombaram a porta. Um dos gêmeos estava morto e outro, com a roupa esvaçalhada, semi-nú, dansava e cantava em torno do morto.

Foi recolhido a um manicomio e a policia não consegue descobrir se o morto é Harry ou Tom; nem se o louco é Tom ou Harry por que elle desde que foi preso mantem absoluto silencio.

Espera que te volte a serenidade para vingar-te. Deixa passar a via mas conserva o rancor. — SENTENÇA ARABE.



Primeira faceirice — Tela de Mme. *Vigée-Lebrun*.

COMO E' FACIL
SABER TUDOVamos fallar e escrever certo? PEQUENA ENCYCLO-
PEDIA POPULAR

A LAMENTAVEL INVENÇÃO DE TERMOS INUTEIS

De uma noticia sportiva:

"No 2.º tempo, o Botafogo reaccionou".

Essa é ainda peor do que o muito fantazista *actuar*. Já recordamos aos incautos. *Acto* e *acção* são os substantivos correspondentes ao verbo *agir*. Quem *age* pratica um *acto* ou uma *acção*. Passar das palavras aos *actos* ou entrar em *acção* significa cessar de discutir e passar a *agir*. Do substantivo *acto* inventaram o novo verbo *actuar*, do qual extrahiram um novo substantivo *actuação*. E dissemos então: "Provavelmente, não tardaremos a ver um terceiro verbo: *actuacionar*, do qual sahirá o outro substantivo: *actuacionamento*..."

Tivemos bocca de praga — como se diz por ahi. Já appareceu o *reaccionar* como synonymo ou succedaneo de reagir. Agora, o

rige provas de composição, sem nunca as ter visto, antes d'isso. Chama-se esse trabalho *revêr as provas*. No exercito, os medicos da Junta de Revisão são encarregados de examinar sorteados, que nunca viram mais gordos.

Mas muita gente escreve sem reflectir ou generalisa com demasiada simplicidade: *Retomar* quer dizer tomar outra vez, portanto *revêr* deve ser — *ver* outra vez. Nesse caso, *receiar* é *criar* uma segunda vez e quem *voltar* aos primeiros amores é um *revollado*.

Tudo isso é tão claro... Entretanto, ha bem pouco tempo, lêmos, em letras gordas, no titulo de uma noticia: "Tão cedo, o publico carioca não tornará a *revêr* Bidú Sayão."

A MANIA DO "A"

"*Cahundo aos pedaços*". É expressão vulgarissima... mas errada. Uma ccusa, que se esboroa cahe em pedaços, em estrias, em estilhaços, em porções. Cahe dividida, esphacelada, fragmentada, partida.

Ora, qualquer d'esses verbos exige a preposição *em*. Dividir *em*, partir *em*, repartir *em*... Portanto seja o que fôr só pode cahir *em* pedaços.

De outra noticia:

— O *passaporte* foi *parar* ás mãos do *commandante da região*.

Não. Elle foi ás mãos do *commandante*, mas, por isso mesmo, *parou nellas* e não *a* ellas.

A DESNACIONALISAÇÃO

Um jornal, noticiando um incendio, disse:

"*Ergueu-se no ar uma espessa columna de fumo negro*".

No Brazil, ninguém dá o nome de *fumo* aos vapores visiveis de uma combustão. *Fumo*, para os Brasileiros, é um vegetal, que se utiliza em cigarros, charutos e cachimbos. Para o que o jornal chamou *fumo* temos o termo *fumaça*.

Por que escrever aqui, como se não estivesse aqui? Os Portuguezes dizem que "os povos fortes não se descuidam de dar a seu idioma um caracter bem nacional."

Alguns jornaes da capital do Brazil parecem ter a preocupação de estrangeirar nosso idioma.

Não temos o snobismo de querer abrazilizar tudo; consideramos pueril a mania de dizer *cinesiphoro* em vez de *chauffeur* e lista ou *cardapio* em vez de *menu*. Ha centenas de palavras, que foram adoptadas por todos os povos do mundo civilizado e, por isso, não podem mais ser consideradas francezas ou inglezas — são universaes: — *tennis, touriste, club, garçon, orpheon, garage, pantheon, film*... Somos dos primeiros a aconselhar a adopção d'essas palavras, porque ha nisso a vantagem de approximar nosso idioma dos grandes idiomas, os mais fallados e conhecidos no mundo inteiro. Mas parece-nos inconveniente e impatriotico, substituir termos, que sempre foram nossos, por outros peculiares a uma só lingua estrangeira.

MANEIRAS DE DIZER DEFEITUOSAS, QUE SE TORNARAM DE USO CORRENTE

"Foi isso que elle disse." "São elles que me obrigam a trabalhar".

É impossivel analysar orações assim compostas e isso é bastante para provar que ellas não são perfeitas. O certo é dizer: "Foi isso o que elle me disse." "São elles os que me obrigam trabalhar."

A DICÇÃO NO RADIO

Continúa, especialmente nas horas de radio-theatro a salada de sotaques de todas as provincias de Portugal e as fantazias de prosodia de *speakers* nacionaes, que, a força de fallar com affectação, acabam por

criar uma lingua nova, quasi incomprehensivel para ouvidos brasileiros.

Ha um que diz *esmêro, algôz, absôrta* e *Pilacido Ferreira*.

Em um drama muito conhecido, irradiado, ha dias, ouvimos barbaridades como as que se seguem:

Comprimetido, p'scoço, b'cleza, f'liz, m'nina. Seu d'junto marido. Ha um mez, que não se lhe pôe a vista. Peço a mão da m'nina Suzanna. Isso quanto a pronuncia e maneiras de dizer estrangeiras. A grammatica soffreu attentados como: "Não quero ficar em divida comsigo". "Não teria para si palavras de piedade..."

CORRESPONDENCIA

CANDIDO S. (Rio). Deve se dizer: "*ensinar alguma cousa a alguém*" ou "*ensinar a alguém isto ou aquillo*", porque a verdadeira signifi-

Dôres nas Costas

Synonimo de
Perturbação Renal

O tormento do Rheumatismo, das dôres nas costas, da sensação de "envelhecimento," das dôres nas juntas, é devido exclusivamente ao funcionamento anormal dos rins.

Os rins executam o trabalho importantissimo de reter por filtração as substancias nocivas ao organismo. Dia e noite este ultimo produz taes elementos—acido urico, bacterias vivas e mortas e cellulas diversas bem como outros productos que acarretariam rapidamente a vossa morte si lhes fosse permittido permanecer no vosso organismo.

As Pilulas De Witt para or Rins e a Bexiga são elaboradas para o fim especial decurar os rins doentes. De modo brando mas seguro ellas tonificam os rins de tal maneira que estes possam executar o trabalho que a Natureza lhes confiou. Os toxicos accumulados são filtrados e elliminados do organismo e novamente podereis desfructar saude e gozar a vida.

Pilulas DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

peccado é mais grave porque existe o verbo *accionar*, termo uridico, com o sentido de *instaurar* uma "*acção*" — outro termo juridico, adoptado para significar o conjunto de actos praticados, no fôro, pró ou contra alguém.

Ha tambem o substantivo *reacção*, com o sentido geral de *acção contra*, mas o verbo, que lhe corresponde é reagir por que, tendo o verbo *accionar* senso restricto, meramente juridico, o chronista attribuiu ao Botafogo uma *acção* contraria ao outro club, nos pretorios ou tribunaes e não no grammado.

É provavel que seu engano tinha nascido do máu emprego commum do prefixo *re*. Os jornaes continuam a utilizar o verbo *reer* no sentido de *tornar a ver* e não no de fazer uma revisão, isso é — um exame attento.

Nos jornaes dá-se o nome de *revisor* ao tecnico, que lê e cor-



revisar.

ação do verbo ensinar é mostrar. Em latim, dizia-se, *insignare* de *insignia*, de *in signum*, que significam *em signal*, para mostrar, para que fosse visto. Em hespanhol, o verbo *enseñar* significa ainda mostrar. Em francez a palavra *enseigne* significa, *insignia*, quadro, *taboleta*, cousas, que mostram. Por extensão, ensinar significa *instruir* por que o professor *mostra* o que *são* ou *como são* ou *como se fazem* as *cousas*. Portanto, ensinar alguém é mostrar essa pessoa a outras. O professor ensina aos alumnos.

R. DE C.

Que foi que elle esqueceu ?

Solução do test para detectives (Pag. 88)

Havia no quarto do criado muitas garrafas vazias. Mas nem um sacca-rolha nem outro qualquer instrumento para abri-las.

A pergunta do policial foi esta:

— Mas como abriu elle essas garrafas ?

POLYGAMIA — Ao contrario do que muita gente acredita — pelo menos nos paizes de civilisação occidental — a polygamia não desapareceu do mundo.

O Coram, evangelho dos Mahometanos, prohibe que o homem honesto e crente tenha mais de... quatro esposas legitimas. E sabem quantos Mahometanos ha no mundo? Só no Oriente Proximo, no norte da Africa e na India 200 milhoes.

Entre as tribus africanas de Bantus e Hamiticos, os maridos, que tem varias esposas, devem manter cada uma em uma casa separada com seus filhos. Essa forma de polygamia é mais intelligente do que o systema de gynecceu ou serrallo, adoptado pelos Turcos.

Na Melanesia, o rendimento de um chefe consiste principalmente no tributo, que lhe é pago por suas mulheres; em algumas regiões da Africa quanto maior é o numero de esposas mais rico é o homem, porque elles é que trabalham para elle. O rei de uma tribu dos Kihuyas, na Africa Central, morreu em 1929, deixando 400 viúvas. E seu enterro teve o acompanhamento de 582 filhos.

No Japão, a polygamia foi legal até 1880 e ainda hoje ha sociologos, que consideram indispensavel voltar á polygamia para attender ao desequilibrio provocado pelas ultimas guerras. Em quasi todos os paizes do mundo, o numero de mulheres é maior do que o dos homens. Só na Inglaterra, o excesso de mulheres condemnadas ao celibato por falta de homens é de um milhão.

UMA BELDADE nova cada dia...

... para aquellas que seguem o "Regime Simon".

O CRÈME SIMON

guardião da saúde e da beleza da epiderme da a todas, um aspecto deslumbrante de frescura.

OS PÓS SIMON

idealizam o rosto de cada mulher. Elles adherem maravilhosamente.



O SABÃO SIMON

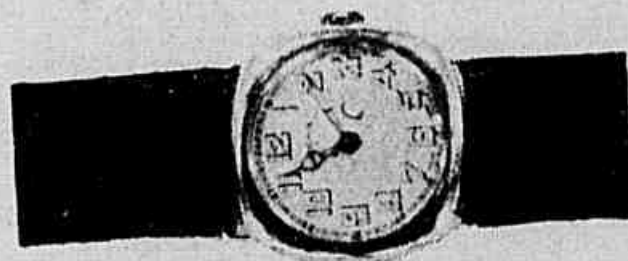
é recommendado para as epidermes delicadas.

PARIS

UNICAMENTE

Portella's

Offertas Especiales Exclusivas



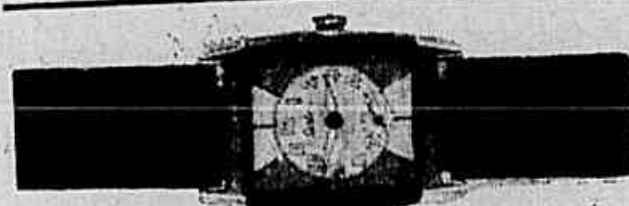
35\$

1J. Chromado, mostrador luminoso, para homem.



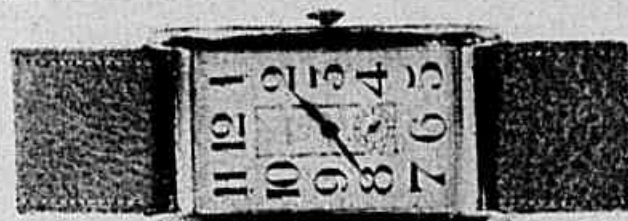
55\$

6M. Chromado, Suisso, Cilindro, para homem.



80\$

20M. Suisso, folheado a ouro, para homem.



110\$

30N. Suisso, folheado a ouro para homem.



45\$

7M. Chromado, Suisso, Cilindro, para senhora.



85\$

9 M. Chromado, Ancora 15 Rubis, para senhora.



75\$

40N. Suisso, folheado a ouro, para senhora.



110\$

50 N. Ancora, 15 Rubis, folheado a ouro, para senhora.

BRINDE — Offerecemos um Brinde a todo comprador.

CORRESPONDENCIA — Deve ser dirigida a PORTELLAS, Caixa 3666, Quitanda 95, Rio de Janeiro.

PAGAMENTO — A importancia pode ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque.

GARANTIA — Devolvemos o dinheiro se o artigo não agradar.

REMESSA — E' feita por correio, as despesas por nossa conta.

PEÇAM CATALOGO



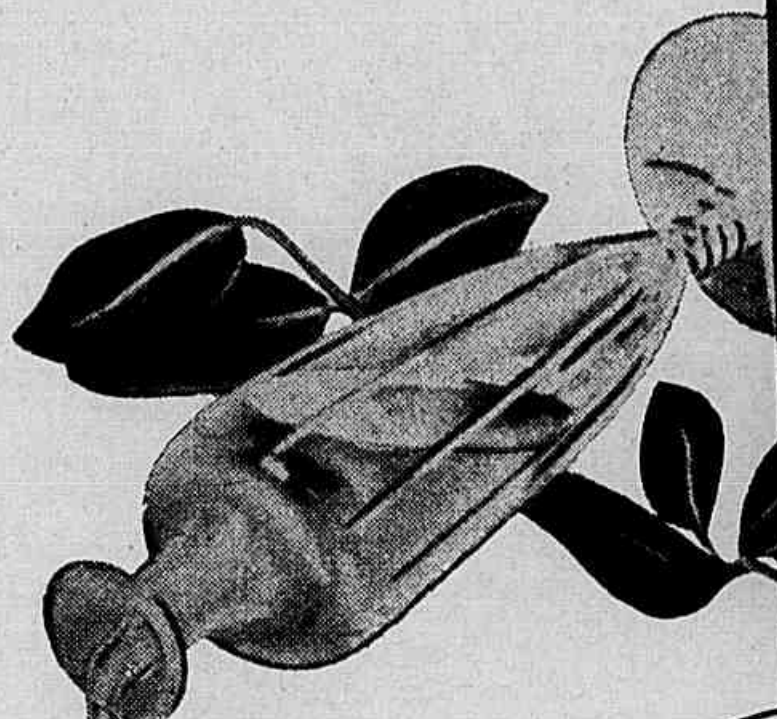
**E' a pelle
que os
homens
notam
primeiro**

SI sua pelle tem pequenos defeitos não conte só com a "maquillage" para disfarçar-os. Lembre-se que a "maquillage" é útil porque realça e aviva a sua beleza, mas por si nunca poderá corrigir defeitos e imperfeições da pelle. A "maquillage" só tem valor enquanto dura. Procure tratar a pelle. Isto não será difícil, usando regularmente Leite de Colonia. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pelle, corrigindo e removendo definitivamente os defeitos e imperfeições da pelle, e dando-lhe o aspecto sadio e juvenil que os homens apreciam.

Leite de Colonia

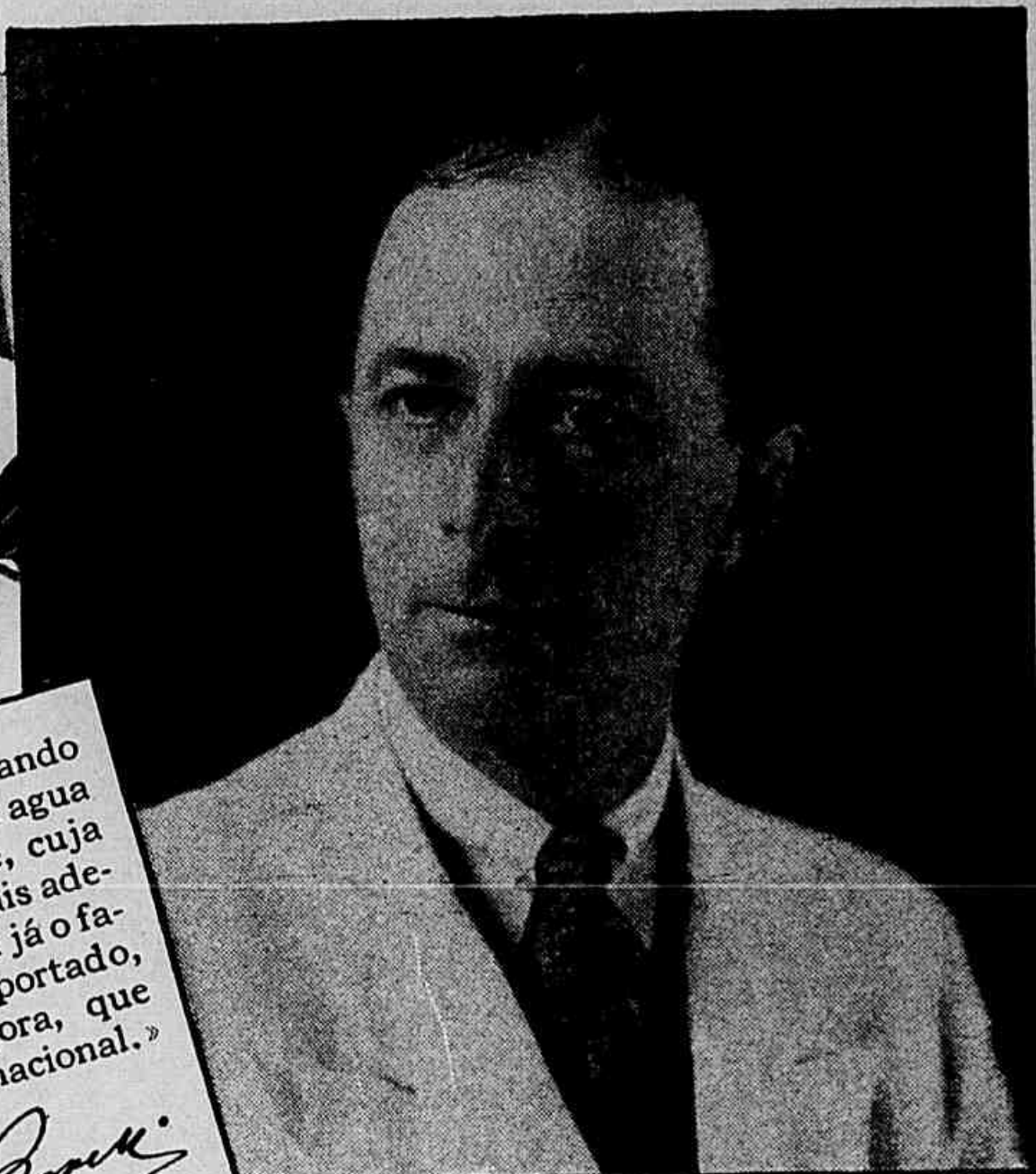


RECOMENDAÇÃO DE LAUREADO FACULTATIVO PATRICIO QUE DEVE APROVEITAR



«...tenho a preocupação de recomendar, quando as crianças começam a fazer uso do banho em água e sabão, o emprego do Sabonete Palmolive, cuja composição de óleos de palma e oliva é a mais adequada à sensível epiderme infantil. Se assim já o fazia quando o Palmolive era um sabonete importado, com muito mais razão o recomendo agora, que Palmolive é um producto genuinamente nacional.»

Armenio Borelli



DR. ARMENIO BORELLI

Docente livre de clinica cirurgica da Faculdade; Premio Manoel Feliciano (Medalha de Ouro) de cirurgia; Laureado pela Academia Nacional de Medicina; Chefe da 20.^a Enfermaria de cirurgia da Santa Casa.

POR QUE EMINENTES ESPECIALISTAS RECOMMENDAM O SABONETE PALMOLIVE

As mães, para quem o bebé é o maior encanto de sua vida, não seriam capazes de expor a pelle sensível e delicada de qualquer de seus filhinhos ao perigo do banho com um sabonete menos suave do que o escolhido para as pequenas Dionne! Palmolive é o sabonete recomendado por notáveis especialistas em todo o mundo para o

banho das crianças, porque a combinação secreta dos óleos de oliva e de palma de que é feito beneficia a delicada e sensível pelle infantil, conservando-a fresca e macia. No folheto "A Belleza — como obtel-a" se encontram conselhos uteis sobre o tratamento dos bebés. Peça-o á Palmolive, Rua Mayrink Veiga, 28 — Rio de Janeiro.



A613



O Dr. Dafoe, medico assistente das "quintuplas" Dionne, escolheu exclusivamente o Sabonete Palmolive para o seu banho diario.

Conserve Essa Cutis Juvenil Que Convida a Acaricial-a!

ANNO XXI
N. 6
Nov. 1937

QUEBRA-CABEÇAS

DIRECTOR
DR. LAVRUD
SECRETARIO
DABLIU'

4.º Torneio — Outubro a Dezembro

dica ao serviço de Deus, considera com piedade qualquer parte onde está a imagem de Christo, um lugar santo.

ENIGMAS

44 — Nesta grande barafunda
 Ha trez irmãs, não confunda!...
 A primeira uma damnada
 E por signal criminosa;
 A segunda moderada,
 Tem virtudes é mui bondosa;
 A terceira é Celestina,
 Pequena de allucinar;
 Porem, não é nada facil
 Seu coração conquistar!...

Duo x.

Para o Sidney matar com o olhar:

45 — Uma cabra ponha á venda
 A qualquer homem que vier.
 Mas, depois do que fizer
 Deixe a mula na "fazenda".

R. KURBAN — (S. Paulo)

46 — Descubra caro confrade
 Que é facil a solução:
 Como ter numa cava
 Uma enorme "multidão"?

AMIRA — (S. P.)

Ao Mawercas:

47 — Por Deus, começo pedindo
 A fé: Mawercas seja bemvindo,
 Com calma vá esta decifrar.
 E' simples, não é difficil não,
 Pois certo estou, que logo a mate,
 Vendo nos finaes o papão
 A dizer enorme *disparate*.

OICAROH — (Campinas)

NOVISSIMAS

48 — Duas-duas — Por que ha
 pae que *prefere bater* no filho,
 quando este chora, ao enganar
 com brinquedos?

Duo x — (Rio)

49 — Duas-duas — A *mancha*
redonda cinzento e branco no pello
 do cavallo foi aproveitada pelo
 cavalleiro para exhibir *fanfarrice*.

T. NIENTE — (Campinas —
 S. P.)

50 — Duas-uma — Quem se *ae*

ICARO — (Maranhão)



Apenas numa hora a
MAYTAG - Lava-
 deira electrica de alumi-
 nio - lava, enxagua, tin-
 ge ou anila, melhor do
 que a mão, a roupa suja,
 ainda mesmo que encar-
 dida, de uma semana.

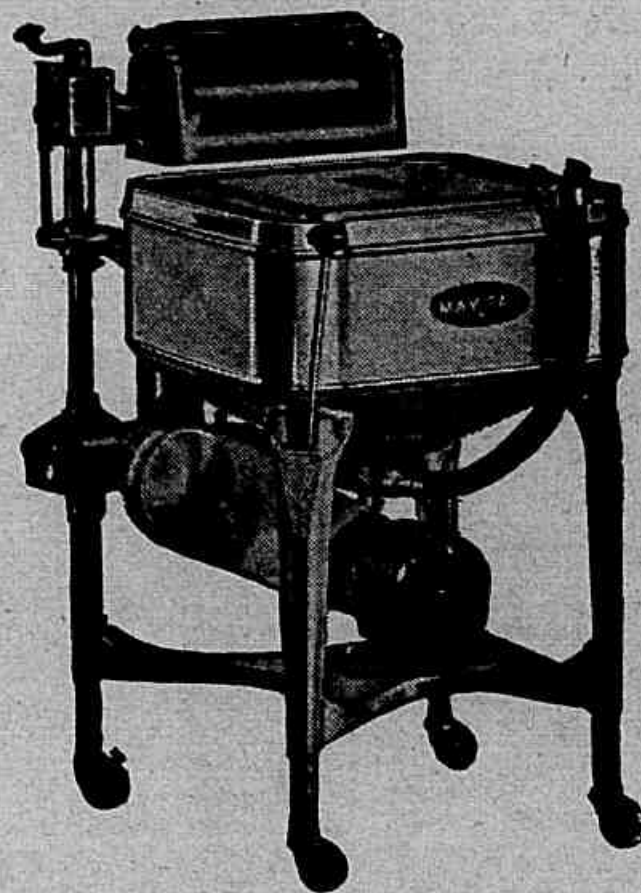
Depois de espremida
 nos rolos de borracha
MAYTAG, a roupa fica
 quasi secca e mais alva,
 sem quebrar os botões

De consumo imperceptivel de força,
 paga-se a si propria, dentro de pou-
 co tempo, pelos prestaveis que a
 permanentemente, serviços inestima-
 qualquer hora do dia ou da noite.
 Lavar roupa com a **MAYTAG**
 constitue um agradável passatempo.
 Novo plano de vendas em modicas
 mensalidades.

Com prazer demonstrar - lhe - emos
 em sua residencia o funcionamento
 da **MAYTAG** e as vantagens
 provenientes dessa aquisição.

Pegam-nos catalogos

EMPRESA MERCEDES — Irmãos Hering
 Rua Xavier de Toledo, 15 - Tel. 4-0499 - São Paulo



J. M. COSTA JUNIOR

REPRESENTANTE GERAL EM S. PAULO — ENDEREÇO TELEGRAPHICO "REVISTA"



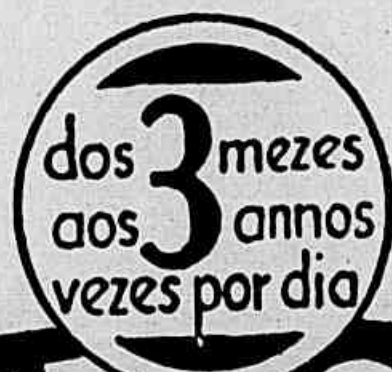
facilite

a
dentição do seu bebê

com a MATRICARIA F. DUTRA e a dentição correrá sem o menor incidente. Refresca as gengivas, facilita a dentição, evita as desordens do estomago, as colicas, a diarrhêa, a febre, a insomnia e as convulsões communs nesse periodo.

Aconselhada por mais de 200 medicos, entre os quaes o Dr. A. de Castro Lima, que attesta: "Tenho applicado a MATRICARIA F. DUTRA com grande vantagem em minha clinica, inclusive em meu proprio filho".

ARAÚJO FREITAS & C.



RIO OURIVES 88

MATRICARIA
F. DUTRA

TENAX

51 — Duas-uma — *Guarde á vista o relicario e mande cá o lacato.*

(SEM ASSIGNATURA)

52 — Duas-uma — *O rei de Lacio foi até certa idade um perdulário.*

MANCORGAN — (Rio)

53 — Duas-duas — *Por causa de uma ave galinacea teve que ir a policia responder o caso do "Francoulino".*

BIGI NETO

54 — Uma-duas — *A consciencia é um precioso dom do homem.*

ALCINO DE ANDRADE — (Rio)

55 — Uma-duas — *O escriptor portuguez, como qualquer leigo foi viver como aldeião nos arredores de Lisboa.*

MEGAREO FILHO

56 — Duas-uma — *Ai, meu Deus! eu não concordo em saber que um corpo tão precioso tenha por fim uma cova immunda.*

CORINGA — (Rio)

57 — Duas-duas — *A busca teve pouca duração, devido a disposição de animo do explorador.*

AMIRA — (S. Paulo)

58 — Trez-duas — *Esse homem é estúpido depois de apanhar, como sempre da mulher, ainda conta bazofia.*

VESCHIA

59 — Duas-trez — *A jebre maligna ao atacar a pessoa, deixa-a de ta forma enfraquecida, que a extravagancia que se faz acompanhar provoca espanto que priva do juizo.*

CANTIO — (Rio)

60 — Duas-uma — *Defeito moral é uma sensação ingrata que tem o censor.*

VESCE — (Rio)

61 — Duas-duas — *Mesmo sem carrestia vê-se o alforge, nas mãos de grávido e miudo, a caminho das feiras publicas.*

MARTE — (Rio)

62 — Duas-duas — *Da especie desta mulher, só conheci uma: a nympha que Apollo metamorphoseou em fonte.*

VINICIUS — (Rio)

63 — Uma-uma — *A nota que na roda vibrava era lastimosa como*

as que se tocam na igreja cathedral.

VINICIUS — (Rio)

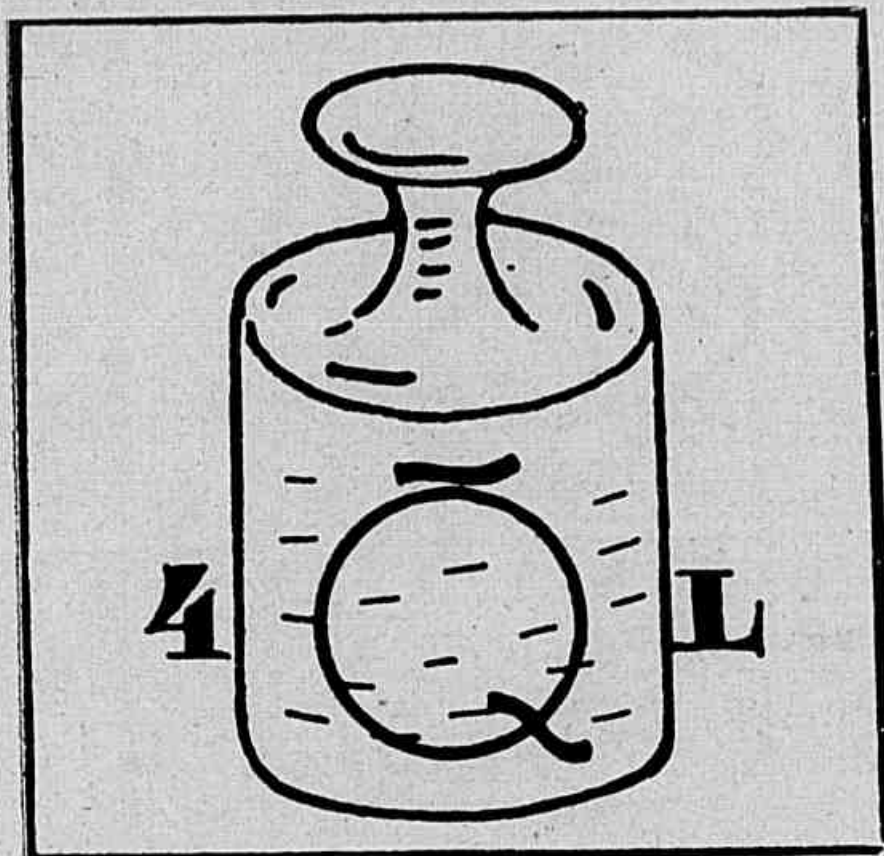
64 — Uma-uma — *Fu consinto pronunciar as palavras certas por ser de utilidade.*

SONHADORA — (Rio)

QUER GANHAR SEMPRE NA LOTERIA?



A ASTROLOGIA offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA e FELICIDADE. Orientando-me pela data de nascimento de cada pessoa, descobrirei o modo seguro que com minha experiencia todos podem ganhar na loteria sem perder uma so vez. Mande seu endereço e 600 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA" - Milhares de attestados provam as minhas palavras. - Meu endereço: Prof. PAKCHANG TONG. Gral. Mitre 2241 - Rosario (S. Fé) - (Rep. Argentina).



CANTIO — (Rio)

ANTIGAS

Ao Sr. charadista El Principe Lolico:

66 — O heresiarcha e padre de Alexandria — 3
 Usava um só tecido o anno inteiro — 1
 Era dado a fazer feitiçaria
 E, dest'arte, tido como agoureiro.

MISS FLY — (João Pessoa)

67 — Até para se morrer — 1
 É preciso imaginar — 1
 O que temos de soffrer
 E como nos sepultar.

MISS ELAINE — (A. C. L. B.)

Abraçando reconhecido o grande mestre
 Dr. Cesario Malaiaia.

(FLIRT...)

68 — Olhaste-me. Eu te olhei e o nosso olhar,
 Unido, falou tudo sem fallar. — 2
 Sorriste. Eu te sorri e a nossa bocca.
 Em jubilos, se abriu de paixão louca.
 Beijaste-me. Beije-te e os nossos beijos,
 Perfumes rescendiam de desejos.
 Amaste-me. Eu te amei. Hoje... cansados,
 Vivemos á lembrança acorrentados. — 2
 Mentiste-me. Menti. Visões! Alfim,
 Engano, fantasia! A vida é assim!

GONDEMAGA — (Rio)

ENIGMA FIGURADO — 69



OICAROH — (Campinas)

SERVIDORES DO ESTADO, AMPARAE VOSSAS FAMILIAS!

No MONTEPIO GERAL DE ECONOMIA DOS SERVIDORES DO ESTADO, que completou 100 ANOS DE EXISTENCIA A 10 DE JANEIRO DE 1935, podeis instituir uma pensão VITALICIA para vossa esposa, filhos ou entes que vos são caros, prolongando após vossa morte a protecção que lhes deveis. As tabellas do MONTEPIO são modicas e actuarialmente calculadas.

O seu patrimonio é de Rs. 23.917.251\$000.
 As suas reservas technicas são de Rs. 9.448.708\$000.

Em 100 annos soccorreu a viúvas e orphãos de seus ex-associados com a importancia de Rs. 50.061:196\$000, além de Rs. 491:514\$700 em bonificações ás pequenas pensões. Para commemorar o seu 1.º centenario concedeu uma dadiua, no valor global de Rs. 300.000\$000, ás suas pensionistas. Actualmente as pensões annuaes attingem a Rs. 742:603\$800 distribuidas por 2.759 pensionistas. O MONTEPIO está em dia com todos os seus compromissos.

Podem ser associados do MONTEPIO:

- 1 — Os funcionarios publicos federaes, civis e militares, e bem assim os funcionarios estaduais e municipaes.
- 2 — Os membros dos Poderes Executivo e Legislativo durante o prazo dos seus mandatos, quer federaes, estaduais ou municipaes.
- 3 — Os administradores e empregados de empresas ou bancos subvencionados ou administrados pelo Governo da União.
- 4 — Os membros de associações scientificas que recebem auxilio do Governo Federal.

A pensão não póde soffrer arresto nem penhora e é paga até o ultimo dia de vida da pensionista.

“A PREVIDENCIA ADIADA E' MAIS CRIMINOSA QUE A IMPREVIDENCIA”

A Secretaria do MONTEPIO (Travessa Bellas Artes, 15 — junto ao Thesouro Nacional) vos prestará todas as informações e vos remetterá prospectos e folhetos com as precisas instrucções (telephone 22-6362). Nos Estados sereis igualmente informados nas respectivas DELEGACIAS FISCAES.

FUNCIONARIOS PUBLICOS, INSCREVEI-VOS SEM DEMORA COMO SOCIOS DO MONTEPIO GERAL DE ECONOMIA DOS SERVIDORES DO ESTADO

CASAES

70 — Trez — E' preciso estylo para se conduzir uma arma portatil.

CANTIO — (A. C. L. B. — Rio)

71 — Quatro — E' mentiral Eu não faço enredos.

DR. JOMOND — A. C. L. B. — Itauna — Minas

72 — Trez — A absolvição do reu, foi para dar ao povo, uma satisfação.

VISCE — (Rio)

73 — Quatro — Remunerar-se a toda pessoa que tenha aspecto agradável.

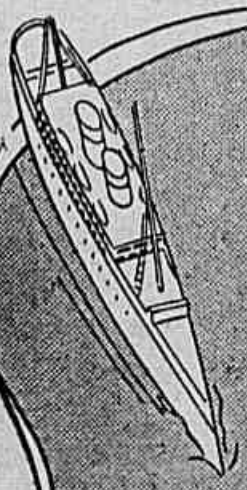
CANTIO — A. C. L. B. — (Rio)

74 — Quatro — Aquelles? Estão arriscados a perder a vida nas ilhas Canarias.

ALTER EGO

75 — Trez — Toda mulher bu lhenta gosta de homem rixoso.

MISS ELAINE



GESSY APRESENTA
pela primeira vez no Brasil
AVITAMINA DA BELLEZA

PARA A BELLEZA DA EPIDERME

Gessy!

● Recentissima descoberta da Biologia, a Vitamina F possui extraordinária acção revitalizadora da pelle e do couro cabelludo. Incluindo-a, concentrada, na massa de seu famoso sabonete, Gessy proporciona, pois, á mulher brasileira, a ultima conquista da Sciencia e da Technica, a serviço da Belleza!

Contém
VITAMINA "F"
 concentrada!



...VALE POR UM TRATAMENTO DE BELLEZA!

76 — Duas — Um homem *inclinado á pieadde*, não quebra um *vaso de pedra* na cabeça de uma mulher.

SONHADORA

77 — Duas — Carlos Gomes foi um *genio* na *musica*.

DUPLA — RIO — SÃO PAULO — (Rio)

Para companhia do Sozinho:

78 — Trez — Forte é o *esteio* da *assistencia* em que se *assenta* a fama do artista.

R. KURBAN — (S. Paulo)

79 — Duas — Ganhei um *presente* da *dona* da "*pensão*".

EL PRINCEPE — (A. C. L. B.)

ADEUS CALLOS!



Porque soffrer o martyrio dos callos quando umas poucas gottas de GETS-IT trazem allivio instantaneo? Poucos dias mais tarde a callosidade se descascará, acabando com esta afflicção desnecessaria.

GETS-IT

80 — Trez — A *união de quatro peças eguaes* em um *escudo*, foi mencionada nas *lições escriptas dictadas* por um professor.

ANHANGUERA — (Tabapuan — S. P.)

81 — Duas — Este *apparelho* *funciona* com *perfeição*.

ARIEVILO — (Nichteroy)

82 — Duas — Estive na *eminencia* de *rolar* a *encosta*.

RADGE — (Rio)

83 — Duas — Está parecendo um *tumor* o que elle tem no *hombro*.

THAIS AHMES — (B. Horizonte)

84 — Trez — A grande ave gallinacea das mattas do Brasil pousou na especie de pereira silvestre.

VESCHIA

85 — Trez — Da sua declaração para segurança dos meus bens. nada reserve.

MISTER BOB

86 — Trez — E' bem notorio o rasto que o culpado deixou.

ANATOLIO — (S. Paulo)

87 — Duas — Toma cuidado, Celina!
Deixa de assanhamento!...
De teus namoros, menina,
Não quero ser instrumento.

MARWECAS — (A. C. L. B. — Rio)

88 — Quatro — Quando fico entregue a diversões fico muito distraído.

ANHANGUERA — (Tabapuan — S. P.)

89 — Trez — Este peixe do mar, tem uma crosta na pelle produzida pela mortificação das partes atacadas.

MEGAREO FILHO

90 — Quatro — Vê se livra a entrada da porta com a tirada do que estorva.

KCHIMBOW — (Rio Claro)

91 — Trez — Do que vale ser soberano ac um estado pobre?

DUO X — (Realengo — Rio)



TINTAS
PARA IMPRESSÃO

DA SECULAR FABRICA

JÄNECKE & SCHNEEMANN
HANNOVER (ALLEMANHA)

Agente e depositario geral para o Brazil "PIAM"
PHARM. & COM. DO BRASIL LDA. — R. DO OUVIDOR 15, 2.º — RIO
TELEPH. 43-4262

92 — Trez — Carece o pobre de todo quanto é necessario á vida.

RUTHAR — (Rio)

93 — Trez — No carro de transporte foi esquecido o chapéo de Mercurio.

ANAXAGORAS — (S. Paulo)

94 — Trez — Não tem bom senso quem sobe em um monte pequeno e de forma arredondada.

HERON SILPS

95 — Trez — A fé é o maior dogma.

FONTELISIO — (Viseu — Portugal)

LOGOGRIPHO — 96

Aos veteranos Bisilva e Athenas:

Foi na "ilha da Bahia" — 6-5-4-7

Tai e qual uma bala,

Um "genio" surge na sala — 8-10-6-5.

Onde o povo se reunia.

GUARANIL
E' OU NÃO E
MELHOR DO QUE
ESPINAFRE ?!...

ÉÉÉ!

LABS. RAUL LEITE
RIO

GUARANIL
TÔNICO CONCENTRADO

Do "demonio" mensageiro, — 4-5-11-7.

Galgára alli a janella

Atirando uma "arruela", — 8-9-3-2.

Ao pessoal, muito ligeiro.

O pessoal sem muito custo,

Deixou de lado o "trabalho" — 1-5-3-2.

Devido ao rebotalho

Que lhe causára o susto.

Não lhes tirou a razão,

O diabo, por pouco.

E o povo, quasi louco,

Não evitou a "confusão".

R. KURBAN — (S. Paulo — A. C. L. B.)

SOLUÇÕES DE MAIO — N. 12

47 — Suo-a 48 — Troca-o; 49 — Casta-o 50 — Doma-o 51 — Congoxa-o 52 — Defesa-o 53 — Luctuoso-a 54 — Destina-o. 55 — Colomba-o 56 — Macaca-o 57 — Delgada-o 58 — Sambuco-a. 59 — Vasco-a 60 — Galeria-o 61 — Bento-a 62 — Peito-o 63 — Lanço-a 64 — Hydra-o 65 — Balanço-a 66 — Pegada-o 67 — Mica-o 68 — Louro-a 69 — De tal gente tal semente 70 — Lata 71 — Amatalotadamente 72 — Escorjamento 73 — Ha um caminho do coração ao coração, 74 — Falerno, 75 — Ramentos, 76 — Aviamento 77 — Entresolho 78 — Sobrepujamento 79 — Estarim, 80 — Aframar 81 — Atalaia 82 — Odelouca 83 — Memoria antiga 84 — Atropos 85 — Varadouro 86 — Manducar 87 — Pos pasto 88 — Logar-tenente 89 — Combatente 90 — Apagado.



A CAMOMILLINA previne ou combate as cólicas, convulsões, diarrhéas, febres e insomnia, communs ao periodo da dentição das creanças.

Os phosphatos e calcareos que entram em sua composição, são necessarios á formação dos ossos, dentes, etc. Dá-se CAMOMILLINA ás creanças, desde 4 mezes de idade.

CAMOMILLINA
Para a dentição das creanças

Ao Dartagnan, com os meus cumprimentos:

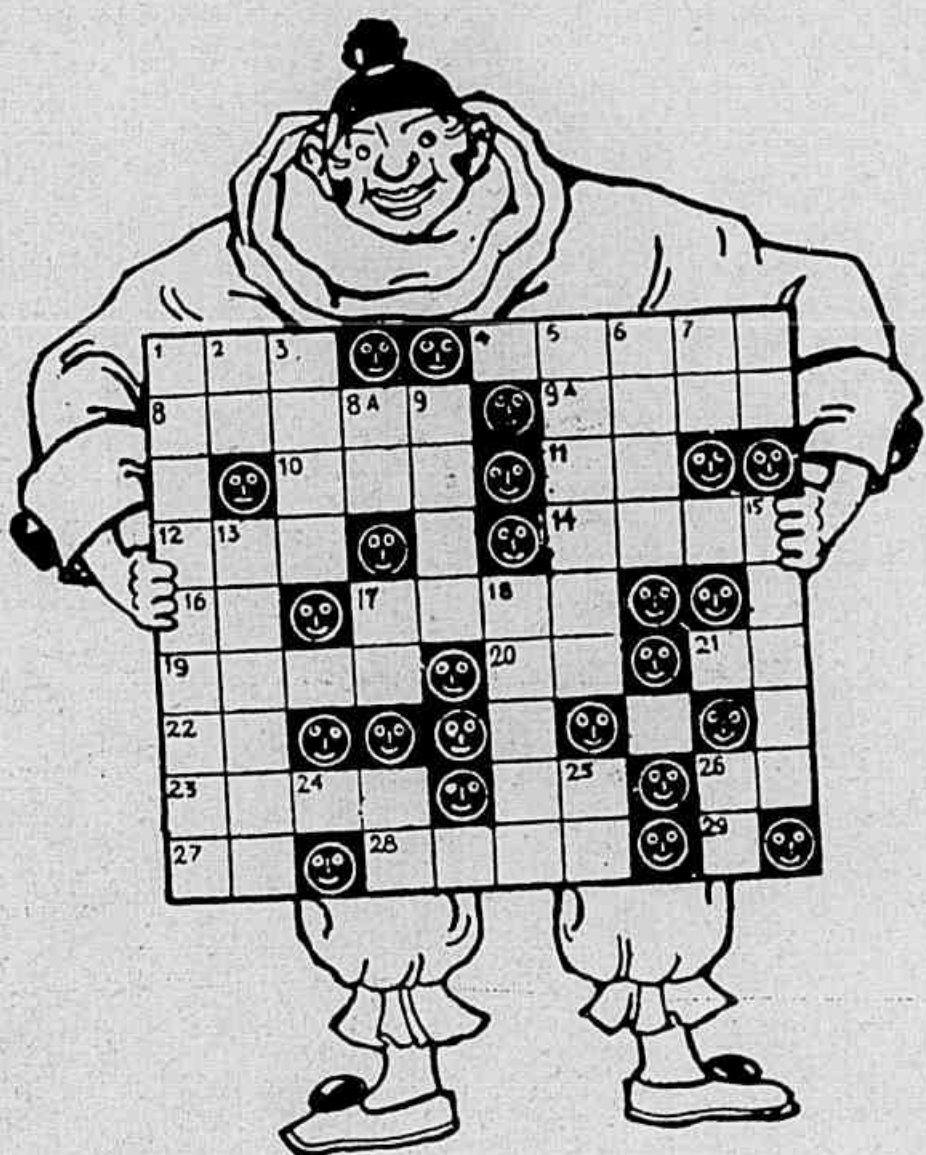
DECIFRADORES

Ed Lyrial, Cartos, Gondemaga, Mawercas, Oicaro, Lis, Don Roal, Durmel, Violeta, Alvasco, Luar, Litha, Emauro, K. Nivete, Tercio Filho, R. Kurban, Anaxagoras, Esculapio, Zeilah, Vescha, Paco, Cardeal, Ulrica, Dr. Kear, Lidaci, Conde de Rogger, Miss Fly, Megaré Filho, Visce, Conde Ney, Prion, Dr. Zinho, Arievalo, Florentino, Dopasso 44 pontos: Tio Sam, Icaro, 43. Miss Elaine, Frankenstein, 41. Fonteliso (Viseu—Portugal). Cantio 40. Said 39. Esculano 38. Marte, Coringa, Mancorgam, 37. Ruthar 36. Izum Sevla, Castor, Pollux 34. Buridan 33. Bigi-Neto 32. Radge, Thais Ahmés, Solrac, Calepino 31. Mr. Frank, Welton, Notrya, Sadi, Farinha, Gilk Araujo 30. El Principe 28. Anatolio 18. Merops, Dupla-Rio-São-Paulo, 15.

NOTA — Fonteliso e Emauro têm 46 pontos em Abril e Vescha 43 em Março.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N. 1



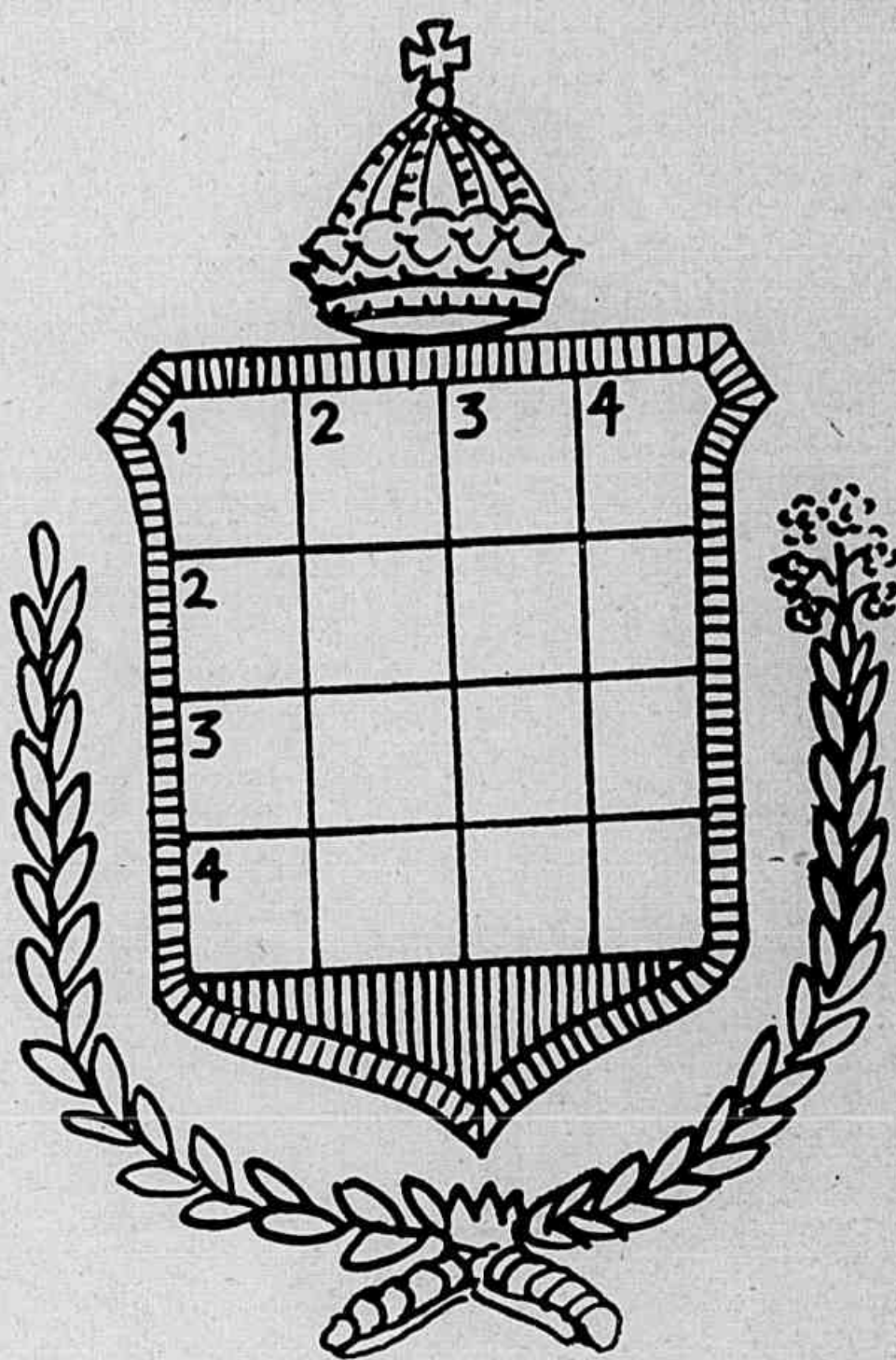
SONHADORA — (Capital)

HORIZONTALS

1 — Recitou. 4 — Cova subterranea para tirar mineraes (pl). 8 — Que abunda em ouro. 9-A — O excesso. 10 — Parte de um continente. 11 — Movimento. 12 — Igual. 14 — Causa (vb). 16 — Nota. 17 — Indole. 19 — Mulher. 20 — Em torno. 21 — Escolhi. 22 — O sol. 23 — Aroma. 25 — Caminhava. 26 — Pedra de moinho. 27 — Sobrenome. 28 — Pedra de ceras. 29 — Acontece.

VERTICAES

1 — Que traz lã (pl). 2 — A consciencia. 3 — Animal. 5 — Representação. 6 — Tenha grande abundancia. 7 — Gemido. 8-A — O ser humano. 9 — Termo. 13 — Comida fria. 15 — Dedicado. 17 — Abreviatura de Baryo. 18 — Pechincha. 24 — Mofa. 26 — A mim.



FORTOS — (Itapemirim)

HORIZONTALS — 1 — Cidade da Moldavia; 2 — Limpar; 3 — Campo raso; 4 — Segurar.

VERTICAES — 1 — Enfeita; 2 — Arbusto da India; 3 — Rio da Russia Europeia; 4 — Sulcar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 2, PUBLICADO EM MAIO

HORIZONTALS

1 — Palos. 7 — Agaos. 12 — Tarrasborraz. 15 — Richelet. 16 — Mui. 17 — Oeiras. 18 — Gog.

VERTICAES

2 — At. 3 — Lar. 4 — Ario. 5 — Orce. 6 — Sahi. 7 — Abia. 8 — Goes. 9 — Art. 10 — Or. 11 — Samo. 13 — Ser. 14 — Zug.

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

O figado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martyrio.

Sãos, óleos mineraes, laxantes ou purgantes, de nada valem. Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada ha como as famosas Pillulas CARTERS para o Figado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam damno; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Figado. Não accete imitações. Preço \$3000.

TINTAS

PARA IMPRESSÃO

MICHAEL HUBER de Munich

DEPOSITARIOS

CAPPUCCINI & CIA.

RUA DA ALFANDEGA, 172 RIO DE JANEIRO

REVISTA DA SEMANA SCENA MUDA

EU SEI TUDO são sempre impressas com as

Tintas MICHAEL HUBER

DECIFRADORES

Welton, Notrya, Sadi, Farinha, Izum Sevla, Dopasso, Florentino Junior, Rose Mary, Paulistinha, Buridan, Icaro, Calepino, Conde do Rogger, Miss Fly, Marte, Coringa, Macorgam, Paulo e Virginia, Mme. Pompadour, Visce, Megaré Filho, Esculano, Alvasco Gilk Araujo, Oicaron, Ls Mawercas, Dr. Zinho, Thais Ahmés, Durmel, Don Roal, Violeta, Frontelasio (Viseu-Portugal). Duas listas sem assignatura, Padre Pedra.

NOTA — Fontelasio e Emauro decifram os problemas de Abril.

VISITA

Esteve nesta Capital acompanhado de sua exma esposa, o nosso bom amigo e antigo collaborador dr. Renato Guimarães, alto funcionario de cartorio em Limeira, Estado de S. Paulo.

CORRESPONDENCIA

Cartas recebidas até 1 de Outubro:

SONHADORA (Capital) — Inscripta com especial agrado. O seu problema de palavras cruzadas, apesar de ser o primeiro que compõe, está muito bom e bem mostra a intelligencia da gentil sonhadora. Continue.

VINICIUS (Capital) — Avê! As nossas paginas estão franqueadas ao valente Vinicius.

VIGARIO DO WELKFIELD (Bahia) — Pois não, seu Vigario, com todo o prazer. Não é preciso o retrato para a ficha, entretanto termos muito prazer em recebê-lo.

MEROPS (Baurú) — Inscripto para todos os effeitos.

VESCHA (Capital) — A lista foi encontrada.

DR. ZINHO (Pinda) — Pedimos em viar mais trabalhos.

ARYMÁRO (Belém-Pará) — Bem recebido.

CLARA MARIA (Pernambuco) — Inscripta — Este é seu nome ou pseudonymo?

BIGORNA (Bahia) — Póde malhar á vontade já está inscripto.

DIDI (Capital) — Inscripta. Os seus trabalhos serão publicados no proximo mez.

MORATO (S. Paulo) — Recordamos, sim, e com saudades. O bom filho, á casa torna.

PEROPADIS (Aracajú) — Os seus enigmas foram aproveitados para as duas publicações.

PRAZO — Que será observado rigorosamente Capital



Nitheroy, 40 dias; São Paulo, Minas e Estado do Rio, 60; outros Estados, 90.

Toda a correspondencia sobre charadas deve ser dirigida para a redacção de EU SEI TUDO — Rua Maranguape, 15-1.º andar e endereçada ao director d'esta secção,

DR. LAVRUD

Recurso de reporter — Victoria Hall, a mais vasta sala para reuniões de Melbourne estava completamente cheia. Até nos corredores apinhavam-se centenas de pessoas, que se consolavam de não ver com a esperança de ouvir alguma coisa.

Essa affluencia era justificada pela importancia da reunião. Por isso mesmo, os reporters, vindos de Sydney, de Adelaide, de Brisbane, emfim de todas as cidades da Australia, estavam aborrecidissimos. A commissão organisadora do meeting havia reservado um



GRATUITAMENTE

Lhe enviarei meu livrinho "O MENSAGEIRO DA DICHA". - Na sua leitura encontrará o meio SEGURO E EFFICAZ para conseguir a REALIZAÇÃO de todas as suas ASPIRAÇÕES, materiaes e espirituaes. Explico claramente a forma de triumphar em: AMOR, LOTERIAS, JOGOS, FORTUNA, EMPRESAS, NEGOCIOS, EMPREGOS, e todo quanto se relacione com a FELICIDADE HUMANA em todas as suas mais SUBLIMES manifestações. - Remetta \$ 500 em sellos postaes a: Miss NILA MARA. - Rincón 1211 - BUENOS AIRES - (Rep. Argentina)

Suave COMO UMA CARICIA



SABONETE

Caia

SUAVIDADE - PUREZA - PERFUME - 100%

EDANEE

recinto para os jornalistas, quasi no centro do hall, junto da tribuna para os oradores. Era um lugar de honra; mas cheia a sala, elles estavam condemnados a ficar alli até o fim da reunião e seriam mesmo os ultimos a sahir, depois que se escoasse toda aquella multidão. E cada qual, com o mesmo empenho que tivera em

chegar, estava ancioso por sahir para telegraphar, communicar ao mundo os resultados da importante reunião.

Tratava-se da sorte politica de Jim Birwood, que era ha dez annos, o campeão do federalismo na Australia e, apoz uma excursão de propaganda pelo interior, vinha dar contas a seu partido inquieto, im-

TRATAMENTO DA PELLE
O MELHOR E O MAIS EFICAZ AINDA E O

CREME DO HAREM
COMPOSIÇÃO ORIGINAL PARA A CUTIS

COMBATE SARDAS ESPINHAS PANNOS RUGAS E MANCHAS DO ROSTO

DE USO CONSAGRADO HA 40 ANNOS

paciente e indisciplinado, em consequencia de seu longo afastamento. Toda a Australia e até a Inglaterra esperava anciosamente o resultado d'essa especie de julgamento, que podia ter grande influencia sob a politica colonial de todo o imperio.

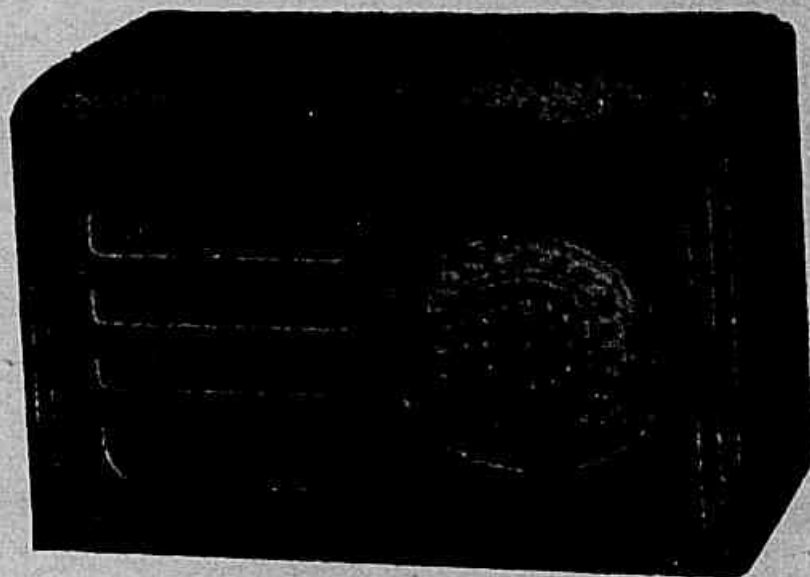
Birwood começou a fallar e no fim de meia hora, tendo respondido com irresistivel eloquencia ás interpeleções de alguns adversarios começou a ser applaudido com tal entusiasmo que não poude mais haver duvidas sobre sua victoria.

Mas, de subito, surgiu da tribuna da imprensa uma observação pronunciada com voz fria e severa:

— Tudo isso é muito interessante mas não acredito que o Sr. Birwood nos falle sobre o que fez no dia 1.º de Agosto de 1932.

Houve um silencio de estupefacção. O orador voltou-se e procurou reconhecer o inesperado aparteante, que o perturbava com ainda mais inesperado aparte. O que fizera no dia 10 de Agosto de 1932... Essa data não lhe recordava cousa nenhuma. Não era

GRATIS RADIO



V. S. pode possuir um destes magníficos Radios — sem despendor um só real.

V. S. poderá obter este Radio — GRATIS — somente nos ajudando na localidade onde reside. E' muito simples, qualquer um pode fazel-o — joven ou velho. Não necessita de nenhuma experiencia. O Radio acha-se completo, trabalha com corrente alternada ou continua. Não requer antenna. Funcionamento rapido e singelo: aperte-se o botão e o Radio funciona. Não precisa de nenhum accessorio.

Seja o primeiro a conseguir este Radio — GRATIS — em sua cidade, villa, povoação ou bairro.

Remetta hoje mesmo o coupon abaixo para: HOME SUPPLY CO.
100, Fifth Ave. Dep. 198.

NEW YORK U. S. A.
Queira enviar-me a sua offerta de um RADIO GRATIS

Nome.....
Rua.....
Cidade..... Estado.....
Estados Unidos do Brasil.



“Minha
cutis é
macia e jovem
porque uso
sómente as maravilhosas
creações **DAGELLE**”

Em todo o mundo, as mulheres elegantes estão usando, diariamente, os cremes, loções e pós de arroz Dagelle. A senhora ficará também encantada com estes novos e magníficos productos de beleza, porque encontrará nelles as mesmas qualidades insuperáveis que fizeram do Creme Perfeito Dagelle e do Creme Evanescente Dagelle os preferidos das mulheres mais bellas do mundo.

Creme Perfeito — Vivatone — Creme Evanescente
Oleo Tónico para a Limpeza da Pelle — Creme para Limpeza
Creme Liquido para as Mãos — Shampoo — Pó de Arroz



Realce a sua beleza com as
Creações DAGELLE

portanto possível que tivesse feito, em tal dia, cousa muito importante...

10 de Agosto?... O empenho de recordar deu a sua physionomia uma expressão inquieta, que alarmou seus mais ardentes partidários.

Ergueram-se de varios lados protestos furiosos.

— Fôra! E' um agente provocador! Intrigante! Calumniador!

— Meus senhores!— bradou o chefe politico para retomar o fio de seu discurso...

O VALOR NUTRITIVO
da
MAIZENA DURYEA



— Sinto-me immensamente feliz, minha querida. E' uma linda criança.



— O que recommenda para minha esposa, Dou'or?
Faça-a usar **MAIZENA DURYEA**.
E' o melhor alimento.



— Quando meu filhinho tiver alguns mezes, também usará **MAIZENA DURYEA**. A ella devo a minha boa disposição.

MAIZENA DURYEA

Peça-nos um exemplar gratis do nosso livro de cozinha

GRATIS

MAIZENA BRASIL S. A.

Caixa Postal 2972-São Paulo

Remetta-me **GRATIS** seu livro
754

53

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Um novo aparte interrompeu-o.
— Vai nos dizer o que fez na-
quelle dia?

Nessa vez, o tumulto foi indis-
criptível. Os numerosos policias
espalhados entre a assistencia pre-
cipitaram-se para proteger o apar-
teante ameaçado por braços ainda
mais furiosos do que os gritos.
Mas os protestos não se acalma-
vam e a sessão foi suspensa, em-
quanto robustos policemen expul-
savam da sala o indesejavel.

Uma hora depois, o *Melbourne
Chronicle* circulava pela cidade e os
jornaleiros apregoavam:

"O resultado do meeting de Vi-
ctoria Hall! Victoria completa de
Jim Birwood!"

Senhoras!
Para corrigir a falta, a
escassez ou alvoroço do
período e suas perturba-
ções mentais:

MENAGOL
CAPSULAS



O aparteante era um reporter
que lançára mão d'aquelle artil
para sahir da sala e, assim, antes
de todos deu a edição extra de seu
jornal. Quanto ao dia 10 de Agosto
de 1932 fôra uma data, que citára,
ao accaso, só para dar caracter
mais mysterioso á interpelação.

○ ○ ○

DURANTE a ultima reunião, que
a Sociedade das Nações reali-
zou para examinar a situação no
Japão, na Hespanha e resolver...
adiar qualquer solução, foi inau-
gurado a nova sala das sessões
ornada com enormes e medonhos
paineis decorativos.

Reproduzimos em EU SEI TUDO,
alguns d'esses painéis pintados por

BICODE
DE /ENHOVA/ E VERRUGA/
ELIMINAÇÃO GARANTIDA
TRATAMENTO/ DA CUTIS/
PELA /CIENCIA MODERNA/
L'ÉPÉE /Guilherme Klotz/
SÃO PAULO AV. BRIG. LUIZ ANTONIO 306



um Hespanhol com tendencias niti-
damente soviéticas. Agora, durante
a sessão, verificou-se que, em uma
das immensas e mal desenhadas
allegorias, a figura da Paz tem uma
aza só. E a outra? Interpellado,
o pintor declarou que não tivera
tempo para pintal-a para esta ses-
são. Mas na proxima...

E ainda queriam que a Socieda-
de de Genebra resolvesse alguma
cousa! Com uma Paz capenga de
uma aza, não pode ir lá das per-
nas.

○ ○ ○

A lisonja é como o insenso. Pro-
duz fumaça que, embora agrada-
vel, é prejudicial por que nos im-
pede de ver com lucidez o que fa-
zemos. — CONDE DE SEGUR.



MEU
Rugól
CREME

O MELHOR PARA A PELLE

S. PAULO E RIO
Pote 9\$ - Tubo 6\$5



Diariamente

**ao deitar-se, faça uma massa-
gem branda com o Creme Rugól**

durante tres ou quatro minutos. Uma vez
removidas as impurezas e a pintura, re-
tire o excesso de creme com um panho
secco e macio. Pela manhã lave o rosto
com agua morna e logo a seguir com agua
fria. Passe uma leve camada de Rugól e
applique, depois, o pó de arroz. Esse tra-
tamento lhe garantirá uma cutis perfeita.

RUGÓL é um creme completo, por-
que não age apenas sobre a camada super-
ficial da pelle. Penetra profundamente
nos póros, indo rejuvenescer os tecidos
sub-cutaneos e activar a secreção das
glandulas. É por isso que, applicado
diariamente, Rugól corrige, em pouco
tempo, todas as imperfeições da cutis,
originem-se ellas no interior ou
no exterior da pelle. Rugas,
pés de gallinhas, cravos, sardas,
pannos e espinhas, desapparecem
com o uso do Creme Rugól.
A cutis torna-se uniforme, clara
e macia, sem a mais leve macula.

ALVIM & FREITAS - S. PAULO



O ideal seria que um pintor exímio pintasse os lábios da mulher, mas... como é impossível, confie este difícil encargo ao **Flamour**. Evite empastar os lábios com a massa de batons suspeitos que apagam a vida dos lábios. Escolha o seu baton com o mesmo zelo com que o artista escolhe as tintas para a sua obra-prima. Use só baton **Flamour**: colore os lábios realçando-lhes a vitalidade e a sedução. Nas cores natural, laranja, rubro, carmin, grenat e grenat-escuro.

Formula da
ATLAS COSME-
TIC de LOS AN-
GELES, U. S. A.

BATON
Flamour
AUMENTARÁ SEUS ENCANTOS



Em nenhum outro paiz, a protecção aos animaes é tão severa como na Inglaterra.

Um caixeiro-viajante foi, recentemente, condemnado a 10 libras de multa e quatro dias de prisão por ter pas-



O MARIDO DE V. EXA. SOFFRE DE INDIGESTÃO?

Nada cria a discórdia domestica tão depressa como um ataque de indigestão, e nada faz desaparecer a indigestão tão depressa como a **Magnesia Bisurada**. Se o marido de V. Exa. sente qualquer sorte de trabalho digestivo — dyspepsia, flatulencia ou gases — nem ralhe com elle nem delle se compadeça, somente ajude-o tendo o cuidado de collocar ao alcance de sua mão depois de cada refeição a **Magnesia Bisurada**. Este preparado, que encontra-se á venda em todas as pharmacies, é prompto, seguro e eficaz. Os medicos receitam a **Magnesia Bisurada**, os hospotaes a usam, e ella alivia diariamente milhares de pessoas. A **Magnesia Bisurada**, neutralizando no estomago o acido nocivo, evita a fermentação dos alimentos, removendo assim mui rapidamente a causa da indigestão, dyspepsia e todos os males do estomago assim como as dôres que os acompanham.

MAGNESIA BISURADA

Á venda em todas as pharmacies
em pó e em tabletas.

sado por uma rua de Glasgow, em motocyclette, levando um pequeno cão preso por uma corrente e desenvolvendo velocidade tal que o pobre animal, não podendo acompanhá-lo, ia arrastado pela colleira.

Em Liverpool outro homem matou um carling, atirando-o pela janella de um quinto andar, foi condemnado a 1 anno de prisão.

○ ○ ○

A opereta é um genero theatral relativamente recente e foi creado em França.

A primeira opereta foi representada em Paris, em 1847. Intitulava-se D. Quixote e sua musica foi escripta pelo maestro Hervé.

○ ○ ○

Louvar uma boa acção é de certo modo participar d'ella. — LA ROCHEFOUCAULD.



Em Seu Tudo

N. 246 — Novembro de 1937 — N. 6 do Anno XXI

SUMMARIO

ARTIGOS ESPECIAES

A resurreição de Israel.....	11
Elegancias casas.....	21
A cathedral de Canterbury.....	31
Tratados secretos.....	63
Uma fortaleza tomada por cactus..	66
Uma festa mexicana, que teve origem na India.....	82
O problema da habitação no vasto mundo.....	80
Antigona, a heroína do amor filial..	9

A SCIENCIA AO ALCANCE DE TODOS

A criação de sons.....	28
Diccionario de nomes proprios.....	70
Vamos fallar e escrever certo?....	
A origem de algumas expressões..	78

ROMANCES

O chefe desconhecido.....	71
A Bolsa Vermelha.....	55
A Casa Vasia.....	55

ARTE

Os primores da arte chinesa.....	14
O mais impressionador dos monumentos funerarios.....	15
Judith.....	10

SPORT

Patinação a vela.....	30
Aquaplano a dous.....	33
Barril-reboque.....	64
Corrida de tricyclos.....	69
Athletas em revista.....	52
Os azes da patinação.....	85

CONTOS E AVENTURAS HISTORICAS

A odysséa do "Principe Gentil"....	37
A desaparecida.....	33
O segredo japonéz.....	7
O canivete perdido.....	67
Scoty comeu caviar.....	52

NOSSA TERRA

Quatro aspectos das Agulhas Negras	34
A faceirice e esthetica de nossos indios,	66
O reservatorio de Cantareira, em S. Paulo.....	43

NOVIDADES E INVENÇÕES

Cinematographia submarina.....	29
Os sonhos do Dr. Beebe.....	36
Orgão portátil.....	66
Espelho para penteado.....	73

A previsão do tempo em Stockholm	78
Para o trenamento individual de boxers	47
Como os Norte-Americanos preparam sua defeza.....	54
A motorisação dos exercitos.....	55
As ultimas tendencias da moda 10 e	15
Lampada para ler.....	18
Para conciliar a residencia urbana com a necessidade de ar livre.....	84

PERCORRENDO O MUNDO

Fantazias da Natureza.....	25
A cultura physica feminina.....	26
Alegria de estudantes.....	26
A mais ousada das expedições.....	29
Architectura moderna no Japão....	30
E' a Russia um paiz?.....	67
Os vestigios da civilisação romana em França.....	68
E ainda se falla no espirito pratico dos Inglezes!.....	68
Aspectos aos Alpes.....	53
Os encantos de Londres.....	59
Um trecho do Tamisa.....	14
Terra trabalhada, torturada.....	16

CONHECIMENTOS UTEIS OU CURIOSOS

O sabão e a mortalidade.....	26
Policia á paizana por falta de fardamento.....	27
O horoscopo do general Franco....	30
A duração de um piscar de olho....	30
Um concurso de sardas.....	31
A aviação na Italia.....	77
O serviço postal na Sociedade das Nações.....	84

DIVERSOS

Montanhas e cartazes.....	24
Familia notavel.....	30
Os horrores da architectura moderna	32
Gosto não se discute.....	68
Cousas para Liliput.....	71
A Samaritanas do ar.....	75
A graça da mulher diante do espelho	77
Bons camaradas.....	55
O primeiro banho de bebê.....	45
Orthopedia inesperada.....	49
O palacio rodante dos reis de Inglaterra	51
Bons camaradas.....	55
Desacordo no aspecto.....	18
Barba Azul moderno.....	18
A inspiradora de um grande amor..	18
Os idolos do publico.....	81
Carinho de avô.....	85
Que foi o que elle esqueceu?.....	89
Indios civilisados.....	44

ANECDOTAS, CARICATURAS, INFORMAÇÕES, CHARADAS, ETC.

Esta revista contem 108 paginas

Protecção

A melhor protecção ao fazer a barba está na lamina que não deixa arranhões, possiveis focos de infecções perigosas. Prefira, por isso, a *legitima*.



LAMINA

GILLETTE AZUL



Preparemo-nos para as grandes luctas da vida moderna!

A vida intensa das grandes cidades produz
no nosso organismo perturbações que se este-
riorizam por multiplas fórmulas.

Essas perturbações instalam-se sempre que
o nosso estomago—laboratorio quimico complexo
—sofre alterações em sua função digestiva. Can-
saço cerebral, dôres de cabeça, falta de memoria,
dispepsia, irritação nervosa, manifestam-se sempre
que ha máu funcionamento digestivo.

O "NEUROBIOL" é um composto de vegetaes
ricos em vitaminas, de pureza perfeita e ação cons-
tante. Sua simples composição — Acido Fosfórico, Nox-
de Kola, Cacão torrado, Papaina, Pepsina Animal —
são uma garantia do seu valôr no combate as pertur-
bações que advenham do desequilibrio da assimilação.

"NEUROBIOL" é um preparado rigorosamente
scientifico. Usar "NEUROBIOL" é combater a fra-
queza cerebral, a dispepsia nervosa, a neurastenia,
a perda de appetite, é, finalmente, prolongar a vida

Neurobiol

DO CERE BRO

TONICO

Orthof

A VENDA EM TODO O BRASIL